

Mary *del* PRIORE

*Beije-me
onde o sol não
alcança*

ROMANCE

*O triângulo amoroso de um
conde russo, uma baronesa do café
e uma ex-escrava no século XIX*



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

*Beije-me
onde o sol não
alcança*

Mary
— *del* —
PRIORE

*Beije-me
onde o sol não
alcança*

ROMANCE

*O triângulo amoroso de um
conde russo, uma baronesa do café
e uma ex-escrava no século XIX*

Copyright © Mary del Priore, 2015

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2015

Todos os direitos reservados.

Preparação de texto Manoela Sawitzki

Revisão: Jane Pessoa e Silvana Salerno

Capa e projeto gráfico: Angelo Allevato Bottino

Imagem de capa: © Nouvelles de l'Absent — Alfredo Ferreira.

Museu Mariano Procópio de Juiz de Fora, MG.

Adaptação para eBook: Hondana

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Del Priore, Mary

Beije-me onde o sol não alcança : uma
história de amor no século XIX / Mary Del
Priore. -- São Paulo : Planeta do Brasil, 2015.

20 p.

ISBN: 978-85-422-0588-6

1. Literatura brasileira 2. Romance I. Título

15-

0777

CDD

B869

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira

2015

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manoel, 100 – 21^º andar

Edifício Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo – SP

www.planetadelivros.com.br

atendimento@editoraplaneta.com.br

*Esta é uma obra ficcional,
baseada em pesquisas
e documentos históricos*

*Há duas histórias: a história oficial, mentirosa,
que se ensina e, depois, a história secreta,
onde estão as verdadeiras causas dos fatos.
Uma história envergonhada.*

As ilusões perdidas, de Honoré de Balzac

Sumário

Fazenda Bela Aliança

Piraí, sede de *O Pirahí*

A bordo do *Équateur*

Fazenda do Pinheiro

Baía de Guanabara

Fazenda do Pinheiro

Rio de Janeiro, Hotel de l'Europe

Piraí

Botafogo

Fazenda do Pinheiro

Rio de Janeiro, Hotel Pharoux

Fazenda do Pinheiro

Redação de *O Pirahí*

Fazenda do Pinheiro

Fazenda do Pinheiro

Rio de Janeiro

Fazenda Bela Aliança

Vale do Paraíba

Fazenda Bela Aliança

Rio de Janeiro

Rua Larga

Fazenda Bela Aliança

Fazenda Bela Aliança

A bordo do *Navarre*

A bordo do *Navarre*

Champs-Élysées

Paris

Fazenda do Pinheiro

Casa Comissária Alves, Porto & Cia

Champs-Élysées

Paris

Paris

Carte de Visite

Bruxelas

Hipódromo de Longchamps

Paris

Paris

Piraí, sede de *O Pirahí*

No *Gironde*, de volta ao império do Brasil

No trem de Piraí, para a Corte

Rio de Janeiro

Na Corte

Bela Aliança, São João

Entre Piraí e Rio de Janeiro

Paris, Hotel de Hautepoul

Noite de insônia em Piraí

Bela Aliança

Rio de Janeiro

No jornal *O Pirahí*

Fazenda Bela Aliança

Fazenda Bela Aliança

Piraí

Paris

Fazenda Bela Aliança

Piraí

Chipka

Telegrama Paris–Berlim

Telegrama Berlim–Paris

Paris

Paris

Paris

Paris

Journal • Anotações

Paris

São Petersburgo

Tsarskoie Selo, São Petersburgo

Bela Aliança

Fazenda Bela Aliança

Na redação de *O Pirahí*

Hotel des Quatre Saisons

Journal • Anotações

Piraí

Fazenda Bela Aliança

Piraí, na sede do jornal

Laranjeiras

Fazenda Bela Aliança

Sede do *Pirahí*

Champs-Élysées

Laranjeiras

Piraí, Sede de *O Pirahí*

Corte do Rio de Janeiro

Bela Aliança

Laranjeiras

Fazenda Bela Aliança

Bela Aliança

Fazenda Bela Aliança

Na sede do jornal, em Piraí

Bela Aliança

Fazenda Bela Aliança

Fazenda Bela Aliança

Bela Aliança

Fazenda Bela Aliança

Bela Aliança

Bela Aliança

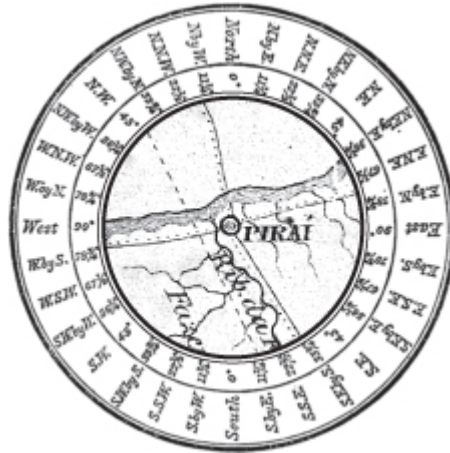
Fazenda Bela Aliança

Confidencial para você e Hélène

Escritura de Contrato Nupcial que entre si fazem o Comendador Maurício Haritoff e Dona Regina Angelorum de Souza na forma seguinte

Assento de casamento do Comendador Maurício Haritoff e Regina Angelorum de Souza

Sede do jornal *O Pirahí*



Fazenda Bela Aliança

MARÇO DE 1893

DESLIZO NUM ABISMO. Uma boca invisível aspira minhas últimas forças. Sinto que afogo, mas dizem que sofro por nada. Que não há causa específica para minha dor, quando desfilam horríveis imagens na sonolência das primeiras horas da manhã. Engano. Vivo um sofrimento lancinante, e não é físico. Sofrimento sem natureza ou causa conhecida. É a neurastenia, estrada noturna e sem fim. Estrada sem ponto de chegada e solitária. Morro de dor, coberta de manchas azuis que marcam meus braços. São as manchas de melancolia. Bebo um resto de vida sem sede.

Na mesa dos santos, toalha branca e velas de cera pura. Preferia que abrissem a janela. Sufoco. Há um cheiro de urina disfarçado pelo vaso de jasmim. Não me controlo mais. Ouço as portas que se fecham. Vultos circulam à volta da cama. Alguém diz que ainda estou formosa, que até parece que vou levantar. Porém, cochichos anunciam a minha morte. As serpentinas e as mangas de vidro cintilam. Maurice e os outros insistirão em me esquecer? Caso se recusem a se lembrar, me tornarei mais cruel e mais presente.

Continuarei viva em meu túmulo. Irei me comunicar por aparições ou sinais exteriores. Assombrarei Maurice.

Digo isso porque estou morrendo. Devo aceitar meu destino. Nada de emoções excessivas. Meus cabelos: estarão penteados? Alguém murmura em meu ouvido: “Trouxe a fita benta”. Um pedaço de cetim não irá me arrancar da agonia. Outro me pede para levar um recado ao irmão falecido. Quase vejo a Dama de Branco. Atrás dela, meus pais. Outra voz puxa o Creio em Deus Pai e a Oração dos Agonizantes. Rezam alto e baralhadamente.

Toque de sineta. É o padre, meu tio. O barulho que vem junto é de criados e ex-escravos da fazenda, orando. Uma onda de sons ininteligíveis acaba em minha cama. Trajados de preto, vizinhos e amigos enchem o quarto. Imobilizada, lembro que me esqueci de dizer quantas missas quero por minha alma ou onde desejo ser enterrada. As janelas vão se cobrir de reposteiros em veludo com franjas douradas. Regina Angelorum vai ajudar a pendurá-las. Um negro já deve ter ido buscar folhas de canela, cravo e laranjeira, para estendê-las na entrada da casa. Outro irá distribuir as cartas-convite para o funeral.

Quando sair meu caixão num coche de cavalos com plumas escuras na cabeça, os criados irão apagar os rastros da morte. Minha camisola e roupa de cama serão doadas ou queimadas. A casa será varrida com especial cuidado de empurrar a poeira pela porta da frente, que ficará semicerrada, impedindo o retorno de minha alma. No quintal, jogarão fora a água do último banho e enterrarão meu cabelo e unhas cortadas em lugar previamente escolhido por tia Maria Gata. As pistas serão embaralhadas para que eu não volte. Para que eu veja que não há mais lugar para mim. Depois que eu fechar os olhos, meu nome deixará de ser pronunciado. Guiada por São Miguel, aspirada pela lua, minha alma há de passar à Via Láctea. Na cidade de Piraí, as badaladas da agonia hão de cair da torre, pedindo orações. Os passantes hão de se descobrir, ajoelhar e bater no peito.

Sinto que o movimento à volta de minha cama cessou. Uma falsa calma encarna na voz que tenta me confortar: “Pede a Nosso Senhor Jesus Cristo que perdoe teus pecados, tome posse de tua alma e a

limpe com o preciosíssimo sangue que por ela derramou”. Nada tenho a confessar. Maurice diz que sou uma santa. Serei uma alma bendita cercada por luz azulada e clara. Quero ser enterrada com os sapatos de laço franceses. Não! A tradição exige enterro sem ornatos. O luxo deve desaparecer, pois não se penetra assim a bem-aventurança. Melhor amortalhada no hábito de Nossa Senhora do Carmo, com touca e peitoral de opala branca.

Quem está ao pé do leito se curva, une as mãos, se abraça, troca palavras com Maurice. Fragilizados por meu fim próximo, vão encontrar reconforto nos gestos e palavras, fortificando o mundo dos vivos. Tais ritos protegem os que ainda estão nele. Bruscamente compreendi: como são importantes, uns para os outros, aqueles que seguem vivendo. Não, não haverá milagre, nem vou sentar no caixão como fez a moça que julgavam finada, na matriz de Nossa Senhora das Dores de Piraí. Fecharei os olhos para sempre. Hoje mesmo.

Agora, tudo escuro. Frio. Muito frio. “O Senhor é meu Pastor, nada me faltará.” Mal consigo acompanhar as preces e mexo os lábios com dificuldade. As palavras não têm som. Sinto os toques da extrema-unção: nos olhos, orelhas, nariz, boca e mãos, instrumentos do pecado. Quero despedir-me de Maurice. Dizer-lhe que o amei. Não, que o amo. Mas o odeio, também. O amor: foi mais fácil fazer do que viver. Beije-me, Maurice, beije-me onde o sol não alcança. Silêncio. Mais frio. Novamente, a boca que mais parece um buraco negro.



Pirai, sede de *O Pirahí*

22 DE MARÇO DE 1893

EU A CONHECIA desde criança. Nascida Ana Clara Breves de Moraes, Nicota, condessa Haritoff, neta do barão de Pirai, fechou os olhos. Jovem, tinha quarenta e três anos ao falecer. Do que morreu? Falaram muito: tristeza, histeria, envenenamento. O corpo frágil, pois Nicota era miúda, foi repousar no cemitério da família, na fazenda Três Saltos, a sede dos potentados da região. A pequena colina coberta de túmulos ao lado da igreja particular, dedicada a São Joaquim, dorme tranquila, abraçada aos seus mortos.

Pirai e seus arredores se cobriram de luto. Da serra do Sinfrônio a São João Batista do Arrozal, de Rio Claro a São João da Barra, de Vassouras a Valença, os sinos chamaram para as missas em sufrágio de sua alma. Às margens do rio Pirai, “rio dos peixes” ou do Paraíba, “mar ruim”, à hora das ave-marias, recomendou-se a falecida à última misericórdia. Alfaiates, seleiros, sapateiros, ferreiros, boticários, bilhares e até fogueteiros fecharam suas portas na cidade. Casas de secos e molhados fizeram o mesmo. Nos becos do Gil, do Alexandre, do Camarão, as mulheres emudeceram e

rezaram o terço. A família distribuiu esmolas entre os mais pobres. Era o costume. Em toda a parte, a gente perguntava: o que a levou?

Quem não se lembrava da jovem de longos cabelos, olhos grandes, mãos e pés de fada, arrebatada pelo estrangeiro? Há vidas mortas, mas não esquecidas. Nicota cresceu nos terreiros de café, brincando com as molecas, festejando São João, bordando roupinhas para o Menino Jesus da matriz de Sant'Ana. Vi seus peitinhos nascerem atrás da camisa e, depois, vir a doença. Todos conheciam a filha do coronel de polícia Silvino José, a irmã do futuro visconde de Benevente, a sobrinha dos reis do café, Joaquim José e José de Souza Breves.

O avô virou barão de Piraí vinte anos antes do casamento de Nicota com o conde russo. Embora ostentassem títulos, os membros da família tinham raízes nas classes mais humildes dos lugares de onde saíram para o vale fluminense, e, apesar de ostentarem fulgurantes brasões, eram oriundos das periferias. Não vieram de mais que as terceiras, quartas ou quintas linhas da pequena nobreza portuguesa. Muitos queriam esquecer suas próprias origens. Delas despontavam avós negras e cativas.

O primeiro deles a chegar à região de São João Marcos foi o patriarca Antônio de Souza, que adotou por alcunha familiar o Breves, e ficou conhecido por Antônio Cachoeira. Ele é o tronco dos dois ramos que, posteriormente, de forma curiosa, se denominavam e separavam pela riqueza, com os epítetos de Breves Graúdos e Miúdos. Ainda que, pela força da origem insulana, fossem todos miúdos. Todos descendentes de Maria de Oliveira, mulher solteira, e de pai incógnito.

O pai, coronel Silvino, mandava em todos, do padre à força policial, e se encarregava de manter a ordem nas terras da família. Negro fujão, quilombola, ladrão, roubo de gado, invasão de terras? O couro comia. Protegia o comércio de víveres e escravos feito pelo cunhado, Joaquim Breves, do litoral de Marambaia e Itacuruçá para o alto da serra. Contrariá-lo, ninguém se atrevia. Sua mulher, Ana Clara, era um dos nove filhos sobreviventes de quinze, dos barões de Piraí. Bela? Não. Um rosto oval, regular e severo emoldurado pelos cabelos em trunfa. A boca era um traço descendente. O casal possuía

três fazendas, Bela Aliança, Botafogo e Bela Vista, em Piraí, além de cinco sítios. Muito feio, Silvino tinha uma cabeça simiesca, olhos apertados, lábios grossos e grande distância entre o nariz e a boca, cabeça que repousava sobre um tronco atarracado. Além de Nicota, tiveram mais cinco filhos: José Feliciano, a graciosa Cecília, Caetano, Manuel Eugênio e Rita Belmira.

Deus levou Nicota numa tarde de verão. Seu rosto expressava tristeza serena. Ela morreu com essa tristeza. Morreu quietamente, como se cala um passarinho ao fim do seu bem voado dia. Depois que acabou o estertor e o corpo se esvaziou, dizem que remoçou: linda, novamente. Deus seja louvado por essa graça. O próprio cura, tio da moça, não queria acreditar, pois ungiu-a hesitante, como se ungissem a própria mãe. No dia em que o enterro saiu, a condessa adormecida num caixão com alças de bronze, a família, os amigos, os ex-escravos, criados e empregados da fazenda, todos se faziam as mesmas perguntas. Por que nunca teve descendência, quando tantos sobrinhos, crianças e jovens seguiam o cortejo? Por que se casou com o estrangeiro, quando irmãos e irmãs se uniram aos primos e tios como era tradição na terra? Alguém lhe viu a alma sair do corpo? Deixou qualquer sinal?

Para mim, Nicota foi só qualidade. Ninguém lhe pronunciava o nome sem emoção. Alegre, respeitada, caridosa, seu riso nunca foi licença. Todas as bocas mastigaram orações por sua alma. O cortejo entoou “O Senhor amado”. Cantei junto.

Dor tranquila e sombria a do viúvo. Afinal, a morte era a morte. O conde russo, por sua vez, arrastava uma reputação sulfurosa. Rumores o cercavam. Não faltava curiosidade sobre o prestígio de seu título, sua prodigalidade, as intrigantes viagens a Paris, de onde voltava para sacudir letargias. Caloroso, ele agradava, seduzia. Acenando com a ideia de um grande amor, tirou Nicota da gaiola. Mas foi só para jogá-la na tristeza, comentava o povo no cortejo do enterro.

Serei eu a fazer o necrológico para o jornal de Piraí. O que contar? Queria dizer que essa foi a história de uma esposa infeliz, de um marido infiel e de sua amante. De infidelidades feitas de feridas minúsculas, de humilhações, de remorsos e solidão. Do uso e abuso

de máscaras. Infidelidades feitas não só de deslealdade amorosa, mas de mentiras. Mentiras sobre quem se é. Mentiras sobre de quem se gosta. As dele, as dela. Mas na pedra do túmulo vai estar escrito: “Tributo do amor conjugal”. Essa é uma história triste, sobre a qual todos acham que sabem muito. E nada ou quase nada conhecem.

Vontade de embebedar-me. Brindar à morte, talvez, murmurando: “Celebrarei na minha flauta amena, teus olhos, morena”. Hei de procurar em Musset ou Byron algumas linhas que falem da dor da perda. Perda de um coração de ouro. Enviarei, sem remetente, uma poesia ao *Pirahí*. Trabalharei as quadras ao gosto do tempo, misturando fanatismos de amor, palpites de morte, melancolia de outono e tristezas da separação. Feita de versos gastos, será minha homenagem anônima:

*É chegado o momento de partir
Dor e luto se apossam do meu ser
Longe de ti, ó anjo feiticeiro
A vida é treva, não posso viver.*



A bordo do *Équateur*

NOVEMBRO DE 1864

CHÈRE MAMAN,
Estou saudoso. Lembro de lhe dar o braço até a rua Daru. No frio inverno, os oito braços das cruzes apoiados em meias-luas, as flechas e os bulbos dourados da igreja de São Alexandre Nevski guiavam nosso caminho. Reunidos com a mais profunda veneração na cela do seu guia espiritual, fomos abençoados pelo homenzinho magro de olhos brilhantes. À frente de numerosos ícones de revestimento cintilante, uma Virgem de grandes dimensões e reproduções de pintores italianos, você se prosternou aos seus pés, cabeça no chão, à russa. Que grande santo esse *starets*¹! Aliviou minha alma lhe beijar as mãos descarnadas. *Maman*, reze por mim e para que essa viagem me traga o tesouro que procuro.

Graças à conjunção de vapor e vela, o *Équateur* entra, rapidamente, nas águas do Brasil. O Cruzeiro do Sul cintila entre fiapos de nuvens. Respiro o cheiro das matas tropicais. É diferente do odor de nossas florestas de pinheiros, da imensidão dos campos de feno cobertos de um véu azul que parece preso ao céu por pregos

prateados. Longe da agitação de Paris, mergulho no silêncio das noites no hemisfério Sul. Silêncio só quebrado pelo riso de Vera e Luís César na cabine ao lado. Ah, os recém-casados! Tranquelize-se. O diplomata brasileiro faz minha irmã feliz!

Na primeira noite, jantamos com o comandante. Ele nos falou sobre as mudanças no império. Armazéns cheios até a boca de ouro verde. O café plantado e colhido por negros. Será muito diferente da servidão que tivemos na Rússia? Nosso czar Alexandre II acabou de libertá-los. Banidos de suas terras, antigos servos encherão as ruas de Petersburgo e Moscou. A diferença é que aqui haverá riqueza, *maman*, riqueza que virá com o café. Mais, terras. Terras como tínhamos na Rússia. Servos substituídos por escravos africanos. Deixamos de lado o continente despovoado graças aos rigores do clima, as costas estéreis de mar frio e vazio, a tristeza do solo, tudo o que congela o coração, para trocar pelo sol e pelas promessas do eterno verão. Há fortuna a fazer. O rio Paraíba, grande como o nosso Neva, irriga as terras da família de Luís César. Dizem que é a principal artéria a bombear sangue para o coração do império.

Nossa travessia já dura três semanas, pouco mais. Os arquitetos do vapor se esforçaram para reconstituir a atmosfera de uma casa burguesa ou de um *club* inglês. As salas de jantar e o salão se confundem. Os passageiros jantam numa mesa comprida com cadeiras fixas que mais parece uma mesa de banquete. Num canto, o piano alegre o cair da tarde. Fora daí, homens e mulheres separados. Para elas, uma saleta com confortáveis sofás abriga conversas, jogos e trabalhos manuais. Para nós, a intimidade do *fumoir* protegido por janelas escuras, onde degustamos vinho do Porto e charutos.

Passo a maior parte do tempo na estreita cabine, fazendo planos para o futuro. A higiene é rudimentar e o ar confinado. O regulamento é rigoroso e o medo de incêndios impõe a prudência. Às onze da noite é preciso apagar as lâmpadas de gás, suspensas ao teto. É proibido fumar fora da área determinada. Moralidade e segurança andam juntas: são proibidos os jogos de azar e o acesso de senhoras que não tenham reputação ilibada à primeira classe. Quando posso, saio para respirar ar livre. As distrações são pobres: *whist*, damas, dominó, desenho ou leitura. Os sul-americanos se

tornam barulhentos, sobretudo quando jogam o *tric-trac*. Brigam a ponto de parecer estar iminente uma luta corporal.

No deque, estendidos em espreguiçadeiras, os passageiros conversam. Não todos com todos. Basta encostar a cadeira de determinada forma para afastar os inoportunos. Frequentáveis? Só um inglês que, tendo ouvido falar em diamantes, vai ao Brasil para explorar pedras preciosas e um francês, correspondente da *Revue des Races Latines*, ambos apavorados com os surtos de febre amarela na capital. No porão seguem uns pobres colonos alemães, a quem prometeram um mundo de riquezas. Na primeira classe, criados em uniforme branco garantem nosso conforto. Aproveito para repetir algumas palavras em português: bom dia, obrigado, por favor.

Impressionei Luís César ao ostentar restrição em relação aos demais viajantes. Com antecedência, reservei nossos lugares. E em vez de nos misturarmos à maciça mesa em que jantamos com o comandante, preferi que fizéssemos nossas refeições numa outra, pequena, de três lugares. Isolamento, sim. Afinal, o *Équateur* é um teatro. Aqui nos identificamos, nos reconhecemos e somos parte de uma restrita sociedade cosmopolita que desconhece fronteiras. Da Rússia para a França. E agora para os trópicos. E tenho um título que preciso fazer valer, *maman*.

O comandante não deixou dúvidas sobre a pobreza da Corte do império brasileiro. Sentirei falta da vida parisiense? Certamente. É sabido que até o bom Deus, quando se entedia nos céus, abre as janelas e olha os *boulevards*! Festas e prazeres em que as pessoas divertem os outros, se divertindo. Tudo brilha, tudo ferve, tudo se evapora e se esfuma. O entretenimento passou da Corte de Napoleão III para o *Tout-Paris*, que substituiu a aristocracia. E é aí que nos encaixamos, não? Sabemos como poucos que a estação hípica abre com as grandes corridas e se encerra, ao final da primavera, com o *Grand Prix*. Que o outono é tempo de caça no campo. Que só se pode ser visto no Bois de Boulogne até as treze horas. Que patinar até as dezesseis horas é para as famílias respeitáveis. Depois, tudo desanda com a chegada das *demi-mondaines*. Às sextas, dia de ir ao hipódromo e dia elegante para tomar um aperitivo e jantar nos *boulevards*, mas, nunca antes das vinte horas. Segundas e sextas,

Opéra. Sábados, Nouveau Cirque. À meia-noite, uma ceia no mercado dos Halles e, último toque, um copo de leite no Pré Catelan antes de se recolher. Já fui informado: aqui se deitam com as galinhas e acordam com elas.

Informaram que o tio de Luís César, certo Marquês de Caxias, acaba de ser indicado comandante-geral das Forças Brasileiras e que se prepara uma guerra contra o pequeno Paraguai. O presidente Lopez quer uma saída para o mar e ameaça constantemente Argentina, Brasil e Uruguai. Os três uniram suas forças meses atrás por meio de um acordo conhecido como a Tríplice Aliança. Antes, Lopez já aprisionara um vapor brasileiro e invadira uma longínqua província, certa Mato Grosso: pântanos e índios. Saberei mais quando chegar a terra. Há dez anos, a França assinava o Tratado de Paris, pondo um fim à guerra da Crimeia que fez a fortuna de *papa* e de nosso tio Garfinkel. Não sou supersticioso, mas gostaria que essa guerra também fizesse a minha.

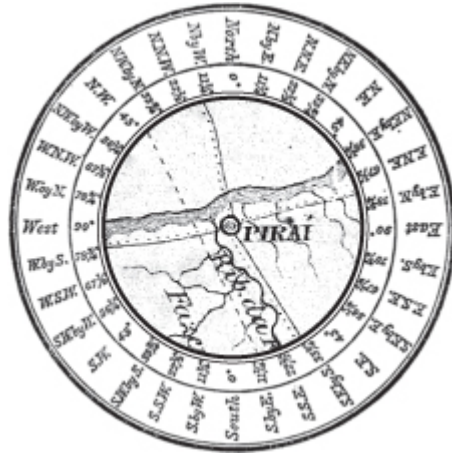
Luís César vai nos apresentar à família. Tudo indica que se trata de gente muito abastada: barões do café. Só não acredito em antecedentes aristocráticos. Os brasileiros gostam de inventar que têm sangue azul. Uma noiva é tudo de que preciso. Alguém que me abra portas. Eu sei, *maman*. Sangue, patrimônio, propriedades. Tudo isso conta. Talvez haja algum problema com a religião. Veremos...

Por fim, peço-lhe: não estrague a educação de Eugène com mimos. Se *papa* estivesse vivo não o deixaria tão ocioso. Leve-o para fazer equitação no Bois de Boulogne. A Casa Michaux vende bicicletas em madeira. Aos dezesseis anos, ele já pode conduzi-los. Está se tornando um jovem balofo e preguiçoso. Soube que já faz apostas entre os colegas do colégio. Será isso defeito de nosso sangue? E, insisto, não vá ao Palais-Royal aos domingos. É dia em que os bilhetes são doados. Não fica bem.

Agora o barco dança sobre as ondas e o rumor das vagas golpeia o casco. Vou apagar a vela. Escreverei quando chegar ao Rio de Janeiro. Hoje atravessamos baías e estuários cujos nomes custo a memorizar: Goytacazes, Quissamã, Carapebus, Macaé. Sonharei com tais terras.

Bonne nuit, maman.

Seu filho,
Maurice



Fazenda do Pinheiro

DEZEMBRO DE 1864

ESTA MANHÃ, mamãe me deu um terço de prata. Pediu-me que orasse por papai. Quase um ano de luto e ela continua muito abatida. Toda de negro, me assusta quando surge de supetão. Caía uma chuva enquanto eu escrevia. Depois, nada fiz. Entediei-me. Cruzei o terreiro de café e fui até o hospital dos pretos ajudar tia Maria Gata. Ela perdeu um dedo no monjolo, tem olhos amarelos, e, conhecedora de ervas, cura câibras amarrando barbante vermelho na canela da gente. Gosto de ficar lá, vendo a negra fazer remédio para a botica dos escravos e ouvindo o ranger dos carros de boi que vêm e vão. Juntas, preparamos água da rainha da Hungria com uma tintura de alecrim e outra de lavanda. “Tem que macerar um mês”, resmungou ela com voz grossa e os beiços tremendo. Contou-me que a receita tinha sido oferecida a certa dona Isabela, por um anjo disfarçado de ermitão. Velha, ela quase não podia andar. Tomou a poção, ficou boa, jovem, linda e o rei da Hungria se casou com ela. Tia Maria Gata sabe tudo.

Às quatro horas fui passear, esperando que o dia se acabe. Ele me pareceu bem longo. Comecei a fiar depois do jantar. Mamãe leu

em voz alta a carta do primo Luís César e recordou que sua mãe, Emiliana, morreu menina em trabalho de parto. Tenho pavor de ter filhos e morrer tão bestamente. Ele chegou de Paris com a esposa russa! Russa, não. Ela é parisiense, mas de família russa. Riquíssimos, dizem. Casa perto do Arco do Triunfo, carruagem e criados de libré.

Corri para a pilha de *Le Miroir Parisien* que o trem traz regularmente até Piraí. Vi a “crônica”: mortes na aristocracia. Os pequeninos filhos da rainha Maria Cristina de Espanha, a princesa Czartoryska, o duque de La Rochefoucault. A loja mais frequentada é a Maison Giroux, de onde saem candelabros, móveis e quadros de nomes célebres da “arte moderna” — seja lá o que isso queira dizer. A moda é a popelina de Irlanda e a lã de cabra com impressão de vasos etruscos. Na Opéra-Comique levam *Lara*. Céus! Nada terei para conversar com ela. E sobre a Rússia? Pouco sei. Um czar, cidades de sonho sobre planícies geladas, trenós e neve que só conheço de quadros!

Primo Luís César explicou que tem uma cunhada, Hélène, casada com um filho do general Magnan, gente muito ligada ao imperador Napoleão III. Luís Bonaparte valeu-se de sua energia de militar para, com a ajuda de um partido, dar o golpe de Estado. Dizem que o general colaborou na revolução governamental, da conspiração à execução. O 2 de dezembro de 1851, foi obra sua. E na repressão contra a dissolução da Assembleia não poupou ninguém: deixou os resistentes organizarem barricadas, que esmagou de um único golpe. Parece que não gastou nem duas horas no massacre.

Na Corte francesa há muitos aristocratas russos. “Hélène e Vera são lindas!” — insiste mamãe. Têm rostos de madona, mais parecem bonecas de porcelana de Saxe. Não é como o meu, magro, em que saltam olhos de ameixa em calda. Elas, louras, eu, morena. Com essa cara, nunca chegarei a Paris.

Saímos ao jardim à noite. Encontramos um vaga-lume. Mamãe tinha dor de garganta. Cantei um pouco e a fiz rir.



Baía de Guanabara

DEZEMBRO DE 1864

MAMAN QUERIDA,
Às sete horas da noite entramos na baía de Guanabara. Na língua local, quer dizer “mar do seio”, por causa de sua forma arredondada e águas piscosas. Os canhões do forte Santa Cruz dispararam, pedindo a identificação do navio. Passamos por mais dois fortes até a pesada massa de ferro da âncora atingir o fundo do mar. O bárbaro ruído deu-me a sensação de que algo me ligava ao Novo Mundo. À beira da praia, fila de lampiões a gás. Música escapava de alguma coisa parecida com uma praça pública. Pude observar com o óculo o que me pareceram cafés. Um colar de luzes se estendia até a extremidade esquerda, terminando numa grande curva. Luís César explicou tratar-se de Botafogo, localidade de belas residências, inclusive as de sua família, e do palácio dos príncipes imperiais. Mais à direita, as chamas brilhavam em inúmeros terraços, subindo, bem alto, as encostas dos morros. As águas da baía refletiam a magia da iluminação que se duplicava nas estrelas do céu. Um fenomenal granito, que parece modelado por Deus, guarda a enseada. É o Pão de Açúcar.

Sob uma luz esplêndida, a manhã revelou a beleza da paisagem. Diante de meus olhos se desenrolou um panorama como vi poucos. No horizonte, a serra verde se estende ao fundo da cidade. Do lado direito, a ilha das Cobras, largamente fortificada, esconde as inúmeras e férteis colinas da ilha do Governador. Na extremidade sul, se entra na baía de Niterói. As colinas baixas, arredondadas como as demais da Praia Grande, oferecem um aspecto pitoresco com curvas e sinuosidades, emprestando à paisagem um ar romântico. Tudo se aninha num panorama circular composto de montanhas, matas, rochedos e grupos de casas. Encarapitada sobre um pequeno monte, a igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem, a quem os viajantes pedem proteção ao deixar o império. Peça proteção para pisar nele e para decorar tantos nomes estranhos.

Fiquei surpreso com os navios de formas e tamanhos variados. Em grupos, avivam a paisagem lembrando que os ingleses mantêm um comércio ativo com os brasileiros, seguidos pelos franceses, americanos, portugueses e belgas. O principal artigo de exportação? O café. Desde cedo, vimo-nos rodeados por diversas embarcações de terra, tripuladas por negros que vinham especular o que queríamos desembarcar e oferecer frutas frescas. O comandante foi o único a descer a terra e trouxe de volta uma dezena de cartas. Achei que receberia uma sua, mas não tive sorte. Depois, tivemos que esperar os oficiais da saúde, da capitania dos portos e um representante da alfândega para impedir que desembarcássemos mercadorias antes de uma vistoria.

Luís César abespinhou-se. Sua posição o fez acreditar que passaria na frente dos outros passageiros. Tive que rir, pois reconheci certo comportamento que também temos em relação aos nossos conterrâneos: a mania de nos fecharmos para evitar o contato com a gentalha. De lançar à volta apenas olhares de fria curiosidade. De só nos falarmos “entre nós”. De trocar informações do tipo “aristocrático”. Ri baixinho.

Não sei se isso foi responsável por outras recordações. Que contraste, *maman!* Revivi imagens de nosso poderoso império, de nossa vida nos domínios familiares, em meio a outro oceano, esse feito de neve, os campos desertos, o permanente silêncio, o estranho

mutismo das terras. E a voz de *papa* contando sobre o aclamado desembarque de nosso czar Alexandre, vencedor de Napoleão, em Paris. E depois de sua súbita morte, a nossa partida.

Lembrei-me do nosso embarque em São Petersburgo, a caminho da França; de suas lágrimas ao deixar para trás o castelo imperial de Oranienbaum ou de Peterhof; do adeus aos cais do Neva e às águas cinzentas do Báltico que refletiam a Academia de Artes e a de Ciências, majestosos edifícios que lembram templos antigos. Adeus às cúpulas e flechas douradas, aos domos verdes que anunciam a rainha do Norte, encravada na vasta planície que se estende a perder de vista. E depois a lenta passagem diante de Kronstad e da frota imperial.

Revejo ainda um grande número de fragatas, corvetas, chalupas, brigues e embarcações leves, todas arrumadas em ordem de batalha, formando uma linha de meia légua de comprimento. Na manhã de nossa partida, o czar passara a frota em revista. Atrás dela, os navios comerciais, milhares de mastros, velas e pavilhões se elevando acima dos molhes do porto, formando uma massa compacta e impenetrável. Vasos de guerra e comércio flutuavam à frente das muralhas erçadas de artilharia que protegiam a cidade e o porto, além das baterias flutuantes que defendiam qualquer aproximação.

Recordo o adeus, enfim, à inesquecível luz da Rússia. Ao sol frio que se estendia como um pássaro preguiçoso que abre as asas. Adeus às noites claras e aos dias azulados e tristonhos em que neve e céu se fundiam. Perfilei-me enquanto as meninas, com os pequenos braços estendidos, buscavam se aninhar no colo das amas. E você soluçava por trás do crepe negro de viúva.

Lembro-me de ter sempre invejado os que partiam. Os que perseguiam o que estava além do lençol imóvel de águas, sem outro limite que o céu. Gente que, como o tio ou *papa*, ia buscar novas fronteiras, negócios e impressões. “O longo adeus são lágrimas a mais”, dizia ele enquanto virava um copo de vodca antes de nos beijar afetuosamente, fechar o longo caftã forrado de peles, calçar as botas de Torjeck bordadas com fio de ouro, colocar o punhal à cinta e atravessar o pátio da casa. “Bons ventos!”, gritavam, então, os criados. Queria ouvir isso, novamente. Mas, agora mesmo, são as

vozes de Vera e Luís César que chamam. O conde Haritoff chega à América do Sul... Vamos desembarcar.

Adeus, querida *maman*, deseje-me “bons ventos”.

Abraço-te com carinho,

Maurice



Fazenda do Pinheiro

NATAL DE 1864

TOMEI DA PENA. Quis escrever meu diário e não consegui chegar ao fim. Nada me acontece. Tenho vontade de correr sem parar. Como fazer? Ainda chove esta manhã e a terra está encharcada. Neste momento, estou numa inação que não me deixa nem pensar. É véspera de Natal.

Fabiano veio pedir ao tio José que o deixasse, junto com os outros escravos da orquestra, cantar pastoris. Na fazenda é preciso licença para tocar violas, puítas, pífanos e tambores, mas tio José deixa tudo. No entremeio da música, os negros hão de dançar o lundu. Mamãe sabe bailar, dengosa qual uma gata. Vamos tirar o presépio das caixas. Vai ter canjica até fartar. Bandejas com guloseimas embrulhadas em papel recortado vão circular entre as fazendas, agradecendo bondades. Na do tio Joaquim vai ter Folia de Reis. Imitando os reis magos, os negros em bando vão sair à noite e percorrerão Pirai louvando o nascimento do Deus Menino.

Lembrei-me de um sonho que tive ontem à noite: estava à beira de um precipício, um homem veio em minha direção e me tomou nos braços. Ele fazia de tudo para me lançar no vazio. Depois, senti

esse homem mudar. Eu o vi, de um momento a outro, se transformar numa árvore. Seus braços se tornaram duros e grandes galhos me cobriram. Eu estava numa agitação terrível, acreditando que ficaria assim para sempre. Finalmente, consegui me desembaraçar, pus-me a correr com toda a força e acordei apavorada.

Pela manhã, eu saía do oratório onde fui rezar o terço pela alma de papai, quando ouvi tio José dizer à mamãe: “Agora que Vica morreu, é preciso casar essa menina”. E tia Rita: “E o mal de peito?”. Desde que papai morreu estamos morando com eles. Será que querem se desembaraçar de mim? O sonho foi premonição, disse tia Maria Gata. Mandou-me fazer “*premessã prá achá homi bãõ*”. Meus manos estão prometidos ou casados. Eu ainda não.



Rio de Janeiro, Hotel de l'Europe

DEZEMBRO DE 1864

QUERIDA MAMAN,
Mal dormi. Faz um calor infernal. As últimas estrelas se apagam no céu leitoso e o crescente da lua desce lentamente enquanto lhe escrevo. A primeira impressão do Rio trouxe sentimentos misturados. A cidade está situada numa faixa plana, circundada pelo mar. Na parte sul, morros: de Santa Teresa, Santo Antônio e Castelo. A serra menor, ao norte, situada na praia atrás da cidade, também tem morros: do Livramento, do Valongo, da Conceição e de São Bento, onde se destaca um belo convento. As ruas desembocam quase todas numa praça central, o Campo de Santana, enquanto as vielas terminam nas elevações que circundam a planície, oferecendo um belo fundo com grupos de árvores e casas que enchem a paisagem. Em toda a parte, uma multidão de negros, cantando e berrando, se locomovem como aranhas, trabalhando.

Na parte baixa da baía, se concentra a rua mais larga e concorrida da cidade, a rua Direita. Todas as casas importadoras e exportadoras têm aí seus escritórios e os produtores, seus armazéns.

Todos próximos à Bolsa. Mas, em condições, ninguém fica nesta parte da cidade além do tempo necessário para seus afazeres diários. À tarde, seguem para os subúrbios, Botafogo, Catete e Praia da Glória, de aspecto campestre. Aí, com luxo e conforto, passam, junto à família, as horas de lazer que lhe permitem seus negócios e o calor sufocante. Aqui não há bairros como em Paris. Eles são simplesmente separados por morros. No centro, onde estou temporariamente, tampouco há jardins. As casas se alinham, umas coladas às outras, em ruas estreitas e escuras. Porém, para um europeu vindo de São Petersburgo e Paris, com um mínimo de senso artístico, as igrejas decepcionam: cobertas de dourado, mas sem qualquer gosto. O palácio do imperador é um casebre na região de nome São Cristóvão.

Ontem, enquanto Luís César apresentava Vera à família, tentei caminhar pelo que chamam aqui de “centro”. Fui recepcionado por uma multidão de pretos e mulatos que, num vozerio ensurdecido, oferecem seus serviços. Eles têm um aspecto embrutecido. Soube que, há pouco mais de vinte anos, o Rio ainda tinha um mercado onde os africanos eram expostos como carne humana. Hoje são vendidos em leilões domésticos, anunciados nos jornais. Espetáculo revoltante, sem dúvida, mas que me fez refletir sobre a miséria que vi em nosso imenso império. Lá também, jornais como o *Sankt-Peterburgskie Vedomosti* anunciavam leilões de bens entre os quais se incluíam as “almas”. Algumas, como as que vendemos, tinham feito a campanha da Crimeia com *papa*. Tristeza!

Servos russos seriam diferentes dos africanos e os homens mais felizes da terra? Lógico que não. Esmagados por seus senhores, morriam de fome, sofriam violências físicas, moravam em buracos ou isbás cobertas de palha. Teriam direito aos artigos de primeira necessidade? Teoricamente, sim. Mas era um direito ilusório, pois não havia meio de fazê-lo valer. Na Rússia, a humanidade ainda patina. Nós, russos, somente somos iguais, não diante da lei que é nula, mas diante da fantasia do soberano. O dramático é que *chez nous*, quem conduz mal sua fortuna acaba por perdê-la. Com uma diferença: como a fortuna de um homem é a vida de uma multidão deles, o que se conduz mal mata de fome um vilarejo inteiro!

Mas, voltando ao Brasil, a rua do Ouvidor, onde estou instalado, se parece com a artéria de qualquer cidade populosa do sul da Europa. Há aqui bonitas lojas vendendo toda a sorte de coisas, e, nas sarjetas, menos sujeira do que vi em outras partes. Livrarias e casas de objetos de arte chamam a atenção pelas edições de luxo. As joalherias trasbordam de prata e pedras preciosas. Pilhas de laranjas, limões-doces, mangas e abacaxis convencem o viajante de ter chegado aos trópicos. Enverguei para esse passeio as roupas leves compradas na Belle Jardinière, mas fui olhado com espanto como se fosse um grego com sua saia pregueada. Por toda parte desta cidade ensolarada, o preto predomina. Os caixeiros de lojas, manejando suas vassouras, já vestem redingotes de casimira às oito da manhã.

Mas o contraste entre esse simulacro de Europa e os africanos é enorme. Na vitrine da Notre-Dame de Paris, endereço para as damas *chics*, vi refletidas as camisas grosseiras com que os senhores cobrem o corpo magro dos escravos. A falta de sapatos e chapéus denuncia sua pobreza e condição. As mulheres andam — se me permite a vulgar informação — nuas da cintura para cima, portando, por vezes, um lenço atado ao pescoço que cai sobre o peito. Umas usam turbantes, outras arranjam os cabelos crespos com arte. Todas vestem saias decoradas com enormes folhos.

À tarde, uma berlinda com cocheiro negro vestido de veludo veio me buscar. Jantei na casa de Luís, que tem mesa aberta. No caminho para o subúrbio de Botafogo, considerado o Saint-Germain-des-Prés, pude ver brasileiras à janela ou a caminho da missa. Ao perceber que são olhadas, elas se retiram. Seus olhos e cabelos, que penteiam à chinesa, são escuros como obsidianas. Só saem às ruas acompanhadas de suas negras e seus filhos. Casam-se aos catorze anos ou menos — foi o que soube.

Um casamento, *maman!* Lembrei-me que sou um homem. Que tenho um coração como os outros para amar, ser amado, possuir uma mulher e criar filhos. Sou livre para fundar uma família! Enquanto as formas das montanhas empalideciam ao crepúsculo e o trote dos cavalos enchia a cabine de poeira, senti o espaço se alargar à minha volta. Estou convencido, aqui acharei alguém.

Ao chegar à casa de Luís, fui amavelmente acolhido. Vera foi muito festejada pela madrasta do marido e pelas três meias-irmãs. A endogamia na família é assustadora. Casam-se tios e sobrinhas ou primos, dando em gente feia, mas, em excelentes alianças políticas e fortunas estáveis. *Sapristi!* Luís César fugiu à regra.

Brasileiros têm em comum conosco a calorosa recepção. Na França, sabemos, não é assim. Aqui, ela é tão entusiástica que nos sentimos ligados a eles desde o primeiro dia. Sua flexibilidade de caráter permite que se comportem como ingleses, franceses ou alemães segundo as necessidades e as circunstâncias. Porém, não deixam nunca de ser provincianos: mais devotos do que virtuosos, mais apaixonados do que amigos, e sempre violentos quando querem alguma coisa. A poesia e a literatura ainda não chegaram nesta capital. Há pouca conversação. Em compensação, o luxo e o poder político são os principais objetos de ambição. Outras formas de distinção parecem vãs neste império.

O sogro de Vera, o barão de Tocantins José Joaquim de Lima e Silva Sobrinho, é homem vigoroso. Recebeu seu título por ter, como coronel, sufocado uma rebelião numa província não distante do Rio, chamada Minas Gerais. Ao lado do irmão, que agora parte para a guerra, esmagou uma das muitas revoltas liberais contra o imperador. Atualmente, é comerciante de prestígio, fazendeiro de café e exerce a presidência da Associação Comercial, além de filiado ao Partido Conservador. Pena as meninas serem tão jovens e tão despidas de graças.

Mas a situação de Vera, posso lhe garantir, *maman*, é excelente. Quando penso no quanto você relutou para entregá-la ao *brésilien*. Mas, eis que ela está cercada de carinho e tratada como princesa. Sua pele branca, cabelos claros, roupas e joias lhe conferem toda a aura aristocrática necessária a essa gente que, pelo que soube, compra seus títulos. O de barão custa 750\$000 réis, já o de marquês é mais caro: 2.020\$000 réis. Quanto à residência, fora o jardim com lindas árvores, deixa a desejar. Não há luxo. Só sobriedade.

Acho que lhe contei as primeiras impressões. Agora tentarei fechar os olhos, apesar do barulho dos mosquitos.

Adeus, querida *maman*,

Maurice



Pirai

24 DE DEZEMBRO DE 1864

DE LONGE AVISTEI as duas torres abobadadas e o frontão triangular da matriz de Santana, cuja calçada varremos em penitência, pela manhã. Da carroça sobressaía uma torrente de musselinas, fitas, rendas. Todos traziam as bochechas coradas do sereno. A noite estava quente e calma. Uma nuvem grossa cobria a lua e, à volta da massa escura, escapavam raios luminosos que pareciam abençoar os justos sobre a terra. Haveria um milagre neste Natal? Compenetrada, eu lembrava as últimas leituras: a fuga para o Egito, borboletas que na hora da canícula faziam pálio para o Menino. As aves que botavam ninhos nas árvores ao alcance das mãos de José, que assim matava a fome da família sagrada. Seu cajado que floria para dar mel e, quando o Menino precisava de leite, era o rio que ficava branco.

A missa do Galo é obrigatória. Tia Maria Isabel ofereceu o manto de veludo bordado a ouro de Nossa Senhora das Dores. Mamãe, novamente chorosa, gemia baixinho, chamando papai: “Silvino, Silvino”. A igreja estava cheia de gente e velas. O coro meio desafinado entoava: “A noite é calma e longa/que paz tranquila

enorme/que tudo repousa/tudo dorme/Foi num presépio há tempo/que a Nossa Mãe querida/pôs a Jesus/que goza eterna vida”.

Cantei sem muita vontade. Compus uma prece: Deus poderoso recebi a oferenda do meu coração. Iluminai minha alma para que não caia em pecado. Não me abandoneis e dai-me a felicidade. Ela existe? Será que a mereço? Eu odeio o mundo. Será errado? Que sono. Adormeci sem comer porco com farofa e sonhando com a sorte que tia Maria Gata tirou. Ela colocou um prato cheio d’água sobre uma toalha branca e limpa em cima da mesa. Esfregou por diversas vezes uma agulha nas mãos, dizendo palavras difíceis de entender. Depois a soltou sobre a água. Não boiou. Afundou. Não me casarei jamais. Mamãe não se inquieta sobre meu futuro, pois, para ela, não pareço ter um. Sinto que ela gostaria de se ver livre desta fase da vida em que se casam os filhos. Toda a atenção é dada às alianças entre meus primos e irmãos. Voltei a rezar: Deus, deverei me arrastar eternamente?



Botafogo

Journal^[1]

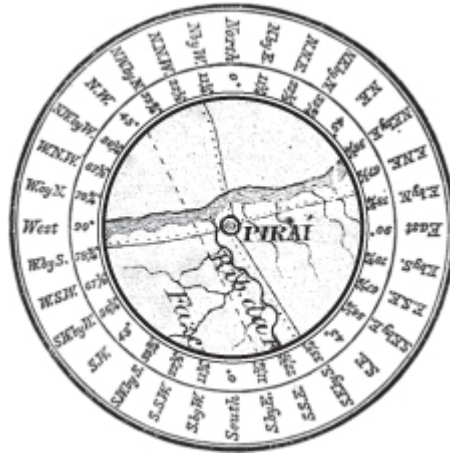
JANEIRO DE 1865

O IMPERADOR BRASILEIRO partiu para a guerra, dizendo que será um confronto curto e cirúrgico. Talvez algo parecido com o que, nesse momento, o czar Alexandre II esteja sufocando na Polônia: uma guerrilha que, cedo ou tarde, será reprimida pelas tropas russas. O calor nesta cidade é sufocante. Luís César quer nos levar para visitar os cafezais. Lá, as temperaturas são mais amenas e há família. Soube que um dos tios possui quase quatrocentos escravos, apenas numa fazenda. Dizem que dois deles, irmãos de sua falecida mãe, são os homens mais ricos do Brasil! Devem sua fortuna ao café e ao tráfico de escravos, que é proibido por lei desde 1850. Trazem os africanos em barco próprio, levam serra acima e negociam com lucro de quatrocentos por cento. Esquisitices locais: muitos dos ricos membros dessa família de traficantes — não há outro nome a dar — são abolicionistas, como os ingleses.

Uma das princesas imperiais mora perto do castelo de d. Pedro II. A outra, herdeira do trono, aqui perto, em Laranjeiras. Não nos receberam por causa de nossas ligações com Napoleão III. Um dos

genros do imperador brasileiro é neto de Luís Filipe de Orléans: inimigo dos Bonaparte. Pouco me importei. Como é insignificante a imperatriz, que, aliás, vi no teatro. Nossa czarina Maria Alexandrovna é dona de perfil severo e esplêndidos cabelos negros. Teresa Cristina tem somente a bondade de uma camponesa.

Mas percebi que há outras razões para antipatias: à véspera da partida para o sul do tio de Luís César, o barão de Caxias, falou-se muito mal do imperador. O barão é contra a guerra. Diz que o Brasil não tem exército. Melhor seria guarnecer as fronteiras. Queixou-se de que as fileiras da infantaria são formadas não por soldados, mas por bandidos! Aqui, como na Europa, se fala muito em positivismo. As ideias chegam rápido. Mas acredito que, por causa do clima, seja difícil implementá-las. O mesmo sobre a abolição do cativeiro: quem vai colher o precioso café? Por isso tantos milhares de negros escravos. Algumas belas mulheres, entre eles. Ontem mesmo, entrou uma aqui com um braseiro contendo ervas odoríferas para “defumar” o quarto contra insetos. Escreverei à *maman* amanhã.



Fazenda do Pinheiro

JANEIRO DE 1865

AINDA CHOVE e a terra está encharcada. Estou numa inércia que não me deixa mais pensar. Quero que o dia acabe. A morte não será melhor do que o tédio?

Mamãe e tia Rita estão numa atividade só. Rabiscam o cardápio das refeições, controlam a prataria que sai dos armários, mandam esconder as escarradeiras. A dúvida era se serviriam as refeições *à la russe* ou *à la française*. Sobremesa? Não! Só se fala em *dessert*. E depois é preciso explicar aos escravos de dentro² a profusão de talheres e copos. E de como servir o vinho adequado a cada prato. Os convites seguem em papel timbrado. A banda composta pelos escravos da fazenda de tio Joaquim virá tocar. Na cozinha, um caos. O fogão, a trempe de sabão, tudo queimando à lenha e escurecendo as paredes. Negras doceiras quebram ovos, batem manteiga, cozinham frutas. O cheiro de açúcar nos tachos é insuportável. O cozinheiro e o padeiro andaram se bicando por mais espaço nos fornos. O óleo de mamona derrete nas panelas fumegantes. É preciso bastante para encher as centenas de lamparinas que iluminarão os jardins. Do varal de bambu pendem

cheirosas linguiças e lanhos de toucinho. Fujo dali com meu quinhão de angu com leite.

Primo Luís César chega com a esposa em alguns dias. Essa visita deveria me animar, mas, ao contrário, sinto-me deprimida. Madame Mercier veio para desenferujar meu francês. É a língua em que Vera se comunica. Gosto da professora. Diferente de outras que tivemos, é despida de macaquices, singela e natural. Voltei ao piano. Ataquei algumas valsas, graças a Deus sem erros. Evito o espelho. Estou muito magra e meus olhos ocupam o rosto inteiro. As heroínas românticas têm a tez pálida, fresca e rosada. Eu a tenho morena e grossa. Mamãe me diz para sorrir bastante, pois tenho bons dentes. Mas o que fazer ante a madona russa?

Os negros enfeitaram o portão com bambus, fazendo uma alameda. Perguntei a tio José se isso é coisa que se faça, fora das festas de colheita. Ele não gostou. Respondeu-me se eu sabia que o império brasileiro tem suas tradições e que os Breves sabem muito bem receber convidados. Quantos estrangeiros passavam pela casa e não a deixavam boquiabertos pela hospedagem generosa?

Caiu outra chuva enquanto eu escrevia. São quatro horas e vou até a enfermaria, esperando que o dia acabe. Ele me parece bem longo. Vou fiar depois do jantar.



Rio de Janeiro, Hotel Pharoux

JANEIRO DE 1865

MINHA QUERIDA MAMAN,
Estou na maior cidade da América do Sul. Dentro de mais alguns dias, tomaremos a estrada para o interior. Os dias têm sido cheíísimos, tantos querem nos conhecer. Russos aqui, só marinheiros ignorantes e rudes. Aristocratas, creio que somos os primeiros. Reside na Corte, grande parte do ano, a nobreza do império, além dos representantes das diversas províncias, ministros de Estado, embaixadores e cónsules estrangeiros, forasteiros, homens de negócio, capitães do mar, funcionários do governo e a mais alta classe da sociedade. Misturam-se aqui brasileiros e estrangeiros de todos os climas. A parte mais visível da população, porém, é negra.

Aqui, tudo é vivo, novo, tudo desperta os sentidos. O do olfato, por exemplo. As exalações na cidade não são exatamente um perfume das Arábias. Os despejos são um negócio portátil e não subterrâneo. São os cativos que levam nas costas enormes pipas repletas do que, em Paris, deixamos discretamente nas *retretes*. O sentido da audição também é ferido pelo confuso falatório dos

negros, pois eles são de proveniência variada. Há os berros dos portugueses, as pragas dos marinheiros ingleses, o peditório dos mendigos, os tambores da Guarda Nacional e o toque dos sinos das igrejas, que informam sobre casamentos, nascimentos, mortes e até incêndios. E há o canto dos negros carregadores de café. Corpulentos e fortes, correm em bandos de dez ou vinte, em trote compassado e com pesados sacos na cabeça... Imagine, *maman*, cantando! A música parece aliviar a dureza do trabalho.

As ruas são estreitas demais, com exceção da rua Direita, recentemente calçada com pedras vindas da ilha de Wight. Os edifícios raramente possuem mais de três ou quatro andares. Os primeiros são destinados a armazenagem e exposição de mercadorias, morando as famílias em cima. No último andar, empoleira-se cozinha e senzala, para controlar a fuga de cativos. Toda tarde, do largo do Paço, assiste-se um animado espetáculo de vapores apinhados ou ônibus puxados por mulas, conduzindo negociantes de volta ao lar. Ninguém entra ou sai de um veículo público sem tirar o chapéu, e o cumprimento é sempre correspondido, até por quem não se conhece. Quando os animais empacam, os passageiros esperam calmamente olhando pelas janelas, como se aquilo fizesse parte do programa, até o veículo se mover de novo. Na França, o condutor ouviria pesados xingamentos.

A Bolsa de Comércio possui uma sala de leitura, suprida de periódicos nacionais e internacionais onde vou buscar notícias de Paris. Li que os Estados Unidos pediram a retirada das tropas francesas do México. Debaixo de espaçoso pórtico, vendedores de diferentes nacionalidades se encontram todas as manhãs e, depois dos habituais cumprimentos, especulam negócios. Soube que se planta tanto, mas tanto café, que não sobra terra para alimentos. O império é obrigado a importar milho, arroz e feijão dos Estados Unidos da América do Norte e da Europa.

Num grande edifício na mesma rua, a Alfândega, aprendi três palavras que serão necessárias para os negócios que pretendo fazer no Brasil: paciência, amanhã e espera um pouco! Para evitar contratemplos, um comerciante estrangeiro deve contratar um “despachante”, indivíduo encarregado de tornar essas palavras

inócuas, mediante farta distribuição de propina entre os empregados e suboficiais do estabelecimento. Cada um desses, por sua vez, executa sua tarefa com pedantismo e ares de importância exclusivamente destinada a dar relevo ao mais obscuro emprego.

Num jantar que nos foi oferecido, e em contato com um ex-cônsul americano, ouvi conselhos: o país é o melhor lugar do mundo para esfriar ânimos. Aqui ninguém toma parte em conspirações nem em *meetings* de protesto. Nada se ouve sobre eleições nem se lê cartazes convocando o povo a levantar-se contra a opressão. Não se acompanha a cavalo ou a pé um cortejo político. Em suma: vive-se sem política. O que é delicioso para quem tem propensão ao repouso. De um modo geral, disse-me ele, os brasileiros pensam que o mundo gira sobre os eixos, sem sua interferência.

Os nativos sofrem de outra característica, herança de seus antepassados portugueses: a antipatia pelas inovações. E o americano contou-me uma anedota. Uma vez Adão pediu licença para visitar o Novo Mundo. Foi-lhe dado permissão e designado um anjo para acompanhá-lo. Nas asas do querubim, Adão fez várias visitas, mas achou tudo tão mudado que só se sentiu em casa quando chegou a Portugal. Alívio: lá, sim estava tudo tal qual ele havia deixado.

Penso, *maman*, que esse é o lugar ideal para enriquecer. Como diz o ditado, “a rena conhece sua pastagem”. Só preciso de uma noiva que financie minhas ideias. Vamos esse final de semana para o vale do café, onde reside a família de Luís César. Soube que há uma constelação de moças casadoiras disponível. Verei o que encontro. O Correio lá é péssimo. Aqui não é melhor. Nos salões do Correio Geral ficam empilhadas as cartas de acordo com a proveniência: Minas, São Paulo, outras províncias. Ou, as que chegam por paquetes, são misturadas promiscuamente, e quem chega primeiro tem o privilégio de examinar todo um maço. Ainda assim, tentarei enviar notícias.

Desejo que os pequenos Nadia e Eugène, assim como você, estejam bem.

Adeus, querida *maman*.

Teu dedicado filho,

Maurice



Fazenda do Pinheiro

JANEIRO DE 1865

ELES CHEGARAM à estação em Pirai. Tio José mandara duas berlindas apanhar os convidados. Ouvi a cachorrada latir quando as charretes se aproximaram dos portões da fazenda. Fazia uma manhã quente, nuvens brancas passeavam no céu, e o vento ora tórrido, ora morno, trazia o perfume da mata. Além dos telheiros das sete senzalas, das tulhas, do engenho e do terreiro de laranjeiras, tudo mais era um esplendor de luz prateando as colinas e os cafezais.

Os escravos de dentro se perfilaram na escada da frente: elas com suas saias brancas, aventais vermelhos e turbantes imaculados. Eles, de camisa nova e calças compridas. Os pajens e copeiros, de dólmã e gaforina aparada. A orquestra enviada por tio Joaquim afinou os instrumentos. Ao som de um trecho da *Sonata in D Minor* de Scarlatti, o primo e sua esposa desceram primeiro. Cruzaram a porta maciça e escura sob os cumprimentos de todos, enquanto os cheiros da cozinha inundaram a sala em que buscaram abrigo do calor. Que lindo casal.

De forma um pouco teatral, Luís César apresentou o conde Maurice Haritoff, seu cunhado. O homem de estatura mediana para baixa, ventre um pouco saliente, com ares de grande senhor, elegante e disposto deu um passo, e, solene, beijou as mãos de tia Rita e de mamãe. Seu porte e maneira de se apresentar não eram sem majestade. Tinha um olhar penetrante. Trazia os bigodes em ponta, barba alourada e, como os cabelos, besuntada de pomada perfumada. Vinha vestido de preto, gravata branca, botins envernizados e, prendendo a camisa, um rico alfinete de esmeralda. Eu bem que queria ter a minha mão beijada também. É uma doutrina absurda essa de que não se pode beijar as mãos de moças solteiras. Avancei para cumprimentar o trio, maravilhada por descobrir tantas novidades em tão velha família.

Meu francês fluíu enquanto mamãe e titia enrolavam a língua. Vera juntou-se a nós na alcova nobre depois de atravessar o salão e elogiar o teto decorado com figuras mitológicas. Nada do que parece riqueza na casa de tio José devia ser novidade para uma parisiense, morando a dois passos do Arco do Triunfo. Fingi acreditar, embora conhecesse bem os interiores europeus graças às reproduções que chegavam com as revistas estrangeiras. Nos números de *A Estação*, observo as *toilettes*, mas, também a decoração. Onde os tapetes de mesa, as cortinas drapejadas ou as espadeiras de tecido fino nas cadeiras? Tia Rita se gaba do grande espelho veneziano, dos quadros, cópias de originais, e dos candelabros de prata. Mas pode isso impressionar uma condessa russa? O casarão do Pinheiro é austero. Possui mais salões do que outros tantos, em grandes fazendas. Mas, só. Madame Mercier concorda comigo.

Mais bonita do que minhas manas, Vera é de uma beleza translúcida. Sua pele e olhos claros se confundem. Os cabelos dourados estavam repartidos ao meio e presos num coque por fitas que cruzavam sua delicada cabeça. Toda graça, descalçou as luvas com elegância enquanto acomodava a cintura suave na cadeira dura. O vestido verde-folha de muitas saias escondia a crinolina, enquanto as mãos aristocráticas regiam a conversa. Tanta feminilidade causou-me inveja. As tias e primas foram chegando e, em pouco tempo, a moça estava cercada de olhares admirativos.

Choveram perguntas: em francês fluente, o meu, ou trôpego, o de tia Rita. “Está gostando?”, “Vão morar na capital?”, “Muito diferente de Paris?”.

No salão de jogos, os homens em torno de charutos, de Luís César e do cunhado, que parecia entender tudo sem falar português, comentavam: a viagem de trem na linha nova, o preço do café, o achincalhe dos deputados, a guerra. Mas houve outras conversas. Meu tio José, a quem a riqueza e as propriedades ainda conferiam o título de comendador, estava no auge de suas faculdades de administrador. Sabia ser cauteloso, sem deixar de ser audacioso. Sabia ser generoso sem ferir a dignidade dos que lhe vinham pedir. Era uma fortaleza de prudência, perfeito no seu cargo de senhor de cafezais e escravos. Por isso não me incomodei quando o ouvi dizer a tia Rita que ia buscar noiva para o cunhado de Luís César. Já sei do meu destino graças às agulhas de tia Maria Gata. Mas, se me fosse dado escolher, gostaria de fazer um matrimônio por amor. De viver um romance como o de Paul e Virginie³, que li quando estive de cama.

No Vale, a maioria dos casamentos acontece em família. Grandes fazendeiros unem suas filhas a tios, sobrinhos ou parentes funcionários do império. Aqui tudo gira em torno das fortunas, que devem se igualar, para dobrar. “Se queres casar bem, casa com teu igual”, diz o velho ditado. O prestígio aumenta quando há títulos e honrarias na família, e sobre isso se diz: fulano conseguiu “meios de subir as honras”. Não é o caso dos Breves. Tampouco temos brasões na família de papai. Ele costumava dizer que d. Pedro distribuía títulos depois de passar por Vassouras, alguns anos atrás. Quem lhe deu cama e baile, ganhou...

Dos títulos distribuídos, quase metade foi conferida a gente ligada ao café: fazendeiros, banqueiros e comissários. Vovô, barão de Pirahy, foi um deles. Aliás, ele se divertia com o título. Contava que, certa vez, foi a uma reunião no Paço e sentou-se na frente. O mordomo foi cumprimentá-lo e cochichou:

- O lugar do senhor barão não é aí. É atrás.
- Atrás, por quê?
- Esta fila é dos fidalgos com grandeza.

— Que devo fazer para ter grandeza?

— Pagar vinte contos de réis ao Tesouro.

— Está bem, vou pagar. Mas é caro: vinte contos para esfregar a bunda numa cadeira!

Ah, vovô! Outros ganharam nobreza e dinheiro abastecendo o exército de carne e farinha. Foi o caso de vizinhos nossos: os Ribeiro de Avellar, e, ouvi dizer, da família Haritoff na guerra da Crimeia. Mas ninguém perguntará a Luís de onde vem o dinheiro de sua esposa. No caso dos russos, se bem entendi, o dinheiro não chegou com comida, mas bebida.

Um conde russo viria a calhar entre os Breves. Os títulos com nomes tupis-guaranis, invenção do imperador para afirmar a nobreza de um império recente, eram motivo de riso entre os tios José e Joaquim. Se bem me lembro, um visconde de Suassuna é um veado preto. Um visconde de Muritiba, de um lugar onde há moscas. Barão de Cambati quer dizer barão do macaco preto. Parece até que, diante da malícia do fabricante de títulos imperial, muitos pretendentes teriam renunciado a eles. Haritoff é bem mais pomposo. Mana Célia já está casada com o primo José Frazão e é nora do rei do café. Mana Rita Belmira ainda brinca com bonecas de pano: nove anos. Quem sabe uma das afilhadas do tio Joaquim?



Redação de *O Pirahí*

31 DE JANEIRO DE 1865

CALOR ABAFADO. Abro a janela e o início de uma esplêndida noite de verão invade a redação. Forte poeirada de luz ainda se suspende no ar. Um cheiro morno sobe das telhas e das folhagens saturadas de sol. O sino da matriz badala: dezoito horas. Na larga mesa de oleado trabalham mais dois colegas — tesouras enormes cortando tiras rabiscadas. Nas paredes, maços de jornais pendem de ganchos e resmas de periódicos atulham os cantos. Poeira cobre tudo: papéis, cadeiras, um velho mapa das províncias do império do Brasil. Na rua, um silêncio pacato. Tiro da gaveta um almanaque com folhas brancas intercaladas. E, bocejando, peço aos companheiros: “Ditem, faz favor”.

“O tabelião público João Francisco Mariano da Conceição veio à Fazenda Três Saltos...”

“Chegou nosso prezado amigo o exmo. sr. juiz de órfãos, capitão Joaquim Gomes de Souza...”

“O barão de Faro e sua respeitável família...”

“O nosso assinante e boticário Antonio de Maia Souto...” “O ilustre proprietário da Fábrica de Fogos Artificiais, Januário Batista

da Silva...”

“A inocente filha de dona Eulina Augusta Vieira Paz...”

Bocejos. Quando terminar, acenderei um charuto. O jornal tinha que ter outro nome. Por que não *Nova Era*? Por que não falar de república, de democracia, de imigração? Somos uma mistura de imbecilidade e velhacaria. Mas as redações estão atulhadas. A maior parte escreve de graça. Isso aqui é o meu pão. Prossigo...

— Melchior, redige aí a noticiuzinha *chic* da chegada de um conde russo ao Pinheiro: certo *Raritov*.

“Vem de Paris, esse resplandecente centro da Arte e das Letras, com o sobrinho do barão de Caxias, ornamento mais brilhante do *high-life*. Suas qualidades eminentes o tornam alvo do respeito em todas as capitais europeias...”

Antes de dormir, voltarei ao meu volume de versos *Esmaltes & joias*. Não falarei nunca mais sobre estrelas e lírios, que isso é coisa para jardineiros, mas da verdadeira matéria poética moderna: o homem! Lamartine e Musset confirmariam a originalidade de meu gosto. Com Victor Hugo, porém, sinto-me panteísta: “*Arbres, rochers, roseaux, tout vit! Tout est plein d’âmes*”.^[1] Não adianta declamar em voz alta. Os colegas não falam francês.

Ou, talvez, deva me dedicar a um drama, misto de propaganda revolucionária com lirismo. Luta entre um peito democrático e um barão ressequido, batendo-se pela mesma dama num cemitério à meia-noite... Por que não um “escândalo social”? Anoto antes que me venha frase melhor: “Lua, hóstia do infinito!...”.



Fazenda do Pinheiro

FEVEREIRO DE 1865

MAMAN, JÁ HÁ MAIS de quatro meses que nos separamos! Como vão os pequenos Nadia e Eugène? Tenho grande desejo de revê-los. Gostei da cartinha que enviou, sobretudo, porque entendi que está reforçando o caixa que esvaziou com o casamento das meninas. Que escândalo no Salão de Belas Artes: uma dama sem roupas fitando os visitantes, com uma negra ao fundo? Quem é esse Manet? É fato que visitantes tentaram destruir o quadro?

Aqui há muitas negras, mas, posso assegurar, nenhuma senhora branca apresenta-se como a retratada. Ao contrário, seguem as modas e estão bem vestidas. Isso é coisa de *cocottes*^[1] francesas. Vera há de confirmar minhas impressões. Mas é hora de lhe contar minha aventura. Estou à beira de um rio, tão imponente e belo quanto o Neva ou o Sena. A ferrovia recém-inaugurada que tomamos para o interior lembrou-me as gravuras do *Voyageur Universel*: deixamos para trás a baía, resfolegamos serra das Araras acima entre granitos cobertos por florestas, cruzamos vegetais gigantescos, árvores de altura prodigiosa, águas com pirogas

transportando mercadorias. Vimos pescadores e lavadeiras. Depois, foram culturas de cana, milho e cafezais a perder de vista.

À medida que as paisagens se sucediam, tive a impressão de que já as conhecia, que elas me eram próximas e familiares. O uivo da locomotiva, o cheiro de carvão, as nuvens voando atrás da janela e a palavra império soando como algo de comovente e maravilhoso levaram-me para dentro do Brasil e da família de Luís César.

Quanta gente! Os tios são riquíssimos! A sede onde estou hospedado situa-se num alto, dominando o cenário de montanhas à volta. Aos pés, corre o orgulhoso Paraíba. Duas pontes ligam as terras a uma ilha no meio da fita de água escura. Escadarias de mármore levam à varanda em frente à sala de espera, adornada com retratos de suas majestades, o imperador e a imperatriz. No almoço que nos foi oferecido, copeiros circulavam oferecendo iguarias em belas baixelas. Distribuíram-se balas de estalo com versinhos de sorte, sorvetes e vinhos franceses, tudo enfeitado com rosas artificiais e candelabros de prata. Não faltaram biscoitos Huntley Palmer, sardinhas Phillipe Canaud, charutos de Havana e Hamburgo e licores importados, inclusive o Benedictine, vindo direto da Abadia de Fécamp.

Aqui vivem cerca de quatrocentos escravos. Mal consigo sair do quarto sem cruzar com alfaiates, carpinteiros, costureiras, enfermeiros, copeiros, tropeiros, mucamas e até um “formigueiro” que... mata formigas! Todos vêm receber ordens e partem como flechas para suas atividades. Entre as muitas mulheres, senhoras ou escravas, há como que uma vida apagada e subterrânea. Vida silenciosa, quase toda dentro de casa, pondo em prática habilidades miúdas que você apreciaria nas criadas: bordados e costura.

Os parentes são dezenas. Poucos falam verdadeiramente francês. Olham-me com curiosidade, fazem perguntas e, por intermédio de meu intérprete, consigo me comunicar. Pasmem: meu tradutor não é Luís César. E sim uma jovem, sua prima. Não sei exatamente quantos anos tem. Duas tranças negras e gordas como músculos lhe caem pelas costas. Seu rosto impressiona pela intensidade do olhar. Montada a cavalo como homem, me fez percorrer a fazenda e os cafezais, explicando tudo com gestos, mudanças na voz e as mãos de

dedos longos e finos. Que prazer escutá-la. Estamos sempre acompanhados da silenciosa professora de francês que tudo observa.

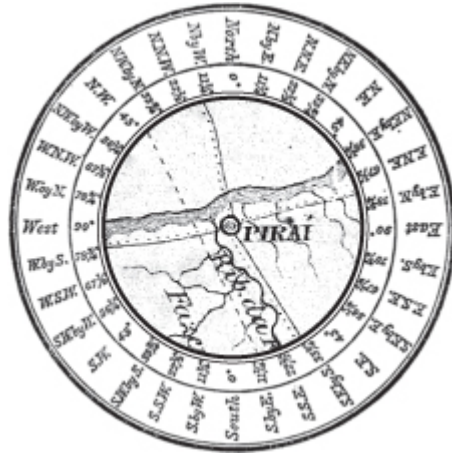
Os primeiros meses do ano são reservados à adubação e à capina dos pés de café. Atravessamos as avenidas de arbustos verdes, evitando os cativos, com enxadas e chapéus de palha, que trabalham ininterruptamente. São homens e mulheres, elas com os filhos amarrados por um pano, às costas. A paisagem é belíssima. À tarde dos dias quentes, o azul do céu vira violeta e as terras sem limites me fazem lembrar a Rússia. Lá também, céu e campos infinitos se confundem. Lá, também, das isbás escuras emergem servos, habituados ao silêncio, cobertos por roupas grosseiras, que labutam a terra. Lá também, ao passar diante de uma imagem religiosa ou uma cruz, acende-se velas e faz-se o sinal. Lá também se acredita que o reino de Deus não é deste mundo.

A menina-moça chama-se *Anaclarrá*. É um sacrário de inocência. Gosta de contar histórias: a do mão pelada, a da menina sofredora que vira pomba, a da árvore do pranto. Dá risadas ao final e me diz: contar estórias de dia cria rabo! É admiradora de Alexandre Dumas e Victor Hugo. Certa tarde, enquanto líamos os jornais debaixo das árvores, observei que tinha a respiração arquejante e as pequenas narinas dilatadas. Achei que estava agitada, mas não. Teve doença de peito, aliás peito de alabastro. Uma pena... Mas isso não atrapalha seu francês quase perfeito.

Esse verão, *maman*, promete mil projetos maravilhosos.

Lembranças a todos de seu,

Maurice



Fazenda do Pinheiro

FEVEREIRO DE 1865

MEU TÉDIO ACABOU por conta do russo. Tio José tem estimulado jogos de prendas e deixa-nos acordadas até mais tarde, quando uma ceia é servida. Se vêm convidados de Pirai, o sarau se estende. Tia Rita me pede que vá ao piano, e hoje toquei razoavelmente o adágio do *Torquato Tasso* de Donizetti. Quando passei ao *allegro*, vi o rosto de mana Célia corado, mirando o primo José. Será isso um sentimento? O conde domina as cartas, os jogos de salão e o bilhar. Disse-me: Sua voz tem doçura. *Douceur* — em francês é mais bonito. Consultei meus botões sobre o que responder, como não achei nada, dei uma gargalhada. Mamãe, corrigiu, severa: Seja grave com os graves!

Ele não cavalga mal e se espanta com tudo: buracos de tatu, cobras, o urro dos bugios e o tamanho das borboletas. Tem bom coração. Dia desses viu na estrada um escravo acorrentado, sendo levado para a cidade. Quis apear e discutir com os guardas. Era um quilombola.

Rimos muito de suas roupas. Ele usa calças tão justas que, a cada vez que se abaixa, receamos o pior! E o que dizer do paletó de

fazenda chinesa com riscos transversais e debrum em xadrez escocês? Tio José ironizou: assim vestido há de espantar o gado. Possui mãos aristocráticas e pés proporcionados. Já Vera vem aprimorando seu português, tenta falar com todos e está sempre bem vestida. Nada de exagerações. Só elegância. Hoje peguei tio José e Luís na biblioteca consultando uma lista de moças casadoiras. Todas do Vale. O conde russo não escapa!

Levei-o para conhecer tia Maria Gata, na farmácia. Não fiz bem, pois ela estava preparando meu xarope de assa-peixe — uma catinga de açúcar queimado e folhas — e ele ficou sabendo que sofro do peito. Há dias estou muito feliz sem saber por quê. Sinto-me viva, respirando. Todas as cores do verão parecem tingir meu corpo. Descobri um lugar desconhecido no laranjal. Ele parece feito para sonhar. Gosto de ficar ali, sozinha e sossegada. Sinto que há alguma coisa despontando dentro de mim. Uma luz que me mostra um caminho, mas, também, me adverte: ele é proibido.



Rio de Janeiro

MARÇO DE 1865

CHÈRE MAMAN,
Boas notícias! Achei uma esposa. E debaixo do meu nariz. Luís César e dom José se esmeraram em apresentar as belezas locais. Uma visita a uma belíssima fazenda vizinha trouxe-me, contudo, a resposta. Quando soube que a propriedade se encontrava disponível no inventário de bens de certa *Nicotáh*, pedi a Luís que me apresentasse à dona de tão fornido dote. Surpresa! *Nicotáh* é o apelido de *Anaclarrá*, minha intérprete e amiguinha.

Passamos, então, ao exame das fortunas que devem se igualar e o valor dos títulos nobiliárquicos. Difícil foi explicar aos irmãos Breves que os “nobres” como nós, os *dvorianié*⁴, não formavam uma classe, mas um “estado” em cujo interior coabitam várias classes. Eles me pareceram chocados quando lhes disse que os *dvorianié* são 1 milhão e oitocentos no reinado de Nicolau II. Muita gente! Valor baixíssimo, portanto, no entender dos tios.

Mas Luís César lhes falou sobre as recepções oferecidas por você em nossa residência no Rond Point des Champs-Élysées — as convidadas dançando a mazurca vestidas com rendas de Veneza,

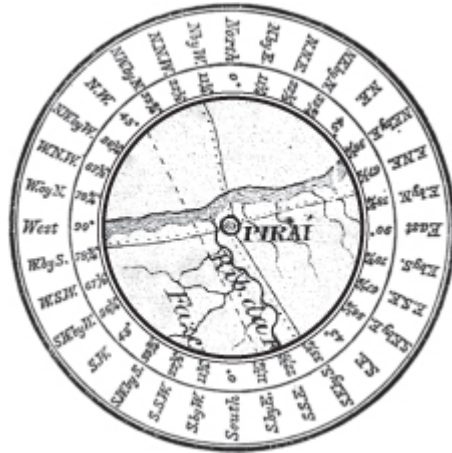
pentes de ouro, rubis e diamantes nos cabelos. Também mencionou o casamento de Hélène na esplêndida propriedade do general Magnan, em Luciennes, os fogos de artifício, o baile e o concerto ao ar livre. Foi fundamental mostrar-lhes a nota publicada na *Abeille Impériale* em que Hélène consta como “uma das mais admiradas por sua beleza”, possuidora de “uma fortuna enorme”. Essa fortuna os fez piscar os olhos! Só então ficaram convencidos a me dar a jovem em matrimônio. Fui discreto, porém, sobre nosso tio Garfinkel. Ainda não sei o que acham da raça hebreia. Paris e França, porém, são valores certos!

Voltei à capital para acompanhar os recém-casados, mas, por pouco tempo. Devo retornar ao Vale e fazer a corte a toda família. Aproveitarei a temporada de caça às capivaras e pacas, um tipo de porco que circula perto do rio, ao cair da tarde. Não se preocupe. Aqui não se caça raposa como na Inglaterra ou se mata animais como na Rússia. Não é preciso desmontar e esfaquear o lobo no coração. Tiros à distância resolvem tudo. Se me permite uma anedota de gosto duvidoso: será minha temporada de caça à jovem corça. Haverá bailes, jantares e concertos, e terei oportunidade de dedicar uma atenção benevolente a todos os membros da casa, além de me aproximar dela. Não se trata de amor, mas de interesse agudo à primeira vista.

Mas ela... ela é quase uma menina. Tão pequena, possui ombros frágeis e pequenos. Pergunto-me se eles suportarão o peso de minha felicidade. Tem olhos negros, vivos e brilhantes, e uma maneira de olhar qualquer coisa como se perdida num labirinto íntimo. Suas sobrancelhas, num tom mais claro, são grossas, enfatizando a profundidade desse olhar. O rosto é cativante graças à franqueza da expressão. *Nicothá* parece uma criança distraída. Antes de vir embora, segurei-lhe rapidamente uma das mãos e pressionei meus dedos contra os seus. Sabe o que fez? Sorriu e saiu correndo. Você vai achá-la encantadora. E fique tranquila, *maman*, não é escura.

Sabendo o quanto se interessa por minha felicidade, rogo-lhe que me diga se devo levar adiante essa proposta e contratar advogados para os papéis. Afinal, o assunto requer uma posição realista e despida de sentimentalismo.

Seu filho obediente,
Maurice



Fazenda Bela Aliança

MARÇO DE 1865

ESTA NOITE quase não dormi. Assustei-me com a ventania e não pude fechar os olhos. Pensei em minha mãe, suas lágrimas, sua tristeza, seus jejuns e orações de joelhos diante do oratório. E em meu pai, o que fez de sua vida. Esse pai forte, autoritário, despreocupado como um pássaro nos ares. Era o genro preferido de vovô barão, que lhe emprestou dinheiro. Dinheiro que se foi com ele. Sim, tudo passa e tudo passará. Meus pais, vovó Gangá, eu, meus irmãos. Fiz vários sinais da cruz, orei à santa de cara esverdeada sobre a cômoda. Tive pena de mim. A casa estava em silêncio absoluto. A lua cintilava através das venezianas da janela.

O gemido do vento me trouxe a imagem de papai deitado na mesa. Tio Anselmo com mais alguns escravos tinha acabado de vesti-lo. Um espetáculo estranho para quem o vira, algumas semanas antes, dando ordens aos gritos, movimentando-se com violência, o cigarro de palha na boca. Revejo suas pálpebras cor de violeta, os cabelos e a barba impecavelmente penteados e a gravata preta presa à camisa engomada. Tateei suas mãos, que pareciam ter guardado

algum calor, os dedos morenos, a aliança fina. Pela janela, aquele dia parecia de chumbo. As portas fechadas e o cheiro do incenso sufocavam. Depois do enterro, passei semanas perplexa. A morte ficou em tudo até que a primavera chegou numa festa de vida. Pois Cristo venceu a morte e triunfou dela.

Sentei-me na cama suando, acendi uma vela e espiei as trevas. Meu coração batia e eu à espreita de qualquer ruído. Tudo adormecido, em calma extraordinária. Com esforço, coloquei os pés para fora da cama, empurrei a porta e, na ponta dos pés, dei alguns passos no corredor escuro. Do lado de fora, a terra respirava. Seu hálito subia ao céu enluarado. Pensei que em outra casa, à luz de alguma vela solitária, alguém pensava: vou me casar. Sem fazer barulho, enxuguei algumas lágrimas. Lágrimas de esperança, de ternura, de sentimento, é possível?

Isso porque tio José chamou-me no salão de fumar: “As meninas do Vale não se casam. São dadas em casamento. Já falei com sua mãe. Apesar do luto, vai preparar o enxoval”. “Mas... Sou doente do peito e tia Maria Gata...”. Nem me deixou terminar. Mas, quem havia de me querer?



Vale do Paraíba

Journal

ABRIL DE 1865

ESTOU DE VOLTA. Mal podia esperar para rever os cafezais. Os dias se transformam em semanas e as semanas em meses. Estamos, dizem, às portas do inverno. Quem sabe o que é isso, por aqui? Na Rússia, os turbilhões de neve cegam os caminhantes. Nas noites glaciais, a luz fraca deixa entrever apenas a terra morta. O ar cheira a aço e congela os pulmões. Brancas aqui, só as flores da *rubiaceae*. Os trópicos, com sua luz incandescente, tão diversa da que temos na Europa, despertam também sensações novas. Sinto-me cheio de energia e, diria mesmo, feroso. Sinto-me aquecido pelo sentimento de ternura que me inspira *Nicotáh*.

O noivado exige convenções. Uma delas foi beijar a mão da velha baronesa de Piraí, aqui chamada de vovó Gangá. No dia em que veio de sua fazenda, puseram um estrado na sala e armaram uma cadeira de braço: seu “trono”. A velha usa touca de renda preta e óculos, pois é estrábica. E quando lhe falam, põem no ouvido a ponta de um pequeno chifre que traz acorrentado ao pescoço. Depois de muitos gritos e gesticulações, entendeu que vou me casar

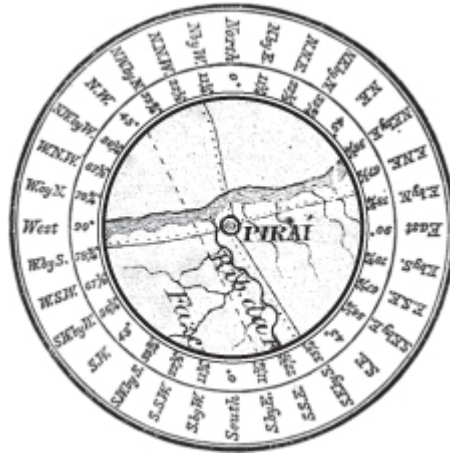
com sua neta. Voltou para casa e ficou acamada. Enquanto não melhorar, não podemos fazer a cerimônia.

Inesquecível foi o anúncio ao clã Breves. Num domingo, após a missa que parentes e escravos assistem na capela da fazenda, dom José avisou que tinha boa notícia. Pediu à sobrinha que se achegasse, apontou-me com o dedo e disse: eis o seu futuro marido. A surpresa da jovem não podia ter sido maior ou mais sincera. Evasiva como sempre, a cabeça ligeiramente inclinada, os olhos piscando, parecia um passarinho prestes a levantar voo.

Aqui não há liberdades. Os pais ou seus substitutos discutem as futuras alianças em segredo. E uma vez passado o ar gélido das negociações, a moça é avisada. Ou melhor, cai o veredicto sem discussões. Ela é convencida de que a promessa do amor surgirá com o passar dos anos. Não há nada de clandestino ou de cínico nesse tipo de decisão prática. Todos precisam ter a garantia de um seguro financeiro. Trata-se de uma fusão de fundos, não de corações.

Quanto à minha noiva, não tenho dúvidas de que me obedecerá e respeitará, ilimitadamente. Ela já toca piano, fala francês e me tem amizade. Há de me oferecer gentileza e afeto, pois serei o soberano do lar. Seu amor por mim será uma tarefa doméstica. Desempenhará, portanto, essas tarefas, sem maiores problemas.

Não temos muitas oportunidades de estarmos a sós. Essa é uma estranha condição das coisas. Olhares? Diante da família, só os tímidos. Mas sinto que, quando pode, me aprecia com curiosidade. Não temos conversas íntimas. Os presentes que trocamos são inocentes. As flores que lhe dou, guarda entre os seios ou esquece-as nas mãos. Beijos? Só na testa. Por meu lado reparo tudo: seus ombros arredondados, sua cintura fina e um não sei o quê que sugere um pedaço de seu tornozelo entre a botina e a saia. Tenho vontade de desmanchar suas longas tranças negras, e sinto, pela primeira vez, o encanto da boca de uma jovem que ri.



Fazenda Bela Aliança

JULHO DE 1865

VOVÓ GANGÁ fechou os olhos antes de ver meu casamento. Acordei com o som das cinco badaladas do sino da matriz e o barulho do viático chegando, pois o povo vinha junto, cantando “O Senhor de fora...”. Crianças portavam a lanterna e o turíbulo, e uma terceira tocava a estridente campainha. O sacramento veio debaixo da umbela de seda carmesim cujas varas de prata eram carregadas por seis pessoas. Uma procissão enorme de gente da cidade seguiu para casa. A avó pediu perdão a quem estava no quarto e fechou os olhos. A comunhão foi o sinal infalível de que ia morrer. Morreu. Não sei por quê, mas vestiram-lhe as mãos duras com um par novo de luvas brancas!

Chorei um pouquinho para fazer bonito. Mas estou mais preocupada com meu enxoval e os preparativos das bodas. Meu noivo tem pressa e quer voltar a Paris. Ele está na Corte providenciando papéis. Vera e Luís tiveram que fazer duas cerimônias: uma católica, outra ortodoxa. Para casar na capela da fazenda, vamos precisar de uma licença do consulado russo.

Escapei por pouco de ficar no caritó. Tia Maria Gata confessou que fez magia para me arranjar marido. Eu, porém, estava acostumada a ser moça só, sem o olhar de pena que a família lança sobre as primas de mamãe. Elas tiveram que viver na fazenda como bicho do mato, entre o pessoal de serviços, reconhecidas por tranças que vinham de trás para a frente na cabeça, presas com pequenos laços de fitas pretas que prendiam também a rede caída sobre os ombros. Eram velhos corações repletos de novas feridas que passavam o tempo a dizer: “Estou com medo... Meu Deus!”. Tinham medo com razão. Não ter marido e filhos é desvio.

Meu noivo está contente. No meu dote seguem a fazenda Bela Aliança e os sítios Velho, Maria Barbosa e Serrote. Do inventário de mamãe, recebi doze apólices da dívida pública. Do de papai, a quantia de vinte e cinco contos de réis, na parte que lhe cabia da fazenda Bela Vista. Não sou noiva de pouco. Depois da cerimônia, quando o sacristão apresentar o livro fechado para mamãe colocar a esmola devida, lhe pedirei para meter ali gorda manjuba. Uns dobrões de ouro, se ainda houver, para manter a tradição.

Maurice me ofereceu uma cômoda miniatura com rendas finas, lenços bordados e raros xales de caxemira da Índia, luvas de pele e, sobretudo, joias pequenas e grandes. Madame Mercier explicou que a *corbeille* é um prêmio por minha virgindade.

Mamãe e ela me fizeram sentar no jardim. Severas, gaguejaram sobre a importância do estado de casada. Segundo ambas, o homem e a mulher se constituem em metades de um todo que procuram se completar a fim de não se tornarem absolutamente inúteis. Existe o amor físico — mero estímulo interno, diz uma. E o amor-amizade, regulado pelas afeições, em que, posteriormente, o primeiro se converte, disse a segunda. E em coro: o essencial do primeiro consiste no prazer. Mas o prazer, uma vez conseguido, morre.

Os motivos para que o casamento perdure são a boa índole, as virtudes e a mútua condescendência dos esposos se desculparem de parte a parte. Devo me casar, não para satisfazer o apetite da natureza, mas, para ter um amigo e protetor, explicou mamãe. A mulher, ser menor e frágil, só existe amparada pelo homem, cravou Madame Mercier. E arrematou: o casamento deve ser baseado na

estima. Nada de alegrias inefáveis ou de ilusões juvenis. É um ato simples e grave.

E prosseguiu: “Monsieur Maurice é um indivíduo sadio e esbelto segundo o melhor tipo do seu sexo; de semblante e porte varonil. Porque um ente mesquinho e doentio não só vos incomodaria muito com suas contínuas enfermidades e impertinências, mas ainda vos daria filhos caquéticos e fracos, que não vingariam de certo... A idade de vinte e cinco anos é ideal. Porque, antes, ele não teria o devido assento e reflexão para ser bom companheiro e desvelado pai de família. E, mais velho, já tendo perdido algum tempo, seria tarde para educar os filhos. Sabe-se que é bom filho e, embora não seja um sábio, tem, pelo menos, um espírito ilustrado”.

Quanto à sua situação econômica, sublinhou mamãe: “Vale mais, minha filha, um homem de juízo e honrado sem riqueza, do que um crasso, estonteado e imoral”. Sobre a infidelidade do marido, ambas concordam que o homem, por sua vida mais livre e por sua educação, é mais facilmente tentado a cometer infidelidades conjugais, sem que por isso grande nódoa o emporcalhe. O mundo olha com indulgência a traição cometida pelo homem, mas não desculpa de maneira alguma a da mulher.

Em voz baixa, mamãe recomendou que, no quarto e no leito, houvesse pudor e castidade. Porque a mulher que se abandona a todos os caprichos e fantasias se faz desprezível não só aos olhos de sua própria consciência, mas também de seu marido — se ele não for libertino e debochado.

Perguntei que caprichos poderiam ser esses? Ela me disse que estava cansada e que tia Maria Gata poderia me explicar as coisas da vida. Depois, passamos ao modelo do vestido publicado em *O Espelho*: “Um saiote aberto na frente, cercado de fofos, mas mangas muito largas cercadas de fofos como os do saiote, o corpinho é fechado com cabeção que vem até o cinto, onde se prende por um laço de fitas, cujas pontas prendem ao comprido do vestido. O véu preso à cabeça pela coroa de noivas cai pelos ombros”.

Deixei ambas com uma imagem com que sonho: o incenso se elevando do altar em espirais aromáticas e, da galeria, a nuvem de pétalas de rosa derramando-se sobre os noivos. Fui procurar tia

Maria Gata. Pedi-lhe que me explicasse as coisas da vida. Sua corrente de pedras azuis e brancas arfou no pescoço de ébano. Ela me levou até a cocheira do garanhão de papai, que mascava capim e abanava as moscas com a cauda sedosa. Acariciou sua garupa poderosa e... o que me disse, não ousou reproduzir.



Rio de Janeiro

Journal

AGOSTO DE 1865

OS JORNAIS estão cheios de notícias sobre a guerra no sul. O tio de Luís César tinha razão: o império não está preparado. Os paraguaios capturaram a cidade de Uruguaiana e as ruas da capital estão cheias de voluntários para integrar batalhões. Os que podem, pagam ou compram escravos para substituí-los, numa demonstração de falta de coragem. O que disso pensaria um *barine*?⁵ No grande império do Norte, não conhecemos a covardia. Que o diga a participação de *papa* ou do príncipe Galitzine no cerco de Sebastopol, sob uma chuva de obuses. Por sua vez, os negros cativos correm para o exército, pois lhes foi prometida liberdade se... se voltarem vivos.

Comenta-se, ainda, o possível empréstimo de sete milhões de libras esterlinas do Banco Rothschild ao Brasil e uma visita do imperador, em breve, aos campos de batalha. Tentei oferecer os préstimos de tio Garfinkel em armas e alimentos. Recebi um olhar gelado do tal barão de Caxias. Está tudo na mão de certa empresa Lanus, cercada, aliás, de maledicências. Ainda não entendi o que

pensam os brasileiros da raça hebreia. Dia desses, abri o livro com fecho de latão que tio Garfinkel me deu: tem orações e lamentações, dias de jejum, manchas de sebo e cheiro dos sais aromáticos que se usam no Yom Kippur. Nem sei por que o coloquei no fundo da mala, talvez por superstição. Afinal, somos católicos ortodoxos.

Os preços do feijão, arroz e farinha são altos. O povo saiu às ruas gritando: “Queremos carne sem osso e farinha sem caroço”. Repressão violenta contra os revoltosos! Fala-se em carestia, pois, atualmente, os escravos só plantam café. Eles são em menor número desde que se impôs a proibição ao tráfico, o que provocou muita cólera. Para obter estabilidade, o imperador alterna conservadores e liberais no Ministério: um rodízio que parece fazer todos felizes!

Na Corte, se comenta sobre passar do trabalho escravo para o trabalho de homens livres, vindos da Europa, como se está fazendo nos Estados Unidos. Na província de São Paulo, já há estrangeiros nos cafezais. Mas, no Vale, silêncio. Lá, os cafeicultores se defendem dizendo que libertam seus cativos quando nascem ou casam, e que não são maltratados, ao contrário dos Estados Unidos, onde os negros não podem andar nas ruas, nem entrar nas igrejas. Comenta-se que o imperador recebeu uma carta de intelectuais franceses, pedindo o fim da escravidão: “Que o império deixasse de ser a última terra cristã manchada pela servidão”.

O dote de minha noiva é bom e nos dará do que viver. Ela é muito jovem e infantil. Outro dia a ouvi aos pulos na cama, fugindo de rezar o terço e das admoestações de tia Maria Gata. Já gosto da velha preta, mas ela será inútil em Paris. Será preciso pedir a *maman* que prepare *Nicotáh* para fazer belas visitas, bem conduzidas. A etiqueta deve policiar os sentimentos. Na civilização perfeita, nada de estrepitoso riso ou de queixas sobre o esforço de fazer frases graciosas. Não a deixarei alegar enxaquecas para não sair. Vou levá-la ao Louvre, aos Inválidos, à Notre-Dame, e para assistir a uma representação de gala no Théâtre-Français ou a um concerto à beira do lago. Não posso deixá-la citar erradamente poetas, baralhar épocas, distribuir inépcias ou bocejar atrás do leque durante a ópera. Tampouco imagino como será recebida entre as belezas louras e cor de creme nos salões. Sua pele não é clara, mas seus

cabelos, belíssimos, e os olhos... olhos negros que ora riem, ora se tornam tristes e incertos. Secretamente, tenho segurado suas mãos. Agora que estamos noivos, ela deixa. E outro dia, no laranjal, vi seus pequenos pés nus, cobertos de poeira, secando ao sol. É altamente desaconselhado exibi-los, e fiquei constrangido por mim e por ela. Mas eu estava hipnotizado por esses pezinhos. Ao sentir meu olhar, ela os escondeu sob a saia.

Quanto ao casamento: Luís César tinha razão. Tudo se revelou menos complicado do que eu imaginei e se desenrolou com rapidez, facilidade e simplicidade. Contudo, que grande passo darei. Vera está ajudando na escolha do enxoval. As escravas costuram dia e noite os modelos enviados pelas modistas da Corte.

Está uma linda tarde e o hotel, quase festivo. Aqui, só há pessoas que parecem não ter nenhuma preocupação. Eu deveria ter nascido para uma vida assim. Seria lindo. Pena! Tenho *maman* que desconhece a aritmética e dilapida tudo o que possui, mais uma irmã para casar e o jovem Eugène, que promete preocupações. Da rua vêm os gritos dos negros e o cheiro do café cru. Respiro e ouço os palavrões dos carroceiros. Um dia também embarcarei meu café.



Rua Larga

SETEMBRO DE 1865

CHEGOU SETEMBRO e cai a noite. Calou a gritaria das tropas imperiais em exercícios. Tampouco se ouvem as vozes infantis vindas do seminário dos órfãos de São Joaquim. Os escravos que oferecem seus serviços no Campo de Santana se recolheram a algum *zungu*⁶ para beber, conversar e jogar. Nesta noite, não há festa no palacete do barão de Itamaraty. A rua está vazia. Estou triste e contente ao mesmo tempo. O verão passou rápido, levando meus projetos na Fazenda do Pinheiro. Eu queria fazer uma escola para os filhos dos escravos e bordar roupa nova para o Menino Jesus do presépio. A ideia se desfez como uma bolha de ar. Entrei no mundo das pessoas grandes. Todos me dizem que mil projetos maravilhosos me aguardam. Nada sei.

Maurice? Não sinto ainda sinais do sentimento que, também dizem, é a experiência humana mais misteriosa que existe. O amor, quando vier, trará todas as virtudes do Céu, despertando em mim emoções puras e generosas como as dos romances? Sei, apenas, que meu Anjo da Guarda sorriu e nossa união se fará em seu seio. Ainda não nos beijamos.

Cada vez mais pesado, o ar se encheu do cheiro de chuva na terra. De minha cama, vi as nuvens se juntarem lentamente e, de dentro delas, nascerem raios majestosos. Ah! Deus reina sobre o mundo! De repente, tudo escuro, um dilúvio de fogo, trovões e o barulho das grossas gotas no telhado. Acendi uma vela na cômoda dos santos e rezei a Santa Bárbara, protetora nas tempestades.

Como me separar de minha gente? Senti a presença de meu pai: forte, alerta e colérico. Possa ele repousar em paz, em meio aos cafezais. Deixarei mamãe, que passa os dias em fria preguiça. Mas pior do que tudo: deixarei tia Maria Gata. Percebi o laço que liga minha existência a essa mulher forte, imponente e autoritária, perfumada de murta e manjerição. Ao mesmo tempo escrava e membro da família, quantas vezes a vi brigar com mamãe por causa de “nossa *fia*”, para depois chorar só, sentindo-se injustiçada. O que sei sobre o bem e o mal não aprendi com meu tio padre, mas com ela e suas estórias exemplares. Ela embalou meu sono, cuidou do meu peito misturando leite com mastruço, me ensinou a rezar e cantar velhas orações e canções. Tia Maria Gata me quer bem. Quanto às minhas irmãs, tenho por elas sentimentos diferentes. Mana Célia se inflama rapidamente como papai, mas obedece ao marido como uma ovelha. Mana Rita Belmira é criança sorridente e, por ser a última, muito mimada por mamãe. Esse é meu adeus à casa onde cresci. Desejei um casamento, contei os dias e o dia chegou. Cedo. Digo adeus aos móveis, aos livros, ao piano, aos cães que me seguem com os olhos e ao gato, quieto sobre a cama onde não dormirei mais.

Quando a tempestade se foi e a calma caiu sobre a casa, me levantei e fui até o jardim. Na sala, cruzei com mamãe que, pela janela, olhava fixo uma última nuvem de chuva se arrastando no céu. Respirei a frescura úmida das plantas. Debaixo da goiabeira, achei um fruto molhado. Devorei-o com lama e tudo. No misterioso negrume da noite, vi uma estrela silenciosa que me olhou também. Sem palavras, o que ela me diria?



Fazenda Bela Aliança

OUTUBRO DE 1865

CHÈRE MAMAN,
Sucesso! Estou casado e bem casado. Nossas fortunas se atraíram mutuamente por irresistível paixão matrimonial. Mais: acordo e durmo no que é meu. Abro as janelas e vejo os cafezais a perder de vista. À tarde, os escravos vêm tomar a minha bênção, dizendo “*Siô seja louvado*”. Fico de pé na varanda, coberta das flores azuis das glicínias, contando cada cabeça de homem ou de gado que chega. Bela Aliança em nada se parece com nosso *hôtel particulier*⁷, coberto de dourados e mármore ou a propriedade em Gatchina⁸, onde respirávamos o ar glacial, porém tônico, das manhãs de inverno no rio Neva.

Plantada no Vale, trata-se de uma construção sólida em dois pisos. Na parte de baixo, portas e janelas se sucedem, revestidas de pedra de cantaria. No piso superior, mandei remodelar as janelas e instalar vidros coloridos à maneira europeia, em arco medieval.⁹ Pretendo arrumá-la com gosto. Aqui, leilões de móveis ingleses e franceses são comuns. Nas lojas da Corte, exibem-se toda a sorte de

bibelôs para encher os armários. Artistas? Poucos, mas trarei quadros de Paris quando retornar.

A cerimônia foi na capela da Fazenda do Pinheiro, assistida por um representante da embaixada da Rússia. Fez falta o nosso ritual: os dois coros, a taça da qual o casal bebe junto, os oficiantes cobertos com tiaras de pedras preciosas e mantos dourados sobre os quais se destacam suas barbas prateadas. Senti, igualmente, não ter dado a volta três vezes ao altar, de mãos dadas com minha esposa, símbolo da união conjugal e da fidelidade com que caminharemos sempre juntos, ao longo da vida. O cerimonial ortodoxo tem um silêncio e um recolhimento só quebrados pela música que leva a Deus a homenagem de todas as suas pompas.

O padre era um parente, recurvado como um caracol, a cabeça toda branca e ar cansado, que lançava olhares pouco graciosos à assembleia. Houve um momento em que o douramento do altar, abrasado pelos raios de sol que filtravam as aberturas, formou uma espécie de auréola sobre nossas cabeças. Tomei como um sinal de boa sorte. Fora da capela particular, o barulho dos brasileiros: gargalhadas, vozes altas, gritos dirigidos aos escravos e, lógico, suas respostas no mesmo tom. Seguiu-se um banquete, baile, taças de caríssimo sorvete, a orquestra de dom José e um batuque de tambores africanos que não deixou ninguém dormir. Aos escravos foi dado fumo e cachaça para comemorarem.

Uma vez resolvido o problema do matrimônio, confesso, *maman*, o clima começa a me cansar. Cansaço nascido de algumas descobertas sobre esse império. A hospitalidade tão elogiada é apenas uma política que consiste em contentar os estrangeiros, a um custo mínimo de sinceridade. Entre os viajantes, os que se deixam mais prazerosamente enganar, são os mais bem-vistos. Sobretudo, quando têm dinheiro. Vejo, no fundo, uma violência hipócrita, como a que conhecemos no império russo. As eleições, os cativos, as brigas por terras ou contra desafetos são intensas. Mas em tudo é preciso se fingir civilizado, falar de liberalismo e apreciar a Europa. Parece que todas as classes conspiram num acordo maravilhoso para fazer triunfar a duplicidade.

Como os russos, os brasileiros têm uma naturalidade em mentir que me apavora: são falsos homens cordiais. Mandam na vida pública com o mesmo despotismo com que o fazem em casa. Tudo o que eu admiro na França, detesto aqui, pois pago um preço altíssimo: ordem, calma, elegância, polidez, enfim, o que faz o charme das sociedades bem organizadas, o que dá um sentido às instituições políticas, se confunde no Brasil com um único fator: a violência. Grandes ou pequenos, os brasileiros, como os russos, estão embriagados de escravidão. Não sei por quanto tempo aguentarei esse bando de mascadores e cuspidores de tabaco, as mulheres vestidas com exagero, arrastando atrás de si seus caipiras relutantes.

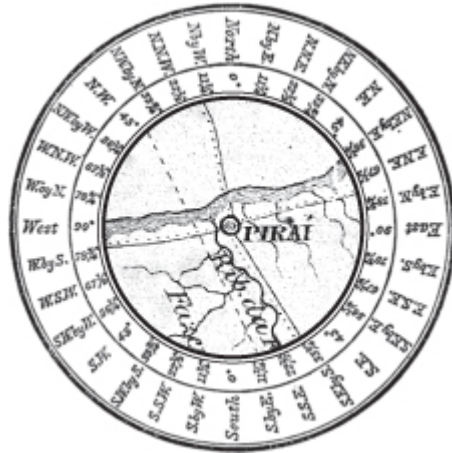
Qualquer império é corpo sem vida, colosso que sobrevive graças à cabeça do czar ou do imperador, mas cujos membros, se privados de força, fenecem. Daí uma inquietação profunda, um mal-estar que não nasce dos excessos da prosperidade material, pois, ela atinge a pouquíssimos. Ele é expressão de uma doença orgânica. Ambos os impérios são caldeirões bem fechados, mas pousados sobre fogo lento. Um dia explodirão.

Eis porque quero levar *Nicotáh* o mais rápido para Paris. Passaremos o Natal com você e seu *starets* irá abençoá-la. Ela é uma página em branco: frágil, recatada, obediente e pura como um anjo. Lembre-se, *maman*: não a conheci num *salon*, mas numa fazenda. Ela terá que ser ensinada a entreter palestras e cultivar o espírito, a dançar uma valsa ou cantar uma ária, a declamar versos, a criticar com graça e sem maledicência, a receber num ambiente de cordialidade e a realçar sua beleza selvagem com as últimas invenções da moda.

Quanto a mim, sou um homem de fé na observação, no cálculo, na razão. Fé no progresso, pois serei criador, produtor. Tenho um credo: o único indivíduo que possui alguma chance de estabilidade neste mundo é aquele cuja mão é feita para renovar. Aquele que inventa a cada dia e, uma vez abatido, é capaz de se levantar e a tudo refazer. O homem moderno é aquele que quer, que faz e que sabe aonde vai. E minha direção são os cafezais que dirigirei com mão de ferro, de Paris. Bem, *maman*, conto com você, Nadine e Eugène para consolidar meu projeto brasileiro. Avisarei, assim que

Luís César e Vera reservarem suas passagens. Partiremos juntos, de volta. Aliás, soube que há cólera em Paris: quatro mil mortos em dois meses. Será verdade?

Receba o abraço terno de seu filho,
Maurice



Fazenda Bela Aliança

DIA DE FINADOS, 1865

A VISITA AO CEMITÉRIO já começou e levarei flores ao túmulo de papai e vovó Gangá. Mas não estou triste, estou em lua de mel. Meu marido explicou-me que é uma invenção inglesa para jovens esposos se conhecerem melhor, longe das respectivas famílias. O beijo: agora sei. Nada será como antes. Nossas bocas se colaram e sua língua molhou meus lábios. Foi como um fermento. Senti o sangue circular mais rápido e um grande calor em todo o corpo. Sua saliva tem gosto de fruta. É como se nos bebêssemos. Madame Mercier já tinha me explicado que a boca é lugar de sensações arcaicas. Não me disse quais. Explicou apenas que, entre os pigmeus africanos, a boca é reservada para cortar carnes, e os esquimós do Polo Norte usam a língua para limpar seus bebês, mascar o couro ou consertar lâmpadas de óleo de baleia. Mas a minha serviu para salvar-me da doença de peito. Agora sei que beijos têm poder de cura. Sinto meus sentidos alterados, as faculdades distorcidas e umidade entre as pernas. É uma profunda sensação.

Maurice gosta de apertar meus pés. Na primeira noite, eu sentada na cama, ele se ajoelhou e examinou-os com atenção. Não sei bem se era curiosidade ou outra coisa, mas seu olhar escureceu. E, de olhos fechados, levou meus dedinhos à boca. Sugou-os lentamente. Depois, de pé, tomou meu rosto entre as mãos, beijou minhas pálpebras, as faces, as orelhas, o nariz e a boca. Seu bigode e barba perfumados me fizeram cócegas. Tentei não rir. Depois me fez o que tia Maria Gata explicou que fazem os machos na natureza. Não tive medo ou fiquei chorando no fundo da cama, chamando por mamãe, que, aliás, tinha me cochichado palavras como sacrifício, obediência e bênçãos celestes, enquanto me despia do vestido de noiva e retirava as flores de laranjeira do cabelo. Tivemos alguma dificuldade, pois ambas as camisolas eram largas, a minha cheia de rendas e fru-frus e a abertura na frente, estreita, com o bordado “Deus abençoe este lar”. Agora, simplesmente levantamos os panos. Ele diz que quando durmo, ronrono como um gato sobre um tapete, diante da lareira.

importante, é fazer riqueza com a fazenda. Será preciso macadamizar o terreiro de secagem e, assim que possível, importar despoldadores e ventiladores da Inglaterra. Nada disso temos na Bela Aliança. Em compensação, as tulhas para armazenamento dos grãos estão em bom estado. Habituei-me com relativa facilidade ao cotidiano da fazenda: ouço tocar o sino para acordar os escravos quando nasce o sol. Da varanda, assisto a sua formação, inspeção e distribuição de tarefas diárias dadas a diferentes grupos pelos feitores. Depois há uma reza coletiva, da qual nada entendo. Os cativos misturam palavras tribais ao português, mas parece que a religião é uma forma de doutriná-los aos costumes civilizados. Há fazendas cujas capelas trazem sempre santos negros, como Elesbão e Benedito ou um São Baltazar, para lhes inspirar simpatia e convencê-los de que os queremos bem.

Sentirei falta das horas em que percorro a cavalo o alinhamento vertical dos pés de café e faço questão de memorizar os rostos negros que se curvam, colhem e levantam, curvam, colhem e levantam, sem aparente cansaço. Cada um deve se ocupar de dois mil pés por dia. Depois do pôr do sol, eles regressam dos campos. O toque de recolher é dado entre oito e nove da noite, quando se internam nas pequenas células da senzala. As únicas aberturas são frestas gradeadas. Há nova contagem. Ainda prefiro as isbás fumarentas e escuras, que mais parecem buracos cavados nos campos, mas onde há liberdade de movimento. Dom José disse-me que, outrora, os cativos moravam em casinhas de barro, mas os plantéis e o preço dos cativos cresceram tanto que, atualmente, é preciso maior controle. Os temidos quilombos se espalharam pelo Vale abrigando fugitivos. Então o feitor tranca todos. Não me admira se uma noite ele aparecer à beira do caminho, com uma faca nas costas. Ou num fundo de lagoa com uma pedra ao pescoço. Quem o matou? A horrível escravidão. Nem imagino uma fuga em massa ou o massacre dos senhores!

Nas últimas semanas, passei as tardes na biblioteca da cidade. Ninguém a visita em busca de informações técnicas, só para a leitura de romances. Encontrei um livro publicado em inglês há mais de sessenta anos, mas que trouxe informações importantes: O

plantador de café de Santo Domingo. O autor é um francês, certo P. J. Laborie. Diferentemente do que fazem no Caribe, aqui falta capina mais suave e adubação. Em Bela Aliança, a erosão do solo já vai ficando evidente, pois eles não têm o nosso *tchernoziom*, as “terras pretas” das estepes. Lá nas ilhas do Caribe, se colhem cerca de trinta arrobas por mil pés. Aqui, cinquenta ou sessenta. Lá, quando o escravo ultrapassa a sua cota, ganha dinheiro. Aqui, lhes damos a noite de sábado, para fazer batuques e danças, e o domingo inteiro.

Ah, o domingo! Vejo-os partirem para a vila, onde já têm fregueses, com carás, bananas, amendoim, produtos que cultivam, caças vivas ou mortas, os cestos e cuias que produzem. Vão contentes. Podem então fumar, tocar viola, jogar e beber aguardente sendo servidos pelo caixeiro branco. Tenho dúvidas sobre se devo adensar ou não os pés de café ou se devo aumentar de dois mil para cinco mil o número de pés trabalhado por um escravo. Enfim, deixei tudo isso engavetado pois, por enquanto, temos bastante para viver com muito conforto. Em meu lugar, ficou Manuel, filho de tia Maria Gata, para administrar os feitores. *Nicotáh* o conhece desde pequena. Cada qual mamou num dos peitos da velha negra. E juntos!

Mas, “*al mare*”, é hora de deixar as preocupações com o cafezal para trás, vestir-me e rumar para a mesa de jogo. Hoje, temos bacará.



A bordo do *Navarre*

FINS DE MAIO, 1866

DEIXAMOS A CORTE e, ao passar diante da capelinha branca de Nossa Senhora da Boa Viagem, orei. O vento vindo da terra enfunou as velas do *Navarre*. No céu, uma grande tenda cinza-clara nos envolveu num lençol meio sujo que, não deixando passar toda a luz, me fez descobrir um mar de chumbo. Flutuamos sobre essa barreira fatal que separa dois mundos: o oceano. Há quem veja nas águas um buraco amargo. Os orientais o denominam “a noite do abismo”. Em todas as línguas antigas, da Índia à Irlanda, o nome do mar é sinônimo de deserto ou noite, contou-me Madame Mercier. Toda a tarde, verei o sol afundar, não atrás dos cafezais, mas das ondas de um vermelho sinistro. Transparência, como nas águas do Paraíba? Não. Opacas e pesadas, as vagas batem com força no casco do navio. Sei nadar e nadei muito com as negrinhas no rio. Todas juntas, camisas brancas e compridas, o algodão colado aos peitos e coxas, aos gritos. Mas, aqui, sinto que uma mão potente me esmagaria. O barulho surdo e uniforme nos embala à noite. O balanço não é proporcionado por

coisas mecânicas, mas por essa vida que flui, habitada por mil criaturas invisíveis.

A terra se afastou. Primeiro verde e depois branca. Vou para outro lugar, serei outra pessoa. Vera e Maurice já me explicaram que há muito a aprender. Que tudo é diferente. Terei que ser diferente. Outra. Entendi que ser brasileira não é lá grande vantagem. Mesmo com dinheiro. É como ser russo. Sempre vistos com desprezo pelos franceses. Passeio no deque todos os dias olhando o mar. Lá embaixo, nas profundezas, tudo é calma e fecundidade, enquanto na superfície podem soprar ventos furiosos. No céu, brigam nuvens. Sinto-me insegura. Tia Maria Gata não está aqui para me consolar, dizendo que tudo tem um sentido. Só ela jogava búzios sobre os panos coloridos e dava um significado à vida. Búzios, criaturas marinhas, nacaradas e pintadas de azul: os *dilogum*. Era preciso que caíssem de boca para cima para que ela ouvisse o que contavam.

Sinto-me como as medusas que vejo flutuar. Gelatinosa, dotada de fragilidade, desarmada e lançada à aventura sem instrumentos próprios de navegação. Mesmo depois de mortos, esses seres flutuam. Nadam, deixando boiar seus longos tentáculos. Tentáculos finos como os meus cabelos. Cada uma é um pequeno mundo. Quero, também, ser o meu pequeno mundo.

Vera tem sido amorosa. Enquanto os maridos jogam, cochichamos, as cabeças juntas. Ela me explica, com revistas à mão, o que é a França. Não a de Madame Mercier, com seus reis, batalhas e sua Joana d'Arc. Mas uma França mergulhada em problemas: deputados pedindo mais liberalismo, Napoleão III retirando as tropas do México, a moda das creolinas em torno de cinturas estranguladas. Descreve com detalhes a Paris do *chic*, das operetas, dos *boursiers*, dos *jockeys*, do Bois de Boulogne, dos jantares no Chez Vachette com ramos de violeta no decote e joias nos cabelos, das taças de Romanée-Imperial, das perigosas *cocottes* causadoras de desastres conjugais.

Depois, ela advertiu, será preciso ler toda a obra de Victor Hugo: romances, sátiras, dramas, poemas, crítica e discursos. Em tudo ele descreve a luta do homem com a fatalidade, a piedade pelos fracos e

pequenos, assunto nas melhores rodas sociais. Será preciso saber, também, quem expôs no Salão de Paris ou quem foi convidado para os vernissages, palavra que vem do verniz que os pintores passam, até o último momento, nas telas. Vera ainda me explicou a diversidade dos cardápios e vinhos, fazendo-me sentir uma índia botocuda, comedora de pedaços sangrentos de carne mal assada, antes do padre Anchieta vir nos ensinar os mistérios da cruz de Cristo. No fundo, as lições são humilhantes. Nada sei. Sinto-me minúscula, como uma acanhada medusa no imenso oceano.

Conto com Maurice. Dele, sinto-me próxima. Ontem, pela primeira vez, beijou-me como um homem beija uma mulher. Um verdadeiro beijo. A língua dentro de minha boca. Antes, nossos lábios apenas se encostavam, o que me enchia de um luxo de sensações. Agora, não durmo mais sem suas carícias, e nossos encontros me enchem de muda felicidade.

O telegrama chegou quando desembarcamos no porto de Brest. Morreu o sogro de Hélène, irmã de Maurice, amigo pessoal do imperador francês. Quando o filho se casou, a beleza da noiva foi comentada em todos os jornais, assim como a fortuna da família, vinda do “comércio russo”. Essa observação, explicou Vera, era uma forma sutil de arranhar a honra dos Haritoff, que, afinal, são condes! Por sua beleza, Hélène fora a “rainha das mais admiradas dos bailes” da época. O rei dos belgas foi o padrinho da cerimônia. Isso foi há cinco anos.

Portanto, meu primeiro gesto ao pisar solo francês, será comprar merino preto para um vestido de luto. Maurice terá que carregar no seu: luvas pretas, polainas pretas, lenço preto, gravata preta e cinza no chapéu. Não sei se tia Maria Gata não veria nisso um mau sinal...



Champs-Élysées

Journal

FIM DO VERÃO

O VERÃO PASSOU, o outono chegou. Meu sentimento de triunfo e orgulho viril trazido dos trópicos esbarrou em problemas. E o que fazer agora? Vou adotar, pelo menos em aparência, a maneira de viver de um nobre russo que divide seu tempo regularmente entre seus domínios no império do Brasil e o trem de vida parisiense. Visitarei os amigos com minha esposa. Nos dias de chuva, matarei o tempo na frente da lareira e do samovar com a família. Ou, ainda, me alongarei no canapé com um livro entre as mãos e, escondido dos criados, comerei geleia na despensa. Cedo ou tarde irá acontecer o que deve acontecer.

Quero esganar Eugène e ralhei com *maman*. Seus gastos não nos permitirão estar no mundo por muito tempo. Não em nosso mundo. Os casamentos das meninas e seus fabulosos dotes esvaziaram o caixa. Preciso sair daqui o quanto antes. Em minha própria casa e graças ao cafezal, controlarei melhor o dinheiro brasileiro, evitando que ele pague dívidas de um rapaz desmiolado.

Penso: a vida não é detestável, mas a família às vezes pode ser!



Paris

SETEMBRO DE 1866

QUERIDA MAMÃE,
Tenho escrito pouco, reconheço. Mas minha vida virou de ponta-cabeça. A distância atua sobre a emoção, assim como sobre o som. A dura lei que rege a acústica rege também a sensibilidade, mas, creia, não me esqueci de ninguém. Apenas fui distraída por tantas novidades. Pois chegamos à Paris no verão, sob o ar resplandecente que fez lembrar a frase repetida por Madame Mercier: a originalidade do universo está aqui. O mundo é uma cópia dos *boulevards* franceses. E tudo mais é imitação e provincianismo. Desde então foram tantas as mudanças que mal parei diante da escrivainha.

De fato, a cidade é magnífica e os canteiros das obras feitas pelo prefeito Haussmann estão em toda a parte. Mais de vinte mil casas foram destruídas para se construir mais de quarenta mil. Bairros e jardins inteiros saem do chão, os ricos migram para os *faubourgs* a oeste, e as fachadas dos prédios, combinando a mesma altura e decoração, são magníficas. Luís Napoleão em pessoa desenhou casas para os operários e fez os banqueiros participarem da renovação da

cidade. É o fim das ruas estreitas e medievais como temos no Rio de Janeiro. Aproveito, portanto, o início do outono para, do alto de minha sege, conhecer o recém-inaugurado boulevard de Sébastopol ou a rua de Rivoli, cujos trabalhos foram realizados até a noite, iluminados por luz elétrica, imagine!

Moramos numa área prestigiosa. Doze avenidas se encontram na praça de l'Étoile. Estamos na esquina dos Champs-Élysées e próximos à avenida Foch, distinta por sua excepcional largura: cento e vinte metros. Das janelas do segundo andar, vemos o Arco do Triunfo, construído por Bonaparte em louvor às suas próprias vitórias. A água potável jorra da torneira vinda do maior reservatório do mundo: o de Montsouris. Sem contar que aqui há esgotos. Nada de “tigres”¹¹ ou as intermináveis obras de saneamento do imperador, com mau cheiro em toda parte.

Mas, primeiro, é preciso contar-lhe de minha nova família. Minha sogra, dona Anne, a quem chamo de *maman*, é pessoa miúda, magra, dona de um pequeno nariz e de uma grande testa decorada por cabelos finos e frisados. Suas saias sempre engomadas farfalham quando anda. Quando vê algo de que não gosta, enruga o nariz como se sentisse um odor desagradável. Chama-me de “*mon enfant*”^[1] com ar indulgente, e a primeira coisa que fez quando nos conhecemos foi levar-me à sua modista. Qualquer desordem em minha pessoa, um fio de cabelo fora do lugar, parece revoltar seus instintos. Qualquer pequeno erro de francês é uma inconveniência. Ela gosta de repetir: o primeiro dever de uma mulher é ser bela, o segundo, ser estúpida.

Depois há o irmão, Eugène, um jovem insuportável. Bochechudo, untuoso como um porco, as coxas roliças estalando dentro das calças, ele aborrece muito a família com dívidas que, tão moço, já faz com cavalos de corrida. Seu apelido em Longchamps¹² é *Ballon!* [2] E há a pequena Nadia, cujo apelido é Nadine: uma mocinha não tão bela quanto Hélène e Vera, mas que tem gestos precisos e elegantes. Na parede da sala principal, de um painel escuro se destaca a palidez do conde Haritoff em seu traje de oficial durante a guerra na Crimeia: chapéu de pele, blusa abotoada de lado, calças bufantes e botas bordadas. No Exército, tinha o tratamento de “*Votre*

Noblesse”. A casa é frequentada por grandes nomes do nobiliário francês e russo, como os príncipes de Murat, os Troubetzkoi ou os Demidoff.

Todos os cômodos são garantia de luxo: cachos de lustres de cristal, o piso recoberto de tapetes, o perfume de flores nos vasos orientais. Eles têm trinta criados. Um deles em libré, só para abrir e fechar portas. Os escudeiros portam meias de seda e as refeições de quatro pessoas são servidas por dois garçons. Sou chamada Madame la Contesse. Mas é no segundo andar que sinto as raízes da família. Ali, estou na Rússia. *Maman* passa as manhãs lendo os jornais num *petit salon* coberto de ícones dourados e velas. Um samovar suspira sobre uma pequena mesa. As grandes janelas trazem cortinas feitas de tecidos trazidos da Crimeia, onde seu irmão tem negócios. Em meio a cruces de muitos braços pousadas sobre toalhas de linho fino, há um estranho castiçal de sete velas que ela acende às sextas-feiras. Vi fotografias da propriedade que os Haritoff possuem no campo, a quilômetros de São Petersburgo, e uma bela pintura da igreja de Santo Isaac no cais do Neva, em suas cores de ametista sob uma auréola cor-de-rosa.

Nas paredes, pequenos retratos a óleo de gente morena, de olhar fixo e sombrio, com trajes típicos. Uma tela de Alexandre Nikoláievitch Romanov, imperador da Rússia, rei da Polônia e Grão-Duque da Finlândia, em traje de gala domina a parede da lareira. Em outra, uma gravura da coroação da imperatriz Maria Alexandrovna na catedral de Dormition, em Moscou, pelo marido. *Maman* vive aí cercada do que chama *prijivalky*, gente com atribuições mal definidas como nossas escravas de dentro. Certa Dora tem por única função cuidar das zibelinas.

O verão foi sufocante, diferente dos nossos tropicais, à beira do mar ou na serra, onde há brisa firme. Segundo Maurice, poder-se-ia até torrar café dentro das casas. Carruagens circulavam arquejantes. As mulheres saíam sob sombrinhas para tomar limonada, e os homens, cerveja. Os cavalos das carroças portavam chapéus, e toda a folhagem das árvores secou. Só faltou os homens irem à ópera em mangas de camisa.

O grande assunto na imprensa é o fim das obras do canal de Suez e o fortalecimento do republicanismo. Fala-se muito em eleger um regime que represente a vontade nacional — nunca ouvi isso antes! “Coisa do povo”, diz *maman*, com o nariz franzido. Mas a verdade é que Luís Napoleão deu espaço aos deputados republicanos, eles ganharam a votação pelo direito de greve, granjeando, por sua vez, o apoio dos operários das inúmeras fábricas que crescem ao redor da capital. Sobre eles, diz-se que são ameaçadores. “Classes perigosas”, martela a imprensa: mistura de pobres e trabalhadores capazes de querer nossas cabeças, acusados de desordeiros e criminosos. Paris é rica e é pobre. Um dia escreverei sobre o que vejo pelas ruas, mamãe. Mesmo nossos mendigos do Arco do Telles são menos miseráveis do que os daqui.

Paris é um resumo da Europa. Aqui se fala de tudo, da Rússia ao Sião, do México, onde mataram o imperador Maximiliano, ao Egito. Há, porém, um grande silêncio sobre o Brasil. Ele parece perdido nas brumas atlânticas. Nem uma notícia, mesmo falsa. Nada! Só achamos seu rastro nos boletins financeiros que trazem a cotação do café e do câmbio.

Por isso, mamãe, peço que me escreva. Quero tanto notícias dos manos e manas, de tia Maria Gata e da Bela Aliança. Apesar de todo o luxo da cidade e da amizade de Maurice, às vezes sinto-me triste e só. Sim, conversamos bastante e trocamos ideias sobre nosso futuro. Por trás das palavras, porém, tenho dúvidas secretas sobre se serei feliz aqui. Não sabe a falta que me fazem os serões do cafezal.

Obrigada.

Sua filha muito amiga,

Nicota



Fazenda do Pinheiro

DEZEMBRO DE 1866

MINHA QUERIDA FILHA,
Já estávamos muito ansiosos pela falta de tuas notícias. Não digo como fiquei quando me apartei de ti. Só Deus, as escravas de dentro e tua irmã souberam porque foram testemunhas. Porém jamais falarei em saudades em minhas cartas. Deves estar lembrada do teu pedido: que eu não falasse em saudades. Privação essa que muito corta o coração de uma mãe. Porém o que não fará uma mãe extremosa por uma filha que preza?

Antes de irmos para a fazenda, passamos em Petrópolis, que está cada vez mais animada. Casas se alugam, hotéis se enchem e os divertimentos se sucedem. Nas ruas, as caleches cruzam como raios. A novidade são os bailes populares, pois os saraus e jantares são sempre na casa dos mesmos veranistas. Todo domingo e dia santo se enchem as mesmas igrejas, com os mesmos devotos. A moda é olhar fotografias e fazer jogos de palavras. Peço-te que envie fotografias tuas e de Maurice para que possa exibi-las nas visitas que faço e onde sou recebida com todas as amabilidades. Na casa das

Machadas, nos receberam como eu gosto, e dali fui aos Amarais que me ofereceram presentinhos de frutas. Estão gratos pelo que teu pai fez por eles: antes de finar-se, arranhou-lhes um lote de excelentes escravos.

A princesa Isabel ali passou o verão, pois seu marido, o Orléans, andou de arrufos com o imperador. Fala-se mesmo na retirada do casal para a Europa. Sogro e genro não se dão. Na Exposição Nacional, um balão caríssimo foi exposto: é a nova arma de guerra brasileira. Arma necessária, pois fomos batidos na batalha de Curupaiti numa derrota humilhante: nossas tropas foram massacradas ao atacar as trincheiras paraguaias. Os jornais dizem que o marquês de Caxias assumiu o comando das forças de terra e mar e que os escravos designados para o serviço do exército serão libertados ao fim da guerra. Sabemos, porém, que ninguém vai tirar cativos dos cafezais para agradar ao imperador.

Quanto ao Vale, começaram a circular notícias sobre pequenas fazendas cujas hipotecas não foram pagas, e suas terras, perdidas para os comissários de café. Os pretos dados em garantia foram revendidos. Sabes que teu avô e teu pai costumavam emprestar dinheiro para esses sitiantes, mas, nunca aos juros que estão sendo praticados nestes dias. Soube também que há um quilombo pequeno se formando perto da fazenda São Fernando, em Vassouras. Fica próximo aos nossos cafezais, o que me preocupa. Os feitores vêm aumentando a vigilância sobre os escravos vindos das províncias do Norte. São os mais rebeldes, pois lá deixaram amigos e família. Fazem tudo para fugir. O preço do café está seguro e Manuel consegue manter a tua produção. Mas, como diria teu pai, “só o olho do dono engorda o boi”. Maria Gata sempre enfiada no hospital dos pretos, preparando suas mezinhas. Dos meus, morreram alguns no mês passado. Seus manos vão com saúde.

Muitas saudades tuas.

Recomenda-me a Maurice e dona Anne,

Tua mãe amada



Casa Comissária Alves, Porto & Cia **Rio de Janeiro, Travessa do Paço**

JUNHO DE 1868

EXMO. SR. CONDE HARITOFF,
Senhor,
Recebi sua estimada carta e cumpre-me responder-lhe que colhemos 26.864 arrobas de café, arrecadando 2.066.707\$000 réis, resultado nada desprezível. Essa colheita compõe-se de café variado em cor, vermelho, esbranquiçado e preto. Aguardarei seu retorno para escolhermos a máquina de beneficiamento, agora oferecida pela firma Furquim Lahmayer & Cia. O total de despesas da fazenda montou a 84.845\$061. Lancei no Livro de Contas os ganhos com o café exportado. Foram compradas oito bestas a cento e dez mil-réis cada, para repor a tropa da fazenda.

Subscrevi esmola para o Asilo de Santa Leopoldina, uma obra muito meritória e que dá valor à fortuna de sua família. Sua Excelência terá, assim, a consideração de barões e viscondes seus vizinhos. Solicitei um mutirão de escravos para limpeza e assoreamento dos caminhos que ligam Bela Aliança a Piraí, tal como

fazem seus parentes. Recebi por ordem da senhora sua sogra mais duzentos mil-réis que ficaram lançados em seu crédito. Paguei a Manuel, feitor, 26\$665 e a João Francisco, derrubador de árvores, vinte e seis dias, 5\$200.

Seu obrigadíssimo,

Domingos Alves da Silva Porto



Champs-Élysées

JANEIRO DE 1869

MA CHÈRE HÉLÈNE,
Espero que já tenham se recuperado da morte do general Magnan e escrevo para saber se está ajustada à vida em Bruxelas. Em Paris, vamos bem. Minha pequena *Nicotáh* se adaptou rapidamente. Ora é uma jovem esposa adulta que acompanha *maman* aonde ela vai. Ora é criança, costurando e vestindo as bonecas de Nadine. Esta semana vou levá-la à casa de nosso tio Garfinkel. Pergunto-me: como você fez à época do seu casamento?

Os *brésiliens* são muito católicos e descendentes dos portugueses, entre os quais ainda vigora o Santo Ofício sob um novo nome: Sacra Congregação da Romana e Universal Inquisição. Hoje, pelo menos, sem pena de morte! *Nicotáh* não chega a ser uma daquelas beatas de rosário nas mãos e, lá embaixo, dava mais ouvidos ao que lhe dizia uma velha escrava africana, que via coisas em panelas fumarentas, do que ao tio padre. O catolicismo nos trópicos mistura danças, música de atabaques e crenças vindas da floresta ou da África.

Apesar de se dizer convertida e viver cercada de ícones, *maman* ainda acende o candelabro de sete braços às sextas-feiras. *Nicotáh* interpretou o hábito como sendo uma superstição para trazer sorte. Confirmei, mas ainda nem sei o que lhe direi lá na casa de titio. Enfim, Paris está cheia de israelitas ricos, cujas coleções de arte e dinheiro silenciam a quem lhes quer mal.

Como outros judeus que enriqueceram abastecendo os exércitos de nosso humanitário Nicolau II durante a guerra da Crimeia, tio Garfinkel ajudou a diminuir as restrições aplicadas aos hebreus na Rússia. O czar deixou entrar em São Petersburgo até rabinos vindos do estrangeiro, permitindo, também, a construção de um número maior de sinagogas. Graças ao czar, as medidas mais opressivas foram suprimidas e os “úteis” — comerciantes, artesãos e médicos — foram autorizados a morar fora de bairros determinados.

Mas ainda bem que deixamos o império. Soube que depois da repressão à insurreição polonesa em 1863, as minorias se tornaram visadas. Outro dia, aninhado no sofá em frente ao fogo, braços entrelaçados com *Nicotáh*, horrorizei-me ao ler no *Novoye Vremya* que os judeus são acusados de formar “um Estado dentro do Estado” ou de querer dominar a Rússia. Os jornais agora apoiam a vaga nacionalista eslavófila.¹³ Foi como se o ar gelado da Rússia entrasse pela porta, trazendo com ele o rumor dessas ideias sombrias. Ao ouvir a notícia, *maman* não conteve as lágrimas.

Aqui estamos longe de ver uma perseguição social, mas há suficientes sintomas de que a comunidade israelita começa a impacientar a França. Da Alemanha chega um odioso cheiro de auto de fé e, na semana passada, o *Spectator* de Londres descreveu os israelitas, assassinos de Jesus, como uma corporação isolada e egoísta, trabalhando só no próprio interesse, encerrando-se nas suas tradições e hostil aos Estados que os toleram. Como diz *maman*, quando a besta popular mostrar sua sede de sangue, servir-se-á sangue judeu à canalha. Ontem como hoje, a salvação da ordem justifica os suplícios.

Mas de onde provém esse ódio? Querem vingar o sangue de Cristo!? E isso tudo porque a riqueza israelita irrita. É a ostentação que enlouquece e gera furor. Ela incentiva que nossos parentes se

cubram de joias, que os arreios de suas carruagens sejam de ouro, e que amem o luxo vistoso que irrita os vizinhos. A lenda do israelita magro, nariz adunco, esgueirando-se pelas ruelas escuras é passado. Hoje, o judeu traz a cabeça alta, a pança ostentosa, e enche as ruas. Em Londres, Viena ou Berlim, nos cafés ou teatros, exibem um ar que escandaliza. Tudo isso já é desagradável, mas, o que dizer de nossa própria mistura? Nem totalmente semitas, nem ortodoxos e ainda casados com católicos?!

Eu, minha irmã, sob minha barba perfumada e a nova casaca de seda, apesar de filho de mãe judia e da frequência ao templo da rua Daru, sinto minha alma russa, profundamente russa, como a de Nicolau II, tendo apenas por fora, na roupa e nos modos, uma casquinha de Paris. Casquinha que logo há de cair, ressecada pelo sol do Brasil.

Responda-me e receba o abraço deste seu amigo e irmão,
Maurice



Paris

Diário

V“EJA, ESTÃO CASADOS há pouco tempo e já se gostam!” Ouvi isso dias atrás. O “já” significa que as pessoas se gostam à medida que se conhecem, que vivem juntas e gozam da companhia uma da outra. Tudo repetido no cotidiano? Não. Delicada nuance colore os dias que passam. Alguém escreveu que, para o homem, o amor é uma viagem de descobertas num pequeno mundo infinito. Ele vai de mistério em mistério, aprofundando o que lhe parece tão conhecido, mas onde descobre o insondável. E por quê? Pois compete à mulher recriar esse mundo, sempre.

Se chove, neva e os ventos trazem os pássaros do Norte anunciando um longo inverno, cabe à esposa aquecer a casa. Nunca um domingo triste. Mas, com vivacidade terna, ela deve animar o ambiente. Há quem diga que, quando os esposos se conhecem, não se amam mais. Vivem como estranhos no mesmo quarto. Porque jamais se ligam um ao outro, se tornam inertes como pedras encostadas uma à outra.

Conosco não foi assim. Nossas refeições são comunhão. Conversamos sobre nossos planos: a fazenda, os negócios do café, a

família. Ajudo com minha experiência no cafezal. Quando estou curvada sobre o bordado e ele me chama, respondo com doçura. Mesmo quando está entretido, lendo, Maurice sente meus passos ou a ondulação de meu corpo. Até nosso silêncio tem um ar íntimo e carinhoso. Só lamento não ter que colocar o dedo nos lábios, pedindo calma às crianças. Elas não vêm.

Não vêm porque sangro todos os meses. Minha ferida se renova. Sinto-me fraca, lânguida e doente. Maurice conhece as datas, os segredos, ele é o único senhor dessa história e o único capaz de mudar seu curso. Meu corpo chora os filhos que não faço. A maternidade conjuraria qualquer malefício e asseguraria a meu esposo o domínio do mundo. Afinal só ele é ciência, Lei, conhecimento. Sou apenas natureza, condenada a escorrer lágrimas, águas, suor e sangue. Ademais, dizem que o diabo se insinua na alma pelos pontos fracos do organismo que sangra. Tristeza e desânimo são suas armadilhas. Santa Teresinha confirma: o banho de melancolia é uma de suas terríveis artimanhas.

Lá embaixo, tia Maria Gata me manteria longe da cozinha onde brinco com as estações do ano, preparando geleias. Ela diz que, bebido, o sangue mênstruo enlouquece as pessoas. Que escurece espelhos e metais além de servir para feitiços e ligadura de amantes. É perigoso e poderoso ao mesmo tempo. Na fazenda, ficávamos isoladas. Só passavam as escravas com paninhos brancos, para serem lavados em bacia especial, longe dos olhos de todos.

A verdade é que, por não conceber, não sacio meu apetite pela missão que Deus deu: propagar a espécie. Olho os ícones longamente: nunca serei como a Virgem Maria, a Mãe pura. Quando as pessoas se casam, espera-se delas que gostem de ser acariciadas. Mas é preciso que os dois tenham vontade. Eu gosto e tenho vontade. É ridículo ter para essas coisas horas fixas, como se acende ou se apaga um lampião. Eu tenho vontade de acendê-lo, não de apagá-lo. Há coisas que chamamos de deveres de uma esposa, não?

Tia Maria Gata faria com que Maurice urinasse pela argola da campa de uma sepultura num cemitério, ou tomasse chá de folhas de figueira-do-inferno. Revolveria nossa cama para destruir as obras do demônio. Far-me-ia lavar as partes com erva-pombinha e assa-

fétida. Rezaria para Santo Hilário, protetor das famílias grandes. Eu só não aceitaria meter percevejos no cano. Vi uma vez uma escrava a quem ela fez isso para, “*desperta as coisa adurmicida*”. A moça não parou de se coçar por dias. O que diria *maman* se me visse fazendo um único gesto inadequado?!



Paris *Journal*

PRECISO ESCREVER à *belle-maman*^[1] com urgência. *Ma chérie*^[2] não está bem. Tudo começou no início da primavera. Primeiramente, achei que seria uma boa-nova. Mas à excitação seguiu-se a frustração familiar. Vera e Hélène já têm filhos. Entre nós, porém, não tem faltado trabalho. Anoto religiosamente em meu caderno o número de vezes em que a procuro. Ela não quer que eu a deixe tranquila. E eu, confesso, gosto de não ser deixado em paz. O problema é que o método já deveria ter dado frutos. Mas, ao contrário. O ardor de seu corpo se renova, sem que a semente caia em bom solo. Preocupo-me com meu desgaste. O médico já recomendou: não mais do que três vezes por semana.

Ao final da primavera a coisa se instalou. Não era uma gestação que a deixava cansada, mas a doença de peito que voltou. Lembrei-me logo dos unguentos da farmácia dos pretos. O milagre está longe, infelizmente. Não sei o que provocou o mal. Um vestido decotado numa ida à ópera ou a chuva que cai do céu sujo — a chuva

estúpida de Paris! Ela não se cobre com os xales que lhe presenteio e gosta de mostrar o colo e os pequenos seios de rola branca.

Ah, *ma petite chérie* e sua voz açucarada, agora entrecortada de tosse. Faça-a tomar todos os dias um “*bouillon de escargots*”, velha receita do *Tratado de Plantas Medicinais* do dr. Cazin.

A verdade? Sou eu quem deveria estar doente. Tudo me cai na cabeça. Vou regularmente ao clube pagar as dívidas de Eugène. Por que ele não optou pelo Círculo Náutico em vez do Jockey Club? Tenho vontade de pisotear o relógio que lhe permite apreciar com rigor astronômico a velocidade dos cavalos. Culpa de *maman* que sempre o protegeu. Aos exercícios corporais ela preferiu a intimidade com a aristocracia viciosa e decadente. Quando lhe falo seriamente, ele responde com evidente preguiça: “Que coisa aborrecida falar de trabalho agora... Vamos a um restaurante. Lá conversaremos”! Ele, que só diz coisas sem pé nem cabeça, consegue exercer certa autoridade sobre seus colegas de jogo. *Ballon*, como todo trapaceiro, tem uma postura fidalga e altivez cavalheiresca. O ideal seria arranjar-lhe uma herdeira. Falarei com as irmãs, que devem conhecer alguém. O risco é de vê-lo destruir a família e, sobretudo, nossa honra, que é nosso bem mais precioso.

As contas da casa também se acumulam. E, a bem dizer, tenho jogado a dinheiro. Achei que meu vício tinha acabado, mas acreditei também que, com um pouco de sorte, poderia saldar dívidas familiares. “Três, sete, ás... Três, sete, dama”, o truque não funcionou comigo como com a princesa Galitzine. A fortuna de *Nicotáh* foi investida de forma prudente, embora não tenhamos, nem eu nem ela, o gosto burguês pelas economias e pelas reservas. Evito a especulação da Bolsa, que vem levando conhecidos à ruína, mas os imperativos mundanos, joias, roupas e jantares, corroem o meu, digo, o nosso dinheiro.

Os anos têm sido quietos e fáceis, mas, sinto que a situação vai mudar. Os sobressaltos que nos empurraram para fora da Rússia se aproximam. Outras razões, sem dúvida: lá foi a perseguição aos semitas. Aqui, será a mudança de regime e a crise. A sociedade que só pensa em rir e dançar se partirá ao meio. Vejo conviver prazeres com miséria. O frenesi das centenas de festas de rua com seus

músicos ambulantes, dos cabarés, dos cafés-concerto, brilha e, depois, se apaga. A alma do povo se move lenta, calma, pesada, como o mar. E de repente, das profundidades, surgirão dramas, figuras sinistras e violência.

Primeiro, pela rejeição à tutela monárquica. “Napoleão, o pequeno”, como diz Victor Hugo, tentou satisfazer o povo ao criar o regime de pleno emprego e amordaçar as elites. Queria ministros que o ajudassem a remediar a pobreza. Sensível e taciturno, caloroso e brutal, ele se apresentou como defensor da ordem e da segurança. Quando chegamos a Paris, o imperador tinha restabelecido a supremacia francesa na Europa. As obras de Haussmann colocaram um fim às cloacas em Paris, novas linhas férreas ligaram todo o país, ele financiou sindicatos e até criou um fundo de pensão para vigários de paróquias pobres!

Agora, os anos se tornaram difíceis. Paira o perigo da guerra com a Prússia, os deputados se opõem ao governo, os lavradores lhe são hostis, os investimentos migraram para a Espanha — influência de sua piedosa e elegante mulher, Eugênia. Mas quando os espanhóis ofereceram seu trono a um alemão, os riscos políticos se somaram aos econômicos. O imperador não se conformou em ver a França atrás da Alemanha. Mas, como fazer a guerra, se ele não monta mais a cavalo, caminha com dificuldade e suas crises urinárias são tratadas com ópio? A seguir, os problemas econômicos: a França não tem recursos naturais e importa um terço do carvão que consome. Sua indústria têxtil não tem consumidores como ocorre com Alemanha e Inglaterra. Os impostos sobre os produtos consumidos são altos e, por sua vez, alimentam as despesas militares. Enfim, aqui, nada é certeza tranquila.

Lá embaixo teremos uma vida mais sóbria. É preciso reduzir os gastos. As críticas que a família já despeja serão mais fortes se voltarmos de mãos vazias. Assumi uma enorme responsabilidade no cafezal e sinto, hoje, seu peso. A doença de peito junto com a nostalgia de um pedaço de céu azul serão boas desculpas para um retorno com pompa.



Carte de Visite 14

FINS DE JANEIRO, 1871

MANA RITA BELMIRA querida,
Agora que acabou a guerra aí embaixo, começou uma aqui em cima. Vamos voltar assim que for possível. Envio-lhe este retrato com meu último vestido, presente de Maurice. Note que a saia é achatada na frente e bem, bem arredondada atrás. A cabeça traz trança em diadema na frente e coque. É a moda! Posei no ateliê de Disdéri, fotógrafo do imperador, em meio a um cafarnaum de objetos exóticos com os quais ele cria cenários das mil e uma noites! Imagine que ele tira de três a quatro mil retratos por dia!

Respondo às suas perguntas: sim, é verdade que aqui pensam que o Brasil é um país de selvagens e cobras venenosas. Mas que mal há nas coisas que existem selvagens? Elas dão ao universo um delicioso sentido de pitoresco. Com a mania francesa e burguesa de reduzir todas as regiões e todas as raças ao mesmo tipo de civilização, o mundo vai se tornar abominavelmente monótono!

O que faço? Hoje, por exemplo, ao me levantar, embrulhada num *robe de chambre*, dei mil ordens, pois a vida moderna tem suas

complicações. Um candeeiro de gás está vazando. Há um telegrama a expedir e um recado à *maman* para combinarmos a hora de dar um pulo à igreja. Organizo o cardápio, porque há amigos para jantar. Arranjo flores nos vasos. Vigio a criada que espana os *bibelots*. Leio os jornais e me fecho no quarto para escrever a correspondência ou tratar da questão do criado que se despediu por birra com o cozinheiro. Só então posso me ocupar de minha *toilette*. Às duas horas, a caleche vem me buscar, passamos na rua Daru e depois vamos ao Grands Magazins du Louvre, na rua de Rivoli, examinar as novidades. Apresso-me a voltar para casa, onde discuto novamente com o cozinheiro sobre o jantar. Substituo um prato de última hora. Passamos à mesa com os convidados: conversas, sorrisos, discussão sobre política, boatos, maledicências. Os homens acendem os charutos e partimos para o teatro. A uma da madrugada volto sonolenta para casa: chá, romance para adormecer e Maurice roncando ao lado. Proibi-lhe o uso de boné ou lenço amarrado à cabeça na cama. Não lhe ficam bem.

Diga-me se mamãe deseja que lhe leve tecidos e fitas daqui. Eu o farei com gosto. Quanta falta sinto do vento nas palmeiras da alameda de Bela Aliança. E do canto dos escravos durante a colheita de café. E das estórias de tia Maria Gata. E, com certeza, minha Rita Belmira, saudades de vocês também.

Sua mana querida,
Nicota



Bruxelas

12 FEVEREIRO DE 1871

MEU BOM MAURICE,
Escrevo para agradecer o bellissimo chocalho em prata que nos enviou pelo nascimento de Luís Maurício. Para nossa sorte, Eugène o trouxe sem perdê-lo num jogo durante a viagem. O pequeno é adorável e nos traz muitas alegrias. Deus também há de abençoá-los com filhos. Bruxelas é um posto agradável e a secretaria da legação, tranquila. Há poucos *brésiliens*, o que significa poucos problemas.

Aproveito para dar-lhe as notícias que pediu. O maior conflito armado internacional na América do Sul se acabou. E trouxe mudanças. O império enviou em torno de cento e cinquenta mil homens à guerra e somente cem mil retornaram. Mais de cinquenta por cento das tropas argentinas e uruguaianas morreram durante a guerra, e o pequeno Paraguai teve cerca de trezentas mil vítimas, entre civis e militares. Fome e doenças ceifaram a valer. A carnificina abalou o império e sacudiu a alma nacional.

Brutal mudança se deu internamente: a divulgação do Manifesto Republicano coincidiu com a intensificação da campanha

abolicionista. Juristas e políticos lutam por ela. Galerias, tribunas e salões da Câmara estão cheias de pessoas que vão assistir aos debates sobre o destino dos cativos. Toda a imprensa se ocupa do assunto. Artigos anônimos acusam a Coroa. O governo apresentou um projeto de lei para libertar os nascidos de mãe escrava. O chamam de “o ventre livre”. Mas quem substituirá os braços que irão se deslocar? Quem indenizará a propriedade abalada em seus fundamentos?

A comissão encarregada de um parecer sobre essa reforma se cansou de ler o documento, tão cumprido e complicado ele é. Em toda parte, os senhores são atacados com violência: “Querem perpetuar uma tirania que, além de insuportável aos que a sofrem, é prejudicial aos que a exercem”, diz um jornal. Vocês, que têm escravos em quantidade, devem ficar alertas. Ao voltar ao Brasil, inscreva-se num dos clubes de agricultores: o Fluminense ou o da Lavoura para defender seus interesses. Ali se começa a discutir a imigração de europeus, *chins* e americanos — desses chegaram oitocentos e quarenta e três outro dia. Mas os plantadores de café sabem que nada substitui o trabalho servil. Não preciso lembrar que o café, junto com algodão, fumo e açúcar são os únicos produtos que respondem por nossa balança comercial, balança pífia, aliás. O imperador fugiu do debate. Embarcou para a Europa e deve estar chegando a Lisboa.

Nicota ficará contente em saber que mais modas parisienses estão se instalando na Corte. A última são as confeitarias oferecendo amêndoas aromatizadas, frutas cristalizadas, *sucre de pomme de Rouen*, chocolate com *nougat* e *marrons glacés*. A água, porém, continua vindo de chafarizes e rios! A febre amarela voltou, o ensino continua deficiente e badernas estudantis promoveram um quebra-quebra na Academia de Medicina ao som da Marselhesa.

O Novo Mundo, meu caro Maurice, agora, se quer novo! Prepare-se.

Receba o melhor abraço do seu bom, constante e fiel,
Luís César



Hipódromo de Longchamps

Estrada das Tribunas • Bois de Boulogne • Paris

A O ILMO. SR. Eugène Haritoff
Hotel d'Hautepoul, Rond Point des Champs-Élysées nº 3
Paris.

Ilustríssimo senhor,

Sem resposta às nossas repetidas cartas rogando-lhe para que saldasse as diversas faturas que hoje somam o valor de mil quatrocentos e oito francos, cuja lista segue junto a esta carta, voltamos a insistir respeitosamente para que esse assunto seja resolvido de forma urgente. Entendemos que para o sr. Haritoff tais montantes sejam sem importância, mas para nosso estabelecimento representam somas expressivas, que nos são devidas há mais de seis meses.

Sem resposta ou o pagamento dentro de prazos normais, seremos obrigados a tomar as providências cabíveis, que desejamos a todo custo evitar, tendo em vista as excelentes relações entre o sócio e o Clube Hipódromo de Longchamps, que esperamos preservar. No aguardo de uma rápida solução e desculpando-nos por termos sido

obrigados a endereçar-lhe tal correspondência, subscrevemo-nos,
caro sr. Haritoff, com a mais alta estima e consideração.

A Diretoria



Paris

Diário

AGOSTO DE 1871

SERÁ UMA FEBRE? De onde vem esse furor? Como passar a noite numa mesa de faraó, tremendo à espera de um ás ou de um sete? Na Rússia, se jogam terras, equipagens, cavalos. Em Paris, Eugène está jogando o nome da família. Talvez queira imitar Casanova, que, numa partida célebre, jogou durante quarenta e duas horas! *Maman* diz que é a influência do vizinho, Henri Bamberger, financista que não sai do Jockey. Jogo e libertinagem andam juntos na vida de Eugène. Apesar da pouca idade, tornou-se nervoso, irascível, estranho e misterioso. Seus dedos parecem tomados de tremor.

Eugène tem dezenove anos, será virgem? Provavelmente, macerado pelo desejo, não consegue controlar as descargas que atestam a pulsão sexual, exigindo satisfação. Os lençóis revelam seus maus hábitos. Perdas seminais involuntárias são perigosas para a saúde. Ele está ameaçado de impotência e a vergonha irá torturá-lo, arruinando sua masculinidade. É preciso providenciar uma criada

entre a gente da casa para aliviá-lo. Eugène, Eugène... protegido e estragado.

Como tantas viúvas, *maman* não tem direitos sobre os bens de *papa*: herança do código napoleônico. Sei que tio Garfinkel pagará a conta, mas com severas restrições. Já ouço: “*Foilà zé gue z’est gué táfoir drop gaté cet imbécil!*”^[1]

Imagino o futuro de meu irmão arruinado. Totalmente falido. Em algum lugar há de arranjar um casamento, ter filhos e ser um pequeno funcionário de alguma repartição em Paris ou São Petersburgo.

Tio Garfinkel diz que os homens não devem buscar a felicidade, mas, unicamente, o dever. Somente o dever leva à felicidade. Garante que até os mais humildes devem encontrá-la no trabalho. “Com o suor do teu rosto, comerás teu pão”, está no Gênesis. Para ele, trabalho é predição. Isso, apesar de sabermos que operários de fábricas detestam o que fazem, e os católicos o considerarem um castigo. O versículo tem significação diferente para uns e outros. Para o judaísmo, Eva, iniciada pela serpente, saiu da inocência bestial e fez Adão compreender que a sobrevivência não lhes seria oferecida, mas teria que ser conquistada. O trabalho? Um mal necessário. Para os cristãos, Eva levou seu marido idiota a pecar, condenando-o à tortura do trabalho na terra árida. O trabalho: redenção, tormento, fatalidade. Que o digam os escravos da fazenda. Quanto a Eugène, o problema é que, com o tempo, inúteis como ele podem se habituar à vida irresponsável que levam, e acabar por viver no inferno como um peixe fora da água.

Apesar dos pezinhos de minha esposa que me dão tanto prazer, já acho que a questão não é ser feliz. Mas saber viver sem felicidade. Há mesmo quem acredite que a felicidade depende da própria constituição fisiológica. Diz *ma chérie* que a única maneira de escapar ao tédio é encontrar poesia no dia a dia. O amor da natureza, sendo a última consolação. Nossa salvação será o cafezal!



Paris

UM MÊS ANTES DA PARTIDA PARA O BRASIL

MEU QUARTO: fecho a porta com cuidado. Estou só e livre. Ninho de sedas e rendas, o retângulo do leito conjugal enche a metade do espaço com seus drapejados rosa e cinza. Escândalo de tecidos, de cores ternas, de perfumes doces. Grande cortina pende do teto ao chão. Por trás, o altar do amor, capela ornada para uma festa. O sentimento exige face a face, corpo a corpo, sem testemunhas. Maurice pode então me acordar, me beijar, me possuir. Presto-me a suas exigências. Recebo com gratidão seus presentes. No canto, o genuflexório onde peço a Deus que me dê filhos. Tenho desejo de choro e vozes infantis. De joelhos, faço meu exame de consciência: estarei sendo boa o bastante?

Isolada, mergulho no silêncio. Silêncio desejado, para meditar, ler e escrever. Fecho os olhos e viajo. Partir, romper a prisão, será possível? As paredes forradas embrulham meus sonhos. Minha saudade e nostalgia dos trópicos são pacificadas pelos lençóis. Leio as cartas que me chegam. Mesmo no inverno, sinto na pele o sol e o vento que agita o cafezal. Saudosa do que deixei, dissimulo, finjo, minto. Uma escrava pode fugir do seu senhor.

O quarto é uma caixa de lembranças. Nele, escolho os sons que quero ouvir. Há corvos nos parques e sinos ao longe. *Maman* dá ordens no corredor e os passos das criadas morrem nos tapetes. Restos de uma discussão entre Maurice e Eugène escorrem por baixo da janela. Janela de onde o aguardo chegar a casa. Janela de onde finjo dominar os movimentos da rua. Mas de onde, também, o sentimento de profundo isolamento me aniquila. Vivo num mundo estranho, de costumes desconhecidos, regulado por leis que não se pode quebrar. Por vezes, não há lugar mais solitário do que um quarto de casados.

Fujo. Fecho-me e mergulho em mim mesma. No quarto, sou prisioneira. Nele, a saudade do que deixei é minha doença. Não a do peito. A do coração. Alguém prepara meu banho e ouço a água correr na banheira. Vejo o vapor escapar pela fresta. Meu esposo abre a porta com estrondo e profana meu isolamento. Minha vida secreta se desfaz.



Pirai, sede de *O Pirahí*

SETEMBRO DE 1871

AMANCHETE, eu já tinha escolhido: “Estranho acontecimento — Um rapaz envolvido por uma labareda misteriosa, no Arrozal”.

E o texto: “A que atribuir o curioso fenômeno?”

Um estranho acontecimento vem de se verificar no vizinho distrito de Arrozal, neste município, acontecimento esse que tem provocado muitos comentários.

O fato a que nos referimos repousa sob a absoluta base de insuspeição, dada a idoneidade dos testemunhos.

Marciano Vieira, filho do sr. Trajano Vieira, proprietário residente nessa freguesia, rapaz morigerado e de bons costumes, no dia 24 saiu em companhia de um menor em demanda ao local denominado Onça, poucos quilômetros da freguesia, a fim de colher o leite das vacas como de costume.

Tinha já Marciano amarrado uma das vacas, e se dispunha ao trabalho, quando de súbito foi despertada a sua atenção pelo menor que em altos brados avisava-o de que em seu paletó havia fogo.

Ato contínuo, Marciano olhou na direção indicada pelo menor e verificou que não havia fogo algum.

Censurou o menor pelo seu procedimento mentiroso e, dispunha-se a continuar seu mister, quando de súbito foi envolvido numa elevada labareda.

Aos gritos e pulos, saiu Marciano campo afora até que se viu livre do fogo, que sumiu por encanto, não havendo no local nenhum vestígio de sua passagem.

Verificado por Petronilha, uma preta que mora nas imediações, e estava presente no momento, constatou queimadura generalizada no rosto e até nas sobrancelhas. Como se vê, trata-se de um interessante fenômeno de ordem física que bem merece atenção do povo da freguesia.

Há alguns anos foi o mesmo fenômeno observado na pessoa de Maria do Espírito Santo. Essa infeliz, onde parava, provocava incêndio!” Fatos desse naipe comprovam a existência de energias, raios e espíritos. Ciência e religião se deram as mãos, mas, por causa do pároco da matriz, nada podemos dizer. Já encomendei, pelo correio, meu exemplar de *A mesa que dança e a mesa que responde — experiência do magnetismo ao alcance de todos*. É uma doidice querer pensar, criar e criticar nesta terra. O patrão proibiu qualquer notícia. Quer que os leitores acreditem que se vive aqui na paz do Senhor. Porém, todos comentam.

E sussurram sobre outro problema: as senzalas fervilham. Ninguém esqueceu a fuga de quinhentos negros das fazendas Freguesia e Maravilha, há alguns anos. O nome do líder da rebelião, Manuel Congo, é murmurado com medo até hoje. Escravo ferreiro, sabia fabricar armas. Era chamado de “pai” e comandava uma sociedade secreta em que exercia seus poderes espirituais. Curava mordida de cobra e preparava remédios. Graças a Deus, foi capturado, julgado e condenado à morte. Mas seu fantasma ainda está por aqui. Tanto é que três escravos da fazenda Concórdia, todos vindos de outra província, tocaiaram e mataram a golpes de foice o feitor Claudino, por tê-los punido no dia anterior. O corpo ensanguentado do homem seguiu amarrado ao burro até a sede: um recado.

Em Piraí temos em torno de treze mil escravos. Senhores são poucos. Cativos, muitos. Felicidade e miséria se exibem no mesmo

teatro. Depois da guerra, os problemas voltaram com força e a incapacidade do império de resolvê-los piorou. No seu conservadorismo, o governo se inquieta com a possibilidade de uma agitação incontrollável e, no imobilismo, tenta esquecer as transformações que vão pelo país. A tática do silêncio para defender a escravidão continua. Ninguém a discute no Parlamento. Os senhores sabem que sua posição é insustentável, tanto mais quanto a Inglaterra os quer asfixiados. Ninguém move uma palha? Os escravos, sim. Cabulam, conspiram, até matam. Cresce o medo.

A lei nº 2014 libertou os filhos de mulheres escravas. Diz o texto que ao completar oito anos o Estado indenizará o senhor em 600\$000 réis, ou ele será utilizado até vinte e um anos. Se a mãe falecer antes de a criança chegar à idade, o menor será colocado à disposição do governo. Maus-tratos excessivos? Cessa a prestação de serviços.

O preço da escravaria, porém, continua alto. A produção cresceu e os estoques de café são rapidamente sugados para os portos, graças às ferrovias que cruzam a província. Veio muito escravo do Nordeste, pois os engenhos de cana estão de fogo morto. O resultado é o que já sabemos. Chegou muito homem jovem e só, sinônimo de violência e insubordinação. Não espanta que os cafeicultores paulistas prefiram os imigrantes europeus, mais civilizados. Eles vêm com família.

Não esquecerei a notícia mais importante: a chegada do conde e da condessa Haritoff à Corte. Virão para cá em uma semana. Como estará Nicota? Aqui tem muito fazendeiro rico em terras e escravos, mas pobre em dinheiro. O conde, ao contrário, tem o dote de Nicota e traz sua fortuna, se é que a tem, de fora. Não sei como a Bela Aliança vai enfrentar as mudanças.

Sei, contudo, que quem não muda é Nicota, de quem sempre lembro na igreja. Saíamos juntos. Ela de anjo. Lindo anjo. Eu me exibia de centurião, com uma vara comprida para enxotar os cães que atravessassem a fila silenciosa de devotos. O andor era carregado por moços. Seu Silvino, com outros notáveis de Piraí, levava o pendão aonde iam inscritas as letras *S.P.Q.R.* — *SENATUS*

POPULUS QUE ROMANUS —, que o povo traduzia por salada, pão, queijo e rapadura! Quatro cordões de seda com borlas na ponta, puxados por membros da Irmandade, mantinham o pesado pendão ereto. Durante as trezenas, tinha o leilão de objetos que os devotos ofereciam: frangos, leitões, doces e frutas. O Pinheiro e a Fazenda das Palmeiras mandavam o que tinham de melhor.

Lembro-me da matriz atulhada de povo. Os sinos que não calavam. A Verônica, que soltava a voz trepada num tamborete, de espaço em espaço. A Madalena, desgrenhada, fingindo que chorava. Os padres, cobertos de branco, afogados em ar misterioso e santo. Uma fé cheia de encanto me fazia olhar Nicota com veneração. Nicota boa. Nicota pura. Nicota pela mão da negra que a guardava como um cão. Apenas olhar, e só de longe... Sou filho de crioula forra, mulato e jornalista pobre. Nunca lhe dirigi a palavra. Moro numa casa térrea no final da rua Direita e só possuo Balbina e Leodegária, duas escravas de ganho.



No *Gironde*, de volta ao império do Brasil

LARGAMOS DO HAVRE. Caía uma chuva fina. O céu estava pesado e sujo. *Ma chérie* não disfarçou sua alegria e tampouco tossiu. Depois de seis anos em Paris, voltamos ao cafezal. Tenho experiência em partidas, por isso deixei tudo arranjado. Tio Garfinkel não dará um tostão a mais a *maman* ou a Eugène. Disse a ambos que o dote de Nadine precisa ser preservado ou teremos uma *vieille fille*^[1] na família.

Precauções necessárias, tanto mais quanto a Comuna deixou lições. Depois que a França perdeu a guerra e a derrota foi rapidamente assinada por medo da ação dos socialistas, que sem as forças alemãs não seriam contidos, tudo caiu. Escapamos da fome que triturou operários durante o inverno, graças aos contatos de tio Garfinkel no Exército. Mas foram os famintos, saídos das classes populares, que defenderam Paris e não aceitaram o armistício. Desconfiados das eleições que elegeram muitos monarquistas, os proletários, republicanos, antirreligiosos e jacobinos, que odiavam a atual Assembleia, reagiram. O Exército, porém, lhes arrancou os canhões que tinham armado nos bairros de Montmartre e Belleville.

Entre março e junho, metade da população da cidade fugiu. Nos bairros do oeste, não ficou ninguém. Aceitamos o convite dos Demidoff e passamos esses últimos meses em Versailles, de onde, aliás, partiram as tropas que sufocaram os rebeldes. Impiedosa repressão: de dezessete a vinte mil fuzilados. Por vingança, arderam os palácios d'Orsay, Tuileries e Royal. Os rebeldes assassinaram o arcebispo de Paris! E, pior: a grande maioria dos dirigentes da Comuna soube escapar da morte e se livrou dos julgamentos.

A verdade é que a passagem do império para a república é desastrosa. O ódio que nos têm aqueles que nada possuem é abissal. Querem nos exterminar. Melhor seria não ter passado por isso e ter vivido apenas entre dois impérios, o russo e o brasileiro. A Comuna foi um aviso alarmante.

Sobre a Bela Aliança, a Casa Comissária Silva Porto tem sido correta. Os lucros do café chegam com regularidade, e Manuel faz um trabalho excepcional. Não tenho perdido escravos com fugas ou doenças. Pelo contrário, casamentos por ele organizados aumentaram o plantel. Tenho paz nas senzalas e há novas crias. Na verdade, preservamos a escravaria do tempo do sogro que não conheci. Isso deu estabilidade nas fazendas. Quem compra pretos novos de outras províncias paga preço alto e recebe problemas.

Enviado pelo comissário, chegou às minhas mãos um livro há muito escrito por um francês, morador do Rio de Janeiro e publicado em português. Precisei de *Nicotáh* para traduzi-lo, pois não conheço bem a língua. Embora Luís César venha dando notícias sobre o fim da escravidão, não há jeito. O mal está estabelecido e qualquer mudança comprometeria a existência do império. O manual explica que a inferioridade física e intelectual da raça negra justifica seu cativeiro. Aliás, lhe oferece melhor vida no Brasil do que em África. Também assim se pensa no sul dos Estados Unidos: negros são indolentes, estúpidos e, mesmo que capazes de algum aprimoramento moral por meio da religião, nunca será no nível de um adulto branco. Somente ocupados durante seis dias da semana ficarão longe de vícios. Domingos e feriados devem ser passados debaixo do olhar dos guardas. Para mantê-los alegres e ativos, o autor prescreve mais alimentação e melhor qualidade de vestuário,

melhoria do estado sanitário das senzalas, adequação dos trabalhos a forças e habilidades de cada um, disciplina rigorosa. Tudo o que já fazemos na Bela Aliança. Devemos ser tão paternalistas quanto um senhor de almas o foi com seus servos, na Rússia.

Aliás, lá tivemos dificuldades para discutir a servidão, e só livros publicados na França conseguiram apontar os problemas. A censura na imprensa e a crença de que a escravidão não contradizia as leis divinas nem as noções de justiça humana silenciavam o assunto. Era proibido trazer para a cena política o tema da servidão. Apesar de tudo, Alexandre Dumas e Dolgorukov¹⁵ denunciaram: o trabalho livre é mais produtivo, a servidão degrada os costumes, aviltando mestres e escravos, a nobreza deveria renunciar a seus privilégios ilusórios para obter liberdade e direitos cívicos. E, depois, dar ou não dar terras? Indenização aos pequenos e grandes proprietários? Consequências? Foram vinte e dois milhões de homens, não civilizados e sem moral, a quem se deu liberdade. Liberdade que confundiram com licença. A evitar no cafezal.

Outra lição: em tempos confusos e revolucionários, é melhor viver uma existência mais caseira. A simplicidade social ilumina os bons costumes. Os sentimentos se tornam menos complicados. O homem se torna mais recolhido, simples e mais facilmente feliz. É a paz que, dando asas à imaginação, o torna cheio de impaciência e desejo.



No trem de Pirai, para a Corte

LINDA TARDE para sair de Pirai. Acendi meu charuto com felicidade imensa. Vou à Corte. O estrondo das ferragens rolou surdo e as máquinas resfolegaram. Segui por um tempo a paisagem dos cafezais que adormeciam e as estações nas quais passavam vultos. Na penumbra do *wagon*, um passageiro bocejou e em pouco tempo ressonava. Senti a moleza do assento e cantarolei os versos imortais: “Era no outono, quando a imagem tua... à luz da lua...”. Um miado de criança veio de cadeiras mais à frente.

Vou à Corte. Escondo meu riso nervoso. “Felizão”, rosnaram os colegas. O patrão pediu-me que buscasse encomendas na Garnier.¹⁶ Vou à Grande Porta. Cruzarei com grandes escritores, grandes jornalistas. Quem sabe lhes leio um pequeno trecho de *Esmaltes & joias*. Estou com a veia. Devo mostrar-lhes “Delírios” ou “Pôr do sol”? São minhas mais ricas estrofes. Se me perguntarem sobre política, trovejarei: “As coisas vão mal... Muito mal”. Conversaremos sobre ciência, eletricidade e magnetismo animal.

Já imagino meu livro na vidraça da livraria, com capa colorida. Devo juntar ao livro um retrato? Com ar contemplativo, cabelos alisados e olhos retocados. Soube que já se faz o procedimento. Serei

um mulato de olhos azuis. Quem sabe uma sinhá se apaixone perdidamente por mim. Viverei um amor aristocrático. Minha vida será uma continuidade de beijos apaixonados. De suspiros. De delírios.

Voltei ao verso: “Era no outono...” “Era o...” “Era...”

Raios! Se me falta inspiração, a culpa é de Piraiá, esse vilarejo de província. Sofro da falta de convivência literária. Vivo em desterro, em isolamento completo! Vazio de ideias, de imagens, de rimas. Se careço de imagens, a culpa é da paisagem que não muda. Infinitos cafezais, igreja, escravos. A melancolia da praça, o silêncio das casas à noite. Estou ávido de poetas, de filósofos. Quero o moderno, o novo. Talvez deva me interessar por aspirações revolucionárias. Falar mal do império com autoridade. Ribombar contra o clero, “uma estrumeira”! Lamartine, um mundo... A Comuna? Um exemplo. Cantarei a Marselhesa. O mundo há de se tornar republicano.

A tarde invade os vidros da janela. Voam plantações. À capital, à Corte... Não quero folhear as páginas da vida como se folheia tristemente um livro em branco. O longo apito anuncia a chegada. Vou respirar o ar úmido do mar. Sua vitalidade há de me dilatar as faculdades. A cerveja Culmbacher, civilizadora bebida alemã, será meu pão de cada dia.



Rio de Janeiro

MARÇO DE 1872

QUE LINDA MANHÃ a da chegada! O calor da cabine me expulsou para o tombadilho onde os marinheiros tinham acabado a lavagem do convés. Lá estavam os grandes rochedos, o pico do Pão de Açúcar e a baía paradisíaca. Navegamos rapidamente em meio às fortalezas enquanto o forte São João disparava os tiros de boas-vindas. No portaló, calças brancas e chapéu, Maurice trocou as últimas impressões com o comandante. Emoção apertou minha garganta. Não sabia que gostava tanto daqui.

Quando abracei mamãe no cais, senti que tinha um pedaço de minha terra entre os braços. Depois, seguiram-se as primeiras impressões. Calor insuportável para quem deixou Paris envolta nas peles do inverno. Bondes urbanos puxados por cavalos se cruzando em todas as direções pelas ruas tortuosas e irregulares. O grito insuportável de meninos vendedores de jornais, o trânsito da multidão de pedestres, a visão eterna de escravos seminus! Em cada esquina, grupos conversando. “Fazem política ou falam da vida alheia”, explicou mamãe. O mau cheiro asfixiante me fez levar o

lenço ao nariz da hora em que desembarquei até chegar à casa de mamãe, encharcada de suor. Logo depois, um temporal desabou. O caudal encheu a rua e entrou por nosso jardim. Pela janela da frente, vi as mulas empacadas e gente com água pelos joelhos. Soubemos depois que o mau tempo derrubou várias casas e provocou muitos ferimentos.

Passamos alguns dias na capital para receber visitas e para Maurice examinar as contas com a Casa Comissária. Foi preciso distribuir propinas entre os agentes da Alfândega para recuperar os baús que trouxemos com objetos, quadros e tapetes para a Bela Aliança. Em pouco tempo minha língua destravou e eu falava com prazer o português, conversando com as negras que me ajudaram a desfazer malas e a distribuir presentes.

Mas, no fundo, tudo mudou e eu também. Se a cidade está mais cheia, mais suja e menos civilizada, estou mais calada e aprendi a guardar minhas emoções. A cada visita, e não foram poucas, tias e primas que vieram nos ver, perpetraram a maldita pergunta: e os filhos?

Para elas, eu era moça. Agora sou mulher. Era virgem e agora tenho que ser mãe. Antes, meu organismo era hesitante, as digestões se faziam com dificuldade, a histeria e a clorose ameaçavam minha saúde. A procriação, vocação primordial da esposa, é obrigatória. O que houve comigo? Esperava-se que a influência magnética de Maurice comunicasse energia a meus órgãos. Elas acreditam que os homens não são diferentes de qualquer macho da natureza. Que eles amam com realismo — a palavra é dita com intensidade. Que isso pode chocar ou revoltar, mas é absolutamente necessário que sejam feitas “essas coisas”. Tia Maria Isabel teve a ousadia de perguntar se eu tinha horror ao meu marido, se ele era limpo e se suas partes eram de tamanho normal.

Não respondo e me faço de vergonhosa. Mal sabem como gosto quando ele beija vorazmente meu pescoço, procura meus seios escondidos entre as rendas e abre a gola bordada da camisola. Sou diferente delas. Não quero ninguém metido na intimidade de minha vida de casada. Maurice é meu confidente, médico e confessor. Tomou conta de meu corpo e de minha alma. Sua vigilância

implacável sobre minhas regras ou excreções é a prova do verdadeiro amor conjugal. Fazê-lo feliz é meu dever e minha salvação. Jamais dormiremos em camas separadas como mamãe e papai.

Sim, fizemos tratamento. Não digo a ninguém. Mas as seis onças de quina misturadas a duas colheres de vinho Madeira eram tomadas regularmente às seis horas. Às sete, leite de cabra aromatizado com flores de laranjeira. Ao meio-dia, galinha no forno com dois copos de velho Bourgogne. Às catorze horas, equitação. Às dezesseis, a segunda dose de quina. Depois, banho frio de dez minutos seguido de uma sesta às dezenove. Às nove da noite, leite de cabra aromatizado com baunilha, e sono. Fizemos duchas nas partes genitais e Maurice passava uma pomada afrodisíaca na base da coluna e nas coxas, a fim de dilatar os tecidos do membro.

Antes de cair na galvanização e no uso de urtigas frescas, tentamos a flagelação. Acostumada a bater nos negrinhos, usei o couro com moderação, sem cortar as carnes. Antes de dormir ou depois do banho, pois a pele está mais sensível, aplicava em Maurice uns bons pequenos golpes. Rins, lombo e traseiro. A excitação produzida sobre o tecido cutâneo e os da medula espinhal se comunicam rapidamente com os nervos do órgão genital. E esses entram em ação permitindo ao marido consumir o ato conjugal, esperando dele progenitura.

Os médicos alertam: uma frequência exagerada pode levar ao esgotamento do sistema nervoso. Porém, nada mais difícil de determinar do que onde começa o excesso ou acaba o bom uso. “Se depois do ato consumado, a cabeça está mais livre, o espírito mais alegre, o corpo mais leve e mais vigoroso, a natureza obedeceu à sua justa exigência”, explicou-nos o dr. Tissot. Porém, se o coito leva a um sentimento de tristeza e saciedade, ao cansaço físico e intelectual, e os movimentos se tornam pesados, aí, sim, houve abuso.

O prazer é sempre mais forte para o homem, pois os fios do cérebro masculino são mais tensos e firmes. Quando eles amam, amam fortemente. Nós, segundo o dr. Villemont, ao contrário, temos o miolo mais mole, espírito mais inconstante e imaginação mais

fraca. Amamos mais fracamente. A única dúvida que tenho é se sou culpada por tudo isso. Afinal, o casamento só é bem-sucedido quando fecundo. Estéril, sou uma mulher incompleta e, pelas regras, nem deveria ter o gosto das alegrias que oferece o casamento.

Ah, quantas manhãs tive que verificar se estava grávida, esfregando um pano vermelho nos olhos. Se o calor entrasse pela pálpebra... Ou a urina que dormia na bacia de cobre com uma agulha fina. Se esta apresentasse pontos vermelhos, haveria sinal de fecundação. Ou tentar perceber as garras do “animálculo espermático no óvulo”! Enfim, acho que tia Maria Gata saberia fazer melhor do que os médicos.

Maurice nada cobra. Ele me repete que o papel do homem é de se apoderar da companheira e modelá-la à sua imagem e semelhança. E o dela, consolá-lo das fadigas e do trabalho, sendo ao mesmo tempo mãe, irmã e esposa. No meu íntimo, sou obediente e cumpro minha função.

Assim que acabarmos as visitas, partiremos para o cafezal. Não vejo a hora de sair da Corte.



Na Corte

MAIO DE 1872

PELA MANHÃ, passei no *Jornal do Commercio*. Que movimento! A agência telegráfica Reuters-Havas instalou sua primeira sucursal, dirigida por um francês. Fantástico, pois se atualiza o fluxo de informações. As cotações e notícias chegam de Constantinopla, Viena, Londres, Amsterdam, Antuérpia, Nova York. A Corte está ligada ao mundo! É o que digo, o tempo está se acelerando. Piadas, passatempos com enigmas, romances-folhetins, atas de assembleias, notícias sobre reuniões científicas no Instituto Histórico e Geográfico fundado pelo imperador, informações sobre obras de arte expostas, tudo que falta a *O Pirahí*. Tomei nota.

Cruzei a rua do Rosário cheirando a carne-seca e bacalhau. Segui para o Café do Braguinha na rua da Constituição. Desilusão espiritual. Não vi nenhum dos escritores famosos que, dizem, fazem a fama do lugar e do café com leite. Mas lutei. Lutei para entrar, lutei por uma mesa vazia, lutei para trincar um biscoito. Os gritos do balcão dirigiam as operações na sala: “Sai quarta ao centro! Água gelada, terceiro espelho!”, “Média e pão quente, terceira à esquerda”. “Paga quinta centro”... E os homenzinhos vestidos de

preto, com longo avental branco, piruetando entre as cadeiras e equilibrando as bandejas. Mulher ali? Nunca. Só nos comentários sobre os pés: de papagaio, de fada, de mono e outros.

Sobre política não falta assunto: as taxas municipais estão mais altas. Aumentaram o imposto sobre a indústria e as profissões em mais de cinquenta por cento. Os fazendeiros clamam o abandono da lavoura. Em seis anos, entraram apenas cento e três mil setecentos e cinquenta e quatro imigrantes entre portugueses, alemães e americanos. Urge convencer o europeu de que a justiça no Brasil é uma realidade, a liberdade de consciência, um fato sério e não uma promessa ilusória. É a opinião de um conferencista daqueles dias.

Luta pela liberdade dos negros? O projeto de proibição do tráfico de escravos entre províncias dorme na gaveta, e a falsificação de papéis para fazer circular essa pobre gente, um negócio bem-sucedido. Até mortos têm seus nomes dados aos vivos. O preço do negro de ganho disparou: “Um preto de vinte e dois anos, carpinteiro e lustrador”, vale 1.500\$; “um moleque de dezesseis anos, copeiro e pajem”, vale 1.600\$; “um preto cozinheiro ou uma cozinheira de forno e fogão, além de doceira”, 1.200\$.

O encantamento da cidade como “paraíso tropical” desapareceu. A causa? Insalubridade. Minha opinião: à medida que o escravo africano foi introduzido na economia, as moléstias epidêmicas se multiplicaram. Preciso aprofundar esse tópico para novos artigos.

Novidades: a praça de Touros recebeu animais vindos de Montevideu. Na rua do Lavradio, a Real Companhia Italiana apresenta um programa “mímico-cômico-ginástico”. Destaca-se o homem-canhão, que apara uma bala de quatro quilos com as mãos. Uma notícia para o interior: fundado o Clube de Boiton, em Botafogo. Seus associados se dedicam ao higiênico exercício da natação. Os banhos de mar estão na moda. O de ducha já é bastante apreciado. Há vários: quentes, frios, de farelo, de chuva, perfumados, medicinais. O balneário hidroterápico mais conhecido, na rua Uruguaiana, pertence também a um francês. Certo sr. Dreux. O Museu da Ótica, na rua da Carioca, apresenta quadros históricos da guerra do Paraguai e, no Andaraí, há festas com luz elétrica.

Os franceses controlam tudo o que é progresso, inclusive as técnicas de magnetismo e sonambulismo. Dias desses, disparou o relógio da Candelária. Muita gente supôs se tratar de espiritismo. A Garnier, aliás, vende os livros do famoso Allan Kardec. Abandonei-me a um desejo, ou melhor, a uma curiosidade, e paguei visita de dois tostões à cartomante Madame Petit, recém-chegada de Paris. Dizendo-se presidente de estudos de magnetismo animal e natural de todo o universo, prometeu-me adivinhar tudo o que eu quisesse saber. Extraíu as cartas de um pequeno sarcófago de prata, com mãos cobertas de anéis coloridos. Um deles trazia as fases da lua. Outro, os signos do zodíaco. “O *senhórrr* ama uma pessoa...” Errou. Depois, previu minha ascensão profissional, um encontro e a decifração de um enigma.

Sem surpresas. Saí à rua aliviado. Pisei as lajes úmidas do passeio, respirei o ar da capital. As vitrines iluminavam o rosto das jovens que passavam. A multidão parecia sussurrar sob a claridade do gás. O trote das parelhas, as vozes masculinas falando alto, o perfume dos charutos, os chapéus altos, tudo parecia sublinhar minha origem provinciana e minha timidez.

Uma caleche, o criado negro perfilado, parou à frente. Atrás da janela vislumbrei um rosto oval perfeito. Uma delicadeza de pele. Olhos negros de grandes pestanas. Debruçada sobre a portinhola, um livro amarelo na mão, pequenina e delicada, o corpete desenhando o seio que deveria caber na palma da mão. Em que pensaria a cabecinha pálida, apoiada no encosto? Seus olhos pousaram um minuto nos meus e o veículo arrancou. Nicota Breves! Deus meu, voltou!?



Bela Aliança, São João

1872

EM BREVE, completarei vinte e cinco anos num mundo onde tive poucas tristezas. Para tentar esquecer a maior delas, me ocupei da educação de Regina Angelorum. Conheci a menina quando voltamos de Paris. Tão saudosa de tia Maria Gata, a primeira coisa que fiz ao chegar à fazenda foi correr até a botica. A velha estava lá: igual. Os anos lhe foram clementes. Um pouco mais de branco na gaforina, talvez. O mesmo olhar de doçura e a calma com que me abriu os braços. Chorei de felicidade. Estava aninhada no calor da minha preta, quando alguma coisa saltou de debaixo da mesa. Uma menininha. Mais parecia um macaco. Agarrou-lhe a saia e disputou comigo o carinho de minha ama.

“*Sórta, diabo*”, tia Maria Gata gritou. A criatura voltou para seu esconderijo de onde só saiu quando chamada. Neta de africanos, morreu-lhe a mãe fazia pouco. O pai era um pequeno agricultor que, havia tempos, executava trabalhos para a fazenda. Diziam-no homem bruto e dado ao álcool. Por caridade, tia Maria Gata pediu à mamãe para guardar a pequena. Seria mais uma cria, treinada na costura ou no bordado.

A princípio, não gostei do que vi. A menina possuía cabeça triangular e achatada. Na roça, dizemos: cabeça de cobra. Enormes pálpebras, verdadeiras cortinas, desciam sobre dois olhos muito grandes, olhos de bezerro. Tinha gestos vivos e vigilantes, como se fugisse de golpes. Os braços esqueléticos terminados em mãozinhas finas e pequenas lembravam as pernas de uma aranha. Pareceu-me dissimulada. “*Né não, inhá*”, explicava tia Maria Gata. “*É sufrimentu, só!*” Não queria costurar nem bordar, mas cedo se mostrou disposta a sair pelos campos, buscando tomilho para fumigações e banhos de pé; urtiga para diarreias; sálvia para tingir lãs e tratar gengivas irritadas; poejo, como repelente de insetos. Era boa em colher as ervas e ajudar no preparo de loções. Evitava, assim, que a velha saísse no sereno da tarde. Por não ser escrava da casa, a menina fazia o que queria. Isso era perturbador.

Aos poucos me acostumei com a coisa entre inseto e bicho que disputava comigo as atenções de tia Maria Gata. Por caridade, comecei a tratá-la: dei um jeito nos cabelos, aliás, de índio. Lisos e escorridos. Limpei e vesti o corpo magrelo. A cabeça brotou no vestidinho de sarja. Fui lentamente vencendo o nojo que a intrusa me inspirava. Abandonei-me um tantinho mais, por vê-la amorosa com a negra e interessada em aprender as letras e os números. Passei a lhe falar pausadamente, contando a história sagrada. Agora, pede histórias de santos com seus cilícios, caldeiras fumegantes, Cruzadas na Terra Santa, e quando passa na frente da capela, faz reverência com uma oraçãozinha na ponta da língua. Para quem queria fazer uma escola para crianças escravas, por que não começar com essa?

Na Bela Aliança, eu entendi: a ida a Paris não foi uma viagem, mas uma amputação. Deixei, então, para trás uma parte de minha vida. Separada do passado de filha de proprietário, sou agora a dona do cafezal. De iaiá à sinhá. E agora cabe somente a mim cuidar de meus sofrimentos e prazeres. Passei a ler *Chácaras e quintais*. A lutar contra erva-de-passarinho nas árvores à volta da casa. Mandei vir rosas, as *La Roche*, as *Solfatari*, as *Gloire de Margo-tin*, que plantei no jardim. Às minhas galinhas *faverolles*, de cor salmonada, dou de comer minhocas com fubá grosso. Mandei passar cal no chão do

terreiro para que não tenham crupe. Examino as contas e a despensa. Mergulhei num mundo que agora me tem. E eu a ele. O cafezal.

Maurice tem me repreendido por minha desatenção. Mas ele é que tem estado ausente. Alega estar ocupado com seus negócios de corretagem de café e que não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo. “Impossível ganhar a vida para a família e ficar em casa para que nenhum mal lhe aconteça”, me diz. Fala de maneira monótona e insistente. Chama-me de “minha tontinha”, o que me irrita.

Respondo, me comportando com uma bem-humorada subserviência. Finjo uma adoração tácita. Estou sempre pronta a me submeter a seus humores, frequentemente tão gentis quanto frios. Acostumei-me a ele e nem me importo por ele ter me convencido de que fumar no quarto é um dos seus direitos de marido. Sou como o cão a quem se joga um osso no ar. Sempre fui resignada. Não há por que mudar.

Agora ele está estendido sobre o divã, ocupado com o charuto, enquanto percorre longa carta de *maman*. Lê em voz alta, anunciando as linhas que saíram no *Courrier des Salons*: “Um baile brilhante no esplêndido hotel do faubourg Saint-Honoré de Madame Garfinkel. Flores em toda parte, a orquestra de Waltenfel, um fino *souper*, uma *charmante* sociedade, muita vivacidade, elegância, amenidades. Havia uma elegante mistura da sociedade parisiense e estrangeira. O *cottillon* foi conduzido por Monsieur Correa, da Legação do Brasil, dançando com Mademoiselle Nadine Haritoff...”.

“*Voilà, ma chérie*, terei que regressar. É hora de casar Nadine.”

Concordo. Há também as dívidas de *Ballon*. Sobre nós cai um silêncio como não existe. Se eu ouvisse o barulho de um trovão, como ficaria contente. Digo a mim mesma que tentaremos viver sempre numa redoma perfeita.

No momento em que terminou de ler, Maurice apagou o charuto e foi para a cama. Em segundos, adormeceu. Eu, totalmente acordada, comecei a chorar baixo e enxuguei as lágrimas na manga. Assoprei a vela que Maurice deixou acesa e vim para a varanda. Meia-noite passada. Imaginei o rio próximo, sua lentidão, sua majestade. Mas as lágrimas chegaram tão rápido que enfieei o rosto

na dobra do braço e pouco me importei em molhar tudo: o rosto, as mangas, as rendas. Não sei por que chorei. Sentia meu corpo cheio de angústia vaga. Como uma nuvem escura cobrindo o sol num dia bonito. Tive a súbita sensação de estar totalmente só. Só e indesejada...



Entre Piraí e Rio de Janeiro

Journal

DIFÍCIL. A PALAVRA resume o estado de coisas. Difícil adaptação, difícil comunicação. Por vezes, preciso que *Nicotáh* explique a Manuel o que meu português não consegue. A fazenda vai bem, apesar dos rumores e das discussões sobre o fim da mão de obra escrava. Estamos fazendo todo o possível. Melhorias nas senzalas, menor controle aos domingos, e *ma chérie* se ocupa de uma negrinha como se fosse sua filha. Comprei máquinas. Isso ajuda e poupa os cativos. Para enganar o tédio, cavalgo e caço com Manuel nas horas vagas. Os dias são intermináveis. Cafezais e matas a perder de vista. Não existe vida social. Penso seriamente em comprar uma bonita casa na Corte, para azeitar amizades e me aproximar da vida política. Ainda que a Corte não tenha um único monumento de arte digno de admiração, hei de achar alguma coisa. Sem amigos, neste império, não se tem nada. Nem informações, nem favores, nem cultura.

Não é fácil para um europeu viver entre essa gente. Brasileiros são tão desagradáveis... Paris algum dia conseguiria educá-los? Enxergo traços africanos até na família de *Nicotáh*, que me

asseguraram ter origem portuguesa. São os efeitos da escravidão, pois ela nunca será coisa boa. O rosto do povo é tristíssimo. Na semana passada, adentrou a fazenda um escravo fugido da vizinhança. Trazia o lombo coberto de sinais de chicote que foram cauterizados, sublinho, cauterizados com sal e limão. Fiquei chocado e lhe dei abrigo, contra a vontade de Manuel. Ele me corrigiu: “Sinhô, aqui se quebram as leis, não as regras. E a regra é simples: senhores contra escravos”. Sob a linguagem obsequiosa do feitor, leio o pensamento cheio de obstinação e insolência. Mulatos e negros se detestam.

Tenho lembranças do império russo: lá também o imperador não podia reinar sem a escravidão. Era necessária e ponto final. E como aqui o analfabetismo, a corrupção e o atraso da economia sufocavam sob as promessas de uma palavra mágica: progresso. Na Rússia, como no Brasil, ele não vem. E a opressão contra os cativos, os pobres, os que nada têm, se fantasia de amor à ordem. Essa ordem que fingimos existir nas senzalas quando sabemos que, mal cai a noite, os negros fazem o que querem.

Aqui a vida parece uma conspiração contra a verdade. A Corte se pretende um simulacro de Paris e os barões de café querem crer que são civilizados. *Merde, jamais!* Mas, aprendi uma coisa: se decidimos ver as nações como queremos e não como elas são, para que viajar e buscar fortuna em outro lugar? O melhor é fingir que nada enxergo e aproveitar os lucros do cafezal.

Embarco em dois dias, pois há coisas a resolver. Eugène, que se crê depositário de sangue azul, segue ignorante, preguiçoso, sem tostão, pois tudo gasta e deve. Andou comprando cavalos de corrida caríssimos. Li, recentemente: “É o melhor jogador do mundo. Tem o mesmo bom humor, intrépido e sonoro, na sorte e no azar. Uma verdadeira personalidade possuidora do estômago mais forte que conheço. Baixo, muito gordo, parece ter sido soprado como um balão e esperamos, a qualquer momento, vê-lo voar pelos ares. Sua obesidade precoce não o impede, porém, de ser um elegante. Ele é querido, sendo muito bom, muito alegre, muito generoso e sempre pronto a prestar serviços”.

Merde! Presta serviços com o dinheiro de *maman!*

Vera arranhou um marido belga para Nadine. Minha esposa segue uma criatura tocante quando vem me dizer boa-noite e, depois de trançar os cabelos para dormir, me beija e levanta timidamente os olhos. Infelizmente, nunca teremos filhos.



Paris, Hotel de Hautepoul

FEVEREIRO DE 1873

M A CHÈRE ENFANT,
Nosso Maurice está bem. Ele lhe escreverá assim que puder. Esteve muito ocupado, pois dois eventos importantes exigiram a presença dos irmãos Haritoff. Os funerais do imperador Napoleão III, que os levou à Inglaterra para as exéquias¹⁷, e o processo no Conselho de Guerra no Grand Trianon, contra um amigo da família, François Bazaine¹⁸. Os debates atraíram *le tout-Paris*. Notáveis abundavam, e Maurice e Eugène acompanharam as princesas Czartoriska e Troubeskoi.

Os republicanos fizeram de Bazaine seu bode expiatório, acusando-o de todas as responsabilidades na derrota francesa ante a Prússia. Alguns bonapartistas gostaram, pois dessa forma ficam ocultas as culpas do imperador nos desastres da guerra. Bazaine capitulou durante a campanha, o que é considerado indesculpável. Para piorar, a esposa se suicidou e ele vive com uma mocinha muito jovem e, imagine, mexicana!

Aqui não se tem boa impressão dessa recém-proclamada república, sobretudo depois que assassinaram o imperador

Maximiliano. Nossos amigos Erazzu, por exemplo, antes tão festejados, agora, são criticados pelo “gosto mexicano” de suas recepções. Mexericos e ironias crepitam na conversa de comadres dentro de seus próprios salões.

Você aprendeu, *ma chérie*, como são os franceses: alegres e gentis quando desejam alguma coisa, sobretudo se têm um interesse em vista, ou se você lhes tem utilidade. Nunca espontaneamente amáveis. E, em seu estado natural, mesquinhos e os seres mais aborrecidos do mundo. Só os estrangeiros novatos caem sob seus encantos. Todo ser humano normal percebe e sente aversão por suas repetidas formas de frívola amabilidade.

Não à toa, obrigo meus filhos a circularem em meio cosmopolita. *Le Figaro* outro dia alfinetou o que chama de “cortesãos estrangeiros” por sua “aptidão em colocar na moda divertimentos novos e pitorescos”, graças a despesas faustosas e barulhentas. Os aristocratas russos são acusados de buscar a naturalização parisiense por meio de festas. Discordo, somos apenas *très genereux*^[1]. Imagine, publicaram uma nota maldosa sobre a origem de nossa fortuna! Eis porque, desde que vocês se foram, não abro mais meus salões.

O contrato de casamento de Nadine está em curso com um jovem de família belga, o barão de la Rousselière. Desejo-os todos fora da França, onde a república promete surpresas desagradáveis, e muito me alegra que Maurice possa viver entre Paris e suas fazendas no império brasileiro.

Maurice tem acompanhado Eugène à Comédie-Française. Apesar dos interesseiros parisienses, é preciso extrair-se da vida provinciana que Maurice leva entre cafezais. Nem você nem eu desejamos que ele sofra por ter que se enraizar num terreno que lhe é contrário, com o risco de se atrofiar ou levar uma vida raquítica. A felicidade vegetal de viver sem ideias que evoluam torna obrigatórios alguns meses na Europa. Caso contrário, seu marido há de se tornar como aqueles esquilos que vemos rodar em suas gaiolas. E ele há de cair numa crise de desgosto e tédio. Não se pode imobilizar o ser humano ou vê-lo se tornar um fóssil, não acha?

Seja pródiga e perdoe a ausência de Maurice. Ele, em breve, estará de volta e cheio de projetos para melhorar os cafezais.

Contamos com sua compreensão desinteressada.

Affectueusement,
Maman



Noite de insônia em Pirai

MAIO DE 1874

OQUE PERDEMOS, PERDEMOS. Um amigo repetiu, para mim, uma coisa dita por um grande escritor: “Viva o máximo que puder. É um erro não fazê-lo”. Acho que não vivi, para não revelar muito sobre mim mesmo. E nesse momento, é de mim que tento fugir. De tantas lembranças. Como, mesmo, conheci Nicota? Todos conheciam os netos do barão. Muitas vezes fui levar encomendas de mãe para sinhá Ana Clara, em época de festa. Mãe fazia balas de estalo. O barão as punha no bolso e distribuía, a mancheias, aos convidados. Adoçava os ânimos de qualquer um. Na fazenda, depois de pedir a bênção ao sinhô e à sinhá, eu corria para ajudar os meninos a fazer armadilha para caçar guaiamus na beira do rio. Ou a preparar visgo com leite de gameleira para pegar passarinho.

Ainda lembro. As canoas silenciosas passando, a pranchada do remo na água. Lustroso, o rio gorgolejava. “Não se bebe água do Paraíba”, mãe dizia... Catávamos pelo chão os araçás roídos pelos bem-te-vis. Aonde a água não chegava, as pedrinhas brilhavam ao sol. E Nicota menina, atrás da gente, suspendia a saia para pular os buracos, cheios de lama. Toda de branco, os cabelos compridos, um

pezinho de boneca enfiado nas botinas. “Pega a saracura...”, ela pedia. Eu pegava. “Bicho bonito da perna cor de violeta. Bica?” “Não bica.” Os cabelos de Nicota. O cheiro de menina rica de Nicota. Não cattingava a picumã, como tantas outras que eu conhecia. Na volta para a fazenda, eu cuidava: “Menina, olha a cobra”. Ela nem se assustava.

Depois, um dia, Nicota me honrou. Sorriu só para mim, olhando nos meus olhos. Eu, na multidão. Vergonha: o calção só cobria dos joelhos para cima. Os sapatos apertavam. Mãe de chapéu, vestido preto de gorgorão duro e recendendo a óleo de babosa que passou nos seus e nos meus cabelos. Era dia de procissão, festa de Santa Edwiges. Nicota saiu de anjo com capela de flores na cabeça, asas de organdi e roupa de rendas. Padre Breves ia fazer sermão. Na igreja, tinha briga por lugar. A cidade enchia. O povo vinha da roça e se reunia na porta principal. A orquestra ensaiava: a clarineta, o bombo, os pratos. A volta da praça, as barracas vendiam queijada e suco de cana. O sino repicou anunciando a partida do préstito. As andorinhas fugiram em desordem. As crianças se perfilaram. O hino começou desafinado. Nicota então sorriu para mim, um sorriso de dentes miúdos e brancos. Eu, feioso, mulato e pobre. Os foguetes cruzaram o céu, enquanto os meninos corriam para pegar as flechas. Mas eu fiquei ali... encantado.

Passaram-se alguns anos e Nicota moça eu encontrei numa festa da Botada na fazenda. Era o fim de um mês de agosto e padre Breves foi benzer o canavial. Sem que essa cerimônia fosse realizada, ninguém, homem livre ou escravo, ia começar sua tarefa. Se algum acidente sobreviesse, seria explicado como justo castigo de céu. Falta de fé, de observância religiosa. Os ombros de Nicota... belíssimos. Branquíssimos e pequeníssimos. O encanto com que os sacudia ao dançar o lundu, ligeiramente febril.

A casa de vivenda, a do engenho, os paióis, as senzalas foram caiadas e limpas. A escravatura recebeu timões de baeta azul e roupa de algodão para o gasto do ano. Quinze dias antes da moagem, cortaram-se as canas que chegavam em carros de bois e ficavam sob alpendres ou em depósitos especiais. De véspera, enfeitaram a casa da fazenda e mais construções. No terreiro, as

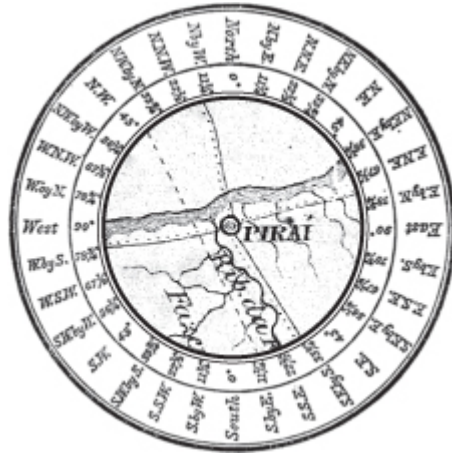
bandeiras flutuavam nas extremidades de bambus verdes. Matou-se um boi para o banquete dos senhores, e carneiros e galinhas para a refeição dos escravos. Os compadres e amigos, que tinham vindo de longe com suas famílias, chegaram um dia antes. Foreiros ajudavam escravos nos preparativos da música e dos fogos.

Nicota reconheceu meu rosto. Percebendo minha perplexidade, correu para desfazê-la por meio de uma delicadeza toda sua. Dirigiu-me cumprimentos. A tarefa de entretê-la com alguma conversa, porém, me intimidou. Eu dizia-lhe o nome com ar sério... Eu, em geral tão corajoso com as meninas morenas e de condição humilde de Piraí. Tentava esconder que ela possuía um “admirador”. Virei e revirei palavras buscando fazer um verso, uma quadra. Nada.

No dia da Botada, visitantes acorriam sobre carros de bois, amontoados sob toldos de esteiras ou de chitão lavrado. Muitos vinham a pé, descalços, trazendo os sapatos ao ombro. Fui um deles. Ouvia-se o engenho moendo com prazer. Nesse dia, com exceção da gente envolvida com a festa, ninguém mais trabalhava. Teve ceia. Os escravos batucaram depois do jantar. Os foreiros cantaram e dançaram. As músicas faziam referência ao corte da cana, à moagem e ao preparo do açúcar. O barão e os outros fazendeiros da região presentearam as crioulas e mulatas de estimação com cortes de chita ou de cassa, fios de corais e brincos de ouro.

Padre Breves veio e disse a missa. Depois, a família, os convidados e os escravos foram para o engenho. O feitor e muitos homens livres e negros estavam ao pé da máquina... Duas velas acesas foram colocadas perto dos cilindros sobre a plataforma que sustenta as canas, e foi disposta entre elas uma imagem de Nosso Senhor na cruz. O padre tomou seu breviário e leu várias orações e, em certos momentos, com um ramo de arbusto, preparado para esse gesto e mergulhado na água benta, aspergiu o engenho e os presentes. Sinhá Ana Clara, com Nicota e suas irmãs, além das mucamas enfeitadas, trouxeram os primeiros feixes de cana, envoltos em fitas coloridas, para serem bentos e passados na moenda. Nicota ria muito, fazendo caretas para tia Maria Gata.

Correu bebida. Dormi no paiol. Acordei no meio da noite. O céu, um tapete de estrelas. A lua ia alta. Dos arbustos vinham estalidos de grilos. Na mata, tudo parecia repousar. Sem fazer barulho, caminhei de manso até o laranjal. Que vi? Nicota, a mais bela da noite, branca, esguia, cor de açúcar. A camisa levantada cobria-lhe a cabeça. Que vi? Nicota, de cócoras, estrumava o terreno. Corri para longe para não ver mais. Nunca esqueci. Parecia que a lua tinha caído ali.



Bela Aliança

JULHO DE 1874

A NOITE ESTÁ CALMA e fria, pois é inverno na serra. As últimas vozes se calaram. Não se ouvem mais os acalantos vindos da senzala ou o som dos bichos que dormem nos estábulos. A natureza tomou possessão dela mesma e se alegra da ausência de homens, enviando aos céus sons e perfumes. Uma nuvem grossa cobre a lua e, ao redor dessa massa escura, escapam raios luminosos. Parece a alma de um justo, quando a adversidade o esmaga.

Maurice está estendido sobre o divã, ocupado em fumar enquanto lê o jornal. Senti-lo tão próximo, ressuscita em mim a saudosa sensação do primeiro maravilhamento. Meu Deus! Não, eu não arranjaría coisa melhor. Despi-me devagar, com os olhos fixos na luz branca do espelho. Arranquei as anquinhas, arriei as *pantalettes*. Como serei aos quarenta e cinco anos? Talvez já tenha morrido, espero. Maurice me disse que a palidez e a tristeza me dão um encanto novo. Quem sabe ele se apaixonou por uma corista ou uma vendedora de luvas. Não, ele é sensato demais para fazer tal coisa. De verdade? O papel que se espera que eu represente nesse espetáculo é um peso. E não um prazer.

Lembrei-me da frase de *maman*: “O que importa não é beijo recebido, mas o beijo ofertado”. Fui até ele, curvei-me sobre sua barba. Era curta e caprichosamente aparada. Seus cabelos exalavam o cheiro da pomada perfumada. “*Bonne nuit, ma chérie.*” Eu era uma criança distraída quando nos casamos. Segui um impulso enganador, sem questionar. Levada pelo costume, deixei-o apoderar-se de mim. Jamais me apaixonei por alguém.

Por que estou pensando nisso? Não estou escrevendo minhas memórias.

Depois ouvi seus passos andando pelo quarto, cada som indicando impaciência e irritação. Em outros tempos, ele teria me chamado. Eu teria entrado a seu pedido. E, por hábito, teria cedido a seu desejo. Não por algum senso de submissão, mas, sem pensar. Como se passa pela rotina diária.

“Toda sua, Nicota”, assinava assim os bilhetes que trocávamos. Agora estou mordendo a fronha. Esforçando-me para esconder de mim mesma o sentimento que me atormenta e dilacera. As lágrimas correm devagarzinho. Molham o papel.



Rio de Janeiro

JULHO DE 1874

CHEGUEI À CAPITAL sob sol ardente. Embora estivéssemos no fim da primavera, a atmosfera ardia. A rua de São Bento, atravancada com grandes veículos, fedia a café cru. O som de ferragens e gritos se misturava no ar. Dos trapiches, vinha o canto dos escravos que enchiam os sacos com grãos. Quantos não teriam vindo da Bela Aliança... Nas ruas, animais agitados e carregadores em fila indiana, moviam-se rapidamente. Carroceiros ajeitavam sacas. Poeira de aniagem, palavrões e tosses. Os armazéns vomitavam as carroças pesadas e o barulho das rodas sobre o calçamento de pedra, até a Prainha da Saúde. Velhas pretas, com panos brancos amarrados à cabeça, varriam os grãos caídos no trajeto. As pobres vivem de vender os restos. Reconheci o odor forte e o som confuso do Rio de Janeiro.

Do outro lado do Largo da Prainha, os cheiros de açúcar ensacado, mantas nauseabundas de carne-seca, jacás de toucinho dos armazéns e sabão das fábricas. Todos enjoativos. Caixeiros apressados e marujos de pele queimada, mulatos de chinelos na calçada, acorados e descansando, salivando o sarro dos cigarros. E

dizem que o capital comercial, que antes era direcionado para o comércio de escravos, passou a ser aplicado em bancos, casas bancárias e sociedades comerciais de diversos fins. Não acredito, embora a Bolsa de Valores negocie centenas de títulos do governo, irritando cada vez mais os barões do café!

Não cheguei só. O vapor trouxe muitos imigrantes. As unificações da Alemanha e da Itália expulsaram os camponeses de suas terras. As cidades se encheram, mas não há ocupação para todos. Antes, eles iam direto para os Estados Unidos da América. Agora, vêm também para o México, Argentina e Brasil. Aqui, procuram as fazendas de café de São Paulo. Durante a viagem, eu os ouvi dizerem que, no Vale do Paraíba, o solo já estaria esgotado.

Quem são esses terríveis paulistas? Parece que empregam novas técnicas e têm relações mais dinâmicas com os empregados. Possuem mais estradas de ferro, ligando a produção ao porto de Santos. Seus cafezais se estendem em linhas geométricas a perder de vista, e as saias de suas árvores incrustam a poeira pardacenta da fecunda terra roxa. Moram na grande capital da província e aplicam seu dinheiro em indústrias e bancos. Pior, comenta-se que são, em grande parte, republicanos, e lutam pela autonomia de sua província contra o império. Será que estou no lugar errado?

Faz pouco, vi o efeito da república na França. Num primeiro momento, explosão de alegria. Cidadãos nas ruas, todos juntos fora dos muros da fábrica em manifestações que saudavam a ruptura política. Os trabalhadores mergulharam numa explosão festiva. Não se deram conta do que viria depois. Só celebravam o renascimento social! Vitória da arte e da fraternidade! Prosperidade para todos! Quando os prussianos chegaram à capital e as usinas fecharam, dois terços dos empregos desapareceram.

Para fazer valer a tão desejada justiça social, choveram intervenções: assistência, expropriação imobiliária, criação de açougues e cantinas municipais, suspensão do pagamento de aluguéis, padarias econômicas. Como é sabido, o entusiasmo da população levou à defesa apaixonada da cidade, com cidadãos pegando em armas. E aí aconteceu coisa curiosa. Os prussianos

foram identificados à brutalidade, ao ódio das liberdades e à insensibilidade.

E por quê? Pois eram disciplinados e trabalhadores. Trabalhadores! No entender dos valorosos cidadãos parisienses, o trabalho favoreceria a brutalidade! Ele seria o abatedouro das massas. A Prússia seria o modelo da natureza descerebrada de seus habitantes, habituados à servidão. Seu absolutismo laborioso tornaria o trabalhador um parasita. A obsessão pelo trabalho produziria um indivíduo desumanizado. O prussiano seria, portanto, um bárbaro — acusavam.

Sapristi! Todos sabem que Paris corrompe. É a cidade do estupro e da preguiça, grande esgoto coletor do mundo! Paris dos *boulevards*, Paris rica, capitalista e dourada. Paris da prostituição e dos cafés-concerto. A Paris republicana onde ninguém quer mais trabalhar! Um escritor que conheço ouviu de operários que a sociedade “lhes deve do que viver”.

Fico imaginando o que seria do império brasileiro se a república batesse às portas. Os ricos, que nunca trabalharam e vivem de rendas, têm horror a qualquer atividade. Habitam um mundo egoísta e seco. Não entendem a noção de trabalho como o faz tio Garfinkel, garantia de moral e civilização! Se os escravos ganharem liberdade e acharem que a sociedade lhes deve do que viver, o que faremos?! Quanto aos republicanos, paulistas ou franceses, odeio-os agora. Cretinos!

A propósito de escravos, conheci a negrinha que *Nicotáh* está criando... Dançou o lundu na noite em que cheguei e dei festa para a senzala.



No jornal *O Pirahí*

DEZEMBRO 1874

CINCO HORAS JÁ! Sinto meus rins doloridos. Um cansaço de agitações intelectuais e amorosas da noite anterior. Da rua, vem o barulho das janelas se fechando, os escravos recolhendo trastes, o choro rabugento de crianças. O ar lívido da tarde clareia ainda a neblina chuvosa. Não posso dar a notícia. Mas correu que o grupo espírita ia fazer uma sessão dentro da igreja. Foi daqui a ali o boato, até que chegou aos ouvidos do padre João. Que fez ele?

Não perdeu tempo. Retirou as imagens sagradas dos altares e as colocou em fila indiana, como se estivessem, por elas mesmas, saindo da matriz. Subiu à torre e começou a badalar os sinos. O povo correu assustado: o que é, o que é? Padre João, muito calmo, respondia: os santos estão indo embora porque vão fazer uma sessão espírita dentro da igreja! Saindo da missa, senhoras se benziam, desejando a todos os maçons e espiritistas o fogo do inferno.

Tolice! Pois nos reunimos na casa de dona Francisca de Jesus de Souza Breves. Ela é grande sensitiva. Contava mamãe que estava ela sentada na sala da fazenda, fiando, quando, de repente, caiu um

pingo de sangue no dorso de uma de suas mãos. Vendo o sangue, gritou: “Mataram meu marido!!! Mataram meu marido!!!”. Passado pouco tempo, veio a escrava: “Sinhá, mataram o sinhô na porteira da fazenda”.

Desde então, ela faz mesa. Somos um pequeno grupo, todos leitores da revista *O Eco do Além-Túmulo*. O sobrenatural existe.

Padre João não consegue evitar que os negros comentem a abertura de uma casa de santo ou a visão de *eguns*¹⁹ na encruzilhada da estrada. Em noites de lua cheia e à volta de um prato de angu, eles murmuram sobre “luzinhas misteriosas” e sobre o retorno de cativos mortos, injustiçados por seus senhores. Comentam ainda que o negro Benedito caminhou sobre brasas no dia de São João sem sentir dor. Ou que um espelho rachara: sinal de morte na casa. As crianças vão sempre dormir com o susto de bichos infernais: o caipora ou o lobisomem. O choro mais triste de um deles era sinal de que o papa-figo devorava um malcriado ou respondão.

Se à meia-noite se ouve ruído de patas de cavalos, de rodas e até a voz áspera do boleiro, é o carro de alma penada que passa. Quem cruza perto da igreja matriz, ouve gemidos, vê almas penadas. O uivo de um cão? Mau agouro. Coruja cantando, chama morte. As borboletas escuras que adejam nos finais de tarde: bruxas! Para proteção, melhor defumar os quartos com arruda e alecrim verde. Um assunto de predileção na farmácia é a vidente recém-chegada de Paris, na Corte. Outro, as visagens, assombrações e histórias de gente que se “envulta” perto do cemitério.

Padre João ignora. Mas, nestes tempos de irreverência, todas as cidades têm em cada rua um templo, e em cada homem uma crença diversa. Ao ler os grandes diários, imagina a gente que está num país essencialmente católico, onde alguns matemáticos são positivistas. Entretanto, a cidade pulula de religiões. Basta parar em qualquer esquina, interrogar. A diversidade de cultos espanta. São sweden-borguianos, pagãos, fisiólatras, defensores de dogmas exóticos, autores de reformas da vida, reveladores do futuro, amantes do diabo, descendentes da rainha de Sabá, judeus, cismáticos, espíritas, babalaôs de Lagos, todos os cultos, todas as crenças, todos os sustos...

Sair de casa para satisfazer uma necessidade pode levar a um encontro perigoso. A esposa responsável pela morte do detestado marido pode encontrá-lo no leito. Um criminoso jamais estará seguro de escapar à vingança de sua vítima. E ai de quem não respeitar a última vontade de um moribundo! O castigo é certo.

Sim, confiamos no além. Temos necessidade de sonhar, para o bem ou para o mal. De adivinhar as linhas do futuro. De curar males físicos por meios milagrosos.

Na semana passada, na sala escura de venezianas cerradas da casa de dona Francisca de Jesus de Souza Breves, um grupo de pessoas tentou falar com os mortos. Na luz bruxuleante, uma mesa redonda. Todos de mãos dadas. Em silêncio, a batida dos corações acelerava. O suor na testa revelava que uma dose de angústia, medo e curiosidade era assim injetada nas veias. Depois de uma oração em voz baixa, mãos se estenderam em direção às letras espalhadas em círculo. No centro, um triângulo de madeira. Alguém elevou a voz, perguntando: “Há alguém aí?”. Silêncio. E de novo: “Há alguém aí?”. As letras então se formaram: “Fidelidade”... “Quem te enviou?” Resposta: “O bom Deus”. “Você é um homem?” “Não...” “Você é feliz?” “Sim.” As perguntas continuaram: “Há quanto tempo morreu?” “Três anos.” “Os que amamos estão próximos?” “Sim.” “Tem um corpo?” “Não.” “Com que idade morreu?” “Vinte e oito anos.” “A morte é desejável para os que fazem o Bem, em vida?” “Sim.”

Aguardávamos figuras solenes, cercada de luz pálida. Elas nos consolariam, deixando-nos, depois, em lágrimas. Traziam informações do outro lado. Notícias de entes queridos, parentes, ou mesmo recados de desconhecidos.

“Diga-nos algo.” E ela: “Tudo morre em direção à vida... Um tiro há de matar a escrava Geralda e virei buscar José Frazão de Souza Breves em sua fazenda das Palmeiras”.

Silêncio mortal.

Resolvi quebrá-lo. “Eu, em que penso eu?”, perguntei severo. “Alma gêmea”, respondeu a mesa. Pedi que repetisse, e não só o copo repetiu como acrescentou: “Esta noite”.

Toquei timidamente a mão fina e branca ao lado da minha. Era a de Nicota. Mulatos e brancos já podiam se encostar. Quando saímos para a rua, não se ouvia um único som nas ruas escuras da cidade. Chovia miúdo. Nicota tomou o coche. Não sou supersticioso. Não sei se acredito em espiritismo. Mas tive a impressão de que, se olhasse à volta, veria a morte como uma assombração.



Fazenda Bela Aliança

Meu Diário

GANHEI UM DIÁRIO de *siá* Nicota pelo meu aniversário de nove anos. O caderno tem até capa de coiro. Ela me diz que estou *analfabetizada*. Escrevo tudo. Leio tudo. *Rezistro* as receitas de tia Maria Gata. *Rezistro* que tia Maria Gata cura mordida de aranha com *música* de atabaques. Pereba de veneno fica boa. A *música* encanta a parte dorida. *Rezistro* que *siá* Nicota quando toca piano fica menos triste. *Rezistro* que a *música* é *remédiu*. A *música* provoca milagre. *Rezistro* que o sol, a lua e a terra são como a gente, *coiza* viva. A terra morre e *revivi* na festa de São João.



Fazenda Bela Aliança

MARÇO DE 1877

DE CABEÇA BAIXA, me deixo levar pela vertigem da tarde do verão que começa. Ao longe, o sino faz as folhas dançarem e chama para a ceia. A tristeza das sombras escurece as árvores e escorre sobre os meus cabelos, minha pele, minha alma. Mas há um céu doce e rosa, um cheiro de flor, o nervosismo da terra que se acalma, andorinhas cortando o espaço. Penso em coisas que esperei da vida e que não chegam. A felicidade e o amor são possíveis?

Não aquele triste, inquieto e culpado que eu tenho por Maurice. Mas o milagre do amor inevitável que faria sair das sombras um desconhecido que me diria: “Quem você é e quem eu sou, não importa. Mas por causa desta tarde lilás, por causa do meu desejo e do seu corpo que sonha, venha comigo...”.

Quando a manhã raiar na fazenda, a luz benfeitora do dia será o anúncio da esperança, do calor que dissipará as trevas e o frio. A Jesus Cristo, cujas chagas foram aquelas do espírito, ofereço as minhas, de um corpo machucado pela paixão. Sim, porque a lembrança de um amor deve durar mais do que o próprio

sentimento. Na maior parte das vezes, o hábito e o esquecimento acabam por enterrá-lo.

A alternância do desejo e da descoberta da dor cede o passo à resignação de um coração ferido. Coração amarrotado por uma espera impossível. Esperar, desesperar, chorar, palavras como flechas que arranco de mim. Acreditei na união, mas a Providência decidiu diferentemente. Não tenho filhos. É como uma maldição.

Acusam-me de viver uma crise religiosa. De ter uma alma angustiada num corpo desamparado. Tenho, sim, um desejo de crer que me consola e infunde confiança. É diverso da verdadeira fé, que é submissão total ao ideal cristão. Que é abandono de si. Na semana passada, quando fizemos mesa na casa de tia Francisca, desceu o espírito de Santa Catarina de Siena: “É preciso, antes, ter sede”, disse-me.

Entendi. Então devo ir de Paris à Alemanha, para ficar mais perto de Maurice? O triste é que tenho necessidade de alguém que não precisa de ninguém.



Pirai

ABRIL DE 1877

COM OS DIABOS, é bem possível que consiga também escrever um romance. E se eu tivesse descoberto que tinha talento quando era jovem, enquanto havia tempo? Teria uma vida completamente diferente. Seria respeitado e as sinhás viriam beijar-me as mãos. Nada mais natural... Teria uma vida livre, com glória e fama. Poderia dormir e embriagar-me tranquilamente enquanto meus poemas e histórias fossem aprendidos de cor. Recitados nos serões. Seria considerada falta de educação não saber meu nome. Um dia a eletricidade, a telegrafia e os trens seriam esquecidos. Mas não *Esmaltes & joias*.

Não... As pessoas talentosas não precisam de coches. Andam a pé. Tenho uma tosse terrível, pois volto caminhando no sereno. Acabo o trabalho na redação e me arrasto até a casa, onde a canja de Balbina me aguarda. Quentinha. Tomo uns goles de cachaça: “*Prô santo*”. Depois, vou adormecer sabendo que não tenho charutos, nem cavalos. Não tenho título de barão como o Guaraciaba, que é mais preto do que eu, possui fazendas nas províncias do Rio e Minas, começou tocando violino em enterros e hoje tem mais de

quatrocentos escravos! É “barão de chocolate”. Há vários. São contra libertar os escravos. Eu também.

Notícias de Bela Aliança: Nicota irá ao encontro do russo que, corre à boca pequena, está nas trincheiras. Um guerreiro? Tenho minhas dúvidas.

Sua irmã menor está de casamento marcado com gente da família: um primo²⁰. Nicota devia ter feito o mesmo.

Morreu dona Ana Clara²¹. O enterro foi na Corte, no cemitério novo. Coisa fina. O imperador construiu uma cidade para os mortos. Avenidas largas, ciprestes e flores para disfarçar odores. Um lado para os ricos, com belos mausoléus e túmulos decorados. E um para os pobres, com as tradicionais carneiras. Em Finados, o lugar serve de passeio para os *flâneurs*. Todos querem o seu momentozinho de introspecção. É *chic* meditar sobre a última viagem. É moda percorrer as aleias com as melhores roupas, um ar sonhador, em silêncio. A morte é *chic*.

Na redação do *Pirahí* a semana foi repleta de notícias. A cidade hospeda a escritora russa residente em Paris, Lydia Paschkoff. Cercada de fama por ser redatora do *Figaro* e de revistas francesas, a escritora fez conferências aconselhando casamentos e desaconselhando divórcios.

Divulgadas as cifras desoladoras a propósito de instrução.

“Difundir a instrução num país como o nosso é tarefa quase tão enfadonha como a do enfermeiro de crianças que se recusam a ingerir a poção que há de salvá-las” — diz *O Globo*.

Reproduzimos. O professorado é incompetente e, além do mais, recebe salário irrisório. A imprensa da Corte se agita diante do aviso divulgado pelo ministério do império: cogita-se a criação de duas escolas normais. Externato para professores e internato para professoras. Outra crítica: as disciplinas são ensinadas superficialmente. Os professores voam como borboletas sobre flores por cima de cada matéria. O Estado manda imprimir às suas custas qualquer folheto ou memória insignificante que lhe são apresentados por amigos. A Sociedade de Ensaaios Literários procura animar o ambiente, que é remansoso, mas, sem êxito. Na Garnier, o autor que mais vende continua sendo Júlio Verne.

Nas províncias do Nordeste, não chove. A seca vem dizimando plantações, gado e gente.

Continua o debate sobre imigração. O país carece de braços.

Impiedosos ataques pessoais ao imperador vêm sendo feitos nas cartas de leitores e por jornalistas.

Alguns inventos já comercializados na Europa começam a anunciar-se. Não é mais novidade a máquina de fazer gelo, nem a de lavar roupa, nem a de cozer ou a de somar. Multiplica-se a venda de canetas misteriosas que escrevem sem tinta por um tempo infinito. Há ainda uma que desenvolve uma eletricidade que combate os espasmos da mão.

— A-ta-que-de-ner-vos.

— O quê?

— Ataque de nervos.

Manuel continuou a escandir as palavras. Falava baixo, como se a coisa fosse perigosa e contaminasse. Estávamos todos à volta do balcão da farmácia do seu Freixo, preparador de emplastros e sangrador. Seu Freixo costumava dizer que num país em que a ocupação geral é estar doente, saber curar é serviço patriótico.

Ali, todos os dias, ao cair da tarde, resolvíamos o futuro da nação. Nosso pequeno grupo de intelectuais tinha uma reputação de respeito e considerávamos que nossas ideias poderiam transformar a sociedade. Uma delas era alugar um navio e mandar para fora da baía de Guanabara a família real com sua cambada de ministros! Só então os homens de saber e do progresso poderiam governar o país. Dois professores, três jornalistas, o boticário, dois rábulas, todos preocupados com retiradas honrosas, caso não conseguíssemos respostas para os problemas nacionais. Discutíamos Comte e Spencer, e acreditávamos que o país estava nas mãos de uma “choldra ignóbil e torpe”! Mas, voltando às declarações de Manuel:

— O ataque de nervos — começou seu Freixo com voz cadaverosa — é doença grave. Os antigos consideravam-no pestilência ou febre ardentíssima. O sangue mensal retido no órgão da maternidade não depura bem todos os meses ou se infecciona com os humores putredinosos que abundam no útero. Ao reprimir ou retardar a evacuação, provoca acidentes notáveis. Terrível. Dele

se levantam fumos para as partes superiores, pois o útero tem comunicação com outras partes do corpo. Com sua frieza e má qualidade, esses fumos se propagam por veias e membranas, ofendendo o cérebro, o coração e o cepto transverso. Humores viciosos adoecem a pessoa que rejeita a procriação.

— Mas ela adora pequenos. Está criando uma pretinha...

— Os sintomas iniciais — e falando bem pausado — são dor de cabeça, dificuldade para respirar, rubor. Segue-se a confusão mental, o ranger de dentes, as contrações. Quando há síncope, a mulher perde a voz, eleva as pernas ao busto e seu corpo se cobre de suor. Mas há doutores que dizem que isso é doença de fêmea licenciosa. Desregrada. Que tem apetites desenfreados.

— Sinhá Nicota *num* é assim...

— Ela não sofre de amor impudico com aquele russo?

— Isso acaba em melancolia ou em loucura...

— Nenhum invento com eletricidade que melhore isso aí?!

— Antigamente, mandava-se lavar as partes pudendas com cozimento da semente e flor de uma erva vulgarmente chamada pombinha, defumando depois com dente de defunto lançado em tijolo feito em brasa, amaciado com aguardente e untado com assa-fétida. Tiro e queda. Tia Maria Gata conhece a receita.

Saí de mansinho. Pobre Nicota, “meu lírio da manhã, minha pomba cor da lua”, já é assunto na farmácia de seu Freixo. Saí dali como o ferido da batalha. Queria resistir à tristeza. Achar a estrada real onde encontrasse luz e paz. Andar por ela com Nicota pela mão. Mas, nas ruas de Piraí, ninguém! Ninguém!



Paris

Journal

MAIO DE 1877

ACENDO A *CIGARETTE* russa onde rebrilha meu nome impresso em ouro. Penso: até o final do século XVIII, a Crimeia foi independente, submetida apenas a um Khan. Vê-se ainda em Baktchisarai, sua antiga capital, o maravilhoso palácio dos soberanos tártaros. Conquistada por Catarina, a Grande, em 1783, a Crimeia foi anexada à Rússia e o Khan, destronado, substituído por um governador.

É um país encantador, parecido com a Côte d'Azur francesa, porém mais selvagem. Altas montanhas rochosas, florestas de pinheiros até o mar, clima doce e uma orgia de flores, sobretudo rosas. Um povo alegre, de credo muçulmano, habita casinhas brancas pintadas com cal e acode ao chamado do muezim quando cai à tarde. Lugar preferido para as férias da família imperial, de lá veio a riqueza de nossa família. E graças à guerra. Guerra em que o império russo lutou contra a aliança da França, Inglaterra, império otomano e o reino de Piemonte-Sardenha.

Desculpa para o conflito? Os direitos das minorias cristãs na Terra Santa, controlada pelo império turco. A França queria proteger os católicos, e a Rússia, os ortodoxos. Mas, a verdadeira razão? Medo da expansão russa que queria uma saída para o mar. A Rússia — já disse alguém — não tem limites.

A aliança tomou Sebastopol, onde a aristocracia, inclusive nós, passávamos férias. Batalhas terríveis arrasaram a bela península. Apesar do Tratado de Paz de Paris, o império russo iniciou nova guerra, invadindo os Bálcãs em consequência da repressão turca às revoltas de estados balcânicos. Tambores rugiram e tio Garfinkel me arrancou da paz dos trópicos. Como *papa* Haritoff, servirei de carne de canhão. Será que isso prejudicará o que resta de nossa fortuna? Vim, arrastando os pés. Não era a hora de deixar o cafezal.

Preocupado, dei as costas ao império do Brasil. Vou para a guerra no oriente da Europa, enquanto flui outra, subterrânea, entre fazendeiros e escravos. A escravidão está condenada no Brasil desde a Secessão na América do Norte. Medidas preparatórias para a emancipação estão em curso, seja com a participação de políticos mais apressados e liberais ou dos mais conservadores e demorados. A crise do sistema e o esgotamento das terras são os pés de barro da situação. As terras frias do Vale do Paraíba estão dando frutos velhos, malformados e chochos. Curioso, a maior prosperidade de uma fazenda é também a véspera de sua decadência.

Isso porque a destruição produz lucros. Faz parte da lógica dos cafezais avançar de maneira bárbara sobre a natureza com técnicas arcaicas, arrancar o máximo em termos de quantidade. O sistema se mantém através de constantes desmatamentos e aquisição de mão de obra, rapidamente desgastada na produção. A compra de escravos tem que se manter constante, immobilizando capitais consideráveis. A América devora os pretos! Para eles, é necessário ainda alojamento, higiene e alimentação. As doenças rondam. Um vizinho mandou uma tropa à Pavuna e os cativos contaminaram todo o plantel: vinte e três mortes! Era o cólera.

Falta dinheiro para melhoramentos técnicos e ainda há que driblar as artimanhas dos comerciantes. Dia desses, Manuel comprou um crioulo “rouco de chuva que tinha apanhado na serra”.

Nada... Era tísica. E o que dizer das maroteiras dos escravos? O infeliz, o descarado José Angola, excelente falquejador de machado, trabalhava na roça e tinha saúde de ferro. Mas, muito difícil de se submeter. Depois de muitas fugas e problemas, me vi obrigado a colocá-lo à venda. Não faltam outras pragas: a da borboletinha²². Presenciei inúmeras vezes discussões políticas, nem sempre compreendidas direito. Dizem uns que um dia o Brasil será presa de aventureiros americanos. Outros, que o norte há de se separar do sul, tornando-se uma república. Acham, sobretudo, que esses acontecimentos serão consequência da dificuldade de se substituir a raça negra. Faltam braços. Para que ter terra, sem ter quem produza?

Mas o verdadeiro inimigo é invisível. Suas legiões cavam minas subterrâneas. Seus exércitos são mais numerosos do que as areias da praia. Tangidos de um lado, retornam mais encarniçados de outro. Vi portas resistentes como ferro se desmancharem em pó. Vi plantações arrasadas em uma noite. O inimigo são as saúvas. E sobre como combatê-las, há uma pobreza de invenções. Agora mesmo, comprei dois foles para fumigar com corrosivos. Estou numa fadiga e impaciência que destoam de meu êxtase inicial com o cafezal.

Fala-se, abertamente, na fraqueza, covardia, ignorância, pedantismo, bobagem, ridículo e, finalmente, idiotismo que ornamentam a Corte de d. Pedro Banana, apelido muito pertinente do imperador. Ele não ouve os agricultores. Para continuar crescendo, preciso de soluções engenhosas. Preciso me inspirar em novidades europeias, pois os barões do café não estão habituados a usar sapatos ou garfos, têm poucas letras e trocam os RR pelos FF. Os quatro contos de réis que se paga pelos títulos do império não impedem que seus joanetes estourem as botinas de elástico.

Espera-me ainda a guerra familiar. As horas vagas de *maman* são preenchidas com saudosas reflexões. Seus problemas nunca foram simples, mas eram certamente mais fáceis quando Eugène dedicava menos tempo ao pôquer. Se ele nos arruinar, será um escândalo sem precedentes. Não consigo nem escrever sobre tal coisa. A maneira infame pela qual se é recebido... Como conseguiríamos sobreviver?

Com a venda das propriedades e joias de *maman*? Sinto que estou sangrando dos dois lados do Atlântico.

Já aqui há quinze dias, e o tempo tem estado esplêndido. Mesmo o luar favorece a cidade que, em meio a tantos problemas, me pareceu mesquinha e banal. Sei que a impressão não será duradoura. Mais alguns dias e experimentarei "*l'ancien charme*". E aí já será hora de partir para o front. As tropas russas atravessaram o Danúbio e tomaram Nicópolis. Agora, caminham para Plevna, cercada de vinhedos, onde Osman Pachá e seus otomanos se entrincheiraram.

Aguardo ordens do alto-comando para saber à qual companhia me juntar. Mandei confeccionar uniformes próprios para a estação. O grão-duque Nicolau é quem dá ordens na região. Preciso apresentar-me impecável.



Fazenda Bela Aliança

Meu Diário

SINHÁ PEDIU QUE anotasse o nome estrangeiro e a receita depois. Fiz assim.

Mentha pulegium — poejo, seu nome deriva de *pulex*, que significa pulga, explicou a sinhá. Um ramo esfregado na pele é perfeito contra picadas de mosquito, pulgas, piolhos e carrapatos. Seu cheiro se conserva por muito tempo. A melhor forma de conseguir mudas é semeando no outono e na primavera. Seu óleo tóxico é perigoso, pode produzir convulsões violentas. O melhor é usá-lo em banhos de pés para resfriados. É santo remédio quando, feito chá, é aplicado nos olhos inflamados.

Origanum majorana gosta de sol e tem florzinhas de diversas cores. Conhecido aqui como manjerona. Propaga-se por mudas e seu companheiro é o orégano. Cura dores nas juntas e em óleo quente pode ser aplicada nos lugares mais doloridos. Bom em gargarejo para dores de garganta. É abortiva. Associada à felicidade conjugal.

Papaver somniferum ou dormideira. De suas amêndoas, faz óleo de cor loura e transparente, adequado à preparação de alimentos crus ou cozidos. Ele não faz luzes. Soberbas flores com cápsulas que

se abrem com a ponta do canivete para recolher as lágrimas. Depois de colhido o ópio, misturar a água ou mel. Calmante. Sinhá mandou amarrar fita preta no bocal. Perigo.

Cajanus flavus ou ervilha-de-angola. Ervilha saborosa, as flores e pontas dos galhos são boas para o peito. Sumo das folhas socadas, para hemorragias.

...

Passo dias na farmácia dos negros com tia Maria Gata e sinhá.

Sinhá toma banho com óleo de arruda para quebrar mau-olhado. Coloca alecrim debaixo do travesseiro para evitar sonhos maus. Dorme com um buquê de calêndula debaixo da cama para impedir a entrada do mal. Se ela andar descalça em cima das pétalas da planta, vai conseguir entender a linguagem dos pássaros.

Sinhá mandou vir cobertores da Corte para os escravos. As noites estão frias e há muitos com opilação. Fizemos mais dois bocais com fita preta. Estou muito cansada e fiquei com preguiça de copiar os nomes no caderno e nos vidros.

Tenho inveja de sinhá. Tem de tudo, e nada a faz feliz.



Pirai

2 DE JUNHO DE 1877

MEU QUERIDO MAURICE,
Esta é a minha terceira carta depois da tua partida. Recebeste as duas primeiras? Acabo de passar estes últimos dias nervosa e muito triste, principalmente por me encontrar longe de ti. Tive as minhas regras, o que me torna sempre adoentada. Vejamos agora se, esse aborrecimento passado, eu possa melhorar. Regozijo-me por saber que já estás em Lisboa; esta manhã, deves lá ter aportado. Que alegria se pudera estar a teu lado! Pobre querido, imagino os tristes dias que passaste a bordo! Mais três dias e estarás no seio de tua família que tanto te ama; que alegria para *maman* em poder te abraçar. Asseguro-te que essa alegria é tão grande quanto a minha quando chega a minha vez de te apertar em meus braços. Tudo vai bem, mas tudo é triste, o céu cinzento, tudo, tudo, parece chorar por ti.

...

Vou estudar piano e canto para ver se alegro a minha solidão. Prefiro muito mais estar só do que receber visitas com as quais me aborreço. Conta-me tudo o que farás, sobre todos os cancãs de Paris. Escreve-me sobre moda e aconselha-me a ler, cantar ou tocar algumas das últimas novidades. A vida aqui transcorre triste e sem nenhum acontecimento, nem mesmo notícias do Rio.

Eu te amo e penso continuamente em ti. Não me esqueças agora que estás tão cercado de tentações de toda a espécie. Crê-me, ninguém nunca te amará como eu, e não encontrarás tanta sinceridade e devotamento em outra pessoa.

Beijo-te mil e mil vezes ternamente assim como amo-te de todo o coração,

Nicota



Chipka

Journal

JULHO DE 1877

JULHO EM CHIPKA: as gargantas de rocha ainda conservam o gelo dos lagos alpinos. Montanhas que mais parecem cortadas a machado denteiam a paisagem. Ao longe, a planície da Trácia. O Danúbio, caminho natural para o Mar Negro, há de me transportar sobre suas águas. Pretendo tomá-lo em Passau ou num afluente alpestre, o Isar, em Munique.

Quatro corpos do Exército russo forçaram a passagem nos Bálcãs, avançando pelo interior da Bulgária. O general Gurko, à frente da quarta brigada de fuzileiros, enfrentou com energia uma guarnição de cinco mil otomanos. Foi a primeira de muitas batalhas. É lisonjeiro para a humanidade imaginar que o império de Alexandre II estenda a mão para grupos nacionalistas sob a represália sangrenta de Suleiman Pasha.

Mas por que os turcos atacam a passagem de Chipka? Que lhes importa que três mil homens ocupem aquele vale sem utilidade e sem vantagem? Se Suleiman Pasha quer vir se juntar do lado de cá dos Bálcãs com Osmand Pasha, por que não atravessou por alguma

das outras passagens que estão livres, em lugar de escolher justamente aquela que os russos ocupam? E se não queria deixar atrás de si aquele núcleo de força inimiga, por que não fez cercar as posições russas em lugar de as atacar? Quatro ou cinco mil turcos em redor de Chipka, bem fortificados e ocupando as alturas, seriam bastante para terem os russos inúteis e fechados, como pássaros numa gaiola. Mas não; ataca Chipka e perde já perto de vinte mil homens naquela tentativa insensata. Pergunta-se geralmente: por quê?

Eu estou habilitado a dar a minha interpretação; não a garanto, mas foi-me revelada por pessoa que está muito informada da política miúda e das intrigas de Constantinopla. Suleiman Pasha atacou Chipka porque isso lhe foi ordenado pelo sultão. Esta batalha monstruosa, em que já morreram vinte mil turcos, não foi decidida num conselho de guerra, foi resolvida no serralho. Desde que o general Gurko ocupou há um mês Chipka, passando pelos Bálcãs, entrando na Romélia e fazendo pisar assim às tropas russas o solo sagrado da Turquia turca, um terror pueril, mas, frenético, se apossou do sultão.

Ele via já os russos em Constantinopla, os seus palácios do Bósforo saqueados, o serralho disperso e vendido a retalho pelos mercados da Pérsia e da Arábia, ele mesmo talvez prisioneiro na Sibéria. Em vão o corpo diplomático e ministros o tranquilizavam: o seu terror crescia todos os dias, excitado pelo pavor das mulheres.

Realmente é difícil que um sultão se conserve a sangue-frio, sentindo em roda de si os gemidos de angústia, os gritos de medo das suas três mil concubinas! Um coro lacrimoso de mulheres soluçantes amolece o temperamento mais resistente. Uma bela manhã o sultão declara que abandonava Constantinopla e que se ia refugiar na Ásia, em Brussa; essa resolução tinha-lhe sido inspirada por Mahmed Paxá, o seu favorito, um intrigante tortuoso e covarde, que domina por meio das mulheres e que representa na política turca o verdadeiro elemento asiático — a intriga do serralho. Os ministros, o adivinho, ficaram aterrados com essa resolução fantástica, e iam empregar talvez meios extremos de coerção, quando a vitória de Plevna, a vitória de Lochta, a vitória do rio Lon,

sobretudo a retirada do general Gurko, deram certo alento ao sultão: desfizeram-se as malas momentaneamente; mas o serralho conservou um terror oculto daqueles três mil ou quatro mil homens que tinham ficado em Chipka, que eram uma ameaça permanente, e com a mão do inimigo ainda estendida para Constantinopla.

À maneira que os dias decorriam e que aquela força se ia mantendo em Chipka, impassível e teimosa, a inquietação no serralho crescia. Chipka tornou-se um pesadelo: aqueles malditos regimentos estabelecidos às portas da Romélia e comendo tranquilamente o seu rancho traziam o palácio numa atroz irritação nervosa. Porque não se iam também? Que faziam ali com os seus olhos azuis de eslavos fitos em Constantinopla? Por fim, o sultão e o serralho perdiam o sono, o apetite, o gozo tranquilo dos prazeres do amor. Aquilo não podia durar. E numa manhã o sultão escrevia diretamente a Suleiman: que fizesse todos os sacrifícios, abandonasse todos os planos, mas que lhe sacudisse aqueles russos de Chipka, para ele poder, enfim, dormir, comer e saborear os encantos do sentimento.

E aí está porque já lá vão vinte mil turcos — para acalmar os nervos do sultão! Esta batalha de Chipka deu lugar ao maior feito jornalístico de que há memória — o telegrama do correspondente do *Daily News*, o célebre jornal de Londres.

Este rapaz, porque tem apenas vinte e quatro anos, que se chama Forbes e que já era ilustre por correspondências admiráveis (telegrafadas), sobretudo a que descrevia a passagem do Danúbio e a que contava a batalha de Plevna, logo que soube que havia combate em Chipka, e antevendo a importância da luta, partiu do quartel-general russo onde se achava e chegou, a marchas forçadas, a Chipka, no segundo dia de batalha: ali esteve três dias tomando notas e estudando a situação, ora a cavalo, ora nas trincheiras, sempre no meio do fogo, até que adquiriu a noção exata da contenda; voltou sem descansar, rebentando cavalos, para o quartel-general russo; aí o czar interrogou-o, e foi ele o primeiro a dar detalhes da batalha ao Estado-Maior; e, imediatamente, por meios que ele não revela, mas que constituem toda uma campanha, conseguiu mandar ao *Daily News* um telegrama de seis colunas e

meia descrevendo o combate e os seus episódios, com um vigor, um colorido, um realismo, que fazem desse telegrama uma maravilha de informação e um primor de literatura. Que diferença dos magros e melancólicos telegramas que a Agência Havas fornece, por grosso, aos jornais de aí.

Interpretações minhas? Não. De um genial jornalista português, morador de Londres!



Telegrama Paris–Berlim

DE ANNE DE HOUY HARITOFF A MAURICE HARITOFF

“**C**HEGADA NICOTÁH PRÓXIMO dia 23 Havre ponto Paris dia 24 ponto”



Telegrama Berlim–Paris

DE MAURICE HARITOFF PARA ANNE DE HOUY HARITOFF

NICOTÁH PROIBIDA DEIXAR Paris ponto Problemas saúde graves
ponto Estou bem ponto”



Paris

QUASE DUAS DA MANHÃ, 22 DE OUTUBRO²³

MEU ADORADO,
Até agora não recebi nenhuma carta tua. Leio e releio a de ontem, estou muito impaciente por saber o que te aconselhou o conde Heidan.

Desejava, meu querido, que todos os teus desejos se realizassem, mas ao mesmo tempo temo que partas, temo que te suceda alguma coisa; enfim, confesso-te que às vezes arrependo-me de ter te deixado partir. Meu único consolo e única esperança é que seja feita a paz de modo que não te aconteça nada. Deus, que é tão bom, se dignará a escutar minhas preces.

No momento, estive adoentada e muito enfraquecida; acho-me sem ânimo e sem energia. Durante cinco dias fiquei em casa sofrendo, sem ver ninguém, pois todo o mundo me aborrece.

Fiz me trazerem uma garrafa de vinho e vou começar a beber bastante. Daut me aconselha a comer carne bem crua e de beber bastante para me restituir as forças.

Nesta manhã recebi uma carta da condessa Perponcher,²⁴ que me convida insistentemente a voltar para perto deles.

Ontem jantei em casa de *maman* e passamos a noite com o Juca.
Anteontem jantei tranquilamente em casa.

Adeus, querido, penso sempre em ti e amo-te de todo o meu coração.

Maman manda mil bons pensamentos, assim como Stoffel e Frédéric.

Recebestes os cigarros?

Tua Nicota querida



Paris

S/D

MEU QUERIDO MAURICE²⁵,
Bem sabes como te amo, não podes, no entanto, compreender que sofro longe de ti; pergunto-me como fazem essas pobres mulheres que passam a maior parte do tempo separadas de seus maridos; eu confesso que não suportaria esse sacrifício por muito tempo.

Fica mal para mim, meu pobre querido, aborrecer-te com os meus sofrimentos, mas desejava que te enternecesses e me deixasses ir ao teu encontro! Queria passar um mês contigo antes de tua partida, depois voltaria a Berlim. Queria tanto te ver em uniforme e constatar eu mesma se estás muito triste longe de mim.

Escreve-me logo se o serviço te cansa e como suportas tua nova existência. Imagino que já deves estar aquartelado em Tsarskoie Selo. Pobre querido, coragem, tem confiança em Deus, que não te abandonará se tiveres devoção e confiança.

Creio que vou partir logo, pois Paris se torna cada dia mais triste. Indo para Berlim, passarei por Bruxelas para visitar tuas irmãs. Achas que devo fazê-lo ou não?

Em todo o caso, aguardo ainda a tua resposta ao meu desejo de me permitires ir ao teu encontro. Regozijo-me só em pensar que talvez possa abraçar-te brevemente.

Hoje não recebi nenhuma carta tua, tenho que ter paciência até amanhã. Bem vês que é o correio que não funciona a contento, porque escrevemo-nos todos os dias!

Até breve, meu amado, beijo-te tão forte como te amo e sou muito feliz em ser a tua mulherzinha adorada,

Nicota



S/D

EIS-ME ESCREVENDO no final do primeiro dia que não esquecerei nunca. Foram para mim instantes de uma ternura infinita. E apesar de termos tido momentos sublimes, não deixarão meu coração sentimentos que não posso definir, e que me transtornaram profundamente. Vivo nestes dois dias com o teu rosto querido diante dos meus olhos, com o som de tua voz em meus ouvidos, com a recordação de teus desejos. Nestes dois dias eu vivi a ternura de uma existência inteira! Devesse eu deixá-lo amanhã, eu assim mesmo concederia o melhor de mim mesma, sem nada omitir!

Eu me afasto, mas não me separo de ti, guardo comigo tua lembrança; enviar-te-ei, apesar das grandes distâncias, meus pensamentos mais fiéis e meus anseios mais puros.

Eu me sinto completamente tua e pode fazer de mim o que quiseres! Será que não me amas tanto quanto eu?

Francamente, não acredito. É muito raro dois sentimentos se encontrarem e possuírem o mesmo grau de intensidade. O futuro me reserva talvez tristezas ainda insuspeitadas e, no entanto, parto alegre para o futuro incerto.

Não acredites em tudo o que eu digo, uma enxaqueca está a caminho, mas tenho medo de levantar suspeitas, e não posso ser tão

livre quanto desejava...

Prometa-me somente que escreverá uma palavra gentil quando me vires triste, e dize se duvidas ao me escrever. Diz-me sem hesitação e sem medo de me ferir.

Jamais em minha vida aceitei nenhum jugo e a independência completa sempre foi um privilégio do qual não abduco.

Quando dissestes esta noite a propósito da visita à minha irmã que outra vez não me deixaria fazê-la, eu senti que tua vontade é lei para mim.

Lembro-me tanto de tuas pequeninas maldades, tuas implicâncias, nossas risadas, tudo, enfim.

Vamos, agora boa noite. Já é tarde e tu estás provavelmente no *Club*.

Boa noite, até amanhã de manhã.

Tua A.



Paris

S/D

QUERIDO MAURICINHO,
Estou pronta e espero Hélène para ir jantar em casa de *maman*; enquanto a aguardo, aproveito para dar duas palavrinhas contigo. Acabo de mexer e remexer todos os teus papéis para encontrar o seguro desta casa, mas não encontro. Explica-me por que não pagaste este ano o seguro das duas casas, pois pensei que tivesses assumido esta também.

Sinto muita falta de ti, meu querido; agora vejo o quanto te amo e com que alegria nos reencontraremos, portanto, não te atormentes pela minha sorte. Estou bem e agora tenho pouco tempo até para escrever. Vês, portanto, que não tenho tempo para me aborrecer. Não tenho tido notícias de Brugmann. Provavelmente está com sua mãe, no entanto gostaria de vê-lo e de falar com ele.

Não sei o que devo fazer para ver Orloff. Sou tão tímida quando não conheço as pessoas.

Tua mãe é muito delicada comigo. Ela bem sabe o quanto te amo de todo o coração. Stoffel vem quase que diariamente receber minhas ordens; é meu encarregado de negócios e devo dizer que me

serve bem e de muito bom grado. No entanto, preciso decidir se fico com o apartamento de Pauser Platz ou não. Até agora não sei o que fazer. Me aborrece a ideia de desembolsar uma pequena soma de dinheiro. No entanto, será lá que estarei mais perto de ti e de lá que te protegerei.

É lá ainda que prefiro ficar, no meio de pessoas que demonstram tanto carinho por mim e com quem ficaria contente de estar.

...

Recomeço a carta que deixei de lado para ir jantar em casa de *maman*, onde passamos a noite jogando paciência e lendo os jornais. As eleições, como já deves saber, foram desastrosas. Leopold acha que tudo vai acabar mal e já vê Paris em chamas, os comunistas no poder! Que triste perspectiva!

Como vês, meus dias, no momento, transcorrem da mesma maneira e minhas noites, também. Como desejo alugar esta casa! Assim que esta felicidade acontecer, enviar-te-ei uma mensagem para compartilhar de toda a minha alegria. Adeus, Maurice querido, deixo-te para rezar e pedir ao Bom Deus que realize teus desejos e os meus, e, sobretudo, nos conceda uma saúde excelente.

Boa noite, amor, amo-te e beijo-te.

Tua

Nicota



Paris

SEGUNDA-FEIRA, 3 DE DEZEMBRO

QUERIDO MAURICE,
Não te escrevo a dois dias, acreditando que já tivesses partido e que minhas cartas não seriam recebidas por ti. Agora, acabei de saber por teu bilhetinho, que tua viagem foi adiada por duas ou três semanas. Isso me entristeceu por um lado, mas, por outro, sinto-te mais perto de mim, bem alimentado e protegido.

Fique tranquilo sobre mim, estou muito bem, toda a família é maravilhosa para mim, especialmente tua mãe e Vera. Se por instantes me entristeço e fico aborrecida, é a tristeza de estar longe de ti e, também, por ter a saúde tão frágil. Isso às vezes me torna injusta e exigente com aqueles que me cercam. Não te inquietes e estejas certo de que me amam muito.

Já que não partes ainda, poderia ir ao teu encontro em Berlim. Se estiver me sentindo perfeitamente bem, talvez vá te beijar antes da tua partida. Deixo-te para levar Vera à estação de trem.

Todo o coração da tua Nicota



Journal • Anotações

DEZEMBRO DE 1877

MINHAS PREGUIÇOSAS INCURSÕES a cavalo no cafezal me fizeram esquecer como se monta como um cossaco. Terei aptidões para a guerra? Passo a tarde nos cafés esperando ordens. Soldados de diversos regimentos, com seus uniformes azuis, armas e bagagens, formam grupos, fumam, invectivam contra os turcos, contam histórias. Belas e claras, as construções da cidade escondem o rio onde manobram embarcações de todos os tipos. Marinheiros em cinza, comerciantes e mulheres enchem canoas que flutuam de um lado para o outro transportando fardos, munição e mantimentos. Ouvem-se gritos e o barulho dos milhares de remos na água. Algumas balsas transportam canhões. O movimento do porto é grande. Com samovares fumegantes nos braços, as camponesas apregoam a *sbiténa* quente. Ainda tenho os gritos de *mon oncle*^[1] Garfinkel na cabeça: “*Fá fairre déz affairres!*”^[2]

Sim, obedeci. Fiz contatos. Comerciais e militares. Nos primeiros, ofereci aguardente a bom preço, que tio Garfinkel faz vir da Crimeia. Quanto aos segundos, estou cheio de respeito por centenas de jovens, que, com gestos indiferentes, risos barulhentos e altruísmo, vão engrossar os batalhões sob o comando de Gurko e

Radetzki. Muitos jogam cartas. As notícias pairam num ar enfumaçado e que cheira azedo. “Mataram meu melhor artilheiro com uma bala na testa.” “Quem? Mitiukine?” “Não, Abrosimov... era tão corajoso.” E então, para o servente: “Traga logo minhas costeletas!”.

Só se fala nas batalhas. Oficiais trazem estrelas nos capotes, luvas brancas, discutem estratégias, comentam as estradas cheias de lama pegajosa onde perdem as botas em meio a bombas e cavalos com as tripas de fora. Os sobreviventes se abraçam, beijando-se três vezes: “Meu Deus do Céu! Micha... Meu amigo de infância... Como foi que chegou aqui?!”.

Em minha imaginação, ouço o zunir das balas, os assobios dos projéteis, o rugido das baterias em ação. Terei sangue-frio como o do oficial que caminha, com seu cigarro nos lábios, alheio aos tiros e aos agonizantes? Nas menores rugas, nos gestos, nos músculos, nos enormes pés calçados de botas velhas, nos movimentos calmos e lentos dessa gente, vejo a força do império russo. “Adeus, irmãos.” É assim que se despedem quando recolhidos pelos enfermeiros, com o peito estraçalhado, sem uma perna ou braço, cobertos de sangue e lodo.

Releio a carta de *Nicotáh*. Tudo me parece insignificante. Sua vivacidade se foi. Hoje é uma mulherzinha desvitalizada. Que maravilha a vida de casado! Deus me livre! Será que ela pensa que sua visita me dará prazer? Quer vir beijar-me, pedir perdão, suplicar. Nem pensar. Como me livrar dela? Vou perdoar pela última vez. Bom... Chega de torturá-la, coitadinha. É seu peito. Mulheres são seres fragilíssimos.

Devo me concentrar nos preparativos. Uma lista, por favor. Preciso: cavalos de sela, mudas de golas de uniforme, carvão, dinheiro para ter a mesa aberta para os oficiais, uma equipagem, um manto de peles. Bastará juntar-me a um batalhão e mostrarei a autoridade de um chefe. Receberei o tratamento de *Votre Noblesse...* Mas, vejo-me, também, jogado ao chão, entre corpos ensanguentados, olhos esbugalhados, rostos inchados. Todos recentemente abatidos. Por que integrar-me a essa campanha?



Paris

SEXTA-FEIRA À NOITE²⁶

MEU BEM AMADO MAURICE,
Na tua carta de hoje vejo que estás um tanto desencorajado e que encontras mesmo dificuldades imensas para conseguir te engajar como simples soldado.

Stoffel, que almoçou comigo e com Cecília, disse que não é de admirar que te obriguem a passar o inverno em São Petersburgo. Não acreditam que imediatamente te façam partir, pois não tens nenhuma tradição militar. Ele acha que, mesmo protegido, não conseguirás fazê-lo.

Para ti, meu querido, tudo isso deve te aborrecer muito, mas, para mim, confesso que estou mais tranquila de saber-te em São Petersburgo.

Minha saúde está positivamente melhor, porque bebo dois cálices de vinho misturado ao quinino e cacau, foi Daut quem me receitou esse regime que está fortalecendo bastante o meu peito. Minha fisionomia está bem melhor, meus lábios mais rosados e a tez mais fresca. Eu sei bem me cuidar, assim na tua volta encontrarás tua mulher saudável e não muito feia!

...

Tua mãe, para me agradar, convidou-me várias vezes para irmos ao teatro, hoje. Finalmente, consenti em acompanhá-la, com a condição de que fôssemos ao teatro Francês ou ao Odéon. Tudo estava combinado. Às seis e meia, já estava em sua casa. Tivemos que esperar Eugène (que está aqui desde ontem) até as sete e meia para o jantar. Ele, enfim, chegou, mas, sem a frisa. Como nos disse Leopold, ele jogou *baccarat* todo o tempo e foi o criado que ele mandou mais tarde procurar a frisa que não havia encontrado!

Afinal, no fundo não me arrependi.

Estou desolada de não poder partir ainda para Berlin. Imagino que 24 léguas de distância nos separam! Mas com que alegria deixarei Paris!

Infelizmente, não posso partir antes de alugar a casa e Deus sabe quando o conseguirei. Em todo o caso, podes me escrever uma carta bem detalhada na qual me dirás que é de tua vontade que eu parta o mais breve possível para Berlin. Esta carta, eu mostrarei a tua mãe, a fim de que ela não me pressione muito sobre a minha viagem. Penso sempre que a magoo ao partir.

Eugène volta amanhã; ele só veio para pedir dinheiro à *Maman*.

Se tu ficares o inverno em São Petersburgo, irei encontrar-te. Sinto demais saudades tuas. Não faças a corte à Madame Aguado.

Ontem fui à igreja de Nossa Senhora das Vitórias orar por ti e amanhã volto para deixar teu nome inscrito para as próximas orações, para que voltes são e salvo e coberto de glórias!

Até logo, meu adorado.

Tua Nicota



São Petersburgo

Journal

FEVEREIRO DE 1878

COBERTO DE GLÓRIAS?!
Voltarei coberto de dívidas. Tudo aqui é caríssimo e, pelo visto, meu irmão é um roedor incansável da fortuna de *maman*. *Nicotáh* é mesmo uma criança. Seus humores e amor meloso me irritam. Ela quer que eu partilhe a dor de seus olhos angustiados, do rostinho lindo e pensativo. Doravante, fingirei ignorar suas palavras, sua cara chorosa, sua apatia. Cansei de vê-la sentir tonturas, cambalear e cair como um fardo nos canapés. Cheirar um pouco de éter não adianta mais.

Apesar da origem provinciana, ela tem até encantos quando está bem. Ainda consigo passar com ela dois ou três dias por semana. Mas ao voltar, decididamente, comprarei uma casa na Corte. Precisaréi de movimento e pessoas. Contatos no Senado. Talvez favores. O preço do café está começando a cair. E o império do Brasil importa tudo: leis, ideias, filosofia, modas, maneiras, piadas e até *cocottes et putes*. Tudo vem em caixotes pelos paquetes. Tudo custa uma fortuna, pois há a temida alfândega. Os brasileiros se

supõem civilizados, mas são como os índios: saem com um chapéu na cabeça e o mais nus: *fesses em l'air*,^[1] se achando muito galantes! Nesse ambiente miserável será preciso inventar como conceber mais negócios.

Farei como o tio de *Nicotáh*, que tem um palacete requintado próximo à Quinta Imperial. Convidarei os titulares do império, os ricos, os grandes comerciantes. Exibirei minha acolhida cavalheiresca, faremos vida culta e haverá mesa aberta uma vez por semana. Móveis de Paris, espelhos de Veneza, pratas de Londres, tecidos da Turquia, tudo arrumado com elegância, haverão de impressionar. Terei um *groom* diferente. Quem sabe levo daqui um mujique?

Agora, que *Nicotáh* volte para o cafezal. É preciso saber de perto o que anda improvisando o Manuel e se os negros continuam plantando e colhendo. Recebi um telegrama contando que refugiados da seca estão invadindo as cidades no Nordeste. Milhares de famintos vagueiam pelas ruas de vilarejos tão pobres que não há como fazer caridade. Pior, os escravos atrevidos começam a desobedecer e as relações amistosas entre senhores e cativos não se sustentam mais. Panfletos com mensagens do tipo “Fuja, fuja e você será livre” começam a ser distribuídos. Barqueiros se recusam a transportar negros vendidos de uma província para a outra. *Meetings* com oradores inflamados contra a escravidão se multiplicam e até jornais femininos se posicionam pela abolição. É um desrespeito à propriedade. Talvez o começo da anarquia!

Hoje à noite, porém, nada de mais preocupações. Combinei com Rostovtsev, gente da velha aristocracia, e aproveitaremos que os camarotes do teatro estão vazios para fazer a corte às damas de pezinhos pequenos, colo de cetim e pele leitosa. Comerei esturjão fresco com raiz forte. No *fumoir*, falarei de meus negócios brasileiros e de cavalos. Óbvio, terei que melhorar o que dizer da gente e da terra. Sinto nas veias um calor de mocidade. Deem passagem ao capitão do Exército russo, Maurice Haritoff!

Criado, já, o meu cupê!



Tsarskoie Selo, São Petersburgo

Journal

MARÇO DE 1878

A PAZ FOI ASSINADA. Começo a embalar minhas coisas. A guerra acabou sem que eu fosse para a frente de batalha. Não ouvi o barulho dos morteiros, o silvo das bombas e os gemidos dos feridos. Tampouco os turcos gritarem “Alah!” e, uns atrás dos outros, caírem sobre as colunas de soldados. Invejei os que chegavam com os mantos manchados de sangue. “Ah, irmão... Você nem imagina...” E descreviam as proezas do heroísmo que não tive. As orações de *Nicotáh* devem ter ajudado.

Mas as minhas preces também. Nos dias de missa, enfiava meu melhor uniforme. Sentia com prazer os olhares admirativos que me viam como um oficial indo, naquele dia mesmo, atacar uma guarnição inimiga. Os sinos da catedral troavam solenes. Depois de atravessar o portal esplêndido, mergulhava na gente reunida numa espécie de mansidão. Era o efeito narcótico dos magníficos ícones cobertos de ouro, das velas flamejantes, das chapas douradas nas paredes, dos incensos, da pompa do ofício. Se não fui herói, pelo menos me comportei como um nobre piedoso.

Passei muitas tardes lendo os *Annales de la Patrie* e tomando café misturado à aguardente. O príncipe Galitzine se revezava entre a poltrona e o piano, no salão dos oficiais, contando as últimas: “É de morrer de rir, *mon cher*. Houve um tempo em que não se falava de outra coisa em São Petersburgo... Sei de tudo em detalhes”. Incansável.

Porém, os aristocratas de hoje são uma pálida cópia dos senhores do passado. Os “*mon cher*” aqui e acolá revelam apenas pessoas que se dão grandes ares... Mostram-se exigentes com os criados e suas vozes rascantes revelam mais o abuso de vodca do que o sangue azul. Tenho fotos ao lado do general Alexis com mais três companheiros. Há de bastar para impressionar os indígenas mais céticos.

Aproveitei também para fazer contatos comerciais. Tio Garfinkel me deu alguns nomes e é possível que queiram comprar produtos tropicais qualquer hora. Fui vê-los nas zonas residenciais. Alguns frequentaram o ginásio e as universidades do Estado em vez de permanecer nas *yeshivás*²⁷. Mas ainda usam grandes capotes e chapéus como na Idade Média.

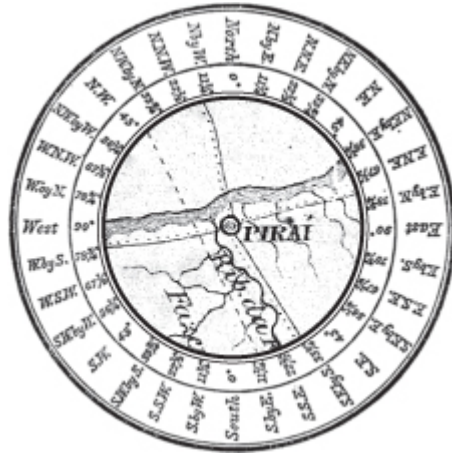
Sinto que há mudanças no império russo. Discute-se, mesmo nas casernas, a passagem de um regime autocrático para um governo constitucional. Vi chaminés se erguendo: indústrias. A produção agrícola cresceu e os camponeses enriqueceram. Vejo-os pelas ruas com seus mantôs *matelassés* e suas mulheres cobertas com véus de viagem. Fazem compras. E o que dizer do fasto e aparato que cercam qualquer aparecimento do czar! Eles dão uma impressão de riqueza quase inimaginável. Têm a reputação de ser uma das famílias mais ricas do mundo. Penso, com piedade, no imperador brasileiro, a passear burguesamente na estação de Petrópolis com o que parece ser a sua única casaca preta.

Bem, é hora de partir. Tomarei a avenida Niévski, cruzarei pelo teatro da Passagem, especializado em operetas, o domo da igreja armênia, a torre da prefeitura e o Bazar com suas duzentas butikues. Tomarei o vapor no cais do Neva. Verei desfilarem os bulbos dourados e os palácios que se perderão nas águas prateadas e na claridade lunar da tarde. Raras estrelas azuis brilharão no firmamento.

Não obrigo *Nicotáh* a vir morar aqui, porque nós não suportaríamos os longos invernos. “Não amo nem vivo senão para ti”, me escreve, babosa. Diz “admirar minha bravura e meu coração... Minha vida de cão”! Piada. Recomenda-me não beber muito *champagne* com os camaradas, nem comer salsichas, que não fazem bem ao estômago. Confessa ter os olhos inchados de tanto chorar. Substituiu o vinho por aveia e cerveja maltada. E agora é a atmosfera de Paris que lhe faz mal! Chama-me de “marido itinerante e malvado”. Tem receio que eu tenha me habituado a “viver só” ou a ter “ideias de liberdade”. Dá-me sermões. Tenho lhe escrito pouco, é fato. Só pequenos bilhetes. Mas estou cheio de outras preocupações.

Nossa situação financeira e familiar não é das melhores. Falta dinheiro por todos os lados. Ela me escreve sobre dívidas, aluguéis, tabeliães. Credores batem à porta. Eugène não se cansa de jogar, ganhando e perdendo, alucinado. Com sua mulher, devem dinheiro em toda a parte. Não se cansam de desperdiçar e dilapidar! Hélène está hospedada com o marido em nossa casa em Paris e é minha esposa quem paga os fiacres que tomam. Agora é meu cunhado que se queixa de misérias à *maman*, de quem, aliás, Eugène tomou setenta mil francos em títulos para apostar no Clube. Minha irmã Nadine faleceu, e seu viúvo briga com os filhos pequenos pela herança. Só *Nicotáh* me ajudou, alugando nossa casa em Paris e prometendo economizar.

Antes de voltar, tenho que pôr um fim aos suspiros de A. Ora tem medo de levantar suspeitas, ora se diz dona de sua independência. Bolas! Não terei tempo para cartinhas de amor nos trópicos.



Bela Aliança

JUNHO²⁸

MINHA CABEÇA EXPLODE e as nevralgias são constantes. Tudo vai bem na fazenda, mas o envio do café para o Rio tem sido demorado.

Visitas do barão de São Clemente e senhora.

Há uma mansão para alugar. Pertence ao senador Vergueiro: grande e com jardim ao fundo. A fachada é feia, precisa de consertos e o aluguel 2.400\$ réis.

Maurice, como queria vê-lo ao meu lado o mais breve possível!

Tio Joaquim mandou convidar-me para ir à sua fazenda da Grama: seis mil escravos e cento e cinquenta mil arrobas de café por ano. É demais. Vai aumentar minha dor de cabeça. Vovô, barão de Pirai, só colhia catorze mil! E nós, despompamos apenas três mil. Estou tão fraca que não conseguirei ir a cavalo. Terei que tirar os escravos do cafezal, para levar-me na rede. Isso não posso fazer.

Eugène, o detestado *Ballon*, esteve na Corte e foi a São Paulo. Lá contraiu doença, não fez exames e gastou bastante dinheiro. Ultimamente eu lhe dei 100\$ do meu dinheiro, mas como isso tudo foi gasto com frivolidades não darei mais um tostão.

Somente há dois dias temos bom tempo, e se continuar assim teremos muito café a exportar. “Imagine só que eu me divirto em trabalhar com as negras no cafezal; estou mais habituada com a fazenda e a deixo com tristeza” — escreverei isso a Maurice. O café atingiu, nos últimos dias, nove mil-réis. Dir-lhe-ei, também, que mando todos os negros para o cafezal, de manhã e à tarde. Comigo fica só Emília, que está com uma barriga enorme.

Assustei-me com o dinheiro que vou gastar na cidade, e talvez sem prazer, porque o desconforto que me aguarda com as crianças de minha irmã me desespera.

Não esquecer: pedir a Maurice que me envie meus móveis, cortinas, reposteiros, miniaturas, mesinhas, cadeiras e poltronas, espelhos de Veneza, pequenos quadros, a caixa de joias e meu grande retrato. Trazer também muitos pares de sapatos e sapatilhas com fitas para sair à rua, todos de *Perchelet*. Sou mimada, mas de quem é a culpa? Estou adoentada nos últimos tempos, acho que mereço um ambiente belo e confortável. Já que possuímos tudo isso e só nos impedem as despesas com a Alfândega e os transportes. Ah! Que ele não esqueça os aparelhos, os cristais, o samovar comprado na Rússia, a máquina de licores, os saleiros e as garrafas para o *champagne*. E tapetes também. Pode vender meus casacos de pele. Mesmo sendo um fazendeiro, Maurice pode ter uma bela instalação no Rio. Não é por estarmos no Brasil que devemos nos privar de tudo. Começamos a envelhecer, sobretudo eu, que estou sempre doente, preciso aproveitar um pouco enquanto posso.

Se Maurice soubesse o quanto fico impaciente, esperando notícias. Peço-lhe tanto que me escreva contando-me tudo. Tudo!

Como ficarei feliz em abraçá-lo. Todos querem fazer uma grande recepção.

Quero mandar-lhe minhas melhores carícias, mas, agora, ele só me chama “minha filha”. Sinto que não me tem mais como sua mulher. É culpa da doença. Passei oito dias de cama com febre. Tomei muito sulfato de quinino. Tia Maria Gata dormiu aos pés da cama, mas seus defumadouros não fazem mais diferença. Sinto falta de Maurice. Sua última carta foi meu consolo e minha companhia. Trazia-a sempre junto a mim, esperando pela próxima.

Estou muito cansada e preciso descansar.

Hoje à noite, lhe escreverei assim:

Ainda de meu leito envio-te estas linhas.

Tenho a impressão, lendo a tua carta desta manhã, que estás aí distante, com ares de abandonado e infeliz sem mim, sem tua família e sem teus amigos. Pobre querido. Diga-me: se quiseres correrei ao teu encontro, não quero que sofras, tenho raiva da Rússia, dos russos, desta maldita guerra que nos forçou a uma separação! Deus nos protegerá porque estás cumprindo com o teu dever, e eu lhe ofereci meus sofrimentos em expiação de nossos pecados. Tem coragem, meu adorado, e procura alegrar teu pobre coração. Pensa bastante na felicidade que será o teu regresso para perto de mim, a quem amas, depois da guerra. Boa noite, Maurice querido, penso em ti, te amo e te beijo, tua querida Nicota.



Fazenda Bela Aliança

Meu diário

ONTEM COMPLETEI doze anos. Não faço mais erros de grafia e estou falando corretamente. *Siá Nicota* me educou. Disse que é pena as mulheres não poderem estudar, pois eu daria boa médica. Estou tão curandeira quanto tia Maria Gata. *Siá Nicota* também me ensinou tantas coisas: que não há bom católico que corte uma banana transversalmente, porque seu miolo apresenta a figura de uma cruz. Que ao cair alimento ao chão devemos dizer: “Para as almas!”. Evita que o diabo coma. Que os malucos conversam naturalmente com os espíritos. Que a carneirada de nuvens pastando, rodeando sem fixação, é garantia de farta chuvarada. Que nuvens baixas, anormalmente escuras, trariam espíritos de excomungados, indesejados no céu ou no inferno. Que São Lourenço é protetor dos ventos, que esconde em grutas rasgadas nas montanhas. Que o remoinho anuncia diabinhos desocupados. Desaparecimento de abelhas e marimbondos? Estiagem. Quando as formigas na beira do rio mudam de casa, é sinal de enchente.

Mesmo tão sabida, *siá Nicota* anda triste. Vejo-a no laranjal, chorando. Diz ter suores, inquietação e arrepios inexplicáveis. Tia

Maria Gata suspeita dos ares. O ar é elemento sutil e poderoso que pode ser bom ou ruim, determinando enfermidades. Ela me explicou que há uma variedade de ares: de galinha choca, de gente viva em pecado, de gota, de mau-olhado, de estupor, cinza ou preto. O ar pode trazer um demônio, inspirador ou perturbador da conduta normal. E povoado de seres invisíveis, se intromete na vida das pessoas. “Príncipe do Ar” é sinônimo para Satanás. Tia Maria Gata percebe no ar traços e vestígios, mistérios e avisos. “*É ar di qui vai acontecê alguma coisa*”, diz...

Ela foi talhar o ar da casa, com orações, defumações e gestos em cruz, tendo nas mãos galhos de arruda. Fez a cerimônia em duas sextas-feiras seguidas, no pino do meio-dia. Nessa hora, proibiu-se que homens e mulheres pecassem. Depois, a casa foi cuidadosamente espanada, vasculhada e varrida, enterrando-se o lixo bem longe.

Fez efeito. *Siá* Nicota tem chorado menos. O *missiê* Maurício anunciou a Manuel que vai voltar.



Na redação de *O Pirahí*

MAIO 1879

APANHEI NO ESTRADO a metade do charuto que lá deixara e bocejei. Notícias? Não se fala em outra coisa: Regina Angelorum disse NÃO!

Dava matéria, mas como o patrão não é abolicionista, problema de negro não lhe interessa. No Vale, qualquer assunto referente à escravidão é tabu. Questões de princípios! O jornal é muito sério. Não quer discussão com essa gente. Finge que nem sabe que existem clubes abolicionistas. Que diabos.... E depois, seus membros são doidos. São capazes de vir tomar satisfações e termos que lhes quebrar a cara. E sempre é desagradável.

Mas a história é a seguinte. É sabido que na Bela Aliança e no Pinheiro os feitores casam todos os escravos. Ninguém quer ser bom. Apenas manter a paz nas senzalas. Cria da casa desde miúda, a negrinha Regina Angelorum vivia na barra da saia de tia Maria Gata. Dizem que hoje parece gente branca. Fala como eles, lê, escreve, e ainda ajuda na farmácia dos cativos, preparando remédios.

O feitor deu-lhe ordem para casar. Com a proibição de compra de escravo novo, a senzala tinha cerca de dois homens solteiros para cada mulher. Pouco lhe importou a menina dizer que não era cativa. No entender do feitor, ela veste, come e trabalha como tal, além de dividir a cela com tia Maria Gata. Se não é escrava, parece uma... Ordens do conde. Além do mais, ordens de um feitor poderoso que dirige com mão de ferro o trabalho dos cativos, controlando para que cada ordem do patrão seja cumprida. Ele não só responde pelas tarefas realizadas, mas é o mediador entre o conde e a escravaria. Queixas? Ele que comunica. Mas, nesse caso, resolveu que não o faria.

Ciúmes da menina que sua mãe criava?

Despeito, pois Nicota a tinha sempre debaixo das asas?

Ressentimento em relação a Nicota, pois afinal eram irmãos de leite e ela nunca o favoreceu?

Que Regina Angelorum tivesse filhos, aumentando o plantel do conde, como era de praxe. Era aceitar um marido ou ser jogada na estrada.

Casamentos entre livres e escravos eram comuns. Um número maior de cativas era escolhido por lavradores que compravam, mais tarde, suas alforrias. O excedente de homens nos cafezais aumentava a chance das mulheres, até mesmo das escravas. Foi assim com a mãe de Regina Angelorum.

E Custódio era um bom candidato ao matrimônio. Amigo do feitor, além de jovem e forte, tinha qualificações, pois era o ferreiro-chefe. Casado, poderia ter acesso à terra e cultivar sua própria roça, licença que só era dada aos casais. Cultivando roça, poderia vender seus produtos na cidade e ganhar seu próprio dinheiro. E dinheiro era o caminho mais rápido para a compra da liberdade. Havia ainda a chance de Custódio ser libertado se casasse com uma protegida da senhora. “Pelos bons serviços e pela fidelidade com que me serviu”, palavras que abriam portas e todo cativo queria ouvir.

Afinal, Regina Angelorum era pessoa de confiança de Nicota. Penteava seus cabelos. Testemunhava os acontecimentos comentados ou passados nos salões da casa-grande. Supervisionava as refeições da senhora. Mas tinha que ser vigiada. Por nada, poderia

causar-lhe danos: doenças, hábitos relaxados e corrupção moral. Por sua cor e condição, a negrinha seria sempre uma mistura de confiança e suspeita.

Até os padrinhos já tinham sido escolhidos: ninguém da própria senzala, mas gente livre e pobre de Piraí, como vinha se tornando comum. Mas a noiva estava inflexível. Nem o temor de graves castigos a fez recuar. Correu na vila que Custódio foi procurar o futuro sogro, que o recebeu alcoolizado e prometeu uma boa surra na menina. Nada! Algo parecia encorajá-la.

Mesmo contrariada, compareceu à igreja, escutou as palavras do padre, mas, durante três noites, não permitiu que o marido a tocasse. Estavam casados perante a Igreja, mas não na vida. Pois a menina se recusava a consumir o casamento. Isso não podia continuar — ameaçavam juntos o futuro marido e o feitor. Advertiram com violências, açoites, torturas. Então Regina Angelorum foi chorar aos pés da sinhá, implorando ajuda. Queria viver solteira, continuar estudando as sabenças de tia Maria Gata. Não queria se unir a um escravo, homem de pele mais escura do que a dela.

Nicota mandou chamar o tio padre, vigário da matriz de Piraí. Pediu-lhe que anulasse o casamento, o que foi feito mediante grossa gratificação para a pintura da fachada. E tudo não passou de mais uma história para alimentar a falta de assunto da cidade.

Tenho cá comigo — outro bocejo sincero — algumas hipóteses: Nicota é romântica e sabe o que é um casamento sem amor. Outra: ela se tornou abolicionista e quer um futuro para a negrinha. Ou ainda: tia Maria Gata está ficando velha e a fazenda precisa de alguém para substituí-la. Todas as possibilidades juntas... Mas, não esquecer nunca: gente como a negrinha inspirará sempre um misto de confiança e suspeita!

Preciso voltar ao meu drama de tendências democráticas. Embora não goste do tema escravidão, quem sabe introduzo essa estória verídica? Ou seria melhor fundar um clube republicano, juntando os pobretões como eu com a burguesia representada pela condessa? Talvez uma “Ode à liberdade”, para rimar com humanidade: “Ei-la que surge na colina santa/A santa liberdade...”.

Tantas ideias me parecem nebulosas, melhor concentrar nos tipos e no prelo.



Hotel des Quatre Saisons²⁹

MAURICE, Eis-me longe de você e dentro de poucos dias o mar nos separará. Você há de convir que é muito triste e eu creio que pensa como eu. Daria tudo no mundo para adiar minha partida de Paris, mas, infelizmente não depende de mim fazê-lo, e sofro com a ideia de separar-me de você, no momento que seria tão doce podermos viver perto um do outro... Hoje pela manhã, às 11 horas, pensei no passeio que fizemos na véspera. Lembrei-me de tudo o que você me disse, suas brincadeiras, depois, o longo olhar com que me fitou e, finalmente, nossas despedidas na escada. O meu coração se apertava com uma emoção dolorosa. Fiz a viagem sozinha de volta à noite, na pequena cabine-dormitório do trem. Meu marido e François se instalaram ao lado, deste modo pude ficar olhando o teu retrato continuamente e pude deixar meus pensamentos fluírem até você.

...

Você terá tempo de me escrever ainda por aqui. Tenho pressa de receber algumas linhas suas. Espero que tenha recebido minhas duas

cartas.

Estou cansada e tenho enxaqueca. Boa noite. Abraço-te ternamente,

A.

P.S.: Tinha tanta coisa a lhe dizer! Mas tremo pensando numa ausência tão longa, não acha?

Você levará de mim uma recordação de fidelidade — fidelidade, não é?

Se não partir logo, telegrafe-me, mas, não posso me iludir.

Beijo seus queridos e lindos olhos.



S/D

MAURICE³⁰
Agradeço de todo o coração a sua carta! Como fiquei feliz de rever a sua letra, de tanto lê-la e relê-la até já sei de cor! Fiquei verdadeiramente emocionada com tudo que me disse de bom, e estou muito sensibilizada.

Ansiava há muito tempo por uma palavra sua, uma recordação. Desde aquele momento, não se passou uma hora sequer que você não me saia do pensamento! E me rebelei contra mim mesma de ter sido como tantas outras, um simples encontro que devo esquecer! Mas isso é mais do que impossível!

Como seria feliz em revê-lo, e passar ao menos algumas horas podendo lhe contar os meus sentimentos desde que nos separamos, mas o provérbio que diz “o que uma mulher quer Deus também quer” é mentiroso, pelo menos no que se refere a mim!

É impossível para mim escapar daqui de modo a poder vê-lo antes de sua partida, que será dentro de seis semanas! Esta ideia me entristece. Por quanto tempo novamente?

Mesmo sem vê-lo, sabendo, como consolo, que estaria em Paris, parece perto comparativamente.

Creia que não há amiga mais fiel e mais devotada do que eu, e se isto fosse possível estaria bem satisfeita se de um modo ou de outro pudesse conseguir vê-lo antes de partir, e desejo mais do que você!

Você me fala de um novo amigo e compreendi do que se trata.

Creia-me, porém, que nunca compararia esta amizade à que lhe dedico e que você tem por mim, assim creio.

E uma outra coisa. Você foi um excepcional amigo na minha vida, creia-me! Digo francamente que tenho uma grande afeição pela pessoa em questão, e mesmo grande admiração por ele, e ele também sente grande amizade por mim, mas é tudo uma outra coisa! E isso nunca em nenhum momento fez diminuir o que sinto por você, e já provei, creio, aproveitando a primeira vez que tive de me comunicar de novo com você, e dizer que me é cara a lembrança das horas que passamos juntos e nada esqueci!

Essa foi a época mais tempestuosa, mas, também, a mais feliz da minha vida, e apesar de achar que preciso dela, não consigo me arrepender e se pudesse refaria tudo de novo, e voltaria no tempo apesar de tudo!

Foi um escárnio do destino termos nos encontrado para sermos lançados tão longe um do outro! O que você foi para mim, pessoa nenhuma neste mundo foi, você pode acreditar! Sabe como sou sincera!

E eu não o diria se não fosse verdade! O que me forçaria a fazê-lo? Acabo repetindo o que você me disse, para sempre preservarei sua amizade e serei sempre muito grata por tudo que você me concedeu. Não se esqueça de que me prometeu guardá-la para sempre e jamais me esquecer!

Se houver alguma mudança de planos no seu programa até setembro, informe-me imediatamente! Se, infelizmente, antes de partir pensar ainda uma vez em mim, não se esqueça de me dar o prazer de escrever imediatamente, dando-me o seu endereço, o país, a cidade e não se esqueça de assinar com o seu verdadeiro nome antes do sobrenome para que a carta não se extravie!

Naturalmente não há riscos que isso aconteça! Quando você pensa retornar de sua missão?

Todos dizem que você estará bem, mas é tão longe...

O clima não é mau, mas a distância de navio é tão grande!

Lá todos enriquecem, o que desejo para você, mas não esqueça a lembrança e seus amigos que lhe permanecerão fiéis em pensamento!

Obrigada por tudo que me disse em sua carta e que me sinto muito feliz em acreditar!

A.



Journal • Anotações

A H!!!! QUANTOS PONTOS de exclamação!!!!
Sapristi!!! A coitadinha não sabe escrever!!!
Sim, gostava de pousar o rosto nos majestosos seios por trás das rendas do corpete amarrado “à preguiçosa” para que pudéssemos desatá-lo sem esforço. Depois, o confronto com o efeito perverso de laços, colchetes e botões que só aumentavam a impaciência de meus dedos. Ou os cabelos que ela soltava para se dar ares de prostituta. Ela conhecia como ninguém o segredo das belas roupas íntimas.

Sim, foram as felicidades da carne: as saias amassadas sobre a poltrona, os beijos vermelhos, os braços nus, a flexibilidade cálida da cintura sem espartilho por baixo do *peignoir*, o cheiro de pó de arroz. Foram horas de embrutecimento e lassidão sobre um canapé, sugerindo sua vertigem e derrota. Extraí de todos os encontros, todo o prazer. Espremi cada momento como se espreme uma fruta. Como disse alguém, amar as esposas alheias é tão aceitável como filar cigarros e ler os livros dos outros. Mas não caio em sentimentalismos. É hora de voltar e enriquecer.

Sim, devo voltar ao cafezal, aos escravos e ao piano de *Nicotáh*. A música que traduz os queixumes de sua alma ferida. Aos segredos

que deve revelar apenas ao padre confessor. Sua tosse, seus sangramentos, sua tristeza de terra estéril, sua maternidade contrariada. Ela colocou um genuflexório no quarto, fez um recanto de orações para cultuar seu angelismo na minha ausência. Se ela não me dá filhos, me dá café. Trabalha lado a lado com os escravos. É alguma coisa. Não lhe cabe, de qualquer maneira, inspecionar minha presunção de fidelidade.

Longe do domicílio conjugal, tenho direito a travessuras!!!



Pirai

14 DE JUNHO³¹

MEU QUERIDO MAURICE,
Lembraste do meu aniversário hoje e não quero deixar que transcorra sem que escreva, dizendo que não deixo de pensar em ti e dizer que sinto desgosto muito grande em estarmos tão distantes.

Penso que deverias retornar antes de outubro, não importa o navio em que venhas, serás sempre prestigiado pelos comandantes. Hoje mais do que nunca, sinto-me triste, sem a tua presença, e se estivesses aqui farias, eu o sei, qualquer coisa que me alegrasse. Para os negros eu disse a Manuel que lhes desse meio dia de descanso e deixasse-os dançar.

...

Recebi tua carta de Dakar e fiquei muito feliz por tua lembrança em me escrever de lá, depois, meu amor, tua carta foi lida e relida muitas vezes. Recebi a caixa de Paris, com muitas roupas para ti e alguma coisa para mim, mas algumas, creio, não me servem. Três

pares de sapatos muito grandes e as camisetas de seda. Que *maman* as devolva, porque são decotadas e de mangas curtas. Eu tinha encomendado uma dúzia de pares de luvas bem claras, mosqueteiras, e ela me mandou luvas para dias sombrios. Enfim, não sei o que fazer com as coisas que não me servem. Tentarei trocá-las com os fornecedores do Rio. Paguei por isso cento e quarenta mil-réis à Alfândega.

Aqui vai tudo bem, logo escrever-te-ei dando novos detalhes de tudo que se faz por aqui. Hoje só falarei das minhas saudades que são imensas. Fazes-me falta demais. Não te deixes envolver pelas seduções de Paris e não vá fazer a corte àquela “senhora” em Paris. Pense que se eu vier a saber, vou ficar muito triste.

Por tua parte, não creias em nada que falam ou escrevem e, além do mais, estou sempre atenta. Deixo-te, meu querido, chamam-me, logo, logo escrever-te-ei de novo.

Estou passando atualmente muito bem de saúde... E eu te beijo fortemente e sou feliz em ser tua filha querida,

Nicota

P.S.: Manuel e compadre também mandam lembranças.



Fazenda Bela Aliança

Meu diário

S/D

CONTEI PARA *MISSIÊ* Maurício o que a avó me contou. Ele parecia me ouvir sem escutar.

Tudo acontecia em noites escuras, quentes e de maré baixa, quando o vento se acalmava e as ondas batiam na praia, revirando conchinhas e pedras. Sobre a areia, as brasas da fogueira acusavam a presença de homens. Alguns dormiam, roncando, barriga para cima. Outros, sonolentos, estavam de sentinela. Vindos da mata próxima, mutucas os mantinham vigilantes. Na escuridão, o casco do *Brachuy* se movia com lentidão.

Ouvia-se o barulho das velas sendo recolhidas, enquanto lanternas balançavam na popa. Remos longos faziam o brigue avançar. Depois, gritos de marinheiros e o barulho da grande âncora cortando a água rasgavam a noite. O barco parava quase na arrebentação. Depois, silêncio cortado apenas pelo canto dos grilos. Só começariam a descarregar com os primeiros raios de sol na serra. Passadas algumas horas, a noite empalidecia. Da mata, o primeiro

canto das maritacas dava o sinal. Na praia e no barco, sombras começavam a se mexer.

A carga vinha de Quelimane, em Moçambique. Era o nome de um lugar onde muitos morriam pela malária — tinha explicado sinhá Nicota. E os que mais morriam vinham de longe. De terras além da colina, para morrer, muitas vezes, no mar ou no além-mar. Na barra de águas escuras, os bichos viam passar os barcos de fundo duplo, lotados de mercadoria: homens, mulheres e crianças escravas.

No verão de 1851, eles foram descarregados em outra região de manguezais: a ilha de Marambaia, aos pés do pico do mesmo nome. Sei o ano, pois foi quando a avó chegou. Na praia da Armação, feitores se preparavam para examinar a carga recém-chegada. No barco, havia movimentação também. O toneleiro encarregado do suprimento da água a bordo, assim como o cirurgião, acompanhava os primeiros grupos a sair do fundo do porão. Marinheiros, portugueses ou africanos se apressavam em pôr ordem na embarcação. Os últimos acalmavam os cativos. A mercadoria tinha sido embarcada com extrema prudência. Durante todo o trajeto, receberam duchas para evitar a sarna, tiveram bocas e olhos lavados com vinagre, as cabeças raspadas para impedir piolhos, ganharam comida abundante à base de inhame, arroz e favas, inclusive frutas para não lhes cair os dentes, puderam subir ao passadiço para esticar as pernas. Puderam mesmo cantar melodias africanas, embaladas por tambores. Afinal, para que serviriam escravos maltratados e doentes?

Rápidos, os caiaques se enchiam com os *malungos*. Assim os pretos se chamavam entre si. *Malungo* era aquele que veio no mesmo barco, um camarada ou parente. Se o grupo tinha um chefe, era o *Tatá*, o pai. Juntos, tinham atravessado a *Calunga Grande*... O rio-mar que, segundo contava a avó, separava o mundo dos vivos do mundo dos mortos. A cor branca significava a morte. Os negros eram os vivos. E a terra dos brancos era, para eles, a terra da morte.

O que lhes aconteceria? Acreditavam que seriam comidos pelos brancos.

Do lado da praia, os homens sabiam que era preciso esvaziar rápido o brigue. Afinal, vender gente estava proibido. O

contrabando era crime. Sinhá Nicota disse que desde antes da avó chegar, leis inglesas consideravam que os navios que transportassem escravos seriam tratados como piratas, sujeitos a serem destruídos e, seus homens, capturados e executados. Houve outras leis: uma que dava a liberdade aos que chegassem aos nossos portos como escravos. Outra que proibiu o tráfico de gente.³² Mal foram cumpridas e o preço dos cativos começou a subir. Por que as leis? Tudo medo. Medo dos sinhôs: tinha cerca de três vezes mais negros do que brancos, no país.

Daí que, na baía de Marambaia, a desestiva se fazia com rapidez. A avó contou que mal tocavam a areia, homens e mulheres se punham em fila. Os feitores, sem se incomodar com o sexo, examinavam cada um da cabeça aos pés: músculos, articulações, axilas e virilha. Os olhos, a voz, os pulmões e artelhos, enfim, nada era esquecido. A boca também era revistada e, se faltava um dente, a informação era anotada para garantir uma redução no preço. Queimados das fuças com o vermelhão do alcoolismo? Valiam menos. Aqueles cujas peles tivessem sido esfregadas com pólvora e suco de limão para ficarem brilhantes, um artifício que disfarçava doenças, eram separados e avaliados depois.

Há algumas dezenas de metros dali, grossas colunas de pedra e cal suportavam o telheiro de uma senzala. Escondida por um renque de coqueiros e pela vegetação de grandes folhas, era um espaço para a “engorda”. Na porta, cercado dos homens de confiança, esperando a mercadoria chegar, a figura do comendador.

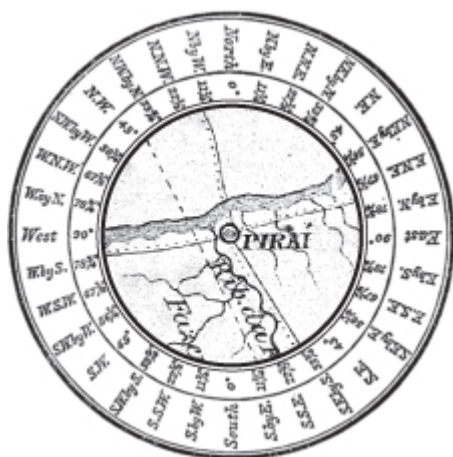
A avó o conheceu bem. Seus cabelos escuros enquadravam um perfil fino, de lábios bem desenhados, olhos brilhantes e queixo voluntarioso. Sinhá Nicota diz que o tio é um exemplo de beleza romântica, podendo parecer um jovem de alma velha. Tudo sobre o que seu olhar pousa, homens, coisas, terras, lhe pertence. E terras que vão do mar até Minas Gerais: é o chamado Reino da Marambaia.

Por trás da calma do rosto sem idade, queima um espírito cabeludo. Para os cativos, existe um personagem diabólico escondido nos trajes elegantes. Acostumado a dar ordens desde pequeno, sinhô Joaquim é frio como cobra. Assim fala com eles:

“Vai-te diabo!”. A vara de marmeleiro descaindo sobre a carapinha. Ao vê-lo, murmuravam entre si: “*Ngoma vem*”, “O sinhô vem chegando”. Também era chamado *cumbi*: o sol. “*O cumbi virô, ei, ei, ei...*”. As palavras, ditas no meio de uma canção, eram sinal de alarme.

Minha avó, uma negra macua, veio num desses brigues e serviu à sinhá Ana Clara, cunhada do comendador. Ganhou alforria quando casou com um índio de Ribeirão das Lages, em missa na fazenda, junto com outros escravos. Meu pai, cafuzo livre, se tornou agricultor e morador nas vizinhanças do Pinheiro. Trabalhava de meeiro para sinhô Silvino plantando batata-rim.

Quando *missiê* Maurício perguntou meu nome e eu respondi, Regina Angelorum, ele deu risada. Uma preta com nome de Virgem? E cacarejou em língua estrangeira: “*Regina Angelorum... Regina Sanctorum Omnium...*”! Eu não entendi.



Pirai, na sede do jornal

MANHÃ QUENTE. A rua principal, branca e nua, ainda estava vazia. Empurrei a porta cinzenta do jornal. No fundo do corredor, uma peça incrivelmente suja, juncada de papéis pelo chão, cigarros e marcas de sapatos. No centro, a impressora em ação rugia, fazendo ir e vir placas de chumbo sob os rolos pretos de tinta. Ao subir e descer, grelhas depositavam as folhas. Primeiro, brancas, para emergirem, em seguida, cobertas por sinaizinhos negros no verso. A voz do tipógrafo blasfemava, nunca contente. No ar, um hálito saturado de cheiros: tinta fresca, papel, chumbo, petróleo.

Segui em frente até a sala da redação. O colega gritou: “Notícia! O *Raritóv* da Bela Aliança chegou da guerra. Vão de muda para a Corte”.

Eu não via Nicota havia algum tempo. Seu sumiço das sessões de mesa se deu de uma hora para a outra. Não quis mais ouvir a mensagem dos mortos, dos espíritos, do outro lado. Migrou para a matriz. Assistia às missas de padre Breves, confessava, comungava e saía de braço com tia Maria Gata. Ouvi dizer que fez promessa a todos os santos para que o marido não fosse para a linha de

combate. Foi vista várias vezes acendendo velas de seis vinténs e rezando o terço nos altares laterais à Virgem Santa.

Da casa de sua tia, guardei na memória seu rosto magro de adolescente na obscuridade da sala. Os olhos abaixados e a boca ligeiramente aberta. Como se em êxtase. Será que ficava assim quando gozava, nos braços do russo? E gozaria Nicota? Seu Freixo diz que, se ela tivesse filhos, seria “normal”. Os embates conjugais requerem harmonia de sentidos. Para fazer filhos é preciso a fêmea gozar. Só assim saem saudáveis. Como eles não tiveram filhos... Haverá amor? Eles entrelaçam as línguas ou ela seria ignorante de desejos? Nicota: a pobre menina rica.

Se o russo não trouxer dinheiro de fora, ficarão pobres mesmo. O preço do café no Vale começou a cair e não vai parar. Há vários agricultores e fazendeiros endividados junto às casas comissárias, e estas, junto aos bancos, que não querem mais financiar os cafezais. Os que mais precisam de capital são os que menos cuidam das plantações. Os paulistas estão tomando a frente nas exportações, pois não compram mais negros. Importam imigrantes italianos e espanhóis. O aumento das terras cultivadas ou de escravos não vai retardar a decadência das lavouras velhas e esgotadas.

Algo me diz que esse conde não tem fortuna. Seu irmão esteve por aqui. Antipático, obeso, amarelado. Pegou doença-do-mundo em São Paulo. Pediu dinheiro emprestado à família. Soube até que sua mulher, uma belga de boa família, vende as pedras dos alfinetes de gravata para pagar pequenos débitos. Tia Maria Gata nunca gostou de seu Maurice. Diz que fez mal para sua “*minina*”. Que a “*minina*” morre é de tristeza. Que ele nunca gostou dela, era só “*fingimento*”. Que ele “*fica de zôio*” nas negrinhas novas. Que “*fica de zôio*” no cafezal.

O que farão os Haritoff no Rio? Dançar. É a época dos bailes. Baile do Catete, baile dos Estrangeiros, baile da Praia Grande, baile de Mata-Cavalos. Há pranto e agastamento dos que não são convidados. É terrível o desapontamento para quem tem promessa de valsa com fulana ou sicrano. O dos Estrangeiros é um luxo, um espanto! Que reunião de madamas! Para ele correm todas e todos e quando não se entretêm, afiam a língua. A cantoria? Proscrita. A

moda é a contradança. Quem viu uma viu todas, pois que todas acabam na “cadeia da união”. Serão de invenção maçônica? Os homens não largam os chapéus, porque isso seria depois uma Babel. Dançam com eles à mão, e alguns dos mais *fashionables* sustentam na outra a bengala. Parecem que estão a caminho de algum lugar e, todavia, estão ferrados na dança.

Nas quadrilhas, enquanto os homens pisam ou andam como se estivessem espalhando com os pés alguma coisa no chão, as senhoras mais buliçosas enviam-se aos pulinhos, levantando a saia do vestido como quem ergue lentamente uma cortina, e com os mesmos pulinhos recuam como camarão na água. Estamos num século de progresso. As mal configuradas, as pançudas, as corcovadas que antes não eram usadas para a dança, hoje se consideram aptas!

E o que fazem nos intervalos das quadrilhas? Os cavalheiros põem as senhoras no caminho da sabedoria. Discorrem sobre todas as matérias: o *budget* do corrente ano financeiro; o estado político da península europeia, ou a demonstração do quadrado da hipotenusa. Tudo com um olhar de cabra morta para que não se façam juízos equivocados. A nossa civilização do progresso, sabedora dos recatos e reservas com que é educado o belo sexo, quer apenas tirá-lo da estupidez e do acanhamento.

Entre valsas e giros de dança, os Haritoff integrarão o *grand monde*. Bem pode ser que nesses mesmos corruptions haja muitas vantagens que, por delicadas e secretas, escapam ao meu fraco bestunto. Talvez sejam eles um meio a mais de progresso das famílias, ou um símbolo da união conjugal, tão apertadinhos giram os pares. Mas sou apenas um pobre roceiro. Quase um montesino, ainda que poeta.

Limpo a garganta. Começo: “As flores d’alma que se alteiam belas...”.

Alguém da sala da impressora grita qualquer coisa sobre o anúncio das “pastilhas do amor”. Embora já circulasse nas grandes capitais, padre Breves pediu que não fosse publicado. Sem imagem, só diziam:

“Essas pastilhas chegaram ultimamente de França. Elas gozam de singular propriedade de reanimar as forças dos órgãos genitais, abatidos pela idade ou pelo abuso de prazeres venéreos. O seu efeito é evidente”. Preço 2\$400.

Deus me perdoe! Agora temos a censura da Santa Madre Igreja na pequena Piraí.



Laranjeiras

MARÇO DE 1881

AQUI NOS CHAMAM cafezistas. No Vale, fazendeiros. Não sei se há nisso alguma chacota. O casarão em que nos instalamos fica próximo ao Caminho Novo de Botafogo e a uma chácara de tio José Breves. Nos fundos, grande parque. A luz macia escorrega do céu azul-ferrete do Rio de Janeiro, inundando as copas das árvores e os canteiros de rosas. Ainda assim, sinto falta do verde do cafezal e das montanhas que se abrem com pompa e se perdem no horizonte.

Há um gabinete onde passo as manhãs em roupas caseiras e simples. Uma sala de visitas para vestimentas elegantes, mas sem luxo. Um salão de baile para vestidos de festa. Um cantinho acolhedor onde aguardo Maurice para as refeições em vestes domésticas. Procurei mobiliar com móveis elegantes e ricos, algumas esculturas, um piano Érard, tudo disposto e arranjado com vida. Papéis de parede, cortinas e quadros criam um cenário atraente. Todos sabem: “Dize-me como moras e dir-te-ei quem és”.

Dentro da casa, mandamos eu e tia Maria Gata. Sua carapinha branca contrasta com os vestidos de tafetá escuro que lhe mandei

confeccionar. Anda de xale de seda ao ombro. É linda a minha negra. Ela me recrimina: “*Ocê era alegre intécazá*”. A velha mucama não tem mais o que me dizer. Vamos juntas aos concertos de sexta-feira na capela imperial. Ouvimos o coro de sopranos italianos e tomamos sorvete. Acendemos velas e rezamos o terço à Nossa Senhora das Dores.

Nas ruas, o movimento de gente é contínuo. Pelo bairro, desde a madrugada aparecem os carroções recolhendo lixo. A seguir, as carrocinhas de pão quente. Em seguida, as vacas leiteiras tilintam seus chocalhos à porta das residências. Homens com chapéus desabados e jaquetão à galega oferecem perus, frutas ou recolhem garrafas vazias. Lavadeiras passeiam com imensas trouxas na cabeça e pretos e pretas, com altos tabuleiros de verdura e carne fresca.

À tarde, Maurice acostumou-se a passar no Café do Rio para saber das novidades. Ali se reúnem os monarquistas que discutem se a república virá. A vida externa é festiva, variada e intensa. Em toda parte, cresce o luxo e o dinheiro parece abundar. Fala-se em trezentos e sessenta e cinco bailes por ano. E, de janeiro a dezembro, toda a gente vai aos espetáculos de ópera italiana no Imperial Teatro D. Pedro II, às sociedades coreográficas, com seus títulos bucólicos e mitológicos — A Campestre, a Vestal, a Sílfide —, ao cassino Fluminense. Quando não temos convites, percorremos de carro aberto a enseada de Botafogo respirando a fresca viração do ar. Banquetes? Encomendo tudo na Confeitaria Paschoal. “Acanhada, mas adorável”, é o que dizem de mim. O pedido veio de Maurice: abro a casa às terças-feiras. São “*les mardis de Madame Haritoff*”. As quintas-feiras, não longe, são as recepções do barão de Cotegipe, chefe do partido conservador, parlamentar e viúvo mundano.

A Europa nos manda as suas modas, as suas artes, os seus *clowns*. Cultiva-se o romantismo, as grandes paixões, o estado de felicidade plena do amor correspondido, ou a desgraça de amar sem ser amado. Reconheço-me neste personagem...

Vivo uma espera inquieta. Apesar da dolorosa agitação da Corte, sinto uma vontade enorme de pedir socorro. Vontade de compreensão e de magia. Maurice seca as minhas lágrimas com um olhar de irritação, insistindo sempre: “a tontinha” deve colaborar.

Há tanto tempo casados, mas desde que ele voltou, nos sinto como dois estrangeiros que falam línguas diferentes, reunidos por acaso.



Fazenda Bela Aliança

Meu diário

DESDE QUE SINHÁ Nicota ficou no Rio, a casa está um oco. Nem um som. Nada nas salas amplas e recantos estreitos e escuros. As janelas gradeadas raramente são abertas. Sinhá levou tia Maria Gata com ela e estou sem ninguém por mim. As escravas de dentro mal falam comigo e quando o fazem é com desprezo e arrogância. Emília teve um menino e só há graças para ele. Sinto que estou reduzida a condição pior e mais humilde do que a delas... No pátio, as mucamas discutem em vários tons e com as bocas cheias de saliva: “Sinhá sangra muito”, “Sangra, não...”, “É a alma da *siôra* Ana Clara que atormenta.”, “Não fale dos mortos... Olha que eles se vingam!”.

Pego as refeições na cozinha de fora: a dos cativos. Na cozinha de dentro, onde eu tirava o que me apetecia das panelas fumegantes, a banquinha de remendar de sinhá está vazia. Não há mais conversas sobre a Bíblia Sagrada ou sobre a lavoura, as chuvas e a estiagem. Tudo parece dormir. É como se um véu translúcido tivesse sido estendido sobre a casa, separando-a do movimento nas senzalas e nos cafezais. Ninguém para tirar orações no final da

tarde. A senhora velha morreu, a governanta francesa foi embora e tia Maria Gata, no Rio.

A farmácia dos negros: ali passo dias que não terminam. Remexo o armário onde estão guardados os livros de medicina, como o sebento Chernoviz³³ e os assentamentos dos doentes entrados e saídos. Sobre os catres, cobertas muito brancas e cobertores de baeta vermelhos cuidadosamente dobrados. Ninguém doente. Nenhum olho brilhante de febre, nem um gemido de dor. Sinto falta de tia Maria Gata, que diz palavras de encantação para quem tem saúde e moléstia. Minha garganta, muito seca, parece querer se fechar a todo instante.

Continuo preparando emplastos e mezinhas.

Missiê Maurício passa os dias na lavoura ou em Piraí. Dia desses estive na farmácia de seu Freixo. Chegou queixoso. Disse que a república vem aí e que ele já viu isso em sua terra. Vai ter baderna, tiros e violência. Disse que os senhores cedo ou tarde vão dar liberdade para os escravos. Mas terra, que é bom? Nada. Vão viver do que os pobres negros? Quando acendo meu pito de fumo de angola³⁴, mesmo sabendo que é proibido para mulheres, sonho. Vejo...

Vejo a pobreza em que a negrada vai ficar sem ter onde plantar. No início, feliz, batendo tambores. Depois, mendigando pelas estradas. O que fazer para afastar os pensamentos tristes, as visagens que me acodem e apertam meu coração a ponto de sentir que vou desmaiar? Sinto-me tão humilde, tão insignificante diante de tudo que me cerca aqui. Não sei até quando vão tolerar minha estadia na fazenda. E o mundo lá fora...? O mundo lá fora só espera para me despedaçar.

Ao cair da tarde, tenho que cruzar o corredor escuro e abobadado. Nenhuma luz. Vou orando. Levo na mão um raminho de arruda e manjeriço para afastar... afastar o Mal. Nessa hora não há mais escravos do eito no pátio, nem as mucamas de dentro, nem os negrinhos que trabalham na horta. Só os passos arrastados, o pigarro e o cheiro do charuto de *missiê* no quarto que dá para o alpendre. Da estreita janela da camarinha só vejo o dorso carregado de cafezais das colinas à volta. Moça pobre tem que ser modesta e

direita, diz tia Maria Gata. Vou para o meu canto, me deitar e pensar melhor na minha conduta futura.



Journal

TREZE, CATORZE ANOS, o que sei? Ela vinha fresca do banho, os cabelos molhados. Toquei-lhe o ombro nu e meus dedos pressionaram sua carne levemente. Ela nem abaixou os olhos. Tem olhos enormes e assustados. “Olhos de bezerro”, definiu *Nicotáh* certa vez. Mas seu olhar é direto e esperto. Não é impudico, apenas leal e franco. Não mostrou qualquer embaraço. Não houve alteração no seu rosto. Ela não ficou ofendida, nem me pareceu zangada. Enquanto eu dizia alguma coisa, ela olhava para o lado. Depois, levantou os panos da saia e mostrou-me seu pequeno tesouro. Um tufo denso, cerrado e escuro. Deixou cair a roupa e seguiu quieta pelo corredor, como se pisasse primeiro com a ponta dos pés. O cheiro de entre as pernas, do pescoço e dos cabelos ficou comigo.

A experiência do prazer é uma curiosa mistura de evidência imediata e imaginação. O que achamos bom ou agradável é modelado ou deformado em função da sensibilidade de cada um. Falar do deleite físico é dar-lhe vida. E nele, mais vale o detalhe do que o todo. Por isso quero falar da pele dela.

Descobri que a pele pode ser um continente, uma terra perfumada. Talvez a de Regina Angelorum seja a África. País

estrangeiro, ela também é um abismo onde se vai buscar prazer ou dor. É doçura e combate. Lugar de todos os castigos, marcas, cicatrizes. Com a língua irei percorrer todos os seus acidentes. Cetim, veludo, seda. Quero devorá-la enquanto está quente. Enquanto é pele de fruta verde. Pele de criança. A boca, ameixa escura. Sua impotência, eu prefiro chamar de ternura. Sua fragilidade, de sedução. Sua condição de quase escrava e sua pele cor de noite me permitem possuí-la. Sou o senhor, mas é seu cheiro e sua pele que me aprisionam. Depois de respirar seu odor acre e penetrante, qualquer outro me parecerá insípido.



Sede do Pirahí

“CAMALEÃO DA IMPRENSA! Mulato furta-cor!”

Não gostei e, batendo os pés, deixei a farmácia de seu Freixo. Fui acusado de dizer e desdizer, de acusar negando. Fui cobrado: que devo ser insolente e brutal. Que devo abusar do calão e da chalaça. Que deveria molhar minha pena na lama, para acusar os inimigos da república e, sobretudo, da abolição. Mas como fazer se não consigo imaginar a vida sem minhas duas escravas?

E minha luta, aliás, é outra. É pela poesia. Vestirei meu elmo vistoso e empunharei minha arma para descer a arena e defender a beleza das palavras. Sou um pontífice das ideias. Difícil explicar tudo isso ao pequeno cenáculo de jacobinos.

Depois, nós jornalistas vivemos “à la bonne fortune du pot”³⁵.

E para nos burlar, o patrão pergunta zombeteiro:

— Quanto te pagam, flor, pelos ótimos serviços que prestas?

— Cento e vinte mil reais, mensalmente, mas não recebo há sete meses.

— Cento e vinte? Que miséria! Um jornalista como tu, um escritor brilhante! Pois bem. Direi à gerência que doravante ganharás o dobro!

Não paga, mas aumenta.

Quando entra dinheiro, a redação recebe. É o momento das grandes reportagens. O patrão chama até gente do Rio para escrever. Mas, normalmente, o *Pirahí* é anêmico, coisa precária, chã, morna e trivial. Tem poucas páginas de texto, quatro ou oito. Apenas. Começa, geralmente, pelo artigo de fundo que redijo. Um artigo de sobrecasaca, cartola e *pince-nez*, com ar imponente e austero, mas rigorosamente vazio de opinião. Um buquê de flores de retórica que escrevo com o dicionário de sinônimos de um lado e a raspadeira para apagar o que não se ajeita no texto cor-de-rosa e que os homens letrados, em *robe de chambre* e chinelos, sorvem cedo pela manhã. Sorvem, babando de admiração pela obra-prima e dizendo:

— Sim, senhores, a isto se pode chamar artiguíssimo de fundo!!

Pois essa pérola de minha lavra é aviltada. Aviltada, pois se encaixa na paginação sem movimento ou graça. Entre as colunas frias, monótonas, alinhadas e jamais abertas metem os sonetos que falo ao diretor. Títulos? Curtos e pobres. Ausência quase absoluta de subtítulos. Desconhecimento de manchetes e outros processos jornalísticos que, como vi no Rio de Janeiro, vão em curso na Europa. Das revistas francesas se recortam anedotas para forçar o povo, mergulhado em dívidas, a sorrir. Traduzem-se contos. Caricaturas? Nenhuma, pois as oficinas de gravura são poucas e os clichês, caríssimos. Quem nos salva das aperturas é o romance-folhetim de capa e espada com a assinatura de Ponson du Terrail. Suas tragédias alucinadas levam ao delírio as mocinhas histéricas. As notícias das primeiras páginas são, em geral, de interesse relativo:

“O sr. ministro da Fazenda concedeu seis meses de licença para tratar da saúde, quando lhe convier, ao 4^o escrivão da Mesa de Rendas de Corumbá, província de Mato Grosso, sr. Antonio Manuel de Souza Júnior...”

Que fazer se não há novidades?

Crimes palpitantes em Piraí? Impossível. Na Corte, uma vez ou outra surge unzinho que esticamos e exploramos para agradar ao público. Atribuiu-se ao atraso do país a ausência de tragédias

horrendas. Comentam-se os comoventes crimes das grandes capitais do mundo, com uma pontinha de inveja e um patriotismo abalado. Para corrigir, certa vez, na cabeça de uma nota de polícia, escrevi:

“Quando teremos nós a ventura de ver a capital do império do Brasil colocada no nível das grandes metrópoles do mundo e ufanarmo-nos de possuir, como elas possuem, grandes e horrendos crimes?”

Submetida a nota à direção, fui aplaudido!

Mas o problema, o assunto, o tema das conversas, aonde se vai, é a possível abolição da escravatura. Assinei uma lista de pequenos proprietários de escravos do Vale em que pedimos ao ministro Cotegipe que não deixe tal desastre acontecer. Dependemos de nossos cativos e eles dependem de nós. Do que viverão, se forem libertos?



Champs-Élysées

2 DE JULHO 1881

MON CHER FILS,
A minha idade e o temor de alguma desgraça me forçam a escrever. Vergonha sobre nossa casa: Eugène está em todas as bocas e em todas as folhas. Nos *boulevards* e cafés não se fala em outra coisa. O *grand monde* nos fechou suas portas. Ele é personagem de um escândalo que abalou Bruxelas e Paris e que cobrirá de lama o nome Haritoff. Mandeï cerrar as cortinas e não recebo mais ninguém. Espero que as notícias não cheguem aí embaixo, prejudicando seus planos.

O tribunal de Bruxelas está julgando, em meio a um bombardeio de falatórios, o divórcio de seu irmão. “Amado de todos, menos de sua esposa”: assim ele é descrito. “Homem do ‘*tout-Paris*’, dos *boulevards*, teatros e corridas de cavalos”, definições que já o denigrem aos olhos das famílias mais tradicionais.

Flora, na condição de filha de um senador, também não economizou informações. Seu marido, além de infiel e pródigo com as “grandes horizontais”³⁶, a humilhava e a abandonava à própria sorte. O pedido de divórcio partiu dela, o que significa que o culpado é ele.

Os advogados de sua cunhada mostraram no tribunal cartas de Eugène a sua amante, mulher com quem circulava de braços dados em Paris. E pior, cartas minhas e de Hélène, verdadeiros segredos de família, sobre os pedidos que fazíamos para que parasse de fazer dívidas, pois nossos fundos se esgotam. Foram ostentados papéis comprometedores sobre suas faturas de joalheiros e floristas, empréstimos e visitas de oficiais de Justiça! Um carnê de dívidas feitas no hipódromo em Londres e pago pelo príncipe de Gales circulou de mão em mão.

O pior, Maurice, é que exibiram ao público que enchia o tribunal uma carta de Eugène. Ele teve a audácia de escrever para uma rufiã, certa Madame Leroy, pedindo-lhe dinheiro emprestado para comprar os favores de uma jovem atriz de teatro, que encontraria em Nice. Dinheiro para comprá-la e sustentá-la. Um adultério com dia marcado e dinheiro emprestado. A velha proxeneta não fez por menos. Eugène lhe assinou um recibo de seis mil francos, também exibido pelo advogado de Flora aos berros na Corte de Justiça! A marafona, por sua vez, fez um documento afirmando que só pertenceria a ele! Adivinhe: lido em voz alta. Estamos em choque.

O que mais horrorizou as pessoas foi o estado de abandono em que Eugène deixava a esposa, muitas vezes doente e faminta, para desaparecer na noite. Pior, para desaparecer todas as noites. E o agravante final: sua irresponsabilidade. Ele já tinha assinado documentos colocando-se sob controle jurídico, para evitar a dispersão da fortuna de sua esposa e filha. Flora não aceitou o dinheiro e, com altivez, disse textualmente que de Eugène não queria nem fortuna nem nome. Nosso nome! Tudo isso discutido em público. E, apesar da luta dos advogados de Eugène, foi dada a licença para a divulgação dos fatos na imprensa! As manchetes se multiplicaram:

“Crime picante e perfeitamente parisiense”; “Processo que entretém toda a sociedade”; “*Boulevardier* dos mais fúteis”; “O barulho que faz esse diz que diz...”; “É como jogar-se numa discussão de lavadeiras”...

Deus, onde errei com ele? Por que escondi suas travessuras e o conservei em meu regaço? Quantas vezes Eugène não derramou em

meu seio lágrimas de crocodilo? Ele sempre acreditou que caprichos eram um direito. O jogo e as cortesãs foram seu ópio. Casado, sempre disse que a fidelidade a toda prova nunca esteve e nem estará na moda em Paris e que seu único dever era seguir o curso despreocupado de uma vida elegante. Você sabe, Maurice, aqui toda a paixão se resume em dois termos: ouro e prazer. Eugène teve os dois e se perdeu. Está corrompido até a medula dos ossos pela depravação. O inferno não existe para ele. Sua carreira de vícios e libertinagem já anunciava o que ele realmente foi: um tratante útil aos seus amigos ricos e que o jogo tornou insaciável. A culpa foi minha. Antes tivéssemos ficado na campanha russa...

Como muitos de seus amigos, ele vive num ritmo perdulário. Mas dessas fortunas desbaratadas, uns têm o capital, outros não. Vestem-se no mesmo alfaiate, mas as contas de Eugène estão por pagar. Se os outros recebem informações sobre a subida de ações na Bolsa e as aproveitam, Eugène as ignora. Para os primeiros, não é necessário mostrar-se conhecedor de cavalos, reconhecer-se pelos sapatos, empregar palavras na moda, estudar o *écarté*³⁷ ou dar importância às luvas de pelica que usa. Já Eugène vive para as aparências e a única coisa que sabe é podar convenientemente uma herança.

A imprensa não se cala e maneja palavras como quem maneja a espada. A maldita democracia permite aos jornalistas a novidade de assistir aos julgamentos, diretamente dos tribunais, colhendo informações para vender mais jornais. E essas satânicas criaturas não se dizem mais homens de letras, mas repórteres! Isso significa que, nesse papel detetivesco, contam qualquer coisa em busca de notoriedade! Fabricam seu mel para destruir reputações!

Bem que você me recriminava. Ouço, *mon cher* Maurice, soar a hora da derrota. Teremos que escolher entre sermos falidos reabilitáveis ou bancarroteiros. Vamos acabar na miséria. A coleção de escândalos não cessa de crescer. Não bastasse a quebraadeira da Union Générale, que levou uma parte de minhas ações, os Magnan estão sem dinheiro e seu cunhado de la Rousselière levou consigo os bens de sua irmã Nadine. Lembro-me das últimas palavras de seu tio, antes de morrer:

“Non preziso tizer-lhe que Eugène é um popre coitado que vive tuma magnifizência aciática. Non arrancharei nada desta vez. Tem zem mil francos te rentes e non dá?! E zeipor quê. É um felhaco!”.³⁸

Adeus, meu querido filho.

Abraço-o com o melhor do meu coração.



Laranjeiras

OUTUBRO 1881

A O MORRER, mamãe alforriou vinte escravos.³⁹ A alguns deu apólices da dívida pública e a um deles, Ernesto, pardo, obrigou a estudar para ser boticário como tia Maria Gata. A ordem ficou gravada em testamento. Muita gente está dando liberdade aos seus cativos, em vida ou na morte. O número de escravos diminui em Piraí. E só se fala em emancipação. O preço do café vai caindo. Os plantadores, antes endividados com capitalistas como meus tios Breves, hoje estão pendurados no Banco do Brasil. São as malditas hipotecas. A lavoura dá a casaca, mas a tira também. Nos *bonds*, os eternos mexeriqueiros desta terra. Só se comentam indiscrições sobre quem está arruinado. Dizem que o imperador... que o barão... que o ministro...

Maurice diz que não devo me preocupar. Que brasileiros têm hábitos de vida mesquinha. E, bem ao contrário, é momento de exhibir o que ele chama de bens de prestígio: tapetes, quadros, flores caras nos vasos de Vieux Saxe e Vieux Sèvres. Contratou até um cozinheiro francês para ensinar seus dotes culinários a quem ele chama de “nossos bichos de cozinha”, as pobres coitadas que vieram da fazenda. E exige que nossos jantares sejam servidos à russa, um

escravo atrás de cada conviva, ou que outro, ridiculamente fantasiado de russo, fique atrás do *buffet*.

O papel que ele quer que eu represente é, porém, um peso, não um prazer. Finjo acreditar que tudo vai bem, embora saiba do golpe desferido por Flora em *Ballon!* Minha sogra desesperou-se. E temos que seguir com festas e *soirées* para nos manter no grupo das melhores famílias. Mas como desejaria estar deitada, nessas noites. Economizo em tudo e só gasto no que é necessário. Paciência. Resignação!

Convidamos muito, sem sermos igualmente convidados. Raramente somos atraídos ao beija-mão do imperador. Ouço, porém, que a imperatriz queixa-se de ter poucas damas à sua volta. Tampouco fomos convidados pela princesa para a *matinê* Beethoven e para o grande concerto em prol da infância desvalida. Andei pensando em fazer como uma conhecida fazendeira ao norte do Vale: pegar uns meninos expostos para criar uma bandinha de música. Quem sabe isso possa impressionar? Apesar das rendas francesas que ofereço para as vestes de Nossa Senhora da Glória, da igreja no largo reformado pelo tio de Luís, agora duque de Caxias, o vigário nunca nos trouxe nenhum presente de Jerusalém. Para as Avellar ofereceu uma réplica dos cravos de Jesus feitos em ferro. Invejei!

Ah! O que dizer das terríveis conversas quando pagamos visita aos São Clemente ou aos Muritiba, aos Pinto Lima ou aos Ja-vary: exibem fotografias das noivas ou noivos endinheirados. Só se fala no casamento dos filhos. Não os tenho. Não fui abençoada com o dom natural da maternidade. Apenas ajudei a criar e a instruir Regina Angelorum. Trato-a como filha da casa, mas sem afeto. E ela nunca me pagará com o mesmo amor que tenho por tia Maria Gata.

Segundo predição de tia Maria Gata, hoje deveria ser para mim um dia memorável. Marcado por um acontecimento feliz. Não foi mais do que um dia sereno, como tantos outros. Tia Maria Gata é uma boba. Mas como não ser tocada por visões do sobrenatural e intuições sobre o futuro? Pode-se viver sem crenças, sem a mais tênue esperança, sem o mais dúbio raiozinho de confiança em algum homem, em alguma mulher?

Só se a boa-nova foi aquela que trouxe a imprensa. O jornalista do *Messenger Brésilien* definiu-me como uma “beleza ubíqua”, uma “individualidade elegante”. O que quer dizer isso e por quê? Pois fui assistir “Lohengrin” no teatro D. Pedro II enrolada num xale cereja, com arabescos dourados. Mais parece um tapete turco que comprei em Paris. Tornei-me assim uma “*charmante personne*”, uma “beleza crioula”, união de “graça e esplendor dando o bom tom à sociedade elegante”. Que ocupei mais o teatro do que a música de Wagner! Eu... A sobrinha dos traficantes de escravos do Vale! Nós... cuja fazenda, apesar dos convites, a princesa nunca quis visitar.

Maurice, porém, não perdeu tempo em contar uma história rocambolesca. Ele o teria adquirido de uma caravana que o transportava para uma princesa circassiana na Geórgia. Meu marido considera importante que sejamos vistos como um casal elegante na sociedade fluminense. Desejaria brilhar na Corte de d. Pedro II, como os Haritoff brilharam, ainda que fugazmente, na de Napoleão III. E, hoje, tudo isso me cheira a um provincianismo sem limites. Maurice causa-me pena quando faz “*semblant*”.

Pergunta-me sempre: “Sente-se feliz?!”. Porém, não me ama mais, é evidente. Estive bem doente ontem à noite quando ele partiu. Ele sabia, mas ainda assim partiu. Esperei sua visita ao meu quarto até meia-noite. Ah, se eu pudesse morrer! Amo Maurice com toda a minha alma, mas ele só tem mesmo amizade por mim. Escrevi-lhe antes de dormir. Ele não respondeu ao meu bilhete. Disseram-me que saiu. E não veio nem passar cinco minutos comigo? Então, voltou tarde, onde esteve? Infelizmente, acabou. Ele não me ama mais. Tornar-me-ei odiosa e abjeta se continuar assim.

Como queria poder fazer um passeio a cavalo pela floresta da Tijuca, e, agora com os caminhos mais limpos, cumpri-lo a pé. Há esplêndidos caramanchões onde são servidos almoços e jantares. Dizem que até as moças, de vestidos claros e chapéus de palha, sobem à encosta do morro até alcançarem o contraforte do Corcovado. O médico prefere que eu faça banhos de mar no Leme. “Ar puro, fora da barra...” Sinto-me fraca, sangrando e tossindo. Tende piedade de mim, meu Deus! Tirai-me deste mundo onde vivo

só, absolutamente só, em solidão infernal. Mundo onde o mal está em tudo, em todos, em toda a parte.



Pirai, Sede de *O Pirahí*

JANEIRO DE 1883

O PAÍS PARECE VIVER a marcha de uma revolução. Na ordem do dia estão as conferências e a propaganda entusiasmada pela abolição. A *Gazeta da Tarde* e *A República* são os órgãos que mais vibram pela causa do escravo. Políticos e jornalistas se alternam nas bancadas, e as senhoras começam a trabalhar para a realização de festivais abolicionistas, multiplicando declamações e concertos em seu favor. Mas o cancro está entranhado. Pois prosseguem os leilões de escravos, um cativo foi condenado pela morte de seu senhor e o aluguel de amas de leite se tornou uma indústria lucrativa. Lucram também os jornais, inclusive o nosso, com numerosos anúncios oferecendo gratificação pela captura de escravos fugidos. No mês passado, foram tantos, que cravei:

“Leitor, preste sua criteriosa atenção para os anúncios de escravos fugidos no mosaico horripilante que orna a quarta página do seu formidável jornal”.

A imprensa ataca ferozmente o imperador e as notícias sobre sua saúde são cruéis: “Não pode durar mais de cinco anos”, disse o redator da *Gazeta da Tarde*.

Esmaltes & joias está sofrendo concorrência. Muitos romances e livros de poesia foram publicados, inclusive um intitulado *O mulato*. Chocou-me o realismo do título. Mas a história de Ana Rosa, branca, e Raimundo, filho da escrava com seu senhor, lembrou minha paixão platônica por Nicota. Ao fim e ao cabo, o herói é assassinado e a heroína acaba num casamento arranjado com o matador do amante. Triunfa o Mal!

Pena. Não correspondo à descrição de Raimundo: “Grandes olhos azuis, cabelos pretos e lustrosos, tez morena e amulatada, mas fina”. Tudo influência de Émile Zola e Eça de Queirós. Poucos são autores originais como eu, fiéis ao parnasianismo. Já entrevejo os primeiros versos opulentos, de rica cadência lírica, que farei à minha musa coberta de tules esvoaçantes. Limpo a garganta:

*Junto a um ribeirinho serpeante
Um chorão se debruça
E eu, terno amante...*

Sou capaz de declamar contra os ricos, o governo, os poetas publicados e culpar a sociedade por minha obscuridade e pelo ineditismo de minha literatura. Apenas por falta de amizades sociais estou encarcerado no anonimato. Aliás, sobre *Esmaltes & joias*, comoveu-me seu Freixo com a confissão: “Já vejo que é obra curiosa e para leitura demorada. Hei de saboreá-la na cama”.

Noite passada, na farmácia, aquecido pela simpatia ambiente, retribuí. Disse aos colegas ser aquele cenáculo “um verdadeiro banquete de inteligência”. Sim, somos todos temperamentos puramente artistas, leitores de Hugo e Byron. Temos que igualar esses gênios! Imersos na fumarada dos cigarros e sob a luzinha dos bicos do candeeiro, discutimos fanaticamente sobre A Arte, As Religiões, O Positivismo, A Estupidez, O Ramayana, O Absoluto. Deus: uma ideia obsoleta? Com gestos líricos e braços para o céu recitei Vigny. Espanto! Não o conhecem.

De que serve a pequena Piraí, quando sonho com catedrais góticas, castelos de pedra sobre píncaros nevados, rios sagrados da Índia ou cidades pontilhadas de minaretes e caravanas no deserto!?

Tantas imagens povoam meu cérebro. Ainda farei meus sonetos imortais as reproduzirem fielmente.

Bem, *O Pirahí* tem se debruçado sobre as questões políticas num momento em que a eleição direta, reclamada pelos liberais, se tornou realidade. De sua fazenda em Cebolas, aqui pertinho, saiu o atual presidente do Conselho de Ministros.⁴⁰ A tarefa era formar um novo gabinete. Pobre... De chapéu-chile e casaca flutuante, provoca a hilaridade popular.

“Não se diz mais a nau do governo... Mas a canoa do governo [...] Saído da galhofa e enforcada no tédio, essa lacrimosa força sentada no paço do imperador e, sobretudo, no recinto do Senado durou pouco: seis meses. Enquanto governou o partido liberal nada fez que tivesse cunho democrático.”

Negou o casamento civil, a separação entre Igreja e Estado, a abolição, pois, como todos nós, é proprietário de escravos. E tudo isso estava no programa do partido. Não me contive e a quadrinha saiu:

Em duas palavras

Digo tudo e é quanto basta:

— Vim da pasta de Cebolas

Para as cebolas da pasta.

— Grande talento, grande talento — rosnou seu Freixo.

— É profundo, muito profundo — concluiu mais alguém.

Quoi, encore?

Como escrevo bem em francês. Devia fazê-lo regularmente...
Seguem as notícias.

“Em 1850 tínhamos duas fábricas têxteis movidas a vapor, agora são quarenta e quatro!”

“Procedeu-se ontem a experiências com a luz elétrica de Edison no palácio da Exposição da Indústria Nacional.”

“O Centro de Lavoura e Comércio promoveu a mostra de cerca de mil expositores de café no Edifício da Tipografia Nacional. Nela o público aprecia todas as sortes de café das províncias de Rio, Minas,

São Paulo e Espírito Santo, bem assim como de instrumentos e utensílios de agricultura.”

“O problema da colonização é outro assunto debatido no legislativo. A imigração chinesa, para a qual o império tomou medidas concretas, provoca críticas.”

N’O *Pirahí*, argumentei: “Esse país que não tem forças para digerir a África, pretende engolir, como contrapeso, a China?!”.

Finalmente, um escândalo: as joias da imperatriz foram roubadas e restituídas sem que aparecesse o ladrão! O tesoureiro da Caixa Econômica fugiu, levando todo o dinheiro em depósito. Crime do cocheiro: na rua Mariz e Barros, o condutor do veículo matou a amante — mulher casada, da sociedade.

Para concluir, a abolição e a imigração estão em todos os jornais e sua propaganda agita o vastíssimo território do império. Não posso continuar espírita, republicano, positivista, parnasiano e antiabolicionista. Está na hora de me tornar “emancipacionista”, termo mais adequado para um grande poeta e que poucos entendem o que é.



Corte do Rio de Janeiro

30 DE MAIO DE 1884

MAMAN CHÉRIE,
No oitavo aniversário de morte de meu querido Luís César, mandei rezar belíssima missa na igreja da Candelária, ao som do *Réquiem* de Berlioz. Os três meninos, vestidos como homenzinhos, se portaram maravilhosamente. Agradeço-lhe por ter enviado uma coroa ao nosso mausoléu no cemitério de Montparnasse. Parece que foi ontem. Até hoje não concebo seu desaparecimento. Queria trazê-lo de volta à vida. Falar com cada pessoa que o conheceu. Guardei por muito tempo seus lenços, cujo perfume aspirava. Só sentimos solidão entre os vivos, *maman*. Pois os mortos estão todos lá à nossa espera. Luís morreu dormindo. Com o que sonharia?

Hoje, sei que ser viúva é oscilar entre viver uma eterna lembrança ou esquecer e consolar-se. É mergulhar num ambiente de recolhimento, obrigada a me cobrir de negro, da cabeça aos pés, usando apenas joias de ônix. Enfeito-me pouco. Não distribuo mais sorrisos. Sinto que fui jovem e bonita. Mas isso é passado. O luto é o exercício da perda. Tive que aprendê-la. Somente agora passei ao malva com rendas da mesma cor, como se me preparasse para a

Semana Santa. Enquanto eu estiver coberta de cores tristes, nenhuma afeição há de entrar no meu coração. Luís será minha única relíquia. Relíquia sagrada do culto que lhe devoto.

Mas sua partida empurrou-me para o desespero. Tomei consciência de que os laços de nossas vidas são frágeis. É preciso cuidá-los. Fui afastada de acontecimentos públicos para não ter, por conta da hipersensibilidade provocada pela viuvez, crises de nervos inconvenientes. Lágrimas em excesso só confirmam a fraqueza da mulher. Sustentada por um círculo de íntimos, pude me dedicar exclusivamente aos meus filhos. Eles, aliás, alegam minha solidão. Entendo que as missas nos aniversários de morte de Luís permitem que ele se integre definitivamente ao mundo dos mortos. E a mim, que pouco a pouco volte ao mundo dos vivos.

Em casa, as dez horas são termo sacramental das visitas de família. Passar além só é permitido aos amigos íntimos como Maurice e Nicota. Não tive até hoje oposição dos parentes de Luís ou do juiz de órfãos para administrar os bens da família. Vivo sem largueza, mas com segurança. O oposto de Maurice, que vem queimando todos os cartuchos. Aliás, a derrocada do preço do café obrigou os parentes de Luís a hipotecar a belíssima fazenda e o cafezal que tinham em Valença. Até o casarão da Tijuca, de seu tio, o falecido duque de Caxias, foi posto à venda. A queda dos preços está arrastando muita gente consigo.

Maurice foi um dos novecentos e cinquenta e nove expositores que, este ano, levou café brasileiro para a Exposição de São Petersburgo.⁴¹ Ele imaginava refazer contato com os agentes de tio Garfinkel, mas em meio a quase mil produtores, duvido que tenha sido bem-sucedido. No relatório que circulou e do qual tive notícia, foram citadas apenas as figuras mais proeminentes entre os grandes cafeicultores, como o visconde de São Clemente e o barão de Quartim. Pretende-se melhorar a imagem do café brasileiro que é vendido para o exterior misturado a talos de couve, chicória e pedaços de tijolo! Na presença do czar e da czarina, abriram-se as portas da Sociedade Imperial de Horticultura sob o céu de chumbo que tão bem conhecemos. Sem sol, as azaleias, rododendros e espirradeiras enviadas do Brasil murcharam. Na entrada, apenas

dignitário, generais e diplomatas. Acho difícil que Maurice tenha se destacado.

Não sei até quando ficarei aqui, *maman*. Sem Luís César a vida à brasileira não tem sentido. E não é barata. Tudo é importado: farinha de trigo, chá, manteiga, sal e vinho. Teme-se uma revolta da escravaria. A violência nas ruas, com as temidas maltas de capoeiras, não é contida pela polícia, pois esta tem nos seus quadros homens acusados de roubo e assassinato.

A saúde de Nicota está cada vez pior e Maurice acredita que exibir o que lhe resta de dinheiro poderá render negócios. Negócios que incluem a presença de uma roleta na fazenda. Dívidas são muitas vezes renegociadas sobre o pano verde e o cascalhar dos dados. O jogo — se me permite a *blague, maman* — é sua última cartada. Vivo com medo de termos por aqui escândalos semelhantes aos que Eugène nos proporcionou. Posso lhe garantir, *maman*, a família de Luís César nos fecharia todas as portas. São muito severos com qualquer vício.

Votre fille très affectionnée.



Bela Aliança

Journal

FOI QUANDO FECHEI a grande porta que dava para a varanda que ouvi o choro. A princípio, pensei numa ave noturna. Há várias. Saí do quarto e caminhei pelo corredor escuro. Os lampiões a gás já haviam sido apagados. Num canto da sala, vi o que achei que fosse um saco de roupas. Era Regina Angelorum enrolada em seus panos de dormir. Debrucei-me sobre a menina e, com paciência, perguntei-lhe o que tinha. Na verdade, nossos encontros anteriores me enchiam de medo e um pouco de asco. Sacudi seu braço magro. Queria uma resposta. Que dissesse qualquer coisa. Eu estava cansado e vazio. Silêncio. Enervado, sentia sua presença física, seu calor, seu peso, seu corpo miúdo. Ela se encolheu como um bicho. Arrastei-a até o cadeiral.

“Sente-se nos meus joelhos.” Dei uma ordem seca. Seu cheiro veio com ela, que sentou-se. Não como uma criança, de joelhos juntos, aninhada no peito. Mas de pernas abertas, sobre as minhas. Tonteei. A pouca luz que vinha do quarto iluminou seu rosto zebrado pelas lágrimas. O cheiro, de novo.

Outra ordem. “Ponha as mãos nos meus ombros.” Os braços magros e as mãos leves como pena enlaçaram meu pescoço. Agora

sentia seu hálito perfumado e os dois pequenos seios, quase meias laranjas, pousados contra meu peito. Avancei minha língua, que se chocou contra a parede de dentes brancos. Ela recuou.

“Abra a boca.” Enfie, agitei e retirei minha língua da cavidade que cheirava a ervas. Ela me olhava com os grandes olhos e as faces ainda manchadas de lágrimas. Acariciei os seios, o ventre, o púbis encaracolado. “Nunca beijou?” Sinal negativo com a cabeça, que me pareceu graciosa sobre o longo pescoço. “Mexa a língua assim...” Mostrei, chupei-lhe a língua. Beije-a novamente, mas com a impressão de que ela agitava a língua maquinalmente. “Abra mais as pernas.” Levantei a camisola. Tentei encaixar a vara — aqui dizem chapeleta. Logo encontrei a resistência do anel invisível. Tentei trabalhá-la sem precipitação. Era mais vontade de encontrar paz, de encerrar o dia, do que desejo.

Quanto mais me excitava, porém, mais pensava em Nicota. Quantas vezes a traí, mas, com uma criança? Antes de gozar, retirei-me. Não queria descabaçá-la ou fazer-lhe um filho. Molhei-nos ambos. A resignação passiva de Regina Angelorum me irritou. Que estúpida apatia. Afinal, o que quer essa menina?

Caxambú • 15 de outubro

SEMPRE CHEGAMOS a Caxambú. Dizem que não tem competidor o calor dos dias de verão na cidade do Rio. É que não conhecem a calma em algum tempo de secca, em Serra acima, sem o refrigério da renovação do ar vindo do oceano e cuja propagação, terra a dentro, a Cordilheira Geral intercepta.

Foi horrorosa a travessia do valle do Parahyba! O trem de Pedro II não agitava suficientemente o ar atmosphérico para impedir aquelle abrasamento; não fora a espessa nuvem de pó que sufocava, crescia e enterrava tudo, e suporíamos que se movia no vácuo.

No próprio Caxambú a mesma secca, o mesmo calor.

Tivemos, felizmente, ante-hontem trovoada, e hoje muita chuva; são os extremos que se tocam e nós sem gozarmos ainda d'aquelle celebre meio termo em que consiste a virtude e que é para o presente caso o agradável e bello clima, os afamados bons ares de Caxambú.

Há 15 annos que aqui estivemos; na terça parte d'esse tempo, fôssemos outro povo e outra a nossa ordem de cousas, e nas margens do riacho do Bengo teria surgido do nada uma cidade.

Com effeito, uma cidade de aguas, como as que são assim chamadas na Europa, com todos os recursos de comodidades e distrações, com todos os elementos de êxito na conquista da saúde, é uma necessidade já muito reclamada pela nossa civilização e, mas ainda, pela humanidade soffredora entre nós. Entretanto, como isto está longe de se parecer com uma cidade d'este gênero na Europa!

Movem-se por aqui uns 300 *aquaticos*; uns pedem melhoras para os seus males à fonte D. Leopoldina, outros à D. Isabel; outros, e em maior número, são mais assíduos junto à Duque de Saxe, etc.; a Família Imperial distribui com grande munificência as esperanças de vida; e lá se vão todos ao exercício no *Bosque* para facilitar, segundo os clínicos, a absorpção do liquido-gazoso-alcalino ingerido e sua prompta eliminação. Bem curioso este passeio ao *Bosque*!

São vistas aqui muitas famílias da nossa melhor sociedade; são as senhoras como em toda parte acontece, que animam com a sua convivência a sensaboria d'estas *Estações*.

Reunem-se em um dos hotéis mais frequentados, e todos com pleno direito à vadiação sem reparos, apelam para o jogo, a dança, o piano e o canto como agradáveis meios de passatempo.

Estivemos em um concerto e vimos uma *soirée*; tinha proporções para ser grande a noite; eram muitas as moças, mesmo muitas, e algumas... íamos dizendo bonitas, mas para que isso se as *sympathicas* são, para seu consolo, melhores e não eram poucas?

Não temêssemos nós a censura de indiscretos e citaríamos bonitos nomes, bem conhecidos na nossa sociedade e talvez bem desejados de serem lidos ahi. Guardam talvez muitos o *incognito*, à maneira Imperial, n'estas viagens, e não seremos nós que os descobriremos. Contudo, os precedentes autorizam-nos a citar um nome, e que não nos levem a mal isso.

Honrava o salão Mme. Haritoff, um dos mais conhecidos e predilectos centros em torno do qual se reúne por vezes o que há de mais distincto na sociedade fluminense; a sua presença é uma das indicações do quanto era escolhida aquella roda; eis o fim da citação.

A *soirée* entretanto foi breve e desanimada; a trovoada matou-a, a despeito da boa vontade do Sr. Braga, o amável cavalheiro, incansável no louvado propósito de dar-lhe animação.

É que a chuva esfria tudo, e presentemente também a quem escreve estas linhas, e por isso se reserva para continuar com melhor tempo. ■



Laranjeiras

JULHO DE 1886

SERÁ GRAVE PERDER a fé? Perder a fé significará sofrer? É um sentimento de luto ou de libertação? Descobri que a fé não move montanhas. Ela tampouco é uma ponte sobre o abismo. De nada adianta rezar para recuperar meu casamento. Se o Senhor falasse, eu ouviria Sua voz. Ainda, assim, peço: Senhor tende piedade e guiai-me no vazio infinito. A gente decide crer como decide amar: sem razão.

Outro dia, exigi de Maurice um carinho. Qualquer pequeno gesto me contentaria. Ele murmurou, baixinho, em russo: “*Razlioubit*”. Ele achou que eu tivesse esquecido. Ainda sei bem o que significa: “*raz*”, uma vez, “*lioubit*”, amar... Amei. Ele tem por mim uma afeição nostálgica, mas minha pele não o atrai mais. Seus passos cessam à beira de nosso leito. Ele não vem mais oferecer o beijo que me faria reviver e me daria coragem.

O amor é um deus sem bondade e sem memória. Às vezes, só no silêncio sinto se revelar nossa aliança como casal. Eu escuto as palavras que ele pensa e não me diz. Sem amá-lo mais do que já amei, ainda desejo ouvir sua voz. Meu coração se alegra quando o vejo. Procuro seus defeitos. Eu os encontro, eu os amo. Amo a falha

de sua dentadura. E essa dor de não ser desejada se obstina a me perseguir. Quantas vezes não mordo os lábios, esforçando-me para conter e esconder, até de mim mesma, a emoção que me atormenta?

Entre o cafezal e a Europa, sempre o acompanhei, sem saber aonde iríamos. Quanto ao conhecimento que tenho do homem que se tornou meu marido, ele em nada evoluiu. Carrego, apenas, o seu nome. Na pressa de construir uma casa, esquecemos de examinar o terreno. Minado. A precipitação a derrubou. O preço do café também. Maurice trocou o norte pelo sul. E achou que o sol e o calor poderiam ser um estado de espírito. Enganou-se. O destino foi uma miragem. E a vida, um ir e vir cheio de ilusões. Deixar a Corte será um alívio. Não terei qualquer mórbida saudade dos saraus e das avenidas repletas de lojas. Não terei mais que perguntar se o X... continua a frequentar a casa da M... e se, afinal de contas, casa ou não casa a N...?

Doravante, vou respirar o gosto do cafezal e da terra de Bela Aliança. E quando adormecer, um céu de inútil beleza vai se estender sobre o Vale. Pedi à tia Maria Gata que me lesse a sorte. Para ela, os fatos são a parte visível de uma escrita escondida. Ela jogou os búzios combinando frases e palavras. Entendi: só a força do espírito pode nos salvar do desespero. O tempo desta vida? Uma corrida para a morte. O mundo envelheceu oprimido por todos os males. *“Ocê pode acreditá, mia fia.”*

Que venha a tempestade. Parte dos móveis irá a leilão. Levarei pouca coisa. Vestir-me-ei com simplicidade. A vida na fazenda não exige muito. Rica ou pobre, ainda sou a neta do barão de Piraí. Irei me misturar ao mistério vegetal da plantação. Os dias de sol aquecerão meu peito, secarão o sangue que escorre de dentro de mim. A natureza me abraçará por inteiro. Não terá importância o fato de sermos pobres. Maurice se enredou numa complicação de negócios. Os credores começaram a bater à porta. Vexados, resolvemos partir serra acima, onde viveremos curtos de haveres, mas sem humilhação. Longe de deixá-las se arrastar lentas e dolorosas, vou encher minhas horas junto às negras e ao cafezal. Com ou sem fé, ainda há muito que fazer.

Vejo Maurice tão angustiado, enquanto na natureza as coisas se fazem serenamente. Lenta, insensível e implacavelmente o milho amadurece. Os pomares florescem. O cafeeiro dá seu fruto. Só os homens sofrem do que são. E nada parece tranquilizá-los. Não veem que, ao fim de tudo, cada nascer ou pôr do sol é um espetáculo mais impressionante do que a mais brilhante ópera. Que nenhum espetáculo social se aproxima daqueles que a natureza inventa todo o dia. Deixo a Corte sem queixas, nem saudades.

— LEILÕES —

Importantissimo Leilão

DE
Ricos e Elegantes Moveis
Tapeçarias Raras
Bronzes Legitimos
• • •
Esplendida Galeria
DE
Quadros a Oleo
DE
Autores Celebres
• • •
Belos Objectos de Arte
Ricos espelhos

AMANHÃ
Quinta-feira
2 de setembro de 1886
Às 4 horas da tarde

J. Dias
Por conta e ordem do Exm. Sr.
Maurício Haritoff
que com sua Exma. Família
se retira d'esta Côrte

no palacete de S. EX.
135 Rua das Laranjeiras 135

CONSTANDO DE

- Elegantes moveis estofados das mais acreditadas fabricas da França e Inglaterra para salões.
- Soberbos vasos de malachite da Siberia, peças sem iguaes.
- Ricas tapeçarias de Beauvais. Gobelins, China, etc.

- Bellos quadros a óleo, de autores celebres.
- Legítimas e raras porcelanas da China, Sèvres e Saxe.
- Riquíssimas guarnições de legitimo bronze dourado a fogo com aplicações de porcelana de Sèvres.
- Esplendidos bordados a ouro fino.
- Bronzes legítimos, trabalhos artísticos de sabido gosto e valo.
- Antiquíssima mesa de jacarandá (authentic Renaissance).
- Original e antiga secretaria Hollandesa, de palissandro com incrustações de marfim.
- Harmonioso órgão do afamado fabricante Alexandre, de Paris.
- Soberba mobília de *érable* guarnecida de mogno, com superiores espelhos, para dormitório nobre.
- Esplendida mobília de vieux chêne ricamente esculpturada e estofada de veludo de seda lavrado para sala de jantar.
- Riquíssimos reposteiros de veludo e outros tecidos.
- Superiores cortinas de linho inglês, etc, etc.

Tudo quanto há de mais gosto e valor, conforme está descripto no catálogo em folheto que se distribui no armazém anunciado, à Rua do General Camara n. 74.

AVISO

O anunciante comunica que o palacete estará em exposição desde hoje quarta-feira, das 10 horas da manhã às 6 da tarde, afim de que os Srs. Amadores possam bem apreciar esta rica collecção sem igual.





21 DE JANEIRO⁴²

QUERIDO,

Acabas de sair daqui e estou a te escrever, estou pensando tanto em ti que eu morro apaixonada por ti; nunca senti por pessoa alguma o que sinto por ti, eu te juro, sobre o que há de mais sagrado, que nunca amei ninguém como te amo, eu não sei explicar o que sinto por ti, tenho ciúme, tenho cuidado em ti, se eu pudesse estaria perto de ti, sempre, sempre, se eu pudesse me vestiria de homem e iria para tua fazenda somente para estar ao teu lado, para te ver, para te ouvir, para te beijar! Somente e somente!

Tem pena de mim, por Deus eu te peço, tem compaixão, não me trates com indiferença eu te peço, tem pena de mim, o que tenho sofrido só Deus sabe!

Os quinze dias que passei perto de ti, na mesma casa, vendo-te sempre e amando-te cada vez mais; as torturas por que passei esses quinze dias, o sofrimento que tive por ver-te tão perto de mim e nem um beijo me quiseste dar!

Evitavas, fugias de mim, não sei por que foste tão cruel para mim, nesses quinze dias! Paciência. Sofro calada, deixa-me ao menos escrever, já que não posso dizer-te. É um alívio que tenho do

meu sofrimento. E para procurar me ver, evitas o mais que te for possível de nos ver, o senhor terá força porque não gostas de mim, assim eu irei me esquecendo. Não te zangues se eu não te avisar quando for a Grama.

Pelo bem que quer a tua Mãe eu te peço não ter raiva e nem aborrecimento de mim. Tem pena de mim é o que te peço. Desde que te conheço não posso gostar de mais ninguém. Não posso, só de ti todos os dias e a todas as horas. Só me acabo com tantas saudades do senhor.

Injusto, cruel e mau. Adeus.

Ontem, aqui, nem um beijo me quiseste dar! Paciência. Nada como ser mais feliz com a Belisário⁴³.

Quando vires à Corte para ires a Friburgo, se quiseres chegar até aqui terás uma casa e amigos para te receber. Vem jantar conosco às cinco e meia. Vem mais cedo para conversar comigo se quiseres.



Fazenda Bela Aliança

Meu diário

FOI ASSIM: aqueci água no grande fogão a lenha. Enchi a bacia de lata, que empurrei até a despensa. Derramei meu extrato de ervas aromáticas para colorir e perfumar o banho. Silêncio. O calor abafado que antecede as chuvas parecia espremer as paredes. Quando os primeiros pingos começaram a tamborilar no telhado, tirei devagarzinho meus panos. Diferentemente da sinhá, não deixei nada. Nem o corpinho de algodão. A luz do lampião iluminava molemente o espaço onde dormiam as grandes latas de banha e biscoito. Graças a elas, tudo brilhava. Tudo dourado. Tomei assento. A porta seguia entreaberta. A chuva aumentou e o barulho, antes alegre e refrescante, cresceu numa onda empurrada pelo vento nas árvores. Eu o ouvia sacudir a cabeleira das palmeiras. E me lavava molemente. Brincava com a água nos peitos, nos braços, nas coxas. De joelhos, abri as pernas para lavar o cu. Reguei e asseei. Alisei a maçaroca. Foi quando vi *missiê*. Os olhos muito abertos na escuridão compacta. Abaixei a cabeça e segui me lavando. Não o tinha ouvido chegar. Mas escutei

quando saiu batendo a porta do salão que dá para o corredor da cozinha.

Chovia muito. Esvaziei com cuidado a bacia de água cheirosa. Se não o fizesse, as mucamas de dentro me colocariam numa barrica como forma de castigo. Depois, sequei meus ossos. Cruzei a sala de jantar cuja grande mesa eu areara durante o dia com areia do rio. Passei no quarto dos santos onde brilhava uma vela diante da imagem da Virgem Santíssima. Como ensinou a sinhá, pedi amparo contra as tentações silenciosas. O demônio está em tudo, mesmo dentro dos gavetões dos grandes armários de louça e prataria. É ele quem abre as portas do inferno quando faz trovejar. Pedi à Nossa Senhora uma bênção, um pouco de piedade, uma consolação.

Estou cada vez mais sozinha e tenho medo de mim mesma. Fiquei ali ajoelhada, sentindo crescer o meu abandono. Meu coração estalava. Deu uma vontade de conhecer o mundo lá fora. De deixar o casarão do cafezal. Sair na chuva e mergulhar na mata deserta e lá ficar, até ouvir o tropel da mula sem cabeça...



Bela Aliança

Journal

SE NICOTÁH SOUBER, não me perdoará jamais. Afinal, ela criou a menina. Um pequeno demônio que açoda minhas noites solitárias. Eu a vi no banho. Não se retrai. Não faz um gesto de pudor. O líquido vital escapou sem que eu pudesse me controlar. Corri para o quarto com a braguilha molhada.

Outro dia deu-me a coisa nas mãos: “Segure”, ela disse. Senti a coisa dura, cheia de nervos e suco. Quase pulsante. Os pelos faziam um efeito sensual. A forma alongada e gorda ultrapassava o tamanho da mão. Alisei, segurei, sopesei.

“Parece um taralhão, mas é *Manihot utilissima*. Aprendi com a sinhá. Comida de negro, descoberta pelos índios. Minha avó contava que uma menina, desgostosa de ser abandonada por seu pai por ser mulher, decidiu ser útil a sua família de outra forma. Pediu para ser enterrada viva e, no lugar onde foi enterrada, nasceu uma planta de mandioca. Quando as pessoas escavaram a terra e acharam as raízes da planta, observaram que tinham o mesmo formato da menina enterrada viva, e que eram muito boas para se comer em lugar de pão e fazer farinha. ‘Descobristes a intenção. E o desejo revelastes,

quando a ... encaixastes.’ Não faça essa cara, *missiê*. É poesia antiga que fala dos outros usos da mandioca. Essa não foi sinhá quem ensinou. *Missiê* devia plantar. Todo mundo compra. Faz farinha. Dá bem em terra cansada. Daqui a pouco *num* vai ter mais escravos.”

Eu acho deliciosa a licença em seus inocentes lábios: brincalhão, taralhão. Outro dia, agachada na horta, coletando suas ervas para fazer remédios, suspendeu os panos e, como se nada fosse, me mostrou sua... “repolhuda”! Outras mulheres tiveram papel mais vulgar, foram mais fáceis, caíram como devotas, foram companhia e público. Mas não passaram de belas insípidas. Regina Angelorum tem a sedução das mulheres pequenas, mas uma sedução animada por algo espiritual. Deve ser sua pouca idade. O que seria uma febre passageira, um capricho, está se tornando uma paixão. Ela me ofereceu sua juventude, sinceridade e entusiasmo ingênuo. Anima-me no trabalho e me olha como se eu fosse o homem mais importante, quando, na atual condição, me sinto o último.

Para não pensar nela, canso o meu corpo. Percorro o cafezal, estudo outras espécies que poderiam ir bem nestas velhas terras, ajudo feitores e Manuel. Batalho todos os dias. Tenho todas as razões, pretextos ou desculpas para odiar o império do Brasil. Detestá-lo por minha bancarrota, por ter que ouvir essa língua bárbara, por ter visto minha fartura engolida por casas comissárias, elas também quebradas e substituídas por bancos. Bancos! As fazendas são uma espécie de país discreto onde as existências rejeitadas pelo mundo, as aventuras sem saída, as ligações sem contrato vêm buscar a proteção do silêncio e a paz do esquecimento. E sempre essa sensação de que a verdadeira vida a ser vivida não está nessa, onde estou. Contudo, penso em Regina Angelorum e a vida escorre sem barulho.

Temo, porém, as maledicências dos ociosos e as indiscrições. Na senzala, nos espiam. Há cochichos e observações abafadas. *Nicotáh* não pode saber. É preciso trancar as portas do paraíso que construímos entre a cozinha e os quartos escuros à noite. Ontem, com um único gesto, levantei seu vestido e encontrei a inacreditável nudez.

Regina Angelorum est Deus em nobis!



Fazenda Bela Aliança

Journal • Visita do grão-duque Alexandre da Rússia

JANEIRO DE 1887

ENTRE NÓS, EUROPEUS, quando falamos de um brasileiro, temos o hábito de fazer dele um índio, dar-lhe ares de selvagem, ou de macaco. De fato, ele não consegue dizer uma palavra sem acompanhá-la de um erro de pronúncia, e só abre a boca para falar de sua riqueza e de seus escravos. Certa vez, vi conhecida baronesa lançar um lenço mais de vinte vezes ao chão apenas para ter o prazer de gritar: “Ô negrinho! Apanha meu lenço”. Soube de um casal que, em viagem à França, levou um menino de apenas cinco anos. Era uma curiosidade que exibiam. Depois de tiritar, por dias, acorçado num canto de lareira, a criança morreu de frio. Brasileiros não sabem ser ricos, com toda a força da expressão. Eu quis, no entanto, mostrar que são também hospitaleiros, muito bondosos em sua família, e têm progredido, apesar da escravidão. Mas, também, não mais que isso...

O grão-duque, chocado, viu nas ruas da Corte um negro usando uma máscara de ferro. Expliquei-lhe: é maneira de castigar

bebedeiras. Também lhe disse que não se deve acusar o imperador do Brasil por esse estado de coisas. Ele é, ao contrário, cheio de humanidade e seus escravos são tratados com brandura. Mas, ao subir ao trono, encontrou certos usos estabelecidos e não se pode, de um dia para o outro, mudar os costumes de um país. D. Pedro II precisou fechar os olhos ao tráfico de negros, pois apenas eles eram capazes de suportar o trabalho no campo, sob o sol de fogo brasileiro.

Depois, estão sendo feitos vários esforços para trazer colonos de outros países, a fim de substituir os cativos. Mas os franceses pouco resistem ao clima. Os ingleses, quando insistem em manter seu regime de gim, logo morrem congestionados. Os chineses, raça deteriorada e preguiçosa, não deram, até agora, resultado. Os alemães fundaram uma pequena colônia em parte alta e montanhosa do país que se aproxima um pouco da Europa. Na província de São Paulo, adotaram italianos nos cafezais, e há quem diga que o rendimento de um colono livre é três vezes superior ao de um escravo. Que fazer então? Se a escravidão fosse repentinamente abolida, o país estaria arruinado. O imperador se acha diante de todas essas dificuldades.

Existe, ainda, a raça brasileira. Mistura de sangue europeu, americano e africano. Ela tem toda a indolência crioula, é fraca, abastardada, muito inteligente e não menos orgulhosa. Há quem culpe as negras, com seus ardores africanos, de estiolar a juventude no Rio de Janeiro e em outras províncias. Há quem conte que os próprios dentes dos negros são potencialmente perigosos. Mais de uma vez vi senhores europeus — pois o brasileiro jamais bate no seu próprio escravo — mordidos por eles. De um, foi preciso amputar o braço. Na farmácia da fazenda, aplicamos o permanganato de potássio do dr. Lacerda contra o veneno do dente africano.

A raça brasileira não pode suportar labores e despreza todo o trabalho manual. Jamais haverá brasileiro que consinta em servir. Querem todos ser senhores. Portanto, se a escravidão for abolida bruscamente, a cultura do café vai cessar. Será a chegada da fome. É preciso preparar muito lentamente os espíritos para essa grande revolução.

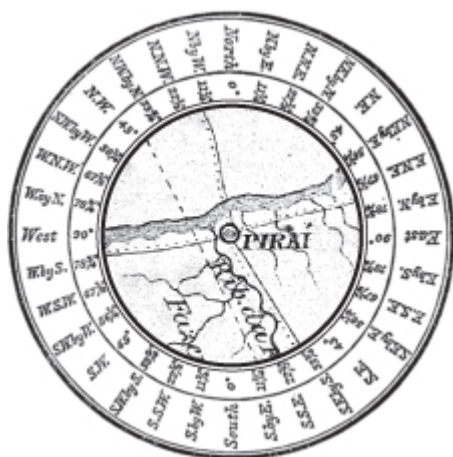
O que mais impressiona é a raça mulata. É evidente que, um dia, ela será chamada a governar o país. Tem, infelizmente, as qualidades e os defeitos das raças das quais é oriunda. Mas, por outro lado, dá provas de uma inteligência notável. É entre os mulatos que se contam os mais célebres médicos do Rio de Janeiro, bem como seus homens de Estado mais iminentes.

Expliquei ao grão-duque que, quando chegou a hora, d. Pedro declarou livre todo o filho de escravo a nascer dali em diante. Dessa maneira, os negros, felizes de saber seus filhos livres, passaram a suportar sua escravidão com mais coragem. E quando seus filhos encontrarem meios de ganhar a vida no país que os terá visto nascer, é provável que aqui permaneçam e cultivem, enfim, a terra para si.

A grande quantidade de negros livres é o ponto escuro no horizonte brasileiro. Seu número já ultrapassa o dos brancos. É de temer que queiram uma revanche e vinguem o passado. Esperemos, porém, que o Brasil não tenha conflitos como os que marcaram a independência do Haiti.

De repente, me ocorreu a imagem de Regina Angelorum com seus dentes brancos e uma longa faca entre as mãos delicadas. Seria ela capaz de nos fazer mal?

O grão-duque esteve na fazenda por cinco dias. Todas as manhãs saíamos a cavalo para ver os campos e os cafezais. À tardinha, a orquestra de cativos tocava instrumentos que ele considerou “curiosos”: “*tam-tans* e *batuco*”. Sobrinhas de *Nicotáh*, duas meninas morenas de “pés pequenos”, foram consideradas por ele “lindas”. Encantou-se com os vaga-lumes. Mas, bem sei. Aristocratas de sangue nada têm em comum com os *dvorianié*. Guardou todas as distâncias que a etiqueta exige e me fez entender que, para ele, não passo de um simples agricultor na terra abençoada do Brasil! Ponto, outra linha!



Na sede do jornal, em Pirai

ESTOU EM ATIVIDADE incansável desde que a linha telefônica foi instalada na cidade. Chovem notícias e as salas de trabalho estão constantemente iluminadas a gás. As máquinas não param e eu me tornei noticiarista, uma novidade profissional. Ando pelas ruas e vou a toda a parte em busca de notícias frescas. Notícias como a de que, em São Paulo, uma sociedade secreta chamada “Os Caifazes” promove a fuga de escravos. O porto de Santos, que embarca café, virou um quilombo a céu aberto. Todos acolhem e ajudam fugitivos. Em Cubatão, um massacre de escravos por tropas do Exército levou o Clube Militar a repudiar a utilização do Exército em sua perseguição. Em Paraíba do Sul, escravos fugidos foram açoitados até morrer. A imprensa abolicionista reagiu com tanta violência que a pena de açoites foi banida do código criminal. Os cativos que ontem valiam mais do que as terras, hoje, perdem valor, pois a certeza de que a abolição virá não tarda. Por sua vez, eles estão transformando a vida dos fazendeiros num inferno. Trabalham mal, dormem de dia, batucam à noite. Outro dia, anônimos encapuzados invadiram a cadeia de Vassouras para libertar fugitivos e lincharam os guardas! Lá, também, o filho de um padeiro, depois de ter feito estudos de direito em São Paulo,

introduziu ideias abolicionistas, e pior: republicanas! Nosso concorrente, *O Vassourense*, publica a lista das alforrias coletivas e saúda os senhores como “progressistas”. Escorrem elogios balofos sobre o número elevadíssimo de libertações! Todos sabem, porém, que sem educação, sem instrução, a negrada vai se embebedar nos vícios mais próprios do homem não civilizado. Irá nos pagar com ódio o desprezo que lhe demos.

Este mês, um grupo de cafeicultores se reuniu na farmácia do Freixo. Alguns, entre os quais o russo, propuseram que se assinassem — uma pouca vergonha! — acordos com os cativos. Falou-se em salário. Salário?! Cachorrada! Querem dar asas aos negros. Outros propuseram escrever ao imperador, pedindo ajuda e proteção. Que Sua Majestade não esquecesse as indenizações. Haritoff insistia na ideia de serem todos precavidos, angariar a boa vontade dos cativos e, chegada a hora da liberdade, pedir-lhes que não abandonem as lavouras, nem organizem expedições vingadoras contra seus senhores. Melhor agradecidos do que revoltados. Uma proposta? Alforria imediata contra um contrato de trabalho. Alguém argumentou que já não dá mais para defender o sistema. Que se a libertação se efetuasse sem perturbações e conflitos já seria um bom negócio. Que o barão de Friburgo dera festa, selada por trezentas libertações. E o Ribeiro de Avellar, visconde de Ubá, mais mil. Bandalheira! Ninguém sabe se nossa generosidade será retribuída com gratidão.

Conta-se que o russo convidou Joaquim Nabuco para assistir à alforria de um grupo, em festejo na Bela Aliança. O político veio, elogiou a Nossa Senhora no altar e chamou Nicota de “Redentora”! Minha opinião é a seguinte: é fácil um branco como Nabuco se tornar abolicionista quando suas senzalas já estão vazias e seus engenhos, de fogo morto. Não lhe tenho simpatia. As províncias do norte, em plena crise, venderam para cá seus escravos. Os senhores de engenho ainda ganharam dinheiro e se viram livres de ter que cuidar dessa gente insolente. Com razão, os usineiros riram muito e para eles tanto faz abolição ou não.

De minha parte, assinei esta semana uma carta que pede ao ministro Cotegipe que não dê abolição. Só tenho duas escravas e

preciso delas. São direitos garantidos. Só nós, aqui no Vale, pensamos no desmantelamento das fazendas, na perda das colheitas, nas hordas de maltrapilhos esfaimados transformadas em quadrilhas de salteadores. Há medo inclusive de manter essa gente nas senzalas. A pedagogia do terror se inverteu. Se antes eles temiam o chicote do feitor, agora somos nós que tememos suas armas brancas e feitiços. Tomei coragem e escrevi no editorial: “Provocariam riso se não causassem nojo os libertadores de última hora. Beócios, não veem que estão sendo instrumento inconsciente do governo que nos rouba o que é nosso e compramos com todas as garantias da lei? Vós quereis a emancipação como uma vã ostentação. Sacrificais os interesses da pátria a veleidades de glória. Haveis de matar o progresso do país e sua primeira indústria: a lavoura”.

Muitas fazendas já estão hipotecadas e foram entregues aos bancos. Os antigos donos se mudam para a capital em busca de empregos públicos. Abandonaram seus mortos no cemitério, venderam as lembranças de família... Como ver se desfazer em poeira a história de nossos avós? Como, sem saudade nem contemplação, se perder todo um mundo?

Perde-se, inclusive a vergonha. Todos sabem e comentam: o russo está de beijo caído pela negrinha Regina Angelorum. Quer imitar o barão de Tinguá, Pedro Correa e Castro, que teve com a escrava Laura filhos mulatos a quem deixou sua fortuna. A Irmandade do Santíssimo, à qual pertencia, mal deixou a africana assistir à cerimônia fúnebre junto ao caixão.

No caso, a vingança de Nicota, acusada de estéril, será deixar-lhes terras estéreis. O russo se enterrará nelas, pois acha que a mesa de bacará, a roleta e o bilhar hão de lhe trazer fortuna. O jogo é mais uma praga entre as muitas que assolaram o Vale. Quantos, arruinados, andam entregando por vinténs a fortuna que herdaram dos pais. Temos publicado as listas dos bens de famílias, antes poderosas, em leilões. Multiplicam-se anúncios de vendas de escravos para se tentar recuperar, ao menos em parte, o capital empatado.

As novas leis para o trabalho não são discutidas. Estrangeiros? Sabemos que o clima, o credo religioso, a ignorância sobre nossa

terra e a língua contribuem para dificultar o embarque do emigrado para o desconhecido Império do Sul. No Ministério da Agricultura se diz que a imigração só será viável se o imigrante dispuser de recursos que lhe permitam se tornar proprietário rural. Seria isso viável? O governo adiantaria algum subsídio? Na Europa, jornais falam mal do Brasil. Alemães foram despejados de uma colônia e a opinião pública do país é contrária ao envio de seus compatriotas. O rei Humberto da Itália proibiu o embarque de italianos, pois não há garantias mínimas para os imigrados. Só vejo marasmo e indecisão sobre o futuro e o presente estado de coisas.

Enquanto tudo ferve, o imperador se foi a passear pela Europa. Notícias sobre sua saúde são torcidas e disparatadas. E o fervor católico da princesa que ficou como regente afastará a vinda de trabalhadores estrangeiros. Alguns dizem que o fervor e a escravidão. O contrato que vinha sendo preparado com a Casa Rothschild, em Londres, para um empréstimo de seis milhões de libras a 4,5%, só foi fechado porque os ingleses contam com a abolição. Os capitalistas da *city* acreditam no progresso rápido que então fará o país.

Apesar de, finalmente, ter publicado *Esmaltes & joias*, o futuro já não me parece reluzente de felicidade. Olho pela janela. A rua está cheia de gente que se move com vagar. Vagar e medo. Muito medo. Vejo cair o crepúsculo. Menos triste que no meu coração. Sangue no céu e nas sombras sobre o rio. Tenho uma sensação atroz como se minha alma se decompusesse. Estremeci sob o sentimento de angústia. Sinto uma sensação anormal, como se influências agissem misteriosas ante um risco vago. É como perceber a chegada de um fantasma, na noite. Será isso a abolição?



Bela Aliança

NOVEMBRO DE 1886

O QUE SEI DELA? Quase nada. Cresceu. Tornou-se moça. Ficou longe a menina assustada, agarrada à tia Maria Gata. Hoje, parece mais uma das Virgens negras que há nos ícones de *maman*. Grandes olhos rasgados, pele azeitonada e falsa fragilidade. Olhos grandes ou “olho-grande”? Com boa vontade, posso considerar sua magreza como sinônimo de elegância. Examino a mulata sentada, silenciosa, quieta feito um bicho. Uma figura de cera, reta e muda. Parece uma boneca que dá a impressão de uma pessoa viva. O que pensa? Não vai mais à cozinha. As mucamas de dentro não a querem lá. Passa o tempo na farmácia. Vejo-a escrever. Nunca consegui ler sobre seu ombro, pois minha vista vai mal. Terá homem? Por que não casou? Tem o cocheiro, o copeiro... Quem não casa vira bacante, diz meu tio, padre Breves. Não acredito que seja casta.

Quando vim da capital com o que sobrou dos móveis que não foram a leilão, ela estava pelos corredores. Agregada, mesmo sendo filha da casa, tem que trabalhar. Dei-lhe ordens. Cobrei a limpeza da casa e da capela. Tive novamente aquela sensação de estranhamento

como da primeira vez em que a vi. Regina Angelorum desabrocha. Eu, murcho.

Vivo de luto. Não por quem perdi. Mas pela vida que se esvai em meu corpo. Doente, não tenho futuro. Um ato, uma vontade, qualquer coisa a se opor a esse sentimento de impotência? Nenhum. Aceito as perdas. Não sou mais jovem, bela ou rica. O sentimento de vazio, como se o tempo tivesse parado em mim e na fazenda, preenche os dias. Para sofrer menos, pouco a pouco vou me separando de tudo que fui com Maurice. Lugares, lembranças, até pequenos objetos que me falam de uma vida comum. Penso em meu marido para ter a impressão de que ele ainda está. Para tornar o ausente, presente. Para dar vida à morte. A minha.

Sei... Maurice me trai. O amor acabou, mas o casamento, não. Devo achar que ser fiel é ter o uso exclusivo do corpo do outro? Talvez. Mas isso não é essencial. Essencial é saber por que somos um casal. É ter fidelidade a uma história. Podemos esquecer um ao outro sem sermos infiéis. E sermos infiéis, sem nos esquecer. Todo o amor não é fiel, mas a fidelidade é amorosa. Sou fiel a Maurice.

Maurice, porém, esqueceu o amor que me teve. Parece detestar o que já amou. Parece se detestar. Ele nos esqueceu. Por vezes, deitada ao seu lado, tenho vontade de matá-lo. Não teria coragem, mas vontade. Muita. Não porque não o ame mais. Mas porque não suporto mais amá-lo tanto. O que há de pior do que se bater contra uma estátua hierática e um sorriso de mármore? Sorriso liso, belo e duro. Melhor, então, perpetuá-lo em sua imobilidade absoluta. Marmorizá-lo definitivamente! Se não posso lhe tocar a alma, melhor transpassá-la. Não será jamais um pecado tentar despedaçar um coração, mesmo de pedra. O crime de morte com todos os seus atenuantes é um crime de amor. Ele que não me ama, apenas me protege e me perdoa. É tudo!

Mas quem será sua dona? Daria tudo para ser essa mulher.

Agora vou me sentar na varanda. A lua cheia encobre as estrelas no negro-azulado do horizonte. Já sinto o cheiro do jasmim-do-cabo. Ouço a voz baixa de um escravo “*Sum Cristo*” e o vento que responde do bambuzal. Quero beber todas as constelações, levitar até a Via Láctea. Quero carregar em mim a paisagem da fazenda, da

mata, da terra redonda. E ao ver passar o diamante leitoso de uma estrela cadente, formular um voto: que Maurice volte a ser meu.



Fazenda Bela Aliança

Meu diário

QUANDO TIA MARIA Gata chegou ao quarto, foi logo dizendo: “*Tu tá descabaçada*”. Não perguntou por quem. Nada quis saber, porque, talvez, já saiba. Não sou nada. Apenas uma agregada, reduzida ao estado de servente, humilhada. Na cozinha, convertida em criatura da noite e do mal. Mas vou transformar minha vergonha em desafio e o desafio em triunfo. Só quero tempo.

Missiê veio do Rio de Janeiro. Anda abatido que só. Meteu-me entre as mãos um corte de pano azul: finíssima escumilha. E recomendou: “Não deixe ninguém ver. Não largue de sua sinhá. Obedeça e vá junto onde for”. Para ser fiel a *missiê*, quantas traições?

Não sei dizer se jamais gostei de sinhá Nicota. Os brancos acham que a gratidão deve brotar de nossos corações espontaneamente. Que respeito e amizade seriam moedas de troca por casa e comida. Quantas vezes a ouvi dizer: “Bata nela, tia Maria Gata, para não cair no mundo”. Mesmo não lhe tendo nenhum sentimento, tenho pena. A mulher sofre de uma dor que não passa. Não há remédio que tia

Maria Gata faça para dar conta da magreza, da tristeza, daquela pele cor de palha.

Ontem, ela quis ir a cavalo à fazenda do vizinho. Nunca passou pela cabeça de sinhá Nicota um branco com uma negra? Pois as senzalas estão cheias de mulatos. As igrejas também: quanto padre pardo e mulato que o pai manda estudar no seminário, paga os exames e vê rezar missa... Como diz *missiê* sobre a sinhá: *Sancta Simplicitas!*

Negra bonita para ela não tem? É despeito. Aqui mesmo na Bela Aliança, tem Leocádia, tem Tonha.

Pois lá íamos nós, ela no alazão que *missiê* lhe deu, eu, atrás, comendo poeira, na mula desejosa de trotar. Foi quando a sinhá parou para falar com uma jovem mulher branca, ou antes, amarela, de grandes olhos com olheiras, de cabelos mal penteados, que estava descalça, vestida com uma saia malfeita, uma criança pela mão e outra no colo. Antes ela tinha roupa fina, trajes decentes e um verniz de letras e de ciência. Seu rosto era profundo sofrimento.

— Pareces triste, senhora — disse-lhe sinhá Nicota.

— Sou bem infeliz, senhora — respondeu ela.

— Não é a mulher do administrador?

— Para minha desgraça.

— Como assim?

— Ele me trata indignamente. Aquelas mulatas — acrescentou ela, apontando uma —, é que são as verdadeiras senhoras da fazenda. Por elas, meu marido me cobre de ultrajes.

— Por que suporta isso?

— Meu marido me força a receber essas criaturas até em minha cama; e é lá, debaixo dos meus olhos, que lhes dá suas carícias.

— É horrível!

— Quando me recuso a isso, ele me bate e suas amantes me insultam.

— Como continua com ele? Abandone-o.

Ela olhou a sinhá com profundo espanto, replicando:

— Isso é bom para as francesas que sabem ganhar seu pão; mas nós, a quem não se ensinou nada, somos obrigadas a ser como criadas de nossos maridos.

Sinhá Nicota olhou para trás e me fuzilou com os olhos. Ela era ódio puro. Seguimos caminho, sem que me dissesse uma única palavra.

Parece que entendeu.

Província do Rio (*serviço especial*)

EM ANGRA DOS REIS, no convento de S. Bernardino, uma criança, brincando com outra a correr pelo corredor, a esconder-se, entrou no quarto da latrina e, pulando sobre o assento de um dos cubículos, abateu uma das taboas, precipitando-se de uma altura de 20 metros, cahindo sem sentidos, sendo tirada pelos armadores que estão preparando a igreja para a festa de S. Benedicto.

— Reune-se em assembléa geral amanhã em Petropolis, a directoria do prado Villa Thereza.

— Pessoa de toda a consideração da cidade de Campos nos faz a seguinte comunicação:

“Campos, 30 de Março. — Peço-lhe que, por intermédio de seu illustrado *Diario de Noticias*, chame a atenção do governo para o estado lastimoso de nosso município, e afianço-lhe que prestará bons serviços a nós todos. Hoje não se faz questão de liberdade, mas sim de trabalho. Mas os intitulados abolicionistas, que não passam de anarchistas, mandam seduzir os escravos, que estão libertos, para virem para a cidade, afim de receberem 2\$ por cabeça, a titulo de comedorias.

Mandam-os para outros logares e dizem logo aos pretos que fujam, depois de certos dias de estada, para de novo receberem 2\$ de outro lavrador!

As mucamas mesmo são arrancadas das casas e defloradas; consta mesmo que há caftens na cidade.

O Dr. João Belisario foi victima; a sua família passou pela decepção de ver a sua chácara cercada para tirarem dous mulatinhos; o Dr. Juiz de órfãos é testemunha d'este facto. Como o Dr. João Belisario, outros têm sido victimas.

É uma imoralidade!

A cidade está cheia de pretos, que não querem trabalhar, e as fazendas estão ficando abandonadas. Considero Campos liquidado se o governo não tomar já e já providencias enérgicas. Ahi não se sabe o que se passa entre nós.

É uma calamidade.

Há necessidade de nomear-se quanto antes uma autoridade — delegado de policia, formado em direito e que seja enérgico, para regularizar o trabalho livre.

Peça providencias urgentes.

Faço esta com pressa e não atendo à redação; por isso redija a noticia do melhor modo.”

— Pessoa habilitada informa-nos que o município de Pirahy, d'esta província, acompanha de um modo brilhante o estado actual em que os fazendeiros e innomeadamente o paiz se acham empenhados na questão do elemento servil.

Alli libertam-se constantemente escravos e, a datar do acto filantrópico com que o finado comendador José Breves encerrou seu testamento, livrando do captiveiro mil e muitos escravizados, em todos os inventários constantemente se concedem cartas de alforria.

Ultimamente, acentuando-se mais o espirito emancipador, registramos com prazer o nome dos illustres Srs. major Pedro Celestino Gomes da Cunha, comendador Maurício Haritoff, João Teixeira da Nobrega, barão da Vargem Alegre, comendador Romualdo Monteiro de Barros, Mathias Octavio Roxo, tenente-coronel Silvino Coelho de Avellar, José Barboza Lemos e D. Cecilia Breves, que têm alforriado todos os que possuíam em numero de mil e tantos.

— A presidência aceitou a desistência que fez Rodolpho Jacintho Mattoso Camara do officio de partidor e contador do termo de

Vassouras.

— Escrevem-nos, pedindo para chamarmos a atenção do Sr. Diretor geral dos correios, para a falta da entrega das cartas, e mais papeis pela agencia do correio de Pirahy, visto o estafeta não ter feito esse serviço há dous meses, havendo grande inconveniente n'isso para o publico.

— A sociedade abolicionista, em Nictheroy, realiza hoje a sua festa de emancipação, entregando varias cartas de liberdade no theatro Nictheroyense.

— O resultado dos exames de costura feitos hontem, na Escola Normal de Nictheroy, foi o seguinte:

1 anno — Habilitada — D. Noemi C. dos Reis.

2 anno — Habilitadas — D. Noemi C. dos Reis, D. Francisca N. do Amaral, D. Lydia Umbelina da Costa, D. Leandra Walter, D. Rita Bustamente F. Ferraz e D. Jacintha F. Soares Medella.

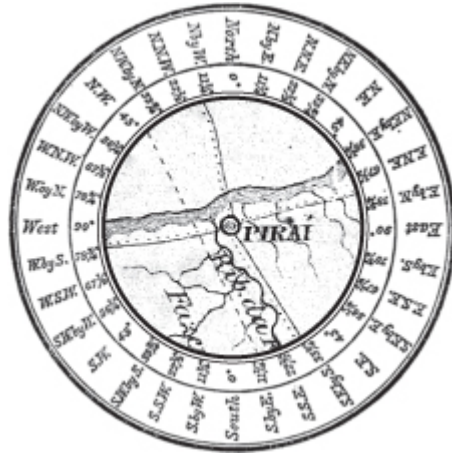
3 anno — Approvadas plenamente: D. Zulmira C. de Barcellos, D. Lucia Mafra de Souza e D. Adelaide Jardim dos Reis.

Approvadas: D. Rita B. F. Ferraz, D. Jacintha F. Soares Medella, D. Emilia A. Machado, D. Aurea J. de Siqueira, D. Anna Louzada de Andrade e D. Clotilde Leite Tavares.

Exame completo, compreendendo os três do curso:

Approvada plenamente, D. Felisberta Peixoto Caldas.

Approvadas, D. Virginia M. de Nova, D. Eugenia Chedal e D. Leonar J. dos Reis.■



Fazenda Bela Aliança

JUNHO DE 1888

PASSADOS OS PRIMEIROS MOMENTOS de desorientação, ninguém sabe dizer ao certo o que aconteceu. Não se vê alma viva em parte alguma. Só o gemer da roda-d'água parece embalar a modorra que envolve o casarão. Silêncio dentro e fora de mim. Deitada, assisto aos raios de sol filtrados pelas venezianas passearem sobre o tapete vermelho. O tambor implacável martela meus ouvidos. É o coração. Ainda bate. Meus dedos percorrem o rosário de contas de oliva. Puro hábito. Tia Maria Gata deixou sobre o mármore do lavatório a jarra de água de flor de laranjeira, um copo e o açúcar. *“Prá acarmá parpitação.”* A mucama ronrona numa esteira aos pés da cama. Deixo a velha dormir.

Sinto-me como um cadáver abandonado por todos. Sem socorro, sem ninguém a me acudir. Só a negra para esticar as mãos calosas e me arrancar do sorvedouro onde, a cada dia, afundo mais um pouco. Por vezes, de madrugada, sinto o vulto de Maurice no quarto. Ele gira a maçaneta com cuidado, pisa na ponta dos pés, beija minha testa e murmura umas palavras soltas. Depois, como que flutuando,

se afasta e se perde no corredor escuro. Parece envolto numa auréola sobrenatural.

Embora não fosse novidade, a notícia surpreendeu. Pois, se acontecimentos importantes estavam a caminho, o cotidiano tinha aparência de normalidade. Houve a queda do gabinete conservador. O governo concluiu o contrato com os banqueiros ingleses e os paulistas começaram a pressionar pela abolição. Os cafeicultores reagiram. A colheita estava para ser feita, insistiam. Era preciso esperar até embarcar o café em setembro. Era a chance de pagar dívidas.

Mas a opinião pública batia os pés. De toda parte, choveram pedidos à princesa regente. Ela até recebeu africanos fugidos em seu palácio em Petrópolis para um almoço. Depois, no dia 13, vestida de branco-pérola e rendas valencianas, assinou com uma caneta de ouro a lei que pôs fim à escravidão no império. Mais de dez mil pessoas a aclamaram da praça em frente ao Paço Imperial. “Delírio e estrondosas manifestações de regozijo popular”, escreveram os jornais. Chorei muito, pois entendi que nossas oportunidades tinham se acabado. Para nós, o fim. Foi um ato ditatorial.

Nunca mais... Nunca mais o canto dos escravos no eito, nunca mais a roda das carroças de boi rangendo, carregadas dos frutos maduros, nunca mais o cascatear de contas quando os grãos eram revirados no pátio de secagem, nunca mais os terços ao cair da tarde e a voz da negrada acompanhando, nunca mais o barulho do ferrolho trancando a senzala. Nunca mais o riso, o baile da congada, as negras de dentro vestidas com luxo nas procissões, e os velhos de carapinha branca tocando na orquestra. Nunca mais a distribuição de remédios seguida de uma conversinha. Nunca mais...

Nas primeiras noites roncaram os tambores. O grito de liberdade dos pretos estava no ar: “Tão bom como tão bom!”. Depois, passada a histeria e a bebedeira, o silêncio se instalou no Vale. Um silêncio de cemitério. Tudo em torno parece ter perdido o significado. Na cozinha, onde se ia buscar água fresca no cântaro, à volta do fogão, quando virávamos as pás para mexer doce de tachada ou para fazer angu de fubá, não se via mais uma mucama de dentro. No quintal, em torno da cisterna, do coradouro, para estender roupa ensaboada,

das prensas usadas na casa de farinha, do secador e do batedor de feijão, nenhuma escrava de fora. Um mundo de mulheres que trocavam notícias, oravam juntas, riam e choravam entre si se foi.

No meu quarto, perto do grande armário de colunas torneadas onde guardo os vestidos de cauda bordada, os xales e as mantilhas, nenhuma escrava de confiança para renovar os saquitéis de filó recheados de pimenta-do-reino. As roupas estão amontoadas. Os objetos parecem adormecidos.

Lembro bem: foi depois da festa “de libertação” que oferecemos na fazenda. Eu estava na varanda quando Maurice chegou de Piraí com os papéis. As escravas de dentro e de fora se juntaram, os homens por trás delas. “Meus filhos...”, comecei. Em resposta, um coro de lamentações. Algumas vozes gritavam: “Sinhá, não nos abandone! Não nos deixe...”. Quase todos tinham os olhos cheios de medo e hesitação. Perto de mim, tia Maria Gata só balbuciava com os beiços já cobertos de bigodes alvos, mão no peito e lágrimas: “Coitadinha de minha sinhazinha... Coitadinha...”. Prossegui: “Vocês estão livres... Não há mais prisões...”. Maurice retinha-me pelos ombros. Eu estava a ponto de desmaiar.

Na mesma noite, em fila, os escravos receberam suas cartas de alforria. Acenderam-se tímidas fogueiras. Um zumbido medroso deu lugar às antigas cantigas africanas. Maurice passou a noite reunido com Manuel e os feitores. Como outros fazendeiros, pedira à polícia reforço em caso de desordem. Não foi necessário.

As mucamas de dentro continuaram seu trabalho silencioso por mais alguns dias, como que ignorando voluntariamente o que acontecera. Na verdade, não queriam se misturar aos negros da senzala. Os primeiros grupos saíam à noite, se escondendo no mato por um tempo até se perderem pelas estradas. Muitos caminharam por dias, sob um sol vermelho e violeta, perdidos no Vale, esse reino vasto e desconhecido. Houve, contudo, um dia em que o fogo da cozinha não foi aceso. Foi o sinal. As mucamas também tinham partido. Bela Aliança deixara de existir. O pátio desertado, as senzalas indecifráveis, as tulhas calcinadas pelo sol. Era como se entrássemos nas trevas.

Fechei-me no quarto por uns dias e só saí para as orações na capela. Quem acredita em Deus pode se sentir de repente abandonado. Aconteceu com Jesus na cruz. Mergulhei no silêncio e na solidão. Maurice se atarefava em torno de tentativas de contratações. Oferecia dinheiro, paga, salário. Pois os frutos maduros pendiam, puxando os galhos do cafezal para baixo. Depois começaram a cair, cobrindo as raízes e a terra cansada.

Impaciência da Corte, surpresa de uma lei que passou em quatro ou seis dias. Que, em duas linhas, declarou que no Brasil não havia mais escravidão, quando não havia, essa era a verdade, outros trabalhadores para a lavoura. “Um golpe terribilíssimo, ninguém faz ideia do abalo entre todos os lavradores...” — reagia Maurice. Para ele, o recado do imperador foi dado: “Arranjem-se como puderem!”. O governo aniquilava tantos anos de esforço. Piraí viveu a ruína impiedosa de milhares de famílias e viu fazendas virarem taperas em dias. Porém, o governo não jogou nenhum bálsamo sobre nossas feridas. Deixou os senhores caídos no chão, sem que deles se fizesse caso, desprezados, para não dizer evitados. Bandos de joalheiros franceses e israelitas vinham de porta em porta tirar dos agricultores o resto de ouro e prata que ainda tinham. Não restou nem um penico de prata...

Que eu saiba, os senhores não ficaram querendo mal a nenhum de seus libertos. E estes, ou ficaram, ou se retiraram. Nenhum faltou ao respeito aos seus antigos donos. E como se separaram de modo pacífico, velhos laços que uniam muitos deles se transformaram em sinceros bons ofícios. Tia Maria Gata me faz companhia e vamos contratar criados para cuidar da casa. Mas, a cada dia vazio que passa, é mais um degrau que eu desço em direção ao fim.



Bela Aliança

Journal

DEZEMBRO DE 1889

NADA DISSE À *Nicotáh*, mas fui à capital e penhorei a fazenda. Voltei no trem contendo a vergonha e o choro. A compra de uma máquina despulpadora Lidgerwood no ano passado levou o pouco que ganhamos. Eu apostei num mecanismo que recebia o café lavado e retirava a polpa, deixando-o com a sua fina película, o pergaminho. Só queria obter um grão de melhor qualidade e reduzir o prazo de secagem no terreiro. Mas o ano foi horrível! Ainda tenho mil e quinhentos hectares de terras com quinhentos mil pés de café. Arbustos velhos em terra velha, bem sei. Mas, graças à máquina, o resultado é um tipo superior de grão, muito procurado pelos comissários.

Com a ajuda de Manuel, consegui manter alguns velhos escravos, agora empregados. Pago mil e quinhentos réis por dia e não os alimento. Às mulheres que trabalham no cafezal, pago mil-réis, e às crianças que cuidam do gado, oitocentos réis por semana. Esses dois grupos recebem comida. O velho Lucas está ganhando doze mil-réis por semana. Os empregados brancos ganham, ao dia, trezentos réis a

mais que os negros. A escravidão deixa rastros. Mesmo os manuais de agricultura dizem que ex-cativos são preguiçosos, ignorantes e selvagens.

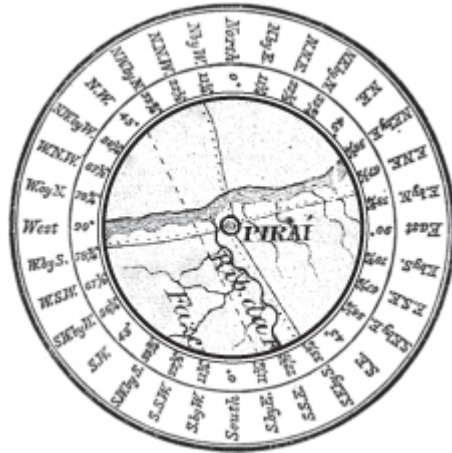
Quando cheguei ao Brasil, também acreditei nisso. Quem diria. Hoje, não consigo viver sem os braços magros de Regina Angelorum em minhas costas e o modo como apoia a cabeça em meu ombro. Seus cabelos negros, o dorso azeitonado, o colo fortemente pigmentado e os seios de bicos escuros são o meu contentamento. Ela é a minha noite estrelada. Sua pele tem gosto e cheiro. Quando ela abre as pernas, o efeito é o mesmo que provoca o mágico ao tirar da cartola vazia uma fieira de lenços coloridos. Cada lenço é uma lembrança, uma sensação. Copulo com aromas. Seus sucos alegram meu nariz: menta, alecrim, rosas, café. A essência íntima de nós dois, nossa catanga — como ela diz — impregna vida, imaterial, persistente e fiel a nossos encontros noturnos. Odor do incenso nos altares dourados da igreja da rua Daru, em Paris. Do feno no corpo da camponesa que, menino, bolinei, enquanto ela guardava uma plantação de abóboras. Esbelta, escura, traços grosseiros e cabelos cor de carvão. Na boca, um talo de palha. Corpos gloriosos têm perfume particular dizia o *starets*. Meu quarto é transformado em estufa quente, serra vegetal, onde os cheiros são como almas a se evocar, a se chamar, quando tudo à volta é ruína. Deverei chamá-la minha mulher ou minha santa? Quando toco sua casta pessoa, seu corpo inocente, pareço ganhar alguma virtude. Sinto-me melhor do que sou. Teremos poder sobre o começo ou o fim de nossas paixões? Amor? Sim e muito. Regina Angelorum: o prazer mais natural, mais legítimo.

Agora, chove. Os pingos parecem pregos caindo sobre as telhas.

...

Adormeci e acordei sobressaltado. Sonhei que *Nicotáh*, muito magra, com um longo véu de luto, se inclinava sobre mim, e com uma graça tão feminina, tentava beijar-me a boca. Seu véu, porém, me entrava pela boca. Eu não conseguia respirar. Pulei da cama e

abri as portas da varanda. O frio da noite me chicoteou o rosto. Sobre minha cabeça, um céu negro como o véu de luto de minha esposa velava sobre o cafezal. Fiz o sinal da cruz e voltei para o quarto.



Fazenda Bela Aliança

Meu diário

QUERIA QUE EXISTISSE um chá para o esquecimento. Faria sinhá Nicota tomá-lo e assim voltaríamos à vida que tínhamos antes. Sem ressentimento. Não me culpo, pois não foi escolha minha. Ela deixava *missiê* só. Tampouco lhe deu filhos: não há maldição maior do que ser mulher machorra. Não quero que ela me perdoe. Apenas que não me lastime. Não sou uma coitada. Eu preferia ficar com *missiê* sem fazer mal a ninguém.

Assumo um ar de inocência. Não de inocência abatida e mansa. Ao contrário. É como se a minha, agora, perdida, me fizesse justiça. Mesmo desonrada, passei da cozinha e da senzala para o salão e o quarto de dormir. Agora, um abismo separa a protetora e a protegida. Sinhá Nicota me despreza. Seu silêncio é o castigo pelo passo que dei. Por isso, nunca poderei lhe explicar que minhas relações com *missiê* eram de respeito. Tanto respeito a ponto de aceitar a situação, sem examiná-la. Há uma desproporção de idade e eu nunca estive apaixonada. Apenas, curiosa.

Leviana, eu? Não. Penso até que essa é uma história vulgar.



Bela Aliança

PAI NOSSO QUE ESTAIS NO CÉU... São dias amargos. Vivo no país da tristeza. Sempre soube da mancebia entre senhores e escravas. Mas com alguém da senzala da Bela Aliança?! Sempre fingi que não sabia, mas teve a Aguado, a Belisário, mas uma negra?! Imaginar que lhe perguntei outro dia: “Que tens, Regina Angelorum?”.

Maurice deve estar louco ou enfeitiçado. “Ligado”, talvez, por aquelas orações antigas de pegar homem ou algum filtro que essa mulher tenha preparado. Com essa escolha, ele me estendeu uma esponja embebida em fel.

Com quanta paciência eu a criei, dei-lhe teto, vesti e eduquei. Mas entregar-lhe meu esposo? Nunca. Mordo os lábios para não gritar: “Monstro... ingrata”. Onde ele a terá beijado pela primeira vez? No laranjal...

Tenho vergonha de meus lábios tristes e olhos inchados. Na boca, um gosto persistente de lágrimas. Ah, Maurice, olhe para mim e, de novo, serei bela. Aproxime-se, meu anjo. Mostre-me seu rosto. Eu te amo. Mas parece que só terei paz quando repousar, no pó, as mãos cruzadas. Meu reino não é deste mundo. Sou rica, apenas, de melancolia. Não quero felicidade, nem dor, só esquecimento.

Hoje, na noite escura, a Via Láctea parece ferver.



Bela Aliança

FEVEREIRO DE 1893

NÃO ESTOU MAIS ACOSTUMADA a expressões físicas e verbais de afeição. Mas ainda sinto falta de Maurice como se sente falta de sol, num dia nublado. Deus ordenou a procriação. Mesmo as horas passadas entre beijos e carícias, gemidos e suor não puderam atender a esse mandamento. Cada vez mais doente, passei a me sentir fisicamente magoada. Comecei a rezar para que ele deixasse de me procurar.

Agora meu marido tem uma amante prenha. Soube só de ver seu rosto, quando ela me estendeu o copo com o remédio. Ao sair, deixou seu cheiro de terra e ervas no ar. Terá um filho. Só espero que Maurice cuide bem dessa mulher e da criança. Pois, se eu morrer antes do seu nascimento, virei buscar o moleque.

Escrevo desde que me levantei da cama. Chorei muito. Ao subir para me trazer cartas, Maurice viu meu rosto inchado de lágrimas. Surpreendentemente, beijou meus olhos. Pediu para ver o que eu escrevia. Fechei o diário. Passei a manhã numa tristeza profunda. Ele voltou várias vezes, tentando me alegrar. Disse que sofria por me ver triste. Que a palidez me dava um encanto novo. Não sei o

que lhe respondi. Só sei que há uma grande diferença entre homens e mulheres. Não posso lhe falar de minhas dores. Ele é quem as causa e finge não saber. Escrever, porém, permite me livrar de um peso que não consigo carregar só. Meu amor por Maurice deveria ser uma fonte de alegrias e tornou-se um sentimento funesto. Virou ódio. Como morrer com esse sentimento no coração? Devo buscar a virtude, para que o Senhor me acolha sem demora.

Procuro consolação na natureza. À tardinha, o pôr do sol esplêndido e misterioso. Tia Maria Gata senta comigo na varanda. Um calor violento... Fico como morta em minha poltrona. Por horas, assisto ao azul profundo do céu que escurece. O azul-lilás entre galhos e folhagens... Hei de me lembrar dele quando estiver morrendo. A obscuridade dos cafezais acolhe a noite quente. Noite que chega sob um negro espesso. Sinto-me penetrada pelo sentido divino das cores do céu e da terra. As montanhas do Vale devolvem o calor de seus picos ao rio. O rio, por sua vez, parece uma infusão de café. O canto dos sapos enche com sua vibração o espaço do pátio. O torpor enfeitiçado que me toma parece não ter fim. A Providência, em seus cuidados severos, tem feito tudo para que eu me liberte. Para que eu caminhe só em direção às estrelas que, hoje, não vejo. Ou voe nas asas de um anjo em direção à terra divina.

— *Mme. Haritoff* —

DESAPARECEU, ante-hontem, da vida uma das senhoras mais distintas da nossa elevada sociedade, pessoa de grande cultura de espirito e dos mais peregrinos dotes da alma e do coração, Mme. Maurício Haritoff.

Filha de importante e rica família da outr'ora província do Rio de Janeiro, casou-se com o mais digno e sympathico dos cavalheiros pertencentes à nacionalidade russa, mas há muito tempo compatriota nosso por um sem numero de razões.

Não há n'esta capital quem se não recorde saudoso das brilhantes festas, jantares, partidas e bailes por eles dados, em que o supremo bom gosto e a verdadeira opulência se união à extrema afabilidade, graça e gentileza senhoril: não há quem d'essas recepções não conserve a mais imperecível lembrança e gratidão, pois tinham cunho verdadeiramente europeu no refinamento mais completo do que seja acolher convidados e saber entrete-los com sacrifício dos donos da casa.

Infelizmente de saúde sempre débil, esteve Mme. Haritoff largos anos enferma, sem jamais perder as qualidades que a tornavam uma das pessoas mais salientes, bemquistas e sympathicas do nosso *high life*.

Levou-a afinal a morte, coroada das bênçãos de quantos infelizes e necessitados era ella o amparo e a incansável e meiga protectora.

Deve a terra pousar de leve sobre o corpo esbelto, franzino e tão nobre d'aquella que lhe foi ante-hontem entregue para todo o sempre!■



Journal

TUDO ACABOU. Não sei quem me tirou do chão. Passei a noite de joelhos diante da cama. Senhor, recebestes esta alma virtuosa em Vosso seio? É tão triste. Por que não mais ouvirei sua voz? Compreendi que também sou mortal, que a coisa terrível que lhe aconteceu poderá me acontecer a qualquer momento.

Minha pobre *Nicotáh* já estava muito doente. Há tempos percebo seu adeus. Adeus que ela não ousava expressar para que eu não lhe tivesse piedade. Ela morreu depois de dois ou três suspiros, como os que dão as crianças ao adormecer. Toquei suas mãos de mármore. Seus lábios estavam cobertos de um violeta-escuro. Seu rosto, de um amarelo-terroso. Sua fisionomia emanava uma tristeza sarcástica e seu olhar parecia me seguir. Depois, foi a terrível imobilidade do corpo sob os lençóis.

O vento do inverno massacrou-lhe os pulmões. Seu temperamento mudou. Ela se escondia de mim. Pouco a pouco, tornou-se uma estranha. Eu via de longe minha esposa cada dia mais magra, mais lívida. Seu amor à solidão, a índole melancólica, as disfunções orgânicas, tudo indicava sua partida. Adeus, *Nicotáh*. Tudo acabado. Adeus, amiga. Quero acreditar que nos separamos

sem rancores. Ela dorme em seu leito virginal, doce e calma como uma menina, uma santa. Seu pequeno coração quis tanto me fazer feliz. Felizmente, *Nicotáh* tinha uma certeza vital que a permitia atravessar o mundo sem que seu coração se perturbasse. Toda a violência que sofreu se tornava um ato de fé. Foi enterrada com seu terço de contas.

Conservei seu caderno de marroquino marrom. Ela sabia. Isso me jogou numa culpa atroz. Traição, covardia, ingratidão, infidelidade: isso resume o que sou. Pequei e terei que fazer penitência sem esperar perdão. Diante de seu cadáver, me senti massacrado de remorsos. Ah, se eu soubesse. Teria tudo escondido mais e melhor. Traí *Nicotáh*. Traí a palavra dada a alguém que não conseguiu se fazer amar. As mentiras e não ditos foram fruto de uma paixão que me fez perder a cabeça. Traí por fraqueza mais do que por desejo de trair. Mas a verdade é que vivemos num mundo onde somos traídos se não trairmos.

“Que Seu grande nome seja bendito eternamente e por todo o sempre; que seja bendito. Que seja bendito, louvado, glorificado, exaltado, engrandecido, honrado, elevado e excelentemente adorado o nome do Santo, bendito seja Ele acima de todas as bênçãos.” Não sei por que lembrei-me do Kadish, a oração dos mortos que trazia o livro ensebado que me deu tio Garfinkel.



Fazenda Bela Aliança

Meu diário

A SINHÁ PARTIU depois de muito chá de dormideira. Fui eu quem deu o último banho. Fui conversando com ela. Mandei endurecer o braço ou amolecer a perna para vestir. Em seu ouvido sussurrei que ficasse leve, para não pesar o caixão. A pedido de Maurício, cortei as unhas, que enterrei no laranjal, e joguei fora as águas com que a lavei. Molhei uma mecha de algodão na lâmpada do Santíssimo da capela e coloquei no peito dela. Fiz-lhe assim um favor para que, depois, não me perturbasse. Enquanto isso, eu sentia a criança bulir na barriga. Será que os mortos podem alguma coisa contra os vivos? Com tia Maria Gata, cantamos as doze incelências, para os doze apóstolos abençoarem o anjo da guarda que veio buscar a sinhá. Quando as visitas partiram, fiz defumadouros para quebrar qualquer mal que tenha ficado. Depois, tia Maria Gata adoeceu de dor.

Por alguns dias, quando a chama dourada do lampião oscilava, eu sabia: era a sinhá passando... Sua alma bafejava um aviso. Quando o morrão crepitava, era ela, tentando nos falar. Também olhei dentro dos armários. Encontrei toalhas e cobertores molhados:

era a alma de sinhá que tinha mijado. Sandálias separadas pela manhã? Ela as usou.

Manuel diz que viu visagem dela, nas margens do rio. Anunciou-se pela presença de luzes misteriosas, mas não tinha sinais de tortura. Só os olhos iluminados e chamas azuladas nos pés. Tia Maria Gata logo disse que sinhá veio cobrar promessa não cumprida de *missiê*. Ela o detesta e fingiu ignorar meu ventre crescido.

Pouco a pouco, sinhá sossegou. Os trastes que deixou eram poucos: um colar de pérolas, um broche, braceletes com poucas pedras. A irmã veio buscar. A prata da casa, Maurício guardou. A família se afastou quando viu que eu dormia dentro de casa e estava de bucho. Logo entenderam. Tia Maria Gata ainda viu José nascer. Rezei muito para Nossa Senhora do Bom Parto. Dei-lhe esse nome, pois o menino nasceu laçado, e o santo é quem protege quem nasce com o cordão no pescoço. Despachei rápido e enterrei o umbigo do menino na porteira do curral para ele ter muito gado e terras. Defumei o corpinho molengo com alfazema e só dei banho com quinze dias.

Maurício estava louco de felicidade. Parecia até molangueirão e mijote em cima da criança. Sinhá veio buscar José quando ele tinha quase dois anos. Eu queria enterrá-lo na biqueira da casa, como se faz na minha família. Evitei chorar, para que as lágrimas não pesassem nas asas do anjo. Maurício ficou muito doente. Igual à tia Maria Gata quando sinhá morreu.

Tive cuidado para não ficar cheia logo... Fiz muito banho de arruda. Os problemas da fazenda só cresciam. Café, pouco. Maurício resolveu plantar pau-de-leite, dizia que o látex ia ser comprado pelos americanos. Vendeu o maniçobal para pagar algumas dívidas. Sempre lhe disse que a mandioca dava dinheiro. Só achava que ele devia alugar a plantação.

Se emprenhar de novo, vou querer casar.



QUERIDO AMIGO⁴⁴,
Obrigado por teres tido a paciência de ler minhas duas cartas e, sobretudo, respondê-las. Não tenho mais forças para discutir contigo. Tens muito mais inteligência e sobretudo mais habilidade na argumentação do que eu.

Esta carta será, portanto, simplesmente uma conversa filosófica sobre um assunto que me é muito caro, e que lerás nos teus momentos de lazer. Responderás se quiseres. Porque todo o conselho vindo de ti, mesmo que não me convença e por mais áspero que seja, não pode ser senão agradável vindo de um amigo como tu, cujo desejo é de salvaguardar meus interesses e minha dignidade.

Se por acaso escapar durante a conversa uma palavra ou uma frase que possam te ofender, perdoa-me e não me leves a mal, pois sabes de antemão que não é esse o meu interesse.

Absolutamente não me convenceste. Infelizmente. Pois creio ser esta a primeira vez depois de nossa longa intimidade que teus argumentos não tiveram nenhum valor para mim. Partimos de dois princípios diferentes.

Quando se comete um delito ou um crime, os juízes com a lei em suas mãos te condenam de acordo com tuas razões. Mas quando se comete uma falta e se deseja repará-la, até onde deve ir o sacrifício?

Não é mais a razão que deve guiá-lo, mas a consciência.

Ao menos é esta a minha opinião.

O pensamento que se segue, e que por assim dizer, pode servir de base a esta conversa, é meu e provavelmente de uma imaginação doentia conforme dizes: “O mundo pode desprezar uma mulher que se perdeu por fraqueza, mas o homem que se aproveitou desta fraqueza e que não a trata com respeito é o último dos miseráveis”.

Todos os teus argumentos têm por base o ponto de vista social mundano, corrompido, injusto e egoísta.

Assim, a justiça tem dois pesos e duas medidas. Uma para os poderosos e ricos, e outra para os pobres e deserdados.

Se eu tivesse seduzido uma jovem de família rica e poderosa, que tivesse para se garantir o bem-estar, a instrução intelectual, moral e religiosa, o amparo e os conselhos de seus pais, eu lhe deveria uma reparação e um nome para as crianças nascidas deste erro; enquanto que, tratando-se de uma “pobre rapariga”, a quem não se ensinou a diferenciar o bem do mal, que, cercada de seduções, tendo resistido e não tendo ninguém que a amparasse, terminou por sucumbir, eu não lhe devo nada — pior para ela. E se ela teve filhos, posso me responsabilizar exclusivamente por eles, mas, por ela — nada!

Para mim, uma satisfação, para ela, o desprezo público! Moral fácil, meu caro Meira, para as classes privilegiadas. E eu não vejo então por que não se restabelecer o “Direito do Senhor”: que é... a virtude de uma “pobre rapariga” é menos do que nada. E... e isso é justo? Que o poderoso e o rico aproveitem, porque a ela não devem nenhuma reparação!

Devia-se pelo menos estabelecer um preço fixo por esse tipo de divertimento, como os tributos coloniais.

Pois bem, sem ser democrata, nem mesmo republicano, não compartilho dessas ideias. Minha repugnância a essas doutrinas é natural. Eu sou um doente e não julgo as coisas com razão.

Você me cita como exemplo de filho bastardo um certo L.P. Soares, por quem o pai não fez nada — e você o admira. Eu não. Eis aí um homem que teve a chance de adquirir uma grande fortuna e de ocupar uma posição elevada, nada tendo a declarar durante a vida sobre a sua condição social, e somente quando morre e quando isso não pode mais o prejudicar, declara em testamento que sua mãe, Benta de Tal, foi concubina de seu pai, a quem jamais

conheceu. Orgulho de *nouveau-riche*. Querendo demonstrar que não devia nada a ninguém, que progrediu sem ajuda de ninguém — amor-próprio póstumo em detrimento da honra de sua mãe, “pobre rapariga” que foi.

Para admirá-lo, quero saber o que fez por ela, “a pobre rapariga” que foi sua mãe, que passou pelos mesmos sofrimentos que uma dama de sociedade passa ao pô-lo no mundo; que talvez chorasse junto ao seu berço pelo abandono daquele que a seduziu; que talvez tenha trabalhado dia e noite para sustentá-lo na sua infância. Este homem provavelmente nunca entrou numa igreja em toda a sua vida, mas deve, por testamento, ter deixado muito dinheiro para que lhe rezem missas.

Se minhas ideias são falsas, como me dizes “*ex cathedra*”, eu faço parte de uma grande minoria. Os exemplos não faltam nem na história, nem na vida comum.

Pedro, o Grande, por exemplo, casou-se com uma serva, e, para não ir mais longe, Rio Branco casou-se com a mãe de seus filhos, e a comparação é a meu favor. Pois os dois sabiam que as mulheres, antes de seus casamentos, pertenceram a vários homens — e mil outros exemplos que eu poderia ainda citar-te.

Para ti, todos esses homens eram doentes! Para mim, homens de coração.

Em tua carta, tão bem redigida e tão apreciada por mim, uma só censura me sensibilizou, realmente me tocou, na qual me dizes que, sendo já pai, quis contrair núpcias com uma pessoa que não era mãe de meus filhos.

Reconheço ser mais um erro. Eu não raciocinava, não sentia como agora, e eu errei.

Ofereça-me hoje a mulher mais bela e mais rica do universo, eu não a desposaria. Aí ainda reconheço o grito da consciência, pois foi o amor que tive depois aos meus filhos e a estima e gratidão para com sua mãe que me fez reconhecer o erro que eu ia cometer.

Esta censura que me fazes não pode partir senão de um homem impecável — nunca em tua vida tiveste uma fraqueza? Nunca cometeste um erro?

Parece encontrares uma contradição em minhas ideias quando dizes que não era fazendo caso da opinião da sociedade, porque eu desejava regularizar a minha situação pelo casamento? Aí também não tens razão. Eu, sim, não faço caso de opinião pública. Mas sei eu se meus filhos pensam da mesma maneira? Não é por mim que desejo regularizar a minha situação, mas, sim, por eles. Onde está a contradição?

Teu último argumento vale menos que os outros. Pelo teu ponto de vista, nenhum viúvo deveria casar novamente. Será que por eu ter tido por primeira mulher uma santa, de quem até hoje venero a memória, não devo nunca mais me casar? Ou então, que se o fizesse fosse com uma pessoa pertencendo à sociedade, ou seja, a filha de um sr. Soares qualquer que depois de sua morte me deixasse cinco ou seis mil contos? A este preço posso fazê-lo, a este preço posso ocupar este lugar sagrado com outra pessoa.

Isso não é sério, e esse argumento não é digno de ti. Pode ferir, mas, não convence. Ficando só, sem filhos, isolado, deveria ficar celibatário por toda a minha existência, ou então viver com uma concubina!

Permita-me, por minha vez, ser franco contigo e te dizer que este é um raciocínio egoísta. Lembra-me uma imagem muito comum, onde um homem rico, depois de jantar e fumar um bom charuto, se surpreende ao ver um pobre-diabo parado em frente aos vidros de um restaurante, tremendo de frio e de fome, e a legenda diz: “Eu jantei bem, o que faz aqui este pobre-diabo?”.

Tens as alegrias da família, uma santa esposa e filhos que te adoram. Não terei eu também o direito, porque fui casado, de constituir uma família?

E se “a pobre rapariga” da Regina amanhã herdasse de um Rothschild, qual seria a situação?

Ela subitamente se tornaria branca de um dia para o outro, ocuparia uma elevada posição por causa da fortuna — mas não poderia se casar, não poderia desposar outro homem, pois seus filhos são meus, eu também não poderia desposá-la, porque, apesar de sua grande fortuna, continuaria a ser “uma pobre rapariga” a

quem não se deve nenhuma reparação e seria inadmissível para a sociedade.

Também uma mulher que tivesse vivido por vinte ou trinta anos com um homem, e dando-lhe durante esse tempo todas as provas evidentes de sua ternura, de sua fidelidade, de seu devotamento; tendo criado seus filhos com o maior zelo, tendo-lhes inculcado os princípios de todas as virtudes, não pudesse constituir família porque era somente uma “pobre rapariga” que foi seduzida? Enquanto que uma B..... qualquer, adúltera e venal pode fazê-lo, somente porque pertence a uma família rica e poderosa!

Essas doutrinas são inteiramente incompatíveis com meu espírito doentio. Essas teorias de tempos feudais, onde a humanidade era separada em duas castas: a nobreza e a ralé, seriam ridículas em nossa época e, sobretudo na América, onde a nobreza hereditária jamais existiu.

Mas se Regina amanhã fosse muito rica, ela não só se transformaria em branca da noite para o dia, mas haveria pessoas que afirmariam ser eu o mulato!

Crê-me, não é um sacrifício que eu faço a meus filhos e sua mãe.

Pensas que meu amor-próprio não lutou com minha consciência?

Que devo eu a esta sociedade de quem tanto falas? Que fez ela por mim? Enquanto fui rico e tive uma bela casa, ela me adulou, procurou e cumulou de atenções — e no dia em que me tornei pobre, só o coice de um asno⁴⁵.

E qual é esta sociedade de quem queres que eu respeite as leis? Olha em volta de ti. O que vêes?

O homem que vende a sua honra e a de sua esposa. A mãe que vende a honra de suas filhas. A Justiça e a Religião corrompidas. O vício dominando todas as virtudes... e quem são aqueles que fazem as leis desta sociedade?

São aqueles que venderam o bem mais precioso, aquilo que devia ser o mais sagrado.

Reforma da sociedade sob novas bases. Sob as bases da honra, da virtude, da Justiça e da Religião — e eu respeitá-la-ei, mas não como está. Por favor!

Devo sacrificar a minha felicidade, o futuro de meus filhos e a tranquilidade de meu espírito a este amontoado de vícios, de compromissos vergonhosos e de venalidade? Nunca.

E não me digas que não conheço a sociedade. Eu nela vivi tempo suficiente e conheço suas misérias. As exceções que existem são raras, e aquelas, em sua bondade, saberão perdoar minha fraqueza. E da dignidade dos meus filhos, que fazes com ela? Tu me falas de filhos naturais que alcançaram lugares proeminentes na sociedade, mas saberás o que sofrem em seu amor-próprio de homens e filhos? Recebidos nos mais finos salões da sociedade, se apresentassem com suas mães elas deveriam permanecer na antessala, e recebidos na mesa dos poderosos, sua mãe, “por muito favor”, porque ela não era senão uma “Benta de Tal, pobre rapariga”, deveria comer na cozinha com os serviçais.

A sociedade não admite em seu seio a mulher adúltera, mas não admite a mãe que não seja casada.

Qual o filho verdadeiramente digno que aceitaria essa situação?

Pergunta a teus filhos se eles consentiriam em frequentar uma casa onde sua mãe não fosse recebida?

Qual a razão por que meus filhos não devem possuir o mesmo sentimento de dignidade? Deus disse: “Conceberás na dor”. Desde que viemos ao mundo, nossa mãe começa a sofrer, e os sofrimentos físicos nada são ao lado dos sofrimentos morais aos quais ela se prepara desde o nascimento do filho.

No sublime poema da paixão de Cristo, qual a figura mais patética? Certamente a da Virgem, sua Mãe. Deus escolheu-a humilde para ser a Mãe do Salvador — e foi uma “pobre rapariga” daquele tempo que gerou o Homem-Deus, que o Cristianismo dá como exemplo de todas as virtudes e de todos os sacrifícios.

Nosso pai nos dá uma educação viril, masculina, mas é nossa mãe que consola nossas dores e enxuga nossas lágrimas.

Já viste velhos num momento de crise dolorosa? Tornam-se crianças, e de suas bocas sai o grito “Mamãe”, e se jogam cambaleantes no seio de sua mãe para poderem soluçar livremente. E elas, coitadas, compartilham de nosso sofrimento.

Queres que este filho julgue o homem que podia reabilitar esta mulher, que num momento de fraqueza se perdeu, e não o fez! Este filho, se é muito inteligente, não há de condenar seu pai, mas, certamente, no fundo do seu coração, julga-o, e julga-o com severidade. E ele não é indigno por isso — pelo contrário, seria atribuir ao homem virtudes que ele não possui. Seria desumano! Estou pronto a fazer este sacrifício.

Vejamos, meu bom Meira, tua amizade por mim, tentando impedir a reprovação por parte desta sociedade, pela qual a contragosto te deixas influenciar, faz-te confundir as ideias sãs e boas e tornas-te, sem querer, não um doente ou louco como eu, mas, injusto com os desvalidos.

Ai! Caro amigo, vejo já daqui a tua resposta. Vais com piedade dar de ombros, tratar-me-ás novamente como doente, louco, ou talvez neurastênico, com quem não se deve discutir.

Presta atenção — este é o último argumento daqueles que não o possuem. É o pensamento dos republicanos — deve-se acreditar em sua falsa liberdade, eles não admitem discussões. É necessário se submeter ou passar por criminoso... Ou, idiota.

Se me reprovas no que vou fazer, terás mais estima ainda por mim.

Ainda uma vez, caro amigo, não é mais do que uma simples conversa, e no calor da minha exposição naquilo que considero justo e que tanto me interessa, escapou alguma palavra que pudesse te ofender, perdoa-me.

Eu ajo somente de acordo com o meu coração, e não com a razão.

A ingratidão é incompatível com a minha natureza, e devo-te muito para jamais querer te ofender.

Maurício



Confidencial para você e Hélène

JANEIRO

MINHA QUERIDA VERA,
Não pode imaginar como fiquei emocionado com o presente dos retratos para meus filhos. Agradeço de todo o coração.

Você quer que eu lhe escreva, mas você jamais quis fazê-lo, para não se entretecer em meio a tantos desgostos e aborrecimentos que você já tem. Fá-lo-ei agora.

Minha carta será longa, é uma verdadeira confissão. Talvez a última.

O que eu não daria para poder fazê-la de viva voz! Ai de mim. O destino resolveu de outro modo. Algumas vezes tenho ainda a esperança de poder lhe confiar meus filhos e sua mãe antes de morrer.

Morreria tranquilo, então, e acredito que seu bom coração não me negará esse último apelo.

Juro que o que vou lhe dizer é a verdade mais pura; eu a confesso a você como faria a Deus.

Para me julgar, é necessário me acreditar, ou rasgar a minha carta antes de lê-la. Como você sabe, tornei-me um viúvo dez anos atrás. Um ano depois de minha viuvez, mantive relações com Regina, a quem você conhece.

Como isso sucedeu, nem eu mesmo sei... O isolamento, a necessidade de uma companheira, um resto de juventude, a solidão, a convivência permanente com uma menina tão gentil — que eu mesmo criara — enfim, eu me deixei levar...

O fato é que aconteceu.

Eu tirei a sua virgindade! É preciso que eu insista nesse ponto. Perdoe-me. Se Regina, antes de mim, tivesse pertencido a outro homem, eu não teria nenhuma responsabilidade, e é provável que meus sentimentos e intenções a seu respeito fossem outros.

Um dia, comentando esse fato com Anne, sua filha, ela sorriu ironicamente. Imediatamente rompi relações com ela.

Se você agir da mesma maneira, é inútil continuar a leitura desta carta. Não sou mais criança. Ai de mim.

Sou um velho, e eu jurei só dizer a verdade. Sua filha acredita que não se pode ser honesto senão quando se é casado.

Não sei quais são as suas ideias a respeito, mas me parece que se deve ser mais indulgente, e saber perdoar um erro. Antes de se julgar uma mulher que pecou, é necessário compreender a luta que ela sustentou, os envolvimento a que ela sucumbiu. O mais difícil neste mundo é julgar os outros! Eu acreditava que esses fossem os sentimentos cristãos.

Você conhece a atitude de Cristo com Maria Madalena.

Pois bem, é preciso crer em todos os preceitos de Cristo, ou não acreditar em nenhum, e não se construir uma pequena religião de sua conveniência.

Um ano depois de minha ligação com Regina tivemos um filho, o pequeno José, do qual Juca Pinheiro e Ritoca foram padrinho e madrinha. Eu não amava as crianças, os seus risos e choros me eram insuportáveis.

É preciso ver como a Providência a tudo provê; um ano depois, era eu a ama do meu pequenino José, eu que lhe dava a mamadeira, eu que o adormecia com mil cuidados todas as noites; eu tinha

ciúmes até da mãe. Eu não saía mais da fazenda para não deixá-lo, e, às vezes, ficava horas perto do seu berço, vendo-o dormir.

Com dois anos e meio de idade, ele teve uma broncopneumonia e foi arrebatado da minha ternura pela morte inexorável, em oito dias.

Escapei de morrer, também; tive uma espécie de paralisia. O médico que me tratava fez vir por telefonema o dr. Meira do Rio, acreditando que eu não sobreviveria a tamanha dor! O que sofri foi inenarrável.

Pergunte a Hélène o que se sofre quando se perde uma criança.

Você pode imaginar os sofrimentos e a dor da mãe.

Pois bem, minha querida Vera, estou convencido de que nada no mundo une mais dois seres do que a dor em comum, partilhada...

No fim de três dias, estávamos de novo sozinhos a nos consolarmos um ao outro.

A mãe tinha mais energia do que eu; ela me tratou como se cuida de uma criança, dormia aos pés do meu leito, e só chorava quando eu fingia que estava adormecido.

São gestos que não se esquece quando se tem coração.

Ah! Minha querida Vera! Tudo passa neste mundo, mesmo as dores mais profundas! Depois de uma crise aguda, vem a calma; neste estado, talvez se sofra mais, mas o tempo, esse remédio do coração que a Providência nos concedeu, acaba por cicatrizar as feridas, conserva-se terna lembrança daqueles que não mais existem, e nos transformamos quase em ingratos para com aqueles que perdemos.

Três anos depois tive outro filho, Alexis, que atualmente está com seis anos; é uma criança delicada, muito nervosa, que necessita de cuidados constantes. Ele é quem me mantém vivo. Não me afasto dele por um momento, sou permanentemente sua ama; todos os cuidados que uma criança exige, eu os faço, por assim dizer, com minhas próprias mãos.

Há três anos, nasceu o último, que se chama Bóris, e não Serge. Foi a senhora do ministro da Rússia, Madame de Speyer, sua madrinha, quem lhe deu um nome tipicamente russo.

É o contrário do mais velho; tanto o primogênito é delicado quanto o segundo é forte e robusto; tanto o mais velho parece com a mãe como Bóris é o retrato do pai.

Como você deve saber, nestes últimos anos a minha situação financeira tornou-se crítica. Estou quase arruinado. Os preços irrisórios do café, a falta de dinheiro e, sobretudo, de crédito, um desânimo completo me impediram de cuidar da fazenda, e somente a condescendência do banco e de seu presidente fizeram com que a fazenda não fosse penhorada.

Procurei um emprego, mas com família é difícil encontrar qualquer coisa que sirva.

Eu contava com a proteção do Seabra, a quem tanto obsequiei, mas, depois que ele progrediu e eu fracassei, não me conhece mais! Humano!

Há oito meses não vou ao Rio, e praticamente não saio da fazenda, vivendo abandonado por todos. A coragem muitas vezes me faltou. Não se envelhece unicamente no físico, mas também no moral.

O pouco de energia que tinha me abandonou completamente; se não fossem as crianças e a coragem de Regina, provavelmente teria cometido atos de desespero.

Foi ela quem me amparou, sempre me aconselhando e erguendo meu moral abatido.

Depois de um ano, vivo com ela como se fôssemos casados.

É aqui, minhas queridas Vera e Hélène, que eu me entrego ao julgamento, não somente de sua razão, mas, sobretudo, de seu coração.

Sacrifiquei-me totalmente a meus filhos. Rio por causa deles e com eles.

Devo, depois de ter tudo lhes sacrificado, vacilar no meu último sacrifício — o mais importante: reabilitar sua mãe?

Depois de ter evitado que, durante a infância, tivessem a menor dor física, a menor contrariedade, devo, agora, por causa de um preconceito mundano, arriscar que quando se tornem adultos alguém mal-intencionado os chame de bastardos, insultando assim sua mãe?

E deixar brotar em seus espíritos a dúvida odiosa: que a mãe, por sua conduta, não mereceu que eu lhe desse essa última prova de estima, ou que não tive a coragem de cumprir o meu dever, assegurando-lhes definitivamente o meu nome, o de pai de seus filhos!

Minha consciência, minhas queridas irmãs, não admite dúvidas a esse respeito e vocês sabem que jamais transigi meu dever.

Lembrem-se da Guerra da Turquia.

Na minha idade, não necessito mais de mulheres; não é a Regina que eu quero desposar, mas, sim, a mãe de meus filhos, que tudo me sacrificou, até mesmo as poucas economias que possuía.

Minha consciência me ordena que devo regularizar essa situação, sabendo de antemão as consequências às quais me exponho.

Eu devo fazê-lo e o farei.

Aqui não tenho mais família; aquela da minha falecida mulher, você sabe, afastou-se de mim. Por diferentes motivos, vejo raramente Ana e Rita.

Não tenho mais quase nenhum amigo.

“A fortuna não vai embora sozinha, ela leva também nossos amigos.”

Portanto, consultei os poucos que me restam.

Uns me aprovam, alguns me censuram e muitos me aconselham a esperar e só cumprir esse ato no último momento da minha vida. Mas, ai de mim! Recordo-me da morte súbita de nosso pai. Só teve tempo de proferir duas palavras: “Meus filhos”, e expirou.

A mesma coisa pode me acontecer.

Acreditando estar me dirigindo a um espírito superior, falei um dia com sua filha Anne. Seu conselho foi: “Toma as crianças e indeniza a mãe”.

É o conselho vulgar que se dá aos jovens que tiveram o infortúnio de uma ligação com uma mulher perdida.

Eis a justiça humana.

Como recompensa de sua fidelidade, dos cuidados, da abnegação e da ternura de uma convivência de mais de dez anos — o abandono!

Há no mundo punição mais cruel?

Afastá-la de mim, tomar-lhe os filhos e dar-lhe, como consolação, um punhado de dinheiro. Eis o conselho de uma cristã!

Não pense que isso me espantou, ou contrariou. É natural, é humano.

Ela me deu um conselho dominada pelas ideias do meio e da sociedade nos quais vive.

Ela acha muito natural viver na intimidade de um casal, que você conhece, onde o marido é desprezível, a mulher adúltera e venal, e não quer estender a mão a Regina, que cometeu um erro, mas, apesar disso, é uma mulher honesta.

Não sou religioso, mas me julgo cristão. Cristo, grande e admirável filósofo, disse: “A base da religião cristã é a indulgência e o perdão”.

Nesta longa carta expus exatamente minhas ideias e atuais intenções.

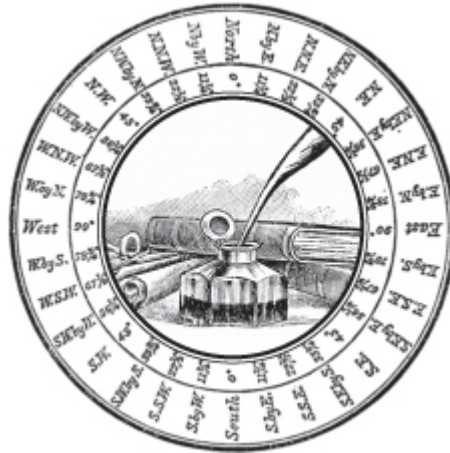
Não devo satisfações a pessoa alguma sobre a minha conduta, mas não quis fazer nada, em consideração à nossa sincera amizade, sem as prevenir.

Na minha idade não se tem mais futuro, e os dias que me restam a viver quero consagrá-los a meus filhos e à paz na minha consciência.

No começo desta carta, eu pedi discrição sobre meu desabafo. Faço, porém, duas exceções: se em seu círculo de amizades existe um homem em cuja lealdade vocês tenham confiança absoluta, mostrem-lhe a carta e perguntem qual é o meu dever. Se, na sua intimidade, têm um confessor ou um verdadeiro padre, que seja de sua crença, contem-lhe o meu caso, façam-no ler o que escrevi, e que ele decida, como homem e como representante da Justiça Divina, o que devo fazer. Eu não tenho nem nunca tive preconceito racial. Esse assunto não deve entrar em questão. Eis a minha confissão terminada.

Se vocês me aprovarem, será um grande consolo. Se me condenarem, será uma desilusão e uma tristeza a mais.

Abraço-as ternamente.



Escritura de Contrato Nupcial que entre si fazem o Comendador Maurício Haritoff e Dona Regina Angelorum de Souza na forma seguinte⁴⁶

SAIBAM QUANTOS este público instrumento de escritura de contrato antenupcial virem que no ano de nascimento de Cristo de mil novecentos e seis, aos quatorze dias do mês de março do dito ano, neste primeiro distrito do município do Piraí, Estado do Rio de Janeiro, na casa de morada da fazenda “Bela Aliança” onde residem as partes e eu tabelião a convite vim aqui, perante mim compareceram justos e contratados como outorgantes e reciprocamente outorgados o Comendador Maurice Haritoff, viúvo, fazendeiro, e Dona Regina Angelorum de Souza, solteira, maior, ambos residentes no referido primeiro distrito deste município e reconhecidos pelos próprios e por mim tabelião e das duas testemunhas adiante nomeadas e assinadas pelos outorgantes e reciprocamente outorgados me foi dito que achando-se contratados para se receberem em casamento nesta data é da vontade de ambos que esse ato seja efetuado debaixo das cláusulas e condições infradeclaradas.

Primeira. O outorgante cônjuge e reciprocamente outorgado legítima e reconhece os filhos que teve da outorgante e reciprocamente outorgada Dona Regina Angelorum de Souza de nomes Aléxis Alexandre com oito anos de idade e Bóris com cinco anos, ficando por esta forma confirmados e ratificados quaisquer documentos públicos relativamente à legitimidade dos ditos seus filhos, ambos nascidos no interregno da viuvez dele outorgante e reciprocamente outorgado.

Segunda. O regime do casamento será o da separação com completa exclusão da comunhão de bens tanto presentes como o que de futuro venham a adquirir qualquer que seja o título e origem da aquisição.

Terceira. A separação a que se refere a cláusula segunda compreenderá também a própria administração e os bens que eles possuam ou venham a possuir.

Quarta. O presente contrato antenupcial não impede que eles, outorgantes e reciprocamente outorgados por disposição testamentária, possam dispor recíproca e livremente em favor um do outro, respeitadas, entretanto, as regras que limitam o direito de testar, dada a existência de herdeiros necessários, o que ora se verifica como acima ficou exposto.

Quinta. O outorgante cônjuge e reciprocamente outorgado dá em dote à outorgante e reciprocamente outorgada, sua futura esposa, os seguintes bens que ficam sendo de propriedade dela e dos quais também faz entrega neste ato:

Um serviço completo de talheres de prata para mesa constante das seguintes peças marcadas com as letras M.H. em forma de monograma: duas dúzias de garfos, duas dúzias de facas. Um serviço completo para chá e café; seis salvas de diferentes tamanhos; dois cestos para pão e outros objetos de mesa; sete pratos de Christofle de diversos tamanhos tendo alguns a referida marca M.H.; um serviço de toalete de Christofle; quatro candelabros de prata sem marca e mais doze painéis e reposteiros de veludo bordados a ouro e seda; quatro estátuas de mármore branco; uma coleção de armas antigas de diversas espécies; duas jarras chinesas antigas; um móvel antigo (escritório) com incrustações de marfim; uma vitrine de

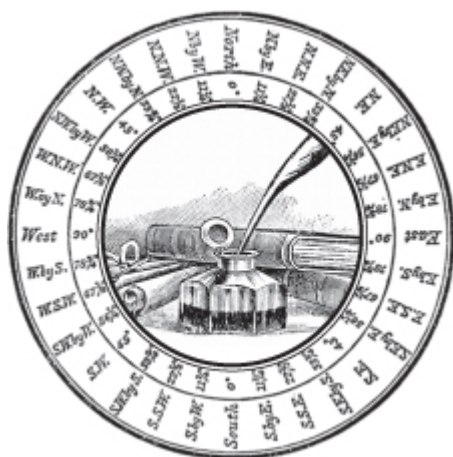
cristal (pequena) contendo diversos bibelôs; uma cama de bronze para casados; um quadro pintado a óleo de Van Estadt, dois quadros da escola francesa (antigos) também pintados a óleo; quatro gravuras inglesas coloridas; um guarda roupa de madeira preta com portas de cristal; um cofre de ferro; uma biblioteca (estante) com diversos livros. Dois lavatórios grandes de mármore (com espelhos), uma cama para casados de palhinha e, finalmente, diversos objetos de luxo que nunca pertenceram à casa de residência da fazenda da “Bela Aliança”.

Sexta. Todos os objetos acima discriminados e que constituem o dote salvando a entrelinha que diz: — viúvo.

Bela Aliança, Piraí, quatorze de março de mil novecentos e seis.

Maurício Haritoff, Regina Angelorum de Souza, Francisco José de Souza Pereira, Tertuliano Teixeira da Nóbrega.

ESTÃO COLADAS E DEVIDAMENTE INUTILIZADAS DOZE ESTAMPILHAS FEDERAIS NA IMPORTÂNCIA TOTAL DE ONZE MIL RÉIS. TRANSLADADO NA MESMA DATA RETRO POR MIM ANTÔNIO PEREIRA SILVA, TABELIÃO QUE O FIZ E ASSINO EM PÚBLICO.



Assento de casamento do Comendador Maurício Haritoff e Regina Angelorum de Souza

A OS QUATORZE DIAS do mês de março de mil oitocentos e seis, no oratório provisionado da fazenda Bela Aliança, freguesia de Santana do Piraí, município da mesma diocese de Petrópolis, Estado do Rio de Janeiro, na minha presença compareceram os nubentes Comendador Maurício Haritoff e Dona Regina Angelorum de Souza, os quais sei serem os próprios com todos os papéis do estilo corrente e dispensados do impedimento de *cultus* — *disparitas*, por pertencer o nubente à religião sismática, por portaria de 20 de março de 1904; ele de idade de sessenta e dois anos, lavrador, natural da Rússia, residente nesta freguesia, viúvo de Ana Haritoff, filho legítimo dos falecidos Maurício Haritoff, digo dos falecidos Aléxis Haritoff e dona Ana Haritoff; e ela de idade de trinta e nove anos, solteira, batizada e residente nesta freguesia, filha natural de Isabel, os quais nubentes se receberam por marido e mulher e os uni em matrimônio procedendo em todo este ato conforme o rito da Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana. Na mesma época benzi o anel nupcial e não receberam as bênçãos por ser impróprio o tempo.

Declararam que têm dois filhos de nome Aléxis e Bóris, legalmente reconhecidos e que reconhecem também perante a Igreja.

Foram testemunhas presentes, que sei por informações serem os próprios, o Doutor Edmundo Bittencourt, advogado, e sua senhora, Dona Amália Freire de Bittencourt, residentes no Rio de Janeiro, Francisco José de Souza Pereira, negociante e sua senhora Dona Maria Vieira de Souza Pereira, residentes em a Estação de Vargem Alegre, município de Barra do Piraí, e para constar fiz este termo que assino com os cônjuges e testemunhas depois de este ser lido e o acharem conforme. *Era est supra.*

Livro 5º. De Casamentos da Matriz de Santana do Piraí, Folha 15.



CARO AMIGO,
Tinha previsto, na minha carta anterior, a tua resposta. “Ou criminoso, ou idiota” — criminoso eu não posso ser, porque não prejudico ninguém com a minha resolução. “Loogo”, diria nosso amigo Seabra, “... um idiota.”

E a propósito de Seabra, eis alguém que só vive guiado pela razão e que provará certamente que a ingratidão é uma virtude; mas ele não está tão doente ou debilitado e sua dignidade está protegida por sua posição social. Dissimulas a palavra idiota — sob pretexto de idade crítica, velhice, amor que torna o caráter perigoso, espírito doentio etc. —, mas é teu espírito que imagina todas essas ideias. Não é nada, além disso — de amor, nada disso. Mas, sim, de uma grande amizade e muito reconhecimento. Quanto ao espírito, há toda uma vida dominada pelo coração. É, talvez, um erro, mas é difícil mudar na minha idade.

Nunca pedi conselho, autorização, nem às minhas irmãs ou amigos, sobre o que deveria fazer no meu caso particular. Acreditei, por noção de família, prevenir minhas irmãs de minhas intenções e dar-lhes as razões que me levaram a agir dessa maneira, como eu faria caso fosse também outro casamento. Participo também a meus amigos, principalmente a ti, que considero como um irmão. Minhas irmãs responderam concordando principalmente com minhas ideias, somente lamentando que Regina não seja uma pessoa de família e de sociedade.

A verdade é que minhas irmãs não são mais tão jovens. É possível que a idade atue sobre os seus espíritos e elas apoiem por tal motivo essas mórbidas decisões.

Só há uma pessoa na minha família que faz total oposição ao meu casamento, é minha sobrinha, a condessa Dantas⁴⁷ — mas ela é jovem e seu espírito está perfeitamente equilibrado. Assim, dentro da hierarquia da nobre condessa, ela acha que não há diferença entre mim e ela, não como a que existe entre mim e minha “pobre rapariga”.

Num caso de consciência e dignidade como este, não se pede conselhos a ninguém — entre participar uma decisão e pedir permissão há uma grande diferença.

E creio que ninguém pode resguardar mais a sua dignidade como a própria pessoa interessada.

Citas as leis do tempo da escravidão. Tua mania de retornar aos tempos feudais e antigos te fez dizeres coisas que nada significam, no meu caso. Esqueces que não há mais escravos, e que eu não abusei de uma delas.

Na minha ignorância, eu acreditava que se julgavam os erros, os delitos ou crimes de acordo com sua importância e não em relação à classe social em que foram cometidos.

Num país onde existisse a pena de morte — a França, por exemplo —, um assassino que matasse uma “pobre rapariga”, sem circunstâncias atenuantes, seria condenado à guilhotina. E aquele que matasse o presidente da república, qual seria a pena? A guilhotina várias vezes?

Mas o milagre da ressurreição não existe em nossos dias! Se tuas informações são exatas, por que me citaste Rio Branco, o que isso prova? Que é um homem de coragem ou que seu casamento ocorreu num impulso momentâneo ou outra razão qualquer — mas não a convicção. Meu casamento, eu faço consciente, absolutamente certo do meu dever, e não me amedronto com a publicidade.

És tu o incoerente aconselhando-me a ensinar aos meus filhos o desprezo desta sociedade que eu detesto. No entanto, queres que me submeta às suas leis?! É exato que não me disseste para continuar viúvo — mas no meu caso é precisamente o que declaraste —, que

não posso casar com a mulher com quem vivo há dez anos e da qual tenho dois filhos — ao menos seria monstruoso manter dois casamentos; é muito frequente em nossa sociedade, à qual queres que eu me sacrifique.

Teu cavalo de batalha é a origem da pobre Regina, mas não se deve remexer muito nos ancestrais em um país onde existiu a escravidão. Após vinte e cinco anos de permanência no Brasil, todo brasileiro me confessou em particular que ele, sim, era branco. Mas seus vizinhos eram duvidosos. Todos usaram as mesmas expressões. De modo que não fiquei sabendo se todos são brancos ou negros.

Somente um me afirmou não ser branco — foi Patrocínio⁴⁸.

E depois, por que o filho de “Benta de tal” pode ingressar numa sociedade, ocupar um lugar honroso sendo sogro de alguns barões — e a filha de “Benta de tal” não poderá? E se graças à sua conduta e qualidades morais pode alcançar e ocupar este lugar, por que não deveria eu lhe estender a mão para elevá-la e dar-lhe meu nome como proteção? Por que esta exceção para o sexo *soi-disant* forte?

Permita-me te citar outro exemplo, apesar de que os exemplos não servem para nada. Brás Monteiro de Barros casou-se exatamente nas mesmas condições que eu.

Vive em Paris, ele e sua esposa são recebidos na melhor sociedade; tem um filho que também frequenta os mesmos salões que ele.

Na verdade, ele é muito rico.

Viver somente pela razão — mas isso seria a negação de toda a minha vida! E eu não me arrependo da minha vida nem tenho nenhuma má ação que me condene.

Viver somente com a razão!

Sem espontaneidade, sem entusiasmo, sem sentimentos, sem coração — ser um homem prático deste século!

Casar-se por interesse ou conveniência — ter um certo número de filhos — amar seus filhos de três a quatro — amar sua mulher — de quatro a cinco — e trair, de cinco a seis! Viver somente pela razão! Não correr para a fronteira quando seu país é invadido pelo inimigo, porque é perigoso. Não se arrepender de atirar-se à água

para salvar um amigo com medo de se resfriar! Eis a razão — eis o homem prático! Obrigado.

Tua carta, desde o início, é nervosa, quase violenta. Pode ser resumida em algumas palavras: aquele que não pensa como eu é um doente, um fraco, a ponto de perder toda a dignidade. Mas, caro amigo, a infalibilidade do papa, mesmo em assuntos religiosos, é discutível, e, portanto, ela é decidida em conselho de bispos.

Ao passo que tu, tu decides pela infalibilidade do teu julgamento.

Eu argumento e tu condenas — eu discuto e tu pronuncias um veredicto. A meus argumentos e perguntas, não respondes, e quando te dou exemplos, tu declaras que todos os homens que pensam da mesma forma que eu são doentes e pusilânimes.

Com toda sinceridade, acho-te um homem superior pela tua inteligência e instrução e, sobretudo, por tuas qualidades pessoais — mas daí a seres infalível em teus julgamentos, não!

Partes do dogma de que não se deve nenhuma reparação a uma “pobre rapariga”, a quem se destruiu. Mas é necessário provar-me que esse dogma tem uma razão de ser perante a Justiça, diante da moral ou da religião. Isso tu não fazes. Simplesmente decretas tal doutrina.

Não assevero que um homem de certa classe social, como eu fui, deva desposar uma “pobre rapariga”, mas sustento que, devido às circunstâncias particulares, isso pode e deve ser feito.

Eis, porém, que tu, como as pessoas superiores, és um pouco déspota e dificilmente admites ser contrariado.

Deve-se pensar como tu ou então estar doente ou desfibrado!

Eu, pobre-diabo que sou, nunca pensaria que alguém que não compartilhasse das minhas ideias seria um homem doente de espírito, fraco e sem dignidade! Dois homens podem ser perfeitos, são de espírito e igualmente dignos, mas terem pensamentos diferentes.

Não fiques zangado se não aceito tuas ideias.

Nós temos a mesma idade e a Providência foi mais pródiga contigo que comigo — ela conservou o bem-estar e o perfeito equilíbrio de teu espírito.

Se te dignares, responde-me. Espero que me participes teres conseguido um imóvel no novo edifício que Nilo Peçanha fez construir.

Enfim, meu bom Meira, minha convicção de que cumpro o meu dever é tão forte que, pela primeira vez desde que começou nossa longa amizade, não posso seguir os conselhos do melhor dos meus amigos.

A inteligência tem o instinto da Verdade; a consciência, o instinto da Justiça, o coração, enfim, o instinto do Amor.

Maurício



Sede do jornal *O Pirahí*

A PROVÍNCIA VIVE no ritmo do verão. Chuvas lavam com desespero as ruas enlameadas, enquanto cocheiros desocupados bebericam café com pinga no botequim da esquina. Os sinos da matriz tocam as ave-marias. Agora, chego tarde à redação. Tornei-me redator-chefe. Escolho as pautas. Em artigos, continuo criticando o governo... Diplomáticamente. Em mais alguns dias, teremos nova disputa presidencial. Vota só quem não for analfabeto, religioso ou militar. São as chamadas eleições de cabresto. Quem manda na vida política são os coronéis. Compram e negociam votos. O Vale está cheio deles. Adquiriram as plantações de café e criam gado pé-duro para abastecer a capital de leite. Bela mudança! Caiu o império e o país continua no mesmo atraso, sem escolas, ciências ou hospitais. É “desordem e regresso”! A indignação não basta.

Dia desses, encontrei minhas velhas anotações. Até mesmo as que escrevi no dia da morte de minha musa, quando lhe vi sair o enterro. Tenho saudades de sua constante e misteriosa doçura. Nostalgia da atmosfera em que passamos a juventude. Sua lembrança será como uma flor na estrada da vida. Ah, bons e velhos

tempos: os cafezais, a escravidão, a monarquia. Um mundo conhecido!

Desde então se foram tia Maria Gata; a mãe do russo; o irmão jogador; a irmã casada com o sobrinho de Caxias; e um bastardo em baixa idade. O tempo passou e morreu, também, Bela Aliança. Bela Aliança que visitei, em ruínas, quando os credores a vieram resgatar.

Pedi para cobrir. Tinha que ir onde estivesse a notícia. Voltei à fazenda, muito emocionado. O jardim silencioso parecia devastado. O terreiro, coberto de folhas. Cruzei uma das portas que dava para o salão. As trancas pesadas, enferrujadas. Lá achei que encontraria homens e mulheres que não existem mais, mas cujas vozes eu parecia ouvir. As janelas semicerradas deixavam passar uma luz morna. A sujeira cobria o que sobrou dos móveis sombrios. No chão, o tabuado rangia. O ambiente sufocava. Atrás das portas da capela, imóvel e escondida, a roleta. Quanto abandono!

Debruçado sobre a escrivaninha, um credor impenetrável passava a limpo uma lista. Ao seu lado, alguns vidros com monograma em prata: *ACH*. Eram os de toalete de Nicota, que me pareceram ao mesmo tempo solitários e distantes. Pensei: para ela a morte foi repouso.

Eu olhava para os lados, quando, no fundo do cômodo, vi um grande quadro. Nele, uma mulher toda de branco, cabelos escuros em trança molemente desfeita, mostrando a ponta de um pé minúsculo calçado de veludo, sorria de perfil. Uma das mãos pousava sobre a cabeça de um cão borzói que lhe parecia sorrir de volta. Com meu caderno de notas à mão, perguntei:

— Quem é?

Resposta seca:

— A dona.

— Que dona?

— A mulher do comendador...

— Nicota? Nunca! A neta do barão de Piraí nunca posaria de *cocotte*.

No Brasil, senhoras casadas jamais são retratadas de branco, cabelos soltos e mostrando o pé. Isso é coisa de puta francesa. Ah, o

pezinho de Nicota! A medida do pezinho!... Muito pequenino... O quadro era dela, mas não era ela!

Que insulto, pensei, enquanto as ideias fugiam em tumulto. O que teria ainda inventado o velhaco do Haritoff para vender bem a tela?! No mínimo, dar-lhe foros aristocráticos para os provincianos da capital. Sempre foi um canalha! Sentia a garganta presa.

Viúvo, Maurice se casou com Regina para que a mãe de seus filhos não fosse conhecida como “caída”. Mas, enquanto lhe fazia dois filhos, arrumou outra mulher em Piraí. O resultado tem nome: Bebiana Haritoff dos Santos. Com o mesmo nariz afilado e longo do pai e a pele verde-oliva da mãe. Bem feito! Regina teve de volta a dor que infligiu a Nicota. “É dando que se recebe.” Velho, ele fez ainda mais um filho em Regina. Todos com nomes russos. Nostalgia das estepes: Bóris, Aléxis e Iwann... Assim mesmo com W!

O casal entregou a fazenda ao Banco do Brasil e vivia com economias no sótão de um casarão que dava para o rio Paraíba. Saudades do Neva!!! O russo não tinha mais um tostão e conseguiu, com amigos, o emprego de tradutor na Diretoria-Geral de Povoamento do Ministério da Agricultura. Passava o dia lendo jornais. Na capital, morava na casa de uma sobrinha, onde uma escrava vinha lhe lavar a roupa branca. Aos sábados, Haritoff não via a hora de tomar o trem para Piraí. Tinha saudades da família, se queixava dos gastos na cidade, tomava dinheiro emprestado com conhecidos e ficava à espera de favores.⁴⁹ Um dos filhos contou-me que ele morreu dando o laço na gravata, antes de sair para o trabalho.⁵⁰

Regina, por sua vez, deve guardar no fundo do coração, e sem dizer uma palavra a ninguém, a atroz convicção de que matou sua sinhá. Misturou os boiões de remédio e deu-lhe Elixir Paregórico demais. Tenho certeza. Agora, cria galinhas e planta horta num terreno cedido por um amigo do marido. Bela Aliança deveria se chamar “a casa do remorso”.

A última vez que vi Haritoff, foi num jogo de bilhar. Ele se gabava, batendo com os punhos na mesa: os russos tinham necessidade de festa! Seriam seres sensuais, sedentos de se embebedar com a vida. O simples prazer não lhes era suficiente,

sempre atraídos pela febre da intensidade. Ouvia-se o som das carambolas, a voz do marcador e ele, que prosseguia com interrupções irreverentes: na Rússia, teria uma existência opulenta e de um dinamismo excepcional. Lá, sobravam braços robustos para servi-lo. Eram rios de leite e mel a correr. Mas ninguém acreditava mais em suas estórias! Suas conversas, como um verniz muito usado, perderam o brilho. Todos sabiam: na Europa, a família tinha perdido a fortuna. Haritoff faleceu depois de assassinar o czar e toda a família Romanov. Ouvi-lo, *irra*, que maçada!

Mas a pergunta que fica: o que é o destino, essa coisa que gosta de inventar desenhos e figuras complexas? Por sua simplicidade, a vida já é difícil. E apesar dos avanços da técnica — na república, modestíssimos—, a figura mítica e trágica do destino parece pairar sobre tudo. Há viver, morrer e pouca liberdade para escolher. Nicota viveu seu casamento como uma fatalidade. Uma força inquietante que a possuía e contra a qual ela nada podia. Sua morte terá sido uma forma de vingança?

Já o destino do russo acompanhou a história de um império que passou à tosca república. Ele foi sobrevivente de um mundo que perdemos. Foi de conde riquíssimo a agricultor remediado e, deste, a modesto funcionário público. Lição? Ao querer vencer o destino, terminamos vencidos por ele. Pois o destino ignora nomes e rostos, para melhor destruí-los.

Regina Angelorum, negra e pobre como eu, aceitou a relação com Maurice com humildade, como um dom precário e sempre revogável. Por pouco, ela pediria perdão por rir ou por existir. Hoje, mãe de três bonitos mulatos, ela oferece sua gratidão ao acaso. Sem defesa diante do futuro que o russo lhe prometeu, resignou-se ao seu destino. Como se uma potência obscura a comandasse, foi incapaz de desarmar o que lhe pareciam malefícios: ficou sem nada! Todas as sabsenças de tia Maria Gata se revelaram inúteis. Ou o *egum* da própria velha voltou para puni-la.⁵¹

Quanto a mim, posso dizer que nascer sem fortuna é o pior dos destinos. Sem roubar, sem mentir e sem fingir, pobretões raramente se tornam vencedores numa sociedade escrava do dinheiro. Cético e

desinteressado do que se passa nessa república, dedico meu tempo ao novo *Cantos & meditações*.

Desisti de trabalhar no *Jornal do Comércio*. Deixei o Rio como um ferido sai das batalhas: golpes por toda parte. Odeio a capital de um ódio pueril. Ninguém me ofereceu uma migalha da celebridade que tanto cobiço. Aproximei-me dos clubes literários, cheio de simpatia, de calor, ávido por ser útil. Fui repellido com olhares secos. A fortuna de meus livros será póstuma, tenho certeza. As largas avenidas, a gente apressada, o rodar dos trens, a fachada dos teatros, nada me compreendeu. E sei bem que sou um banquete de inteligência!

Melhor a vida no interior, no Vale, à beira do rio. Aqui, os corações antiquados são fáceis de alegrar. Aqui, sinto-me como um gênio misterioso e incompreendido, eternamente inacessível. Para ocupar meu espírito, faço poesia. O problema é a inspiração. Na capital, o barulho das ruas a intimidava. Aqui, em Pirai, o sono silencioso das casas a repele.

Mas agora é tarde e devo deixar a redação, estupefato de constatar a que ponto as horas correm ligeiras. Com a voz deformada pela passagem dos anos, quero falar do tempo, deixando vir a mim todas as coisas que passaram, até as do coração. A velhice? Sim, ela coloca uma sombra em nossas vidas. Sombra que é preciso olhar de frente e que nos convida a refletir. Renunciarei à eternidade. Suportarei o apagamento do que foi minha razão de viver. Integrarei, pouco a pouco, a finitude. Vazio? Nunca.

Ah, que me vem uns versos opulentos:

“Junto a um ribeirão serpenteante...”

Agradecimentos

Affonso Romano de Sant'Anna

Alex Rezende

Aluysio Breves

Carlos Milhono

Emílio Guilayn

Fernando Tasso Fragoso Pires

Francisco de Lima e Silva

Ieda Borges

José Maria Campos Lemos

Júlio Bandeira

Lizir Arcanjo

Maria Luiza Leão

Museu Mariano Procópio de Juiz de Fora, mg

Renato Venâncio

Bibliografia

FONTES PRIMÁRIAS

- ABREU, Martha. “O caso do Bracuhy”, in Hebe Maria Mattos de Castro e Eduardo Schnoor, *Resgate: uma janela para o Oitocentos*. Rio de Janeiro, Topbooks, 1995, pp. 165–95.
- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.
- ALLAIN, Émile. *Rio de Janeiro, Quelques données sur la capitale*. Paris, Deux Mondes, 1886.
- ANDRIEUX, Louis. *Souvenirs d'un préfet de Police*. Paris, J. Rouff, 1885.
- ANTUNES, Magdalena. *Oiteiro — Memórias de uma sinhá-moça*. Natal, A. S. Ediotres, 2003
- ASSIS, Machado de. *Obras Completas, vol. I e II*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1962.
- BIARD, F. *Dois anos no Brasil*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1945.
- BOUNINE, Ivan. *La vie d'Arséniev*. Paris, Bartillat, 1999.
- BULLETIN DE LA COUR D'APPEL DE PARIS*, sous la direction de Victor Bournat, 1864–1879.
- BURMEISTER, Hermann. *Viagem ao Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Edusp, 2008.
- CARPENTIER, A. *Divorce et séparation des corpos et jurisprudence*, vol. I. Paris, Larose, 1899.
- CHAGAS, João. *De Bond — Alguns aspectos da civilização brasileira*. Lisboa, Livraria Moderna, 1897.
- COLOMBIER, Marie. *Mémoires: fin d'Empire*. Paris, Flammarion, 1898.
- CORREIO MERCANTIL*, Bahia, ano VII, n. 187. Variedades. O Carapuço na Corte.
- CUSTINE, Marquis de. *Lettres de Russie*, édition Pierre Nora. Paris, Gallimard, 1975.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O jogador — Do diário de um jovem*. Porto Alegre, L&PM, 1998.
- EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Brasília, Senado Federal, 2003.

FLETCHER, C. e Kidder, P. *O Brasil e os brasileiros*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, s/d.

FUNERAILLES DE NAPOLEÓN III: PROCÈS-VERBAL, rédigé par le duc de Cambacérès, Paris, Librairie Générale, 1873.

GAFFRE, L.A. *Visions du Brésil*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1912.

GIL BLAS, Paris, 1880.

GONCOURT, Édmond de. *Journal des Goncourt: mémoires de la vie littéraire (1870–1871)*. Paris, G. Charpentier et E. Fasquelle, 1851–1896.

__. *Chérie*. Paris, Flammarion, 1929.

__. *Chérie*. Paris, Flammarion, E. Flasquelle, 1921.

GRÈVE, Claude de. *Le Voyage en Russie — Anthologie des Voyageurs Français aux XVIII^e et XIX^e siècles*. Paris, Robert Laffont, 1990.

JOLIVET, Gaston. *Souvenirs de la vie de plaisir sous le Second Empire*. Paris, Jules Tallandier, 1927.

JOURNAL D'AGRICULTURE TROPICALE, Paris, 1904.

JOURNAUX INTIMES DE MADAME DE SÄEL À PIERRE LOTI, édition de Michel Braud, Paris, Gallimard, 2012.

LE FIGARO, n. 97, 115, 170, 253, 257, 268, 625.

L'EUROPE ARTISTE, Paris, 1883.

LE TEMPS, Paris, 1874.

KOSERITZ, Carl von. *Imagens do Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, EDUSP, 1980.

KUGELMANN, G. *La Comédie*, Paris, 1863.

L'Abeille Impériale: Messenger des Familles: Revue du Grand Monde; des Modes et de l'Industrie, 1861.

LA COMÉDIE: JOURNAL ILLUSTRÉE, Paris, 1863.

LA GAZETTE DES FEMMES, Paris, 1877.

LA LANTERNE, Paris, 1877.

LA MODE ILLUSTRÉE — JOURNAL DE LA FAMILLE, Paris, Firmin Didot, 1866.

LA SYLPHIDE, JOURNAL DES MODES, LITTÉRATURE ET ARTS, Paris, 1866

LE PETIT JOURNAL, Paris, 1875

LES COULISSES: JOURNAL QUOTIDIEN, Paris, 1860.

LES DIMANCHES DE LA FEMME, supplément de la Mode du Jour, Paris, 1937.

L'EUROPE ARTISTE, Paris, 1883.

L'UNIVERS ILLUSTRÉ, Paris, 1858–1900.

LOPES, Júlia de Almeida. *Correio da Roça*. Rio de Janeiro, Francisco Alves e Aillaud & Alves & Cia, 1913.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Livraria Editora Zélio Valverde, s/d.

MANÈ, Henri Pène. *Le Paris viveur*. Paris, E. Dentu, 1862.

MESNIL, Armand du. *Paris et les Allemands, journal d'un témoin, juillet 1870 — février 1871*. Paris, Garnier Frères, 1872.

MICHELET, Jules. *La Femme*. Paris, Dentu et Hetzel, 1859.

MONITEUR DES CONSULATS, REVUE DIPLOMATIQUE, SCIENTIFIQUE ET LITTÉRAIRE, Paris, 1879.

NABUCO, Joaquim. *Minha formação*. São Paulo, Editora 34, 2008.

O'MONROY, Richars. *La soirée parisienne*. Paris, P. Arnould, 1890.

PARIS-MONDAIN, ANNUAIRE DU GRAND MONDE PARISIEN ET DE LA COLONIE ÉTRANGÈRE, Paris, 1908.

PENNA, Cornélio. *Romances Completos*. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1958.

Poulet-Malassis (org.). *Papiers Secrets et correspondances du Second-Empire*, Paris, 1871.

PROCÈS BAZAINE: CONSEIL DE GUERRE DE TRIANON, Librairie des Celebrités Contemporaines, 1873.

QUEIRÓS, Eça de. *Obras — Cartas Inéditas de Fradique Mendes*, vol. XIV. Porto, Lello & Irmãos Editores, 1948.

RADICHTCHEV, Alexandre. *Voyage de Pétersbourg à Moscou*. Paris, Payot, 2007.

RADIGUET, Max. *Souvenirs de l'Amérique espagnole, Chili, Pérou, Brésil*, Paris, Michel Lévy Frères, 1856.

REVUE DE PARIS, dir. Léon de Montifaut, 1874

REVUE DES CULTURES COLONIALES, Paris, 20 jan 1899.

REVUE DES VINS ET LIQUEURS ET DES PRODUITS ALIMENTAIRES POUR L'EXPORTATION, Paris, 1879–1939.

REVUE DES VINS ET LIQUERS ET DES PRODUITS ALIMENTAIRES POUR L'EXPORTATION, Paris, 1882.

- REZENDE, Francisco de Paula Ferreira de. *Minhas recordações*. Rio de Janeiro, Topbooks, 2015.
- RUSSIE, Alexandre de. *Quand j'étais Grand Duc*. Paris, Hachette, s/d.
- TAUNAY, Carlos Augusto. *Manual do agricultor brasileiro*, org. Rafael Bivar Marquese. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.
- TCHÉKHOV, Anton. *Um negócio fracassado e outros contos de humor*. Porto Alegre, L&PM, 2010.
- TOLSTOÏ, Léon. *Les récits de Sébastopol*. Paris, Payot, 1933.
- VAPEREAU, G. *Dictionnaire Universel des Contemporains contenant toutes les personnes notables de la France et des pays étrangers*. Paris, Hachette, 1861.
- VON KOSERITZ, Carl, *Imagens do Brasil*. Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo, Edusp, 1980.

FONTES SECUNDÁRIAS

- ADLER, Laure. *Secrets d'alcôve, Histoire du couple de 1830–1930*. Paris, Hachette, Pluriel, 1983.
- ALEGRIO, Leila. “O café no Vale do Paraíba e a mulher fazendeira”, in *Inventário das fazendas do Vale do Paraíba*. Inepac/Light/Cidade Viva Instituto, s/d.
- AMADO, Gilberto. *História da minha infância*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1954.
- ANTIGAS FAZENDAS DE CAFÉ DA PROVÍNCIA FLUMINENSE, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980. (Memória Brasileira)
- ARAÚJO, Alceu Maynard. *Medicina rústica*. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1961.
- ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer — A cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro, Rocco, 1993.
- ARGOLLO, André, *Arquitetura do café*. Campinas, Editora Unicamp, Imprensa Oficial, 2004.
- ARIÉS, Philippe e DUBY, Georges. *História da vida privada, da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.
- BANCQUART, Marie-Claire. *Paris “fin-de-siècle”, de Jules Vallès à Remy de Goncourt*. Paris, La Différence, 2002.

- BARBOSA, Marialva C. *História Cultural da Imprensa, Brasil 1800–1900*. Rio de Janeiro, Mauad, 2010.
- BARBOSA, Keith. “Escravidão e doenças nas plantations cafeeiras do Vale do Paraíba: na interface das discussões, métodos e possibilidades”, *Revista Convergência Crítica*, Núcleo de Estudos e Pesquisas em Teoria Social — NEPETS.
- BARRIÈRE, Jean-Paul. “Les veuves dans la ville en France au XIX^e siècle: images, rôles, types sociaux”, *Annales de Bretagne et des Pays de l’Ouest*. n. 114–3, 2007.
- BORNHAUSEN, Rosy L. *As ervas do sítio: história, magia, saúde, culinária e cosmética*. São Paulo, M.A.S, 1991.
- BREVES, Armando de Moraes. *O Reino da Marambaia*. Rio de Janeiro, Gráfica Olímpica, 1966.
- BREVES, Padre Reynato. *Sant’Ana do Pirai e a sua história*. Rio de Janeiro, Diadorim, 1994.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Superstição no Brasil*. São Paulo, Global, 2001.
- CARVALHO, Affonso de. *Caxias*. Rio de Janeiro, Bibliex, 1972.
- CASTRO, Dinorah d’Araujo Berbert. *Cartas sobre a educação de Cora, por Dr. José Lino Coutinho*. Salvador, Universidade Católica, 1977.
- CASTRO, Hebe M. Mattos de e SCHNOOR, Eduardo. *Resgate: uma janela para o Oitocentos*. Rio de Janeiro, Topbooks, 1995.
- CASTRO, M. Viana de. *A aristocracia rural fluminense*. Rio de Janeiro, Gráfica Laemmertz Editora, 1961.
- CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.
- COARACY, Vivaldo. *Memórias da cidade do Rio de Janeiro*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1988.
- CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques e VIGARELLO, Georges. *Histoire de la virilité, vol. II Le triomphe de la virilité le XIX^e siècle*. Paris, Seuil, 2011.
- CORBIN, Alain. *L’Avènement des loisirs 1850–1960*. Paris, Flammarion, s/d.
- __. *L’Harmonie des Plaisirs*. Paris, Perrin, 2007.
- COSTA, Iraci Del Nero e GUTIÉRREZ, Horácio. “Nota sobre casamentos de escravos em São Paulo e Paraná (1830)”, *Questões e Debates*, Curitiba, APAH, vol. 5, n. 9, pp. 313–321, 1984.

- COSTA, Iraci Del Nero e MARCONDES, Renato Leite. “A alimentação no cativo: uma coletânea sobre os registros alimentares dos negros afro-brasileiros”, *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 162, n. 411, p. 221, 2001.
- COUCEIRO, Luiz Alberto. “Reinventando o cativo, construindo a emancipação — Escravos, senhores e lógicas de sociabilidade em fazendas de café do Sudeste 1860–1888”, *Acervo*, Rio de Janeiro, vol. 15, n. 2, pp. 17–32, jul./dez. 2002.
- COUCEIRO, Luiz Alberto. “A disparada do burro e a cartilha do feitor: lógicas morais na construção de redes de sociabilidade entre escravos e livres em fazendas do Sudeste, 1860–1888”, *Revista de Antropologia*, São Paulo, vol. 46, n. 1, 2003.
- DEAN, Warren. *Rio Claro — Um sistema brasileiro de grande lavoura 1820–1920*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- . *A ferro e fogo — A história e a devastação da mata Atlântica brasileira*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.
- DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do corpo — Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colonial*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1993.
- . *O castelo de papel*. Rio de Janeiro, Rocco, 2013.
- . *O príncipe maldito*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2007.
- “Edição original do catálogo preparado pelo BARÃO DO RIO BRANCO para a grande exposição internacional de café de São Petersburgo (1884)”, *Cadernos do CHDD*, ano 11, FUNAG, n. especial 2012.
- EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Brasília, Senado Federal, 2003.
- FARIA, Sheila de C. “Fontes textuais e vida material: observações preliminares sobre casas de moradias nos campos dos Goitacazes, sécs. XVIII e XIX”, *Anais do Museu Paulista. História e cultura material*. São Paulo, Nova Série, n. 1, pp. 107–129, 1993.
- FERNANDES, Neusa e COELHO, Olinio Gomes P. *História e geografia do Vale do Paraíba*. Vassouras, Instituto Histórico e Geográfico de Vassouras, 2013.
- FERRÃO, A. M. de A. *Arquitetura do café*. Campinas, Ed. Unicamp; São Paulo, Imprensa Oficial, 2004.
- FIERRO, Alfred. *Histoire et Dictionnaire de Paris*. Paris, Robert Laffont, 1996.
- FITZLYON, Kyril e Browning, Tatiana. *Les russes avant 1917 — La Russie sous le dernier tsar*. Paris, Autrement, 2003.

- FLORENTINO, Manolo e GÓES, José Roberto. *A paz nas senzalas: Famílias escravas e tráfico atlântico, Rio de Janeiro, c.1790–1850*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1997, p. 31.
- ___. “Parentesco e família entre os escravos no século XIX: um estudo de caso”, *Revista Brasileira de Estudos de População*, vol. 12, n. 1–2, jan.–dez. 1995.
- FRAGA, Wlatter. *Encruzilhadas da liberdade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2014.
- FRAGOSO PIRES, Fernando Tasso et al. *Fazendas — Solares da região cafeeira do Brasil Imperial*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- ___. *Fazendas do Império*. Rio de Janeiro, Instituto Fadel, 2012.
- FRAISSE, Geneviève e PERROT, Michelle. *Histoire des femmes en Occident, vol. IV, Le XIX^e siècle*. Paris, Perrin, 2002.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*. São Paulo, Círculo do Livro, s/d.
- ___. *Modos de homem & modas de mulher*. Rio de Janeiro, Global, 2005.
- ___. *Ordem e progresso*. Rio de Janeiro, Global, 2004.
- ___. *Sobrados e mocambos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1951.
- ___. *Vida social no Brasil*. Rio de Janeiro, Global, 2005.
- GOMES, Danilo. *Antigos cafés do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, Livraria Kosmos Editora, 1989.
- GRAHAM, Sandra Lauderdale. *Caetana diz não — histórias de mulheres da sociedade escravista brasileira*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- GRÈVE, Claude de. *Le Voyage en Russie — anthologie des voyageurs français aux XVIII^e et XIX^e siècles*. Paris, Robert Laffont, 1990.
- GRINBERG, Keila e salles, Ricardo. *O Brasil imperial, vols. I, II, III*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2009.
- HOBBSAWM, Eric. J. *A era do capital, 1848–1875*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *Vale do Paraíba, velhas fazendas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 2010.
- INVENTÁRIO DAS FAZENDAS DO VALE DO PARAÍBA, INEPAC/Light/Cidade Viva Instituto, s/d., código AII-fo1-Pin.
- IPANEMA, Cybelle de. *Singelos, poesias de um cego há cem anos em Vassouras*. I Congresso Nacional de História e Geografia do Vale do Paraíba, 2011. Mimeo.

- KNAUSS, Paulo; MALTA, Marize et al. (orgs.). *Revistas Ilustradas — Modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Rio de Janeiro, Mauad/Faperj, 2011.
- LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O homem e a serra*. Rio de Janeiro, IBGE, 2001.
- LEÃO, Maria Luiza. *Bela Aliança*. Outubro de 2013. Mimeo.
- LE GUÉRER, Annick. *Les pouvoirs de l'odeur*. Paris, Odile Jacob, 2002.
- LIMA, Roberto Guião de Souza. *Fazenda Três Poços: Do café à universidade*. FOA, 2007.
- LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo, Selo Negro, 2004.
- LOURENÇO, Thiago Campos Pessoa. *O Império dos Souza Breves nos Oitocentos: Política e escravidão nas trajetórias dos comendadores José e Joaquim de Souza Breves*. Dissertação de Mestrado, Departamento de História, UFF, 2010.
- MAIA, Tom e MAIA, Teresa Regina de Camargo. *O folclore das tropas, tropeiros e cargueiros no Vale do Paraíba*. Rio de Janeiro, MEC-SEC, FUNARTE, Inf; São Paulo, Secretaria da Cultura, Universidade de Taubaté, 1981.
- MAIA, Tom. *No mundo das sinhás*, *Documenta Histórica*, 2005.
- MARCHESE, Rafael de B. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, vol. 18, n. 1, São Paulo, jan.–jun. 2001.
- __. *Capitalismo, escravidão e economia cafeeira no longo século XIX*. Conferência Internacional New Perspectives on the Life and Work of Eric Williams, realizada em 24 e 25 de setembro de 2011 no St. Catherine's College, Oxford University, Inglaterra.
- __. *Feitores do corpo, missionários da mente. Senhores, letrados e o controle dos escravos nas Américas, 1660–1860*. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.
- __. “História, antropologia e a cultura afro-americana: o legado da escravidão”, *Estudos avançados*, São Paulo, v. 18, n. 50, pp. 303–308, 2004b.
- __. “Moradia escrava na era do tráfico ilegal: senzalas rurais no Brasil e em Cuba, c. 1830–1860”, *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, vol. 13, n. 2, São Paulo, jul.–dez. 2005.
- MARCONDES, Renato Leite. *A arte de acumular na gestão da economia cafeeira: formas de enriquecimento no Vale do Paraíba paulista durante o século XIX*. Tese de Doutorado. São Paulo, USP, 1998.

- ___ . “O financiamento hipotecário da cafeicultura no Vale do Paraíba (1865–1887)”, *Revista Brasileira de Economia*, vol. 56. n. 1, Rio de Janeiro, mar. 2001.
- MARTINS, Luciana de Lima. *O Rio de Janeiro dos viajantes — O olhar britânico*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.
- MATHEUS, Leticia Cantarela. *O telégrafo no jornalismo do século XIX (1870–1900)*. Trabalho apresentado no GT de História do Jornalismo, integrante do VIII Encontro Nacional de História da Mídia, 2010.
- MATTOS, Hebe Maria. *Das cores do silêncio, os significados da liberdade no Sudeste escravista*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.
- MAURÍCIO, Augusto. *Algo do meu velho Rio*. Rio de Janeiro, Livraria Editora Brasileira, 1966.
- MESHCHERSKAYA, Ekaterina. *Memoirs of an aristocrat in Modern Russia*. Chatham, Kent, Doubleday, 1988.
- MORAES, E. Vilhena de. *Novos aspectos da figura de Caxias*. Rio de Janeiro, Leuzinger, 1932.
- MORAES, Roberto Menezes de. “Outras visões para a observação de algumas das famílias que atuaram no Vale do Paraíba Fluminense durante o Ciclo Cafeeiro” in *Inventário das fazendas do Vale do Paraíba*, INEPAC/ Light/Cidade Viva Instituto, s/d.
- MOTTA, José Flávio. *Corpos escravos, vontades livres — posse de cativos e família escrava em Bananal (1801–1829)*. São Paulo, Annablume/Fapesp, 1999.
- MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. *O Visconde de Guaratinguetá — Um fazendeiro de café no vale do Paraíba*. São Paulo, Studio Nobel, 2002.
- MOVIMENTOS SOCIAIS, DIREITOS E SOCIEDADE, vol. 1, 2012.
- MUAZE, Mariana. *As memórias da viscondessa — Família e poder no Brasil Império*. Rio de Janeiro, Zahar/Faperj, 2008.
- NIQUEUX, Michel. “L’émancipation des serfs en Russie: les projets en français (1858–1861)”. Disponível em: ILCEA.revues.org/1751, jan. 2013.
- PÁDUA, José Augusto. “‘Cultura esgotadora’: agricultura e destruição ambiental nas últimas décadas do Brasil Império”, *Estudos Sociedade e Agricultura*. Rio de Janeiro, UFRRJ/CPDA, n. 11, pp. 134–163, out. 1998.
- ___ . *Um sopro de destruição — Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2002.

- PAULA, Vladimir Honorato de. *A vila de Piraí: Comércio e comerciantes numa vila cafeeira na província do Rio de Janeiro, séc. XIX*, Dissertação de mestrado, Universidade Severino Sombra-USS — Programa de Pós-Graduação em História Social, s/d.
- PERROT, Michelle. *Histoire des Chambres*. Paris, Seuil, 2009.
- PINHO, Wanderley. *Salões e damas do Segundo Reinado*. São Paulo, Livraria Martins Editora, 1970.
- RENAULT, Delso. *O Rio de Janeiro nos anúncios de jornais*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.
- REVENIN, Régis. *Hommes et masculinités de 1789 à nos jours, Contributions à l'histoire du genre et de la masculinité*. Paris, Autrement, 2007.
- RIASANOVSKY, Nicholas V. e STEINBERG, Mark D. *A History of Russia*. Oxford University Press, 2011.
- RIBEIRO, Fábila Barbosa. “Irmandades de pretos e pardos no Vale do Paraíba Paulista, séc. XVIII e XIX”, *Encontro regional de história: poder, violência e exclusão*, São Paulo: ANPUH-SP; USP, 2008.
- RIBEYROLLES, Charles. *Brasil pitoresco (1859)*. 2 vols. Trad. Gastão Penalva. São Paulo, Martins; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1976.
- RODRIGUES, Mariana Christina de Faria Tavares. *Mancebos e mocinhas: A moda na literatura brasileira do século XIX*. São Paulo, Estação das Letras e Cores, 2010.
- SAINT-HILAIRE, A. de. *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo — 1822*. Belo Horizonte, Itatiaia; São Paulo, Edusp, 1974.
- SALLES, Ricardo . *E o Vale era o escravo — Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do Império*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008.
- SANT’ANNA, Sonia. *Barões e escravos do café*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001.
- SAPUCAHY, Mário Lúcio. *1822, Prefeitura Municipal de São José dos Campos*, Instituto Cultural Cassiano Ricardo, Ericsson, s/d.
- SCHNOOR, Eduardo. “Os senhores dos caminhos — A elite na transição para o século XIX”, *Revisão do Paraíso — Os Brasileiros e o Estado em 500 anos de História*, org. Mary del Priore. Rio de Janeiro, Campus-Elsevier, 2000, pp. 163–208.
- ___. (org.). *Resgate, uma janela para o Oitocentos*. Rio de Janeiro, Topbooks, 1995.

- SCHREIBER, Jean-Philippe. *Les élites politiques juives et la Franc-Maçonnerie dans la France du XIXe siècle*. Disponível em: <http://www.cairn.info/revue-archives-juives-2010>, p.58htm.
- SILVA, Alberto da C. e. “A casa do escravo e do ex-escravo” in: SILVA, A. da C. e. *Um rio chamado Atlântico: A África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Ed. UFRJ, 2003.
- SILVA, Eduardo. *Barões e escravidão: Três gerações de fazendeiros e a crise da estrutura escravista*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- SLENES, Robert W. “*Malungu, ngoma vem!*” — África coberta e descoberta do Brasil”, *Revista USP*, n. 12, pp. 48–67, dez.–jan.–fev. 1992.
- SMITH, H. H. *Uma fazenda de café no tempo do Império*. Rio de Janeiro, Departamento Nacional do Café, 1941.
- SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. *Moça educada, mulher civilizada, esposa feliz: relações de gênero e história em José de Alencar*. Bauru, Edusc, 2012.
- STONE, David R.A. *Military History of Russia: From Ivan the Terrible to the War in Chechnya*, Praeger Security International, 2006.
- TELLES, Augusto C. da Silva. *O Vale do Paraíba e a arquitetura do café*. Rio de Janeiro, Capivara, 2006.
- Vários autores. *Mulheres fluminenses do Vale do Paraíba*. CEDIM/Governo do Estado do Rio de Janeiro, s/d.
- VERGEZ-SELJA, Sarah. *La peau — Un continent à explorer*. Paris, Autrement, 2005.
- WAGNER, Roberto e BANDEIRA, Júlio. *Viagem ao Brasil nas aquarelas de Thomas Ender: 1817–1818*. Petrópolis: Kapa Editorial, 2000.
- WEBER, Eugen. *Une histoire de l'Europe, des Lumières à nos jours*. Paris, Fayard, 1987.
- WEHRS, Carlos. *O Rio antigo de Aluísio de Azevedo*. Rio de Janeiro, [s.n.], 1994.
- WERNECK, Francisco. P. de L. *Memória sobre a fundação de uma fazenda na província do Rio de Janeiro (1847)*, org. E. Silva. Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa/Senado Federal, 1985.
- WINOCK, Michel. *La belle époque — La France de 1900 a 1914*. Paris, Perrin, 2002.
- ZELDIN, Theodore. *Gôut et corruption — Histoire des passions françaises*, tomo I, II e III. Paris, Payot & Rivages, 2003.

Notas

- 1 Homens ordenados ou não, reputados por sua santidade e sabedoria.
- 2 Escravos de dentro, homens e mulheres, que trabalhavam dentro de casa. Diferentes dos “escravos do eito”, que trabalhavam no campo, e dos “de ganho”, que vendiam produtos nas ruas e cujos ganhos iam para os senhores.
- 3 Referência ao romance pastoral publicado em 1788 por Jacques-Henri Bernardin de Saint-Pierre e ambientado no oceano Índico, nas ilhas Maurício — na época chamada ilha da França, por pertencer àquele país. A exuberância, o exotismo e o isolamento do local serviram de cenário para o amor adolescente de Paul e Virginie, um amor inocente e trágico.
- 4 Invenção de Pedro, o Grande, que tornou relativamente fácil integrar adeptos. Por promoção a certo posto nas forças armadas, como coronel no Exército ou capitão na Marinha, ou por uma medalha no funcionalismo público, o czar confere ao seu titular uma “nobreza” pessoal ou vitalícia. Nobreza que se torna hereditária quando duas gerações, pai e filho, as recebe, ou quando, como neste caso, ela é transmitida ao filho mais velho.
- 5 Termo respeitoso com que inferiores dirigiam-se aos seus senhores ou superiores na Rússia czarista.
- 6 Tabernas onde se reuniam cativos e libertos.
- 7 Construção de dois ou mais andares onde se encontram todas as comodidades de uma moradia de luxo.
- 8 Estação balneária perto de São Petersburgo.
- 9 Quando Maurice e Nicota se casaram, já existiam as catorze janelas góticas na fachada de 35,5 metros. Também as oito que ladeiam a porta principal da capela. Nos frisos horizontais, pequenos beija-flores emergem de cestas estilizadas. Construída por Silvino José da Costa, pai de Nicota, a casa tem pé-direito de 4,17 metros e seu telhado cobre 1.525 metros quadrados.

- 10 A verdadeira data de embarque dos Haritoff, segundo o *Diário do Rio de Janeiro*, foi 24 de outubro de 1868.
- 11 Escravos que carregavam tonéis de excretos das habitações até o mar à noite.
- 12 O Hipódromo de Longchamps se localizava a sudoeste do Bois de Boulogne.
- 13 Admirador dos eslavos, povo indo-europeu que habita a Europa central e oriental.
- 14 Nome que se dava ao retrato em preto e branco, em cujo verso se escreviam algumas frases.
- 15 Referências ao príncipe Piotr Dolgorukov, que escreveu o panfleto incendiário *La verité de la Russie*, e foi condenado ao exílio perpétuo, e a Alexandre Dumas e suas *Lettres sur le servage en Russie*.
- 16 A mais importante livraria da Corte no século xix.
- 17 Mais de 60 mil pessoas se recolheram perante seu caixão, inclusive uma delegação de operários franceses. A inumação do corpo se deu no dia 15 de janeiro, em Chislehurst, hoje subúrbio londrino de Bromley.
- 18 O processo teve início em agosto de 1873.
- 19 Nome que se dá às almas dos mortos na África ocidental.
- 20 Rita Belmira casou-se com Teófilo Carlos Benedito Ottoni, falecido precocemente em fevereiro de 1883. Tiveram três filhas.
- 21 Ana Clara de Moraes Costa faleceu a 27 de novembro de 1876.
- 22 *Elachista coffeela*, conhecido como bicho-de-folha ou bicho-do-café.
- 23 Carta autêntica de Nicota Breves, pertencente à coleção da sra. Ieda Borges, doada ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Todas as cartas aqui publicadas foram mantidas com data, grafia e gramática originais.
- 24 Refere-se à condessa Elizabeth Perponcher-Sedlnitsky, nascida em 4 de setembro de 1858 e falecida em São Petersburgo em 3 de março de 1894. Possui verbete no *Almanach de Gotha*.
- 25 Carta autêntica de Nicota Breves, sem data, pertencente à coleção da sra. Ieda Borges. Um parágrafo relativo a despesas e aluguel foi suprimido.
- 26 Carta autêntica de Nicota Breves, sem data, pertencente à coleção da sra. Ieda Borges. Um parágrafo relativo a amigos e vida social foi suprimido.

- 27 Escolas onde se aprendia o hebreu, a Bíblia, o Talmude, só se falava iídiche e os preceitos religiosos eram drasticamente preservados.
- 28 Parágrafos extraídos de cartas autênticas de Nicota Breves, sem data, pertencente à coleção da sra. Ieda Borges.
- 29 Carta autêntica de A. para Maurice Haritoff, sem data, pertencente à coleção da sra. Ieda Borges.
- 30 Carta autêntica de A. para Maurice Haritoff, sem data, pertencente à coleção da sra. Ieda Borges.
- 31 Parágrafos extraídos de cartas autênticas de Nicota Breves, sem data, pertencente à coleção da sra. Ieda Borges.
- 32 Sucessivamente as leis de 1807, 1831, 1850.
- 33 Manuais de medicina popular escritos pelo polonês Pedro Luiz Napoleão Chernoviz (1812–1881).
- 34 *Cannabis sativa*, também chamada de *diamba*, *ganja*, *namba* e *pango*.
- 35 Expressão que significa “viver do que dá”.
- 36 “*Grandes horizontales*” era o nome que se dava às prostitutas de alto coturno, mantidas por personalidades conhecidas no mundo da política e dos negócios.
- 37 Jogo de cartas entre dois parceiros.
- 38 Na verdade, Mr. Garfinkel faleceu com mais de setenta anos, de asma, em 7 de maio de 1875, durante uma viagem a Leipzig.
- 39 Dona Ana Clara de Moraes Costa faleceu a 28 de novembro 1876.
- 40 Martinho Álvares da Silva Campos (Pitangui, 22/11/1816 — Caxambu, 29/03/1887) foi um médico, senador e conselheiro do império.
- 41 Maurice Haritoff não teve nenhum destaque no catálogo geral da exposição de cafés do Brasil, por ocasião da Exposição Internacional de Horticultura, feito por José Maria da Silva Paranhos Júnior, futuro barão do Rio Branco em São Petersburgo. A exposição teve lugar entre os dias 5 e 17 de maio de 1884.
- 42 Carta autêntica sem assinatura para Maurice Haritoff, pertencente à coleção da sra. Ieda Borges.
- 43 A anônima autora dessa carta se refere à dona Chiquinha Belisário, esposa do jornalista, político e banqueiro, depois senador e ministro da Fazenda,

Francisco Belisário Soares de Souza. Descrita pelo embaixador argentino Quesadas como “deliciosa criatura de cabelos negro-azulados, talhe fino e mãos pequenas”.

- 44 Carta sem data de Maurice Haritoff ao amigo Meira. João Alves Meira foi um advogado muito famoso em Piraí por ter defendido um escravo contra Joaquim José de Souza Breves.
- 45 “*Coup de sabot*”, expressão francesa para designar “um tapa na cara”.
- 46 Documento original do Arquivo de Piraí. Livro 19, folhas 92 a 94.
- 47 Ana Cecília Maria de Lima e Silva, condessa Romana de Souza Dantas, filha de Luís César de Lima e Silva e Vera Haritoff.
- 48 José do Patrocínio, filho de uma escrava e de um vigário, foi um farmacêutico, jornalista, escritor, orador e ativista político brasileiro. Destacou-se como uma das figuras mais importantes dos movimentos abolicionista e republicano no país.
- 49 Informações extraídas de carta de Maurice a Regina, datada de 8 de novembro de 1908, pertencente à coleção da sra. Ieda Borges.
- 50 Segundo o jornal *Gazeta de Notícias*, domingo, 8 de junho de 1919, o comendador Maurice Haritoff morreu em 7 de junho de 1919, às nove horas. O enterro foi às dez. Residia na rua General Severiano, 76. Foi sepultado no cemitério de São João Batista.
- 51 Regina Haritoff faleceu em 1954, aos 87 anos de idade.

1 Trata-se do diário de Maurice.

1 “Árvores, rochedos, caniços, tudo vive! Tudo está pleno de almas.”

1 Prostitutas.

1 Minha criança.

2 Balão.

1 Sogra.

2 Minha querida.

1 “Eizz o que deu mimarr muito esse imbecil!”

1 Solteirona.

1 Muito generosos.

1 Meu tio.

2 “Fá fazerrr seus negócios!”.

1 Bundas de fora.

UM CONDE RUSSO, a herdeira de um barão do café do Vale do Paraíba e uma ex-escrava. Unindo as pontas do triângulo, paixões, tragédias, a moral hipócrita de uma época, grandes fortunas, falências, derrocadas... Neste romance que parte de fatos e personagens verídicos, Mary Del Priore cria uma narrativa que prende o leitor desde a primeira página. O olhar da historiadora faz um retrato vivo do tempo e dos acontecimentos que o marcaram, mas é a história de amor de Maurice Haritoff, Nicota Breves e Regina Angelorum (nomes reais que parecem inventados) que nos arrebatam. Com descrições de uma riqueza impressionante, Mary Del Priore nos faz mergulhar na narrativa, nos carrega para dentro da história. Sentimos os cheiros, ouvimos os sons, vemos pelas frestas dos casarões um mundo onde convivem dramas, angústias, ambição, sensualidade, opressão feminina e religiosidade. Somos levados, ou nos deixamos levar. Difícil é voltar da viagem quando o livro acaba.

Leila Ferreira



Arquivo pessoal

MARY DEL PRIORE, ex-professora de história da USPe da PUC-Rio, e pós-doutorada na École des Hautes Études em Sciences Sociales, de Paris, já publicou mais de 40 livros e é vencedora de vários prêmios literários nacionais e internacionais, como Jabuti (três vezes), APCAe Ars Latina, entre outros.

Foi colunista do jornal *O Estado de S. Paulo* por dez anos. É sócia-titular do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, do PEN Club do Brasil, da Real Academia de La Historia de Espanha, da Academia Portuguesa da História e da Academia Carioca de Letras.

Outros títulos da autora publicados pela editora Planeta:

Uma Breve História do Brasil (com Renato Venancio)

Histórias Íntimas

Histórias e Conversas de Mulher

Do Outro Lado

 PlanetaLivrosBR

 planetadelivrosbrasil

 PLanetadeLivrosBrasil

 planetadelivros.com.br

EM SUA ESTREIA como romancista, a consagrada historiadora Mary del Priore narra a fascinante trajetória de três personagens reais: um conde russo, que vem ao Brasil casar-se com a herdeira de um barão de café e envolve-se com uma ex-escrava. Ao traçar esta história de paixões e desilusões amorosas, de sucessos e ruínas, de sedução e traição, a autora também narra uma época. *Beijeme onde o sol não alcança* compõe com precisão o cotidiano de cidades como Paris, São Petersburgo e, sobretudo, Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX. Uma grande história de amor, baseada em documentos reais: um romance verdadeiro.

“Mary del Priore recompõe o clima da época por meio de cartas. Recorre aos jornais daquele tempo e ali está o século XIX, a monarquia e a passagem para o século XX, com a república. Entender a decadência econômica do nobre russo, a dualidade do desejo entre a sinhá moça e a escrava, o conceito de ‘honra’ e a relação triangular que se criou é uma forma de se entender o Brasil.

Como escritora e não apenas como historiadora, Mary del Priore recria a linguagem em voga e introduz informações preciosas para compreender o país de ontem e de hoje.”

Affonso Romano de Sant’anna

